

A woman with long blonde hair, wearing a bright red jacket and blue jeans, stands with her back to the camera on a dark, jagged rock. She is looking out over a turbulent sea under a dark, stormy sky with heavy, grey clouds. The overall mood is somber and dramatic.

THE LAST SISTER

**KENDRA
ELLIOT**

ELOGIO PARA KENDRA ELLIOT

“Toda família tem esqueletos. A história de Kendra Elliot sobre os segredos obscuros da família Mills é um suspense de primeira linha. Sombrio e emocionante, *The Last Sister* cresce para arrasar a tensão do seu assento.

—Robert Dugoni, autor do best-seller *My Sister’s Grave*

“*The Last Sister* é emocionante e cheio de suspense! Personagens envolventes e um enredo complexo me mantiveram na ponta da cadeira até a última página.”

—T.R. Ragan, autora do best-seller da série *Jessie Cole*

“Kendra Elliot é uma grande escritora de suspense. Seus personagens são sempre sólidos. Seus enredos são sempre bem pensados. Seu ritmo é sempre perfeito.”

—Viciado em Arlequim

“Elliot oferece um thriller tenso e de ritmo acelerado que realça a atmosfera de cidade pequena e a mentalidade de sobrevivência, contrastando-a com um mundo cada vez mais conectado.”

—Editores semanais

“Kendra Elliot vai cada vez mais forte em suas histórias de *Mercy Kilpatrick*, e esta quarta parcela é uma narrativa envolvente, tortuosa e complexa que deixará os fãs extasiados. . . Facilmente o livro mais ousado e bem-sucedido desta série impressionante.”

—Resenhas de livros RT

**THE
LAST
SISTER**

TAMBÉM POR KENDRA ELLIOT

NOVELAS DE MISERICÓRDIA KILPATRICK

Uma morte misericordiosa

Uma verdade misericordiosa

Um segredo misericordioso

Um silêncio misericordioso

Um destino misericordioso

Uma promessa misericordiosa

NOVELAS DE SEGREDOS DE OSSO

Escondido

Refrigerado

Enterrado

Sozinho

Conhecido

NOVELAS DE SEGREDOS DE OSSO

Velado

NOVELAS DE CALLAHAN E MCLANE PARTE DO MUNDO DOS SEGREDOS DOS OSSO

Desaparecido

Em ponte

Espiral

Visadas

NOVELAS DO RIO ROGUE

No túmulo de seu pai (Rogue River)

Seus graves segredos (Rogue River)

Morto em seu caminho (Rogue Winter)

Morte e sua devoção (votos desonestos)

Verdade seja dita (Justiça desonesta)

NOVELAS DA ILHA DA VIÚVA

Perto do Osso

Criado no osso

**THE
LAST
SISTER**

**KENDRA
ELLIOT**



Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, organizações, lugares, eventos e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia.

Direitos autorais do texto © 2020 da Oceanfront Press Company

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem permissão expressa por escrito do editor.

Publicado por Montlake, Seattle

www.apub.com

Amazon, o logotipo da Amazon e Montlake são marcas registradas da Amazon.com, Inc. ou de suas afiliadas.

ISBN-13: 9781542006729 (capa dura)

ISBN-10: 1542006724 (capa dura)

ISBN-13: 9781542006705 (brochura)

ISBN-10: 1542006708 (brochura)

Design da capa por Caroline Teagle Johnson

Primeira edição

Para minhas meninas

CONTEÚDO

COMECE A LER

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

AGRADECIMENTOS

PRÉ-VISUALIZAÇÃO: DESAPARECIDO

SOBRE O AUTOR

A memória é inerentemente não confiável. Com o tempo,
degrada. Com o trauma, ele se fragmenta. Isoladamente, ele
apodrece.

—Ellen Kirschman, PhD

1

Ela envolveu os dedos trêmulos na bainha do suéter para evitar danificar quaisquer impressões digitais enquanto abria a porta traseira do pátio, seguindo o rastro de sangue. Lá fora estava escuro, ainda faltavam algumas horas para o amanhecer, e o ar estava frio com a névoa salgada da costa.

O sangue manchado atravessou a pequena varanda e desceu as escadas de madeira. Ela o seguiu, seu coração batendo forte em sua cabeça enquanto ela ignorava o forte cheiro de fumaça no ar. O rastro de sangue desapareceu na grama e na pouca luz, mas ela instintivamente soube verificar a floresta no fundo do quintal.

Algo balançou em uma árvore. Ela não conseguia respirar.

Por favor. De novo não.

“Quem perturbou a cena?”

O agente especial do FBI, Zander Wells, reprimiu um raro acesso de raiva enquanto ficava atrás da pequena casa em Bartonville e olhava para os altos abetos ao redor. O flagrante desrespeito pelos procedimentos padrão — procedimentos padrão em todos os lugares — o fazia querer dar um soco em alguém.

Um desejo incomum para ele.

“Meu vice é um novato. Ele é jovem”, disse o magro xerife do condado de Clatsop, tirando a chuva do rosto. “Acho que o choque tomou conta. Não houve uma morte violenta nesta cidade em quatro anos, e não ajudou o fato de ele conhecer as vítimas. O xerife Greer balançou a cabeça, com pena no olhar. “Ele sinceramente pensou que estava ajudando.”

Zander trocou um olhar com a agente especial do FBI, Ava McLane. Ela revirou os olhos.

Menos de mil pessoas moravam em Bartonville. A pequena cidade costeira ficava às margens do enorme rio Columbia, não muito longe de onde ele desaguava no Oceano Pacífico. A cidade era remota, separada do densamente povoado Vale Willamette, no Oregon, pelas colinas da Cordilheira Costeira e milhares de hectares de madeira. A viagem de Zander desde Portland durou pouco menos de duas horas.

A seus pés, uma das vítimas estava fechada em um saco para cadáveres. Zander e Ava observaram silenciosamente o jovem lá dentro antes que ela gesticulasse para o técnico fechar a bolsa. O rosto de Ava estava inexpressivo, mas uma faísca de raiva apareceu em seus olhos. O rosto do homem ficaria permanentemente impresso no cérebro de Zander.

Junto com a condição da esposa morta do homem dentro de casa.

A investigação teve um início difícil. O primeiro policial que respondeu cortou a corda quando viu Sean Fitch pendurado na árvore do quintal. Três outros deputados percorreram o local e moveram os dois corpos durante a resposta. Uma declaração inicial de assassinato e suicídio por parte do xerife desperdiçou horas preciosas antes que o médico legista aparecesse e discordasse.

O legista não foi a única pessoa que questionou a declaração do xerife. A testemunha que relatou os assassinatos ligou mais tarde para o escritório

do FBI de Portland para relatar que o homem negro enforcado tinha um símbolo de ódio cortado na testa. Um triângulo invertido dentro de um triângulo maior.

A esposa caucasiana de Sean Fitch foi esfaqueada várias vezes no quarto deles. Parecia que Sean havia sido esfaqueado na mesma sala e depois arrastado para fora de casa e enforcado.

“Não reflete bem para o seu departamento que um civil tenha que denunciar isso como um possível crime de ódio.” Zander olhou para Greer enquanto a água pingava da aba do chapéu do xerife. Não estava chovendo; estava garoando. O tipo de clima costeiro do norte do Oregon que fazia você acreditar que era seguro sair de casa, enquanto na realidade a névoa densa se agarrava a cada centímetro de roupa e pele, encharcando uma pessoa rapidamente.

Greer fez uma careta e olhou para as botas. “Não ouvimos merdas racistas como essa em nosso condado – e o sangue obscureceu os cortes. Ainda não estou convencido de que é isso que essas marcas representam.”

Zander entendeu. Os triângulos não eram um símbolo comumente conhecido da Klan. Mas o xerife já trabalhava na aplicação da lei há muito tempo.

Ele deveria saber que algo não estava certo.

“Mesmo assim, o laço e a cor da pele da vítima eram evidentes”, disse Ava. “Se isso não é uma bandeira vermelha, não sei o que é.”

Greer balançou a cabeça. “Esse tipo de crime não acontece aqui. O suicídio é muito mais prevalente.”

O pequeno escritório do xerife empregava três detetives. Dois estavam fora do estado, testemunhando em um julgamento, e o terceiro estava em casa com gripe. O próprio xerife Greer iniciou a investigação inicial, sem pedir ajuda, exceto do laboratório criminal da polícia estadual, para processar a cena.

O homem estava enferrujado, Zander se perguntou, ou apenas confiante demais?

De qualquer forma, Zander e Ava agora tinham uma confusão para resolver.

Zander olhou para a lama debaixo da árvore. Uma dúzia de marcadores de cena de crime numerados em amarelo pontilhavam o chão junto com dezenas de impressões digitais. Uma longa depressão onde o corpo deve ter

estado em algum ponto. Um pedaço de corda. Ele olhou para cima. Outro pedaço de corda pendia do galho. A árvore de folha caduca destacava-se entre os imponentes abetos verdes; seu tronco pálido e grosso e galhos nodosos aludiam a uma vida longa e difícil.

O galho não era tão alto, mas já era alto o suficiente.

“Dois assassinos. Pelo menos,” Ava murmurou baixinho, e Zander concordou silenciosamente. Sean Fitch não era pequeno. Pendurar o homem exigiu esforço.

Pessoas motivadas a defender uma posição.

Zander se virou e caminhou de volta para casa, tomando cuidado para não passar pela óbvia trilha de arrastamento de corpos por onde os assassinos tiraram o homem da casa – embora várias pegadas de botas já tivessem pisado nela. Ele fez uma pausa e deu uma olhada no mato queimado nos fundos da casa, onde o cheiro de gasolina permeava o ar.

Alguém tentou queimar a casa e falhou miseravelmente. O revestimento estava queimado e alguns arbustos não sobreviveriam.

“Não há muita inteligência nessa manobra”, comentou Ava. “Talvez o incêndio tenha sido uma reflexão tardia?”

“Eles trouxeram gasolina”, disse Zander.

“Estamos em uma área rural. Aposto que muitas pessoas carregam uma lata de gasolina na traseira do caminhão.”

“Verdadeiro. Possivelmente um deles entrou em pânico e pensou que poderia encobrir algumas evidências incendiando a casa.”

“Eles subestimaram a chuva do Oregon.”

Zander olhou para o revestimento escuro por um longo momento, perturbado por parecer desconectado do resto da cena.

Ele subiu os degraus de concreto até a porta dos fundos e calçou as botas por cima dos sapatos molhados. Ava se juntou a ele e cobriu os sapatos também. Eles ainda usavam luvas desde a primeira passagem rápida pela casa.

Eles entraram na cozinha amarela imaculada, mas envelhecida. Ele já havia procurado uma indicação de que uma faca estava faltando, mas não conseguiu dizer. Os Fitches tinham uma gaveta cheia de utensílios que não combinavam. Nenhum conjunto de facas. Pó preto para impressões digitais cobriu os puxadores do armário e das gavetas.

Um rastro seco de sangue passou pela cozinha e saiu pela porta dos fundos.

Mais pólvora negra. Mais marcadores de evidência.

Movendo-se pelo corredor estreito, ele se equilibrou com cuidado, mantendo os pés nos poucos centímetros de carpete perto da parede, evitando a trilha larga e sangrenta.

Zander e Ava pararam na porta do quarto maior. Sinais de violência brutal cobriam a sala. Uma grande mancha escura indicava onde Lindsay Fitch havia sangrado no carpete ao lado da cama. O corpo de Lindsay foi colocado em um veículo para ser entregue ao necrotério, mas ele e Ava viram a mulher antes de entrar no local. Ele estava acostumado a chegar atrasado às cenas de crime, onde os corpos geralmente já haviam desaparecido há muito tempo.

Quadrados do tapete foram cortados e removidos pela equipe de provas do laboratório criminal estadual. Pequenos pedaços rasgados de carpete descolorido pontilhavam a madeira compensada exposta. Arcos de sangue varreram as paredes, respingaram no teto, cobriram a cabeceira da cama e deixaram marcas nos abajures. Mais sangue cobriu os lençóis. O odor metálico encheu o nariz de Zander enquanto ele tirava algumas fotos com seu telefone.

Por que a essência líquida do nosso corpo cheira a metal? Uma substância inanimada.

O sangue de Sean foi rastreado do outro lado da cama até o corredor, a faixa pontilhada com marcadores amarelos ocasionais.

Mais uma vez Zander concordou que pelo menos duas pessoas deviam estar envolvidas. Parecia que ambas as vítimas ficaram surpresas e rapidamente subjugadas. Cada um tinha apenas alguns ferimentos defensivos nas mãos ou nos braços. Uma confusão de marcas de passos sangrentas cruzou o carpete do quarto. Zander acreditava ter visto dois passos distintos, mas sabia que as pegadas dos deputados que responderam precisavam ser eliminadas.

Ele exalou. Como o xerife Greer não ficou furioso com a resposta de seu departamento?

“Os corpos precisam ir ao escritório principal do médico legista de Portland”, afirmou Ava enquanto examinava a sala. “Não é um escritório de examinador de satélite. O Dr. Rutledge deveria supervisionar isso.

Zander assentiu. O resto do caso precisava ser tratado sem falhas. O principal médico legista do estado precisava intervir. Não havia espaço para mais erros.

Conotações raciais. Contaminação da cena.

De agora em diante, as mortes receberiam a investigação adequada que mereciam.

Zander ouviu o xerife parar no corredor atrás deles.

“Bartonville já teve seu próprio departamento de polícia?” Zander perguntou. Ele e Ava revisaram a logística da cobertura de resposta na área rural antes de deixarem o escritório do FBI em Portland. Algumas camadas fluidas de aplicação da lei externa estendiam-se pela pequena cidade onde os assassinatos ocorreram.

“Não. A cidade de Astoria responde ocasionalmente, mas nosso departamento do condado em Warrenton fica mais perto de Bartonville, então normalmente o fazemos.” O xerife Greer pigarreou. “A polícia estadual intervém quando precisamos de apoio técnico ou de mais mão de obra. Geralmente é bem tranquilo por aqui. Recolhe durante a temporada turística. A State nos ajudaria se eu ligasse para eles.

Zander captou o subtexto. O FBI não é necessário.

“Que tipo de suspeito veio à mente quando você viu esta cena, xerife?” Ava perguntou educadamente. Zander reconheceu o tom. Ela estava brava. Ele trabalhava com Ava há mais de cinco anos e conhecia todos os seus estados de espírito. Ele a admirava; ela era implacável e perspicaz.

O xerife puxou a pele sob o queixo enquanto pensava. “Não sei. Temos nossa cota de idiotas, bêbados e viciados em metanfetamina, mas não consigo imaginar esse tipo de violência por parte de nenhum deles. Provavelmente não era local.

“Você disse que os Fitch só moram aqui há um ano?” — perguntou Zander, esperando que a proteção que o xerife demonstrou para com seus residentes e deputados não estivesse afetando sua capacidade de conduzir a investigação. Sua relutância em considerar que os assassinatos eram de origem local equivalia a ver o caso através de um olho mágico.

“Mais ou menos esse tempo. Acredito que eles se mudaram para cá porque Sean conseguiu um cargo de professor de história no ensino médio. Lindsay é garçoneiro.

“Gostaria de falar com o seu substituto”, afirmou Ava.

Zander imediatamente teve pena do deputado. A boa aparência e os olhos azuis escuros de Ava não revelavam que ela era uma interrogadora feroz. O homem não imaginaria isso chegando.

“Depois de interrogá-lo”, disse o xerife, “mandei-o de volta ao departamento para começar a trabalhar na papelada enquanto os acontecimentos ainda estavam frescos em sua cabeça. Ele sabe que estragou tudo. Me sinto mal por isso. Suspeito que ele já tenha ido para casa.

“Onde posso encontrar Emily Mills para uma entrevista?” Zander perguntou. Ele e Ava já haviam decidido dividir as entrevistas para cobrir o assunto rapidamente. Mills descobriu a cena do crime quando chegou em casa naquela manhã porque Lindsay Fitch estava atrasada para seu turno de garçomete e não atendeu o telefone.

Mills foi a residente que ligou pessoalmente para o FBI de Portland depois que o xerife Greer deixou de lado suas preocupações de que o crime pudesse ter motivação racial. Ela se recusou a desligar até que o supervisor de Zander lhe deu sua palavra de que enviaria um investigador para a costa naquele dia.

Zander duvidava que a Sra. Mills fosse a pessoa favorita do xerife no momento. Um lampejo de aborrecimento nos olhos do xerife confirmou seu pensamento.

“Emily trabalha no Barton’s Diner em Bartonville”, disse ele com um tom monótono. “Lugar grande que parece uma cabana de madeira. Está na estrada principal. Não posso perder. O xerife franziu a testa e olhou para além de Zander e Ava e entrou no quarto. “Eu era deputado quando o pai de Emily foi assassinado, algumas décadas atrás.” O xerife Greer olhou de volta para os agentes, com olhos cautelosos. “Não tivemos um enforcamento neste condado desde o dele.”

Pequenos pelos se arrepiaram na nuca de Zander.

"Espere!" Ava exclamou. “Você já teve enforcamentos aqui antes? E você acabou de mencionar isso agora?”

A boca do xerife se achatou numa linha fina e pálida. “Você me ouviu dizer ‘décadas atrás’? Seu assassino provavelmente morreu na prisão. Não pode ser relevante.

“Mas a pessoa que encontrou Sean Fitch enforcado numa árvore é filha de um homem que foi enforcado?” disse Zander. “Você não acha isso nem um pouco improvável?”

A exasperação cruzou o rosto magro. “Esta é uma comunidade minúscula. Todo mundo conhece todo mundo. Você não pode chutar alguém sem descobrir que sua irmã ou tio estudou com você ou se casou com seu primo. Quando soube que Emily encontrou os corpos, me senti mal por ela, mas não fiquei surpreso com a coincidência.”

Ava e Zander se entreolharam, cada um lendo facilmente os pensamentos do outro.

Nenhum deles acreditava em coincidências.

3

As mãos de Emily Mills tremiam enquanto ela tirava fotos de sua roupa e olhava para o antigo espelho de corpo inteiro em seu quarto. Ela ampliou seus sapatos e tirou outra foto. Ela os tirou e jogou os tênis na sacola de papel no chão, estremeando ao ver uma mancha vermelho-escura na lateral de um deles.

O sangue de Lindsay. Ou era de Sean?

Ela tirou a calça jeans e o suéter e os colocou na bolsa, com um nó no estômago.

Ela nunca tiraria da cabeça a visão do jovem casal brutalizado.

A quantidade de sangue no quarto.

Seu cérebro sabia que o corpo humano continha cerca de cinco litros de sangue, mas a visão dele espalhado por todo o quarto a fez cair de joelhos, agarrando-se ao batente da porta para ficar de pé.

Ela soube instantaneamente que Lindsay estava morta. Ninguém poderia sobreviver a isso.

Seus dedos trêmulos tocaram a bochecha da mulher. Lindsay estava com frio, seus olhos cegos.

Estremeando com a lembrança, Emily vestiu um moletom desbotado da Universidade de Oregon e uma calça jeans limpa.

Emily passou várias horas esperando e observando do lado de fora da casa de Lindsay enquanto os policiais entravam e saíam. A entrevista dela com o xerife pareceu curta, curta demais, mas ele pediu que ela ficasse por perto até a chegada dos técnicos de provas da polícia estadual. Dois técnicos finalmente chegaram, desempacotaram seus equipamentos e fotografaram tudo na frente antes de se mudarem para a casa.

Por fim, uma delas voltou e tirou impressões digitais das solas dos seus sapatos de trabalho.

Ela ficou surpresa por eles não terem solicitado suas roupas ou levado seus sapatos, mas sabia que mais tarde alguém poderia querer examinar cada vestígio de evidência, incluindo as roupas e os sapatos da pessoa que descobriu os corpos no duplo assassinato.

Emily sabia que a sugestão inicial do xerife Greer de que Sean e Lindsay haviam morrido em um assassinato seguido de suicídio era errada e disse isso a ele sem rodeios. Ele deu um passo para trás, seu olhar surpreso

com a insistência dela, mas tentou acalmá-la afirmando que daria uma olhada nas evidências quando a equipe da cena do crime terminasse. O xerife Greer era um fóssil – um fóssil gentil, mas estava um pouco atrasado. Ele tinha seu emprego porque era sólido e confiável — mais ou menos como as geladeiras antigas que nunca quebram. Ao contrário dos baratos fabricados hoje.

A ligação do FBI surpreendeu o xerife. Ele marchou até o carro dela, onde ela esperou pacientemente, para perguntar se ela realmente havia agido pelas costas dele. Emily assentiu, olhando diretamente em seus olhos chocados. Ele não a intimidou. Poucas pessoas o fizeram. Ela sempre dizia e fazia o que achava certo.

Sean não se enforcou.

Sean não gravou o símbolo da Klan na própria testa.

O xerife seria estúpido se não conseguisse ver esses fatos.

Ela esfregou a mão nos olhos enquanto o frio entorpecia seus dedos e sua visão se estreitava ligeiramente.

Agora não.

A sensação não foi uma surpresa. Assim que viu Sean, soube que seria assombrada por sonhos e ataques de pânico, como na adolescência.

Emily saiu correndo de casa, sabendo que algo estava muito, muito errado. Lá fora, ela olhou para cima e estremeceu. Estava escuro e frio, e os ventos fortes chicoteavam sua camisola em volta das pernas nuas. Atrás dela as chamas crepitavam e cresciam, e a fumaça queimava seus olhos. Ela se esforçou para ver a forma no escuro. Um clarão do fogo iluminou o rosto de seu pai enquanto ele estava pendurado no galho da árvore.

Respirando profundamente pelo nariz para combater o pânico, Emily afastou o sonho enquanto vasculhava seu minúsculo armário em busca de botas limpas. As imagens atormentaram seus sonhos por quase duas décadas, tornando-se menos frequentes a cada ano. Ela pensou que tinha conquistado isso para sempre. Abalada, ela enfiou os pés nas botas. O velho pesadelo sobre seu pai invadiria suas noites — e dias — durante semanas. Talvez meses.

Sem olhar novamente para o saco de papel, Emily saiu do quarto e desceu correndo as escadas antigas, a velha madeira envernizada rangendo em protesto, e dirigiu-se para a cozinha. A antiga mansão Queen Anne era de uma época diferente, construída por seu tataravô no final do século XIX.

Emily e suas duas irmãs foram criadas na mansão após a morte de seus pais, e Emily retornou quando seu casamento se desintegrou.

"Emily, você não vai voltar ao trabalho, vai?"

Emily se virou lentamente, com a respiração presa na garganta.

Eu não quero falar sobre isso.

Tia Vina estava no corredor, com as mãos nos quadris. Sua tia-avó era alta e robusta, com cabelos brancos e penetrantes olhos azuis que podiam ver o cérebro das sobrinhas e identificar instantaneamente uma mentira. As duas irmãs da tia Vina tinham a mesma habilidade e também moravam na mansão com Emily e Madison.

O trio de tias-avós intrometidas tinha boas intenções, mas muitas vezes exasperava Emily. Vina, Thea e Dory. As três mulheres mais velhas eram líderes sociais na pequena cidade, um papel que levavam muito a sério desde que a cidade levava o seu apelido: Barton.

"Sim, estou voltando para o restaurante. Tenho certeza que eles precisam de mim."

Vina ergueu uma sobrancelha. "Você pode me dizer o que aconteceu na casa de Lindsay?" Seus olhos suavizaram. "Um jovem casal tão adorável. Sinto muito, minha querida.

Claramente sua tia tinha ouvido falar das mortes.

Emily exalou.

Evitando as tias, ela entrou furtivamente na mansão para trocar de roupa depois que o xerife disse que ela poderia ir embora. Ela não queria falar sobre o horror que descobriu naquela manhã. Mas a cadeia de fofocas em alta velocidade já deve ter varrido Bartonville. As tias Thea e Dory estavam visivelmente desaparecidas naquele momento — geralmente elas estavam presentes na cozinha a essa hora. Sem dúvida, as duas mulheres estavam reunindo informações e mantendo tia Vina informada.

"Lindsay e Sean estão mortos, mas não está claro o que aconteceu." Emily sufocou as palavras.

Olhos azuis cravados em seu crânio. "E Greer está no comando? Ele é um bom homem. Mas ele está envelhecendo", disse Vina, observando Emily de perto.

Emily assentiu e alcançou cegamente a maçaneta da porta traseira, com os olhos úmidos.

“Você era casado com um policial”, disse Vina. “Aposto que você descobriu mais detalhes sobre as mortes do que Greer.”

A tristeza de Emily fechou como uma torneira com a menção de seu ex-marido. Ele teria ficado furioso por ela ter agido pelas costas do xerife, insistindo que não era função dela ligar para o FBI.

Ele tinha muitas opiniões sobre o que não era o lugar de Emily.

Emily nunca conteve seus pensamentos sobre as opiniões dele.

Foi parte da razão pela qual eles se divorciaram.

Emily voltou-se para Vina, pela primeira vez mordendo a língua. Ela estava cansada demais para uma discussão e não queria aumentar a fofoca. A notícia de que o FBI estava investigando se espalharia em breve. “Tenho certeza de que ouviremos o que aconteceu”, disse ela evasivamente. “Eu preciso ir trabalhar.”

Vina assentiu, com simpatia no olhar. “Sua equipe vai ficar arrasada por causa de Lindsay.”

O estômago de Emily revirou.

Ela acenou com a cabeça para Vina e saiu.

Não posso contar a eles sobre o horror que foi feito com Lindsay. Ou Sean.

4

O xerife estava certo; o Barton Diner parecia uma cabana gigantesca. Zander fez uma pausa antes de abrir a porta, examinando os enormes troncos que formavam as paredes externas. Assim como uma criança, ele passou a mão pela madeira. A madeira redonda parecia simétrica demais para ser real, mas seus dedos lhe disseram que era autêntica. Ele estava no país madeireiro. Ele passou por três caminhões de toras carregados enquanto dirigia para a lanchonete, trazendo de volta memórias de quando era criança e via os grandes caminhões na estrada rebocando um enorme tronco de árvore que enchia todo o trailer.

Dentro da lanchonete, um cozinheiro careca, com cavanhaque comprido e avental branco, parecia servir as mesas e atender os pedidos no restaurante quase vazio. O homem mais velho parou no meio do caminho quando Zander perguntou por Emily Mills. A dor brilhou nos olhos da cozinheira e ele disse que ela provavelmente estava em casa.

Ele tinha ouvido.

"Voce sabe o endereço?" Zander perguntou ao homem corpulento enquanto habilmente entregava dois hambúrgueres e duas saladas para um casal de idosos e depois completava o café. Seu crachá dizia LEO.

"Mansão Google Barton. Não posso perder. Leo foi embora sem olhar para trás.

Mansão? Zander digitou as palavras em seu telefone e viu que a casa ficava a poucos minutos de distância. Tudo estava perto em Bartonville.

Seu GPS o direcionou para cima. Bartonville foi construída em uma encosta, e muitas das casas tinham uma vista incrível de onde o Oceano Pacífico encontrava o amplo rio Columbia, que separava Oregon de Washington. Os negócios da cidade ficavam no sopé das colinas, onde o terreno era plano, adjacente ao cais e às praias. As ruas subiam e atravessavam as colinas em uma grade básica na qual casas com telhados pontiagudos e varandas espaçosas ficavam em lotes próximos. A maioria das casas precisava de atenção. Falta de tinta, escadas em ruínas, gramados nus.

O céu estava cinzento e as nuvens baixas, obscurecendo parte do rio e a costa de Washington do outro lado. Num dia de céu azul, as vistas deviam ser deslumbrantes. A costa norte do Oregon era conhecida por sua beleza

acidentada, mas viver nas pequenas cidades costeiras costumava ser deprimente no outono, inverno e primavera.

Céus cinzentos. Chuvisco frequente. Vento uivante. Poucas pessoas.

A maioria das cidades costeiras e fluviais sobreviveu com uma economia baseada no turismo que desacelerou durante os meses mais frios. A pesca e a exploração madeireira eram os outros pilares da economia local, mas aumentaram e diminuíram com os caprichos imprevisíveis do clima e da política.

Zander estacionou, olhou para uma casa e depois conferiu o endereço. Com certeza, a casa gigantesca que quase ocupava o quarteirão da cidade era o seu destino.

Mansão, de fato.

A enorme casa de três níveis tinha uma torre que se estendia por mais dois níveis, sem dúvida proporcionando uma vista maravilhosa da água. Uma enorme varanda envolvente, toneladas de grandes janelas, múltiplas empenas e acabamentos elaborados aumentam a grandeza. Escadas íngremes levavam à varanda e às grandes portas duplas. Alguns abetos imponentes estavam em lugares estranhos no grande terreno, parecendo sentinelas guardando a casa.

Ele saiu do veículo e olhou mais de perto. Tal como acontece com várias das casas menores pelas quais ele passou, a pintura estava desbotada e descascando. Faltavam alguns eixos da grade da varanda. O gramado estava irregular e manchado, e muitos arbustos estavam selvagens.

Ele não conseguia imaginar o custo da manutenção da casa. Mansão.

Uma placa em um suporte de metal próximo à calçada chamou sua atenção.

**MANSÃO BARTON CONSTRUÍDA EM 1895 POR GEORGE BARTON,
PROPRIETÁRIO E FUNDADOR DA BARTON LOGGING AND
LUMBER.**

Zander subiu as escadas até a ampla varanda e bateu na porta. A janela oval nas enormes portas duplas proporcionava uma visão ondulada do interior. Vidro velho. Tudo do lado de fora da mansão parecia antigo e ele se perguntou o quanto seria original. Tentou não olhar através do vidro quando uma mulher se aproximou e abriu a porta.

Ele estimou que ela já estava na casa dos setenta. Ela ficou rígida com o queixo erguido, e seus olhos azul-claros examinaram-no dos sapatos ao

cabelo. “A mansão não está aberta para visitas hoje”, anunciou ela. “Apenas na segunda terça-feira de cada mês.”

Zander estendeu sua identidade. “Estou procurando Emily Mills.”

Os olhos da mulher clarearam de compreensão. “Isso é sobre o casal Fitch?”

Ele assentiu.

“Você acabou de sentir falta dela. Ela está indo para o Barton Diner.

Zander fez uma careta. “Acabei de chegar de lá. Eles me mandaram para cá.

“Bem, violinistas. Você deve ter se cruzado. Ela apertou os lábios. “Ela está muito abalada.”

"Você é ela . . . mãe?" Zander se sentiu despreparado, uma sensação rara. Ele não teve tempo para pesquisar sua primeira testemunha. Ele sabia que ela era corajosa o suficiente para agir pelas costas do xerife e contatar o FBI, e que seu pai também havia sido enforcado. Não seria qualquer um que manteria seu chefe como refém ao telefone até que ele concordasse em enviar um agente. Especialmente depois de descobrir dois amigos mortos.

Essa foi a extensão dos seus fatos sobre Emily Mills.

“Você me elogia. Eu sou sua tia-avó. A mulher fez uma pausa e suas narinas dilataram-se várias vezes. "Você sente cheiro de alguma coisa?"

Ele fungou, sentindo apenas o cheiro de maresia e o leve odor de polidor de madeira que emergiu quando ela abriu a porta. "Eu não."

"Sangue. E pior. A mulher saiu, forçando Zander a sair do caminho.

“Ah. . .” Ele olhou para suas calças e sapatos, perguntando-se se ela conseguia sentir o cheiro da cena do crime em suas roupas. Certos cheiros ruins grudavam nas roupas e nos cabelos, independentemente do equipamento de proteção usado.

Ela seguiu pela ampla varanda até o canto da casa antes que ele determinasse que não havia sangue visível em seus sapatos. Ela virou a esquina e recuou, as mãos cobrindo a boca enquanto ofegava.

Zander estava imediatamente ao seu lado e avistou o animal mutilado e ensanguentado na varanda em frente a uma porta lateral. A cauda indicava que era um guaxinim.

“Se você me disser onde encontrar uma pá e um saco, eu cuidarei disso”, ele ofereceu.

A mulher continuou a olhar para o cadáver, a raiva brilhando em seus olhos. “Balde de lixo.”

Se a visão não fosse tão desconcertante, o comentário dela o teria feito sorrir. “Um cachorro deve tê-lo deixado, a menos que você tenha outros predadores por aqui.” Ele suspeitava que ursos ou pumas viviam nas florestas montanhosas adjacentes a Bartonville. Os animais até vagaram pela área de Portland.

“Vou ligar para meu sobrinho Rod para limpar”, respondeu ela. Ela desviou o olhar, sem encontrar o olhar dele. “Acontece ocasionalmente, como você disse, predadores.” Seus dedos tremularam quando ela baixou as mãos, e seu rosto empalideceu em vários tons.

“Eu cuido disso”, disse Zander com firmeza. Ela o conduziu até um pequeno galpão nos fundos da casa, onde ele encontrou uma pá e sacos plásticos de lixo pretos. Ele sugeriu que ela fizesse um café e depois foi limpar a bagunça.

Respirando pela boca, ele percebeu que a cabeça do guaxinim mal estava presa ao resto do corpo. Ele empurrou o pelo para fora do caminho com a pá, curvando-se para olhar mais de perto. O corte pareceu quase preciso para ele. Não é como o dano causado pela mordida de um animal. Ele manobrou desajeitadamente o cadáver para dentro da bolsa e parou.

Um pequeno buraco no ombro.

Ele cutucou o ferimento com a pá, desejando ter guardado um par extra de luvas de antes.

O animal definitivamente havia sido baleado.

Ele amarrou o saco e pegou uma mangueira próxima para limpar a varanda. Sem saber para onde levar os restos mortais, deixou a sacola preta no canto da casa.

Depois de esfregar as mãos, ele estava sentado à mesa de uma cozinha decadente com uma xícara de café na ponta dos dedos. Ele esperava uma cozinha grande e moderna com todos os recursos para combinar com o esplendor externo da mansão. Em vez disso, o quarto era pequeno e os eletrodomésticos eram antigos. Mais uma vez ele se perguntou sobre o custo de manutenção da casa gigantesca.

O nome de sua anfitriã era Vina, e ela sentou-se à sua frente tomando chá. Sua cor estava melhor e suas mãos estavam confiantes quando ela lhe passou a xícara, mas ela parecia distraída.

Depois de alguns momentos de conversa educada, seu semblante mudou e seus olhos se estreitaram. “Posso ser honesto com você, agente Wells? Não creio que algum animal tenha deixado aquela criatura na nossa varanda.”

Zander esperou. Ele não mencionou a cabeça quase decepada ou o ferimento a bala.

“Isso já aconteceu algumas vezes e sempre suspeitei de punks adolescentes. Temos a nossa parte em Bartonville. Não há muito na cidade para mantê-los ocupados.

“Então eles matam animais para se divertir?”

“Algo parecido. Já relatei isso à polícia, mas posso entender como as reclamações de uma senhora idosa sobre vermes mortos ocasionais estão bem abaixo de sua lista de prioridades.

Zander suspeitava que ela não tivesse compartilhado com ele todas as suas especulações sobre o guaxinim. “Achei que a maioria dos adolescentes de cidades pequenas gostava de dirigir sem rumo pelas ruas principais e roubar a cerveja dos pais para beber com os amigos.”

“Nós também temos isso. Muitos disso.”

Ele fez uma pausa. “Havia um buraco de bala no guaxinim.”

Ela suspirou, com uma expressão de compreensão no rosto. “Idiotas.”

“Você suspeita de alguns adolescentes em particular?”

“Não.”

Sua resposta pareceu um pouco rápida demais.

“Você está sendo assediado de alguma outra forma?” ele perguntou baixinho. “Eu sei que você não tem um departamento de polícia local, mas o xerife do condado deveria saber se você teve problemas.”

“Tenho certeza de que não é nada. Algumas pessoas veem a casa e presumem que somos ricos.” A decepção encheu seus olhos. “Mas, na verdade, esta casa é um fardo. O custo de manutenção é absurdo e, fora a Segurança Social e o que trazemos do restaurante – que não é uma mina de ouro – não temos outra fonte de rendimento. Cinco pessoas moram aqui. Não temos outro lugar para ir.”

“Desculpe.” Ter suas suspeitas confirmadas deixou sua boca azeda.

“Ao mesmo tempo, a família Barton estava no topo de tudo. Ajudamos a construir a escola, a prefeitura e empregamos grande parte da população na usina. Quando a cidade precisava de algo, eles vinham até nós.”

"O que aconteceu?"

Ela encolheu os ombros. "Política, economia, competição, ego. Um pouco de cada."

"Você mencionou um sobrinho. Ele mora na casa?"

"Não. Rod mora do outro lado da cidade. Ligamos para ele quando precisamos de um pouco de força em casa. Ele mantém a mansão em boa forma."

"Quem mora aqui com você?"

"Duas de minhas irmãs, Emily, e sua irmã mais nova, Madison. Minha terceira irmã era avó deles, mas faleceu há anos. Essas meninas sempre foram como netas para todos nós."

Zander não pôde deixar de gostar de Vina Barton. Ela era direta, confiante e educada.

Ele largou a xícara e se inclinou para frente, sustentando o olhar dela. "Vina, esta manhã o xerife Greer mencionou que o pai de Emily foi enforcado."

Ela empalideceu. "Por que diabos Merrill mencionaria isso?" A raiva brilhou. "Não sei por que ele tem que despertar memórias dolorosas."

Ela não sabe.

"Vina." Zander fez uma pausa, debatendo a necessidade de contar a ela. "Sean Fitch foi enforcado."

Sua xícara de chá fez barulho quando ela a colocou no pires. Ela colocou as duas mãos no colo, o rosto pálido novamente. "O que?"

Ele esperou. Vina o ouviu; ela só precisava de um momento para processar. Ele estudou suas reações faciais.

Choque. Descrença. Então aceitação. Ela parecia enjoada.

"O que aconteceu com o pai de Emily?" Zander perguntou baixinho. "Eu nem sei o nome dele."

"Lincoln Mills."

Vina olhou pela janela além de Zander, seus pensamentos no passado, seus olhos tristes. Ela ficou quieta por um longo momento. "Lincoln foi arrastado para fora de sua casa e enforcado há cerca de vinte anos."

"Eles pegaram o assassino", afirmou Zander.

Ela virou um olhar interrogativo para ele. "Sim. Parece que você já conhece a história."

"Essa é a extensão do que ouvi."

“Então você sabe a maior parte.”

“Por que o assassino fez isso?”

“Quem sabe? Chet Carlson era o nome dele.

Um arrepio percorreu os nervos de Zander.

“Mas eles tinham provas para condenar”, disse Vina. “Temos todos certeza de que foi ele.”

“Você conhecia o homem que foi assassinado esta manhã?”

“Eu sabia quem era Sean. Sei que ele dava aulas no colégio e que a esposa trabalhava no restaurante. Não posso dizer que alguma vez conversei com ele.

“Alguma ideia de por que alguém iria querer machucar qualquer um deles?”

“Só o óbvio. Ele é negro. E ele se casou com uma mulher branca”, afirmou ela com naturalidade.

Zander não conseguia falar.

Seu olhar suavizou. “Chocado, não é? Toda comunidade, grande ou pequena, abriga algum tipo de ódio e feiúra em seu ponto fraco. Oregon tem uma história muito racista. Não tenho orgulho disso e não apoio, mas não vou fingir que não existe. Espero que não tenha sido essa a razão pela qual aquele jovem e simpático casal foi assassinado.

“Ele foi enforcado”, forçou Zander. “Essa é uma mensagem bastante clara.”

“Ou alguém queria o valor do choque. Ou colocar os investigadores no caminho errado.” Ela inclinou a cabeça um pouco, estreitando o olhar. “Por que estou fazendo o seu trabalho?”

“Você não está.” Mas Zander ficou grato pelo lembrete; ele sabia que não deveria deixar seu foco se estreitar. Vina estava certa ao considerar alternativas. “Lincoln Mills era negro?”

“Não.” Sua expressão se fechou. “Ele era um bom pai e sua morte foi uma tragédia. Suas filhas sofreram horrivelmente desde que ele morreu.”

5

Era meio da tarde quando Emily chegou ao restaurante e tentou não olhar para a longa saia de tule rosa e a camiseta preta de Madison enquanto sua irmã servia às mesas. Tênis Converse velhos e uma pequena tiara completavam o look. As roupas seriam compreensíveis para uma criança de treze anos. Ou uma criança de seis anos. Mas a irmã dela tinha trinta e um anos.

Emily entrou sorrateiramente em seu pequeno escritório sem ser vista e desabou em uma cadeira, seu cérebro lutando para descobrir como conversar com sua equipe sobre a morte de Lindsay.

Seus funcionários eram sua segunda família. Junto com Madison, Leo, seu cozinheiro de linha, e Isaac estavam trabalhando atualmente. Isaac fazia tudo, além de cozinhar e servir mesas. Pratos. Limpar. Trabalho de preparação. O adolescente taciturno não era falador, mas era um bom trabalhador. Com Lindsay e ela mesma – e às vezes as tias – as cinco mantiveram o restaurante funcionando durante os meses tranquilos. A ausência de Lindsay deixaria um buraco enorme.

Isso não seria fácil.

Emily procrastinou, equilibrando as contas do dia anterior, os números acalmando sua mente superestimulada. Demorou apenas alguns minutos; o negócio estava lento. Ela respirou fundo e se forçou a sair do escritório.

Madison a viu e Emily fez um gesto para que sua irmã a seguisse enquanto ela se dirigia para a cozinha. Apenas duas mesas estavam ocupadas. Emily abriu a porta de vaivém e entrou na cozinha, sentindo a tensão nos ombros diminuir um pouco. Sempre aconteceu. Atrás das portas da cozinha ela não estava mais exposta aos clientes. Aqui atrás eram só ela e seus funcionários. Um lugar para relaxar antes de voltar a colocar a cara de anfitriã.

Mas hoje foi diferente.

De sua posição atrás da área de preparação, Leo chamou a atenção dela e imediatamente largou a faca e limpou as mãos no avental, com uma expressão cautelosa.

A garganta de Emily se fechou. Ela não conseguia falar.

Atrás dela, Madison parou logo após a porta de vaivém. Leo leu o rosto de Emily. Seu cozinheiro trabalhava no restaurante desde antes de Emily

nascer e era como um tio para ela. Ele virou a cabeça em direção à alcova de lavar louça escondida e gritou: “Isaac. Você pode vir aqui?”

O adolescente apareceu com o avental encharcado e com passos hesitantes.

Os três funcionários olharam para ela, esperando.

Madison falou primeiro, com a voz embargada numa demonstração de emoção incomum para ela. “O que aconteceu com Lindsay? Ela foi realmente assassinada? O marido dela também? Rumores estão circulando e não sei em que acreditar. Dizem que a casa deles está cheia de policiais.”

Leo e Isaac ficaram em silêncio, seus olhares voltados para Emily. Ela olhou diretamente para Leo e viu que ele esperava o pior. Ela deu a ele.

“Lindsay foi morta. Sean também — Emily finalmente forçou a falar, com a boca seca. “Eles ainda não sabem o que aconteceu, mas estão investigando.”

Madison respirou fundo com um soluço. “Não. Isso não pode ser verdade. Falei com ela ontem à noite.

“Putá merda,” Isaac murmurou, enfiando as mãos nos bolsos de trás. Ele não olhava para Emily, olhando para qualquer outro lugar na cozinha, seus olhos ficando vermelhos enquanto ele piscava rapidamente.

Leo ficou em silêncio, mas ondas de choque e tristeza tomaram conta dele. Ele não tinha parentes e adotou os funcionários da lanchonete como família. Emily sabia que Lindsay era uma das favoritas. Ele se virou abruptamente e saiu marchando. Emily ouviu a porta traseira de entrega abrir e fechar.

“Isso não está acontecendo,” Madison murmurou, com os lábios brancos. “Você está enganado.” Ela agarrou o balcão perto da máquina de café.

Emily balançou a cabeça, incapaz de falar.

O corpo enforcado de Sean surgiu em sua mente. Uma maldita Lindsay no chão do seu quarto.

Ninguém precisava desses detalhes agora.

“Como?” Madison cuspiu. “Como?”

“Isso cabe à polícia determinar.”

Fúria e tristeza alternaram-se nos olhos de Madison.

“Precisamos fechar o restaurante?” Isaque perguntou. “Você sabe . . . porque . . .”

A ideia passou pela cabeça de Emily mais de uma vez. Ela olhou de Isaac para Madison. "Seus pensamentos?" Os dois se entreolharam miseravelmente.

“Prefiro ficar ocupado”, Isaac murmurou. “Não quero ficar sentado em casa pensando nisso.” Ele passou a mão no rosto.

A campainha da entrada da frente tocou. Clientes. A expressão perturbada de Madison desapareceu. “Eu entendi.” Ela girou e bateu com força na porta de vaivém com a palma da mão para abri-la.

Emily congelou e foi atrás dela, preocupada com as emoções de Madison no momento.

“Madison!” O grito de uma criança soou no saguão da frente. Uma garotinha correu e parou na frente da irmã de Emily, admirando a saia de tule e a coroa. “Você está tão bonita hoje”, suspirou a criança, seu olhar arrebatado estudando Madison da cabeça aos pés.

Madison se abaixou e sorriu, encontrando os olhos da criança. “Betânia. Eu amo suas botas. A garota sorriu e se contorceu de prazer, levantando no ar uma bota de borracha rosa.

Emily prendeu a respiração. A chateada Madison da cozinha foi abruptamente substituída por uma garçonete atenciosa.

Emily olhou para a mãe e o pai de Bethany. Ele segurou a porta aberta para sua esposa, gesticulando para que ela se aproximasse dele. Ela não reconheceu o casal atraente. Ou a garotinha. Não locais.

Claramente Madison tinha feito um novo amigo.

Madison pegou a mão de Bethany e inclinou a cabeça para a mãe. “Tenho uma ótima mesa pronta para você.” Ela e Bethany foram na frente, conversando sem parar, a mãe seguindo.

O pai de Bethany não seguiu sua família. Em vez disso, ele voltou seu olhar sério para Emily.

— Juro que Madison não é louca — Emily disse a ele, com a boca ainda seca por causa dos minutos sombrios na cozinha. “Ela simplesmente tem um estranho senso de estilo.”

Ele olhou para o trio, mas não fez nenhum movimento para se juntar à esposa. “Gosto da tiara. Você não vê isso todos os dias.” Ele voltou sua atenção para Emily. “Estou procurando Emily Mills.”

Emily olhou para a mãe e a menina, agora discutindo profundamente com Madison em uma mesa perto da lareira quentinha.

Os cantos de seus lábios se ergueram em um pequeno sorriso. “Não minha família. Eu apenas segurei a porta.

“Você parecia uma família”, afirmou Emily, avaliando-o. Os três poderiam ter aparecido na capa de uma revista para pais. “Ela poderia facilmente se passar por sua filha.” Eles tinham o mesmo tom de cabelo castanho claro e olhos cinzentos.

Uma expressão estranha passou por seu rosto e ele apertou os lábios.

Emily sentiu como se tivesse cometido uma gafe. “O que você precisa com Emily?” ela perguntou rapidamente, sem vontade de anunciar sua identidade a um estranho.

Ele tirou a identificação do bolso interno do casaco e abriu para ela. “Tenho algumas perguntas para ela sobre esta manhã.”

Agente especial Zander Wells. O FBI havia chegado.

Sua ligação foi levada a sério. Ela ofereceu a mão. “Emily Mills. Estou feliz por estares aqui.”



A agente do FBI estava sentada em frente a Emily, em seu minúsculo escritório. Ela começou a levá-lo até uma mesa na lanchonete e então percebeu que eles precisavam de privacidade absoluta. Seu escritório era apertado – e isso o descrevia muito bem. Sua pequena mesa estava empurrada para um canto, mal deixando espaço para duas cadeiras e um arquivo. Suas paredes estavam cobertas de prateleiras, repletas de fichários com papéis do restaurante e algumas fotografias antigas emolduradas. O Agente Wells se concentrou em um. Ela seguiu seu olhar.

“Essas são minhas irmãs e eu. Eu tinha cerca de dez anos, o que significa que Madison tinha sete e Tara quinze. As três garotas estavam posadas em frente à grande placa do Barton Diner com vasos de flores coloridas a seus pés. Todos usavam shorts e semicerravam os olhos sob a luz do sol.

Um bom dia.

“O restaurante sempre esteve na sua família?” Agente Wells perguntou.

“Sim. Meu avô abriu em 1978.” Ela se perguntou por quanto tempo o agente continuaria conversando. Seus olhos eram penetrantes enquanto ele observava o resto do escritório, dando-lhe alguns momentos para avaliar silenciosamente. Ela estimou que ele tinha cerca de quarenta anos. Quando ele entrou pela primeira vez com a mulher e a menina, ela teria adivinhado

mais perto de sua idade de trinta e quatro anos. Mas agora, de perto, ela podia ver que havia rugas nos cantos dos olhos e um leve brilho prateado nas têmporas. Seu olhar calmo voltou para ela, e ela procurou em seu rosto uma sugestão de seus pensamentos. Ele era ilegível.

Ela não gostou.

“Você se importa se eu gravar isso?” ele perguntou.

“Vá em frente.” Ela franziu a testa. “Quando o xerife Greer falou comigo, ele nem escreveu nada. Claro, demorou apenas dois minutos.”

O Agente Wells começou a gravar. “Algumas pessoas têm boas lembranças. Agora . . . você estava aqui no restaurante quando Lindsay deveria começar seu turno?”

“Sim. Ela deveria estar aqui às sete. Leo enfiou a cabeça no escritório cinco minutos depois para me dizer que ela estava atrasada. Foi quando liguei para ela pela primeira vez. Ela não atendeu o celular e eu deixei uma mensagem.”

“Leo é seu cozinheiro? Ele trabalha aqui há muito tempo?”

“Leo é um funcionário original. Ele era ajudante de garçom quando o lugar abriu. Ela sorriu, imaginando o grande cozinheiro quando adolescente. “Não acho que ele tivesse mais de treze anos. Meu avô pagou-lhe por baixo da mesa durante anos.

“O que você fez quando Lindsay não atendeu o telefone?”

“Esperei alguns minutos, liguei de novo, esperei mais um pouco e liguei pela terceira vez. Foi então que procurei seu formulário de emprego e procurei o número de Sean. Nenhuma resposta no telefone dele também.”

O Agente Wells assentiu, seus olhos calmos fixos nos dela.

“Decidi ir de carro. São apenas alguns minutos. Eu disse a Leo que estava indo embora – havia apenas quatro pessoas comendo na lanchonete naquele horário, então eu sabia que ele poderia cuidar de tudo por alguns minutos.” Ela respirou fundo. “Eu esperava que Lindsay tivesse dormido demais.”

“E quando você chegou na casa dela?”

“Percebi que dois veículos estavam estacionados na garagem e toquei a campainha. Esperei e liguei novamente, muito surpreso por ninguém atender. Liguei para o celular dela da porta da frente e ouvi tocar lá dentro. Foi quando tentei a maçaneta da porta.” Ela olhou para as mãos, os dedos

cravados nas coxas. Ela os dobrou no colo, sentindo-se como se estivesse na igreja.

“A porta estava destrancada?”

"Sim. Abri-a e chamei os dois – não queria assustar ninguém. Assim que entrei, soube que algo estava errado.”

"O que você quer dizer?"

“Eu pude sentir isso. O ar parecia denso por dentro – não sei como explicar. Parecia. . . errado." Ela olhou para cima e viu um breve lampejo de reconhecimento nos olhos do agente.

Ele sabe o que quero dizer.

“E eu podia sentir o cheiro. O sangue. Eu podia sentir o cheiro do sangue. As palavras ficaram presas em sua língua enquanto ela se lembrava de quanto sangue tinha visto no quarto e quão forte seu coração batia forte, fazendo todo o seu corpo vibrar.

“Eu vi uma trilha escura que saía do quarto e descia pelo corredor em direção à cozinha.”

“Você já esteve na casa dela antes?” ele perguntou.

"Sim. Algumas vezes. Mesmo ela sendo minha funcionária, éramos amigos. Muitas vezes assistíamos Game of Thrones juntos, e eu a ajudava nas noites em que ela alimentava o time de futebol.”

“O time de futebol?”

“Sean treinou o time de futebol da escola e também ensinou história. Ele convidava todo mundo para jantar algumas vezes por mês.”

"Todos eles?"

“Não é uma escola grande”, observou Emily. “Talvez vinte ou vinte e cinco crianças viessem. Lindsay adorou. Ela planejava durante toda a semana fazer hambúrgueres, pizza ou espaguete. Esses jogadores podem comer muito.”

"Eu imagino." O agente parecia um pouco atordoado.

“Ela e Sean realmente amavam aquelas crianças”, disse Emily calmamente, lembrando-se de como a pequena casa se sentiu feliz quando transbordou de corpos de adolescentes famintos. Um contraste com o quão calmo e estagnado estava aquela manhã.

“Esse casal era popular.” Não foi uma pergunta.

“Eles estavam”, disse Emily. “Ambos emitiram muita energia positiva que fez as pessoas se sentirem bem. Todo mundo gostou deles.”

Os dois segundos de silêncio que se seguiram às suas palavras pareceram durar para sempre.

Alguém não gostou deles.



Emily Mills foi uma boa testemunha, admitiu Zander.

Ela estava calma e parecia ter lembranças claras da manhã. Ela não apenas pintou um quadro consistente da cena do crime; ela também deu informações sobre a vida das vítimas.

Depois de determinar que Lindsay estava morta, ela seguiu o rastro de sangue para fora da casa e avistou Sean. Foi quando ela ligou para o 911. Um único policial chegou primeiro e ela esperou na frente enquanto ele limpava a casa.

“Não pude acreditar quando percebi que o delegado havia cortado a corda.” Emily fechou brevemente os olhos. “Ele demorou tanto dentro de casa que fui ver como ele estava e o encontrei no quintal, basicamente tendo um ataque de pânico. Foi quando mais policiais apareceram. Foi uma bagunça depois disso. Ninguém parecia saber o que fazer.”

“Parece que você estava muito calmo em relação a uma situação horrível.”

“Acredite em mim, eu estava gritando por dentro. Mas durante emergências meu cérebro se concentra no que precisa ser feito a seguir. Acho que compartimentalizo para passar por eles.”

“O xerife me disse que já se passaram quatro anos desde que ele cometeu um assassinato em seu condado.”

O desprezo brilhou em seus olhos. “Isso não é desculpa. Eles deveriam saber como... Ela fechou a boca.

"Como o que?"

“Como proteger a cena. A polícia trabalha 101.” Ela desviou o olhar. “Fui casado com um policial por cinco anos. Isso é algo básico. Deveria ter sido uma segunda natureza para eles.”

“E quando o xerife chegou?”

“Um dos deputados mais antigos já tinha as coisas organizadas. O xerife Greer entrou no local e depois conversou comigo, perguntando o que eu tinha visto. Quando ele disse que parecia um assassinato seguido de suicídio, meu queixo quase caiu no chão. Perguntei se ele tinha visto as marcas de sangue arrastadas do quarto para o lado de fora. Ele disse que

poderia ser por causa de Sean andando lá fora, ou talvez ele tenha mudado Lindsay de lugar.

“Você notou o símbolo na testa de Sean, correto?”

"Sim. Quando perguntei ao xerife sobre isso, ele disse que Sean pode ter se cortado ao matar Lindsay. Ele me disse que eu estava tirando conclusões precipitadas ao sugerir que era um crime de ódio." Os olhos de Emily estavam duros, a raiva espreitava por trás deles. “Foi então que liguei para o escritório do FBI em Portland.”

“Estou feliz que você tenha feito isso”, Zander disse a ela. “Podemos não ter sido notificados por mais um ou dois dias.”

“Você já conversou com o primeiro deputado?”

“Meu parceiro está entrevistando deputados no gabinete do xerife.” Ele repassou mentalmente sua lista de perguntas para Emily. “Você conhece alguém que gostaria de machucar os Fitch?”

“Não”, ela disse com firmeza. “Eles não estão aqui há muito tempo, mas nossa comunidade os abraçou imediatamente. Eles trouxeram uma faísca para a cidade. Eles eram um casal tão fofo e Lindsay adorava estar aqui.”

“De onde eles se mudaram?”

"Portland. Não tenho certeza de onde exatamente. Acho que a família de Sean ainda mora lá. Não sei sobre a família de Lindsay." Sua testa enrugou enquanto ela pensava. “Não me lembro dela falando sobre eles. Eu não bisbilhotei.

“Você era o amigo mais próximo dela na cidade?”

Ela franziu a testa. “Ela considerava minha irmã Madison sua melhor amiga.”

Ele olhou para a foto antiga das três irmãs. Emily se destacou como a morena entre suas duas irmãs loiras. A menor estava com os braços bem abertos e o queixo levantado, como se quisesse tirar a foto só para ela. Ele não teve nenhum problema em acreditar que ela cresceu e se tornou uma garçonne que usava tiara. As mãos de Emily estavam nos quadris, as pernas longas e finas, dando uma dica da mulher alta que ela seria quando crescesse. O sorriso da irmã mais velha era tímido, o olhar fixo no fotógrafo. “Onde está sua outra irmã?”

Emily virou a cabeça para olhar a foto. Zander teve a sensação de que ela fez isso para evitar contato visual, não para refrescar seus pensamentos sobre a irmã.

"Não sei."

A curiosidade iluminou seu cérebro. Seu tom era monótono e distante, e uma distância se formou entre os dois no minúsculo escritório. Ele não disse nada, esperando.

Emily finalmente desviou o olhar da foto depois de um longo momento de silêncio. "Tara deixou a cidade há cerca de vinte anos. Não tivemos notícias dela desde então.

Vinte anos? Nenhum contato?

Zander olhou novamente para a foto, e o olhar tímido de Tara agora parecia direcionado a ele.

Alguém bateu na porta.

Sem sair da cadeira, Emily se esticou para a maçaneta e abriu a porta com facilidade. Um adolescente espiou pela porta e seu cabelo caiu sobre os olhos. Ele empurrou-o para fora do caminho e voltou sua atenção para Emily.

"Ei, Em. Algo aconteceu com o seu carro lá atrás.

Ela se endireitou. "Como o que?" Preocupação em seu tom.

O adolescente fez uma careta. "Parece que eles pegaram seus pneus de novo."

De novo?

"Droga!" Emily ficou de pé e pegou sua bolsa. "Teremos que terminar isso mais tarde, agente Wells. Acho que superamos a maior parte do que aconteceu esta manhã."

"Me chame de Zander." Ele ficou. "Eu irei com você."

Ele não terminou com Emily Mills.

6

A fúria tomou conta de Emily enquanto ela olhava para os dois pneus furados de seu Honda. Ela puxou o capuz do casaco para evitar a chuva e esconder sua raiva de Zander.

Duas semanas atrás, foram quatro pneus furados. E antes disso uma janela quebrada do passageiro.

O que mais acontecerá hoje?

Ela ansiava por ir para casa e desligar seu cérebro. Já havia experimentado trauma suficiente.

Respirando fundo, ela se concentrou no problema à sua frente. Se sua mente vagasse para Lindsay e Sean, ela iria quebrar.

“Tenho que instalar câmeras”, ela murmurou. Ela considerou isso depois do primeiro incidente e novamente após o segundo. Agora ela estava se culpando por deixar aquilo passar.

Isaac estava ao lado dela, a névoa se acumulando em seu cabelo. “Sinto muito, Em. As pessoas são uma merda.

“Você não viu ninguém?” Zander perguntou a Isaac.

Isaac passou a mão pelos longos cabelos e a preocupação brilhou em seus olhos. “Não. Eu estava levando uma sacola para a lixeira. Não percebi até voltar. Olhei em volta então, mas não havia ninguém aqui.

“Foi aqui que aconteceu antes?” Zander perguntou a ela. Ele girou em círculo, examinando a pequena área de estacionamento dos funcionários atrás do restaurante. “Sem câmeras?”

“Sem câmeras, e sim. Da última vez foram todos os quatro pneus.” Emily praguejou baixinho. Comprar quatro pneus novos doeu. Agora ela precisava encontrar dinheiro para mais dois. “Eu deveria ter colocado câmeras. Seria mais barato que pneus novos.”

“Você ainda teria que comprar pneus novos”, apontou Isaac. “Mas pelo menos saberíamos quem fez isso.”

Ela notou o olhar de Zander permanecendo em Isaac. Ela entendeu. Isaac não apresentou a melhor primeira impressão. Seu cabelo pegajoso estava sempre em seus olhos. Ele se curvou. E seus jeans sempre pareciam estar a meio segundo de cair no chão. Mas ele era um bom garoto. Emily confiava nele.

“Você relatou o último incidente à polícia?” Zander perguntou.

"Não." Emily sentiu seu rosto corar. "Não considerarei que valesse a pena."

O silêncio de Zander pareceu crítico.

"Faça desta vez," ele disse calmamente. Ele apontou para a parede dos fundos do restaurante. "Para uma cobertura decente, você precisa de uma câmera ali, ali e ali. Um casal na frente também seria uma boa ideia.

Cinco câmeras?

"Preciso pagar primeiro pelos pneus novos." E pague os outros quatro. "Isso é ridículo", ela murmurou. "Eu não precisava disso hoje."

"Posso te dar uma carona para algum lugar?" Zander ofereceu.

"Eu odeio tomar seu tempo."

"Ah, não se preocupe. Ainda estarei trabalhando durante esse período. Nós não terminamos.

Ele sorriu e ela piscou com a transformação de seu rosto. O solene e sério agente parecia dez anos mais novo quando sorria.

"Nesse caso, você pode me levar para casa. Vou pegar emprestado um dos carros das minhas tias."

"Mansão Barton?"

A cabeça dela virou-se para ele com surpresa.

"Eu estive lá hoje cedo, procurando por você. Conheci uma de suas tias. Vina."

"Apenas um? Você é sortudo." Emily cruzou os dedos para que Vina não tivesse falado demais. Ela olhou para Isaque. "Você pode dizer a Madison que estou indo para casa?"

Isaac fez uma saudação casual e caminhou em direção à porta dos fundos, subindo as calças com uma das mãos e pisando em uma poça gigante.

"Ele é um bom garoto", ela disse a Zander, que estava observando Isaac com a testa franzida. "Eu dei a ele uma chance quando ninguém mais daria, e ele me retribuiu dez vezes mais."

Ela ficou tensa, esperando que ele a contradissesse. Em vez disso, apontou para um SUV na rua. "Estou estacionado ali. Preparar?"

Sua tensão evaporou, mas agora ela estava desequilibrada. Ela automaticamente esperava uma reação negativa em seu comentário sobre ajudar Isaac, e isso nunca aconteceu. Seu ex teria afirmado que Isaac era um

adolescente inútil e que não valia a pena. Ela balançou a cabeça enquanto seguia Zander, subitamente exausta.

Os pneus não eram nada comparados ao que ela descobriu naquela manhã, mas o incidente enfraqueceu as paredes que mantinham suas emoções sob controle.

Eu me recuso a desmoronar na frente dele.



Zander seguiu o mesmo caminho até a mansão daquele dia. Emily ficou sentada em silêncio, mas ele jurou que podia ouvir as engrenagens girando em sua cabeça enquanto ela pensava em tudo o que havia acontecido. Sua própria linha de pensamento estava indo a todo vapor.

"Emily, eu sei que você não relatou os danos à polícia, mas você contou às suas tias?"

"Não, não quero preocupá-los com despesas extras."

"Quantos incidentes de assédio você teve na mansão?"

"O que?" Os ombros dela se contraíram com a pergunta dele. "O que você está falando?"

Ah, ah. "Eu limpei um guaxinim abatido que foi deixado em sua casa hoje. Vina disse que não era a primeira vez."

Ele olhou para ela. Seu rosto estava branco, seus olhos azul-escuros fixos nele.

"É preciso considerar que os danos ao seu carro e aos animais mortos deixados na mansão estão relacionados. Ambos são assédio. Assédio de merda. Quem está interessado em você ou sua família?"

Outro olhar lhe mostrou que ela estava olhando para frente agora, com os lábios pressionados. Ele a surpreendeu ou declarou em voz alta o que ela já estava pensando. Ele estacionou em frente à mansão, desligou o veículo e esperou pela resposta dela.

Ela finalmente encontrou o olhar dele, seus olhos incertos. "Não sei." Sua voz era baixa, mas não nervosa.

"Minha declaração não surpreendeu você."

"Não. Isso passou pela minha cabeça."

"Você não discutiu isso com suas tias?"

"Não, como eu disse, não queria preocupá-los."

"Acho que eles deveriam saber sobre esses outros incidentes. Talvez eles tenham visto coisas que não compartilharam com você." Ele levantou

uma sobrançelha. “Você pode se surpreender com o que a comunicação pode revelar.”

Ela recostou-se no encosto de cabeça e fechou os olhos brevemente. “Eu sei que você está certo.”

Ele verificou a hora. “Eu gostaria de conversar um pouco mais com você e suas tias, mas primeiro preciso falar com meu parceiro. Vou dar um telefonema e depois bater, ok?”

“Parece bom.” Ela saiu do SUV e subiu as escadas sem olhar para trás.

Ele a observou sair enquanto ouvia o telefone de Ava tocar.

“Ei, Zander,” ela respondeu.

“Alguma coisa dos deputados?” ele perguntou.

Ela suspirou. “Sei que essas crianças frequentaram a academia de polícia, mas juro que esqueceram metade do que aprenderam. Não acho que haja muito por aqui para mantê-los alertas. Parece que eles lidam com muitos DUIs, drogas e assuntos domésticos.”

“Não me surpreende. Quantos você fez chorar?”

“Apenas um. O primeiro respondente. Nate Copeland. E, honestamente, eu mal comecei a fazer perguntas quando ele desmoronou.”

“Perdendo o seu toque?”

“Alguns desses caras são jovens. Acho que deveria entregar a eles um controle de videogame e fazer um sanduíche para eles.”

Zander sorriu.

“De qualquer forma, Copeland se desculpou por ter cortado Sean. Ele mora em Bartonville, então conhecia a vítima. Eles tomaram cerveja juntos. Ele disse que entrou em pânico quando viu Sean e sentiu a necessidade de derrubá-lo rapidamente para que pudesse respirar, embora seu cérebro soubesse que era tarde demais.

“Se ele conhecesse Sean, ele tinha ideia de quem faria isso?”

“Bem, é aí que fica um pouco estranho. Ele também disse que Sean e Lindsay estavam tendo problemas conjugais.”

“Não brinca.” Zander ficou surpreso. Esta era uma imagem diferente daquela rosada que Emily havia apresentado. Quem estava certo?

“Quando insisti no assunto, ele disse que não tinha conhecimento de ninguém que pudesse machucar o casal.”

“E os outros deputados?”

“Eles não conheciam Sean. Eles vivem a leste de Astoria. O que você conseguiu com a primeira testemunha, Emily Mills?”

“Tive uma imagem um pouco diferente do casal Fitch. Ela diz que foi uma felicidade celestial em sua casa e não consegue pensar em ninguém que pudesse machucar o casal.”

"Huh. O que ela disse sobre a morte do pai?"

“Eu não cheguei a isso. Fomos interrompidos porque alguém cortou os pneus dela. De novo.”

"O que?"

“Parece que ela e suas tias têm sido alvo de algum assédio ultimamente. Animais mortos deixados nas portas, danos no carro. Coisas assim.”

Ava ficou em silêncio.

“Estou prestes a falar com ela e suas tias. Vou conseguir mais informações sobre a morte do pai.”

"Isto é tão estranho. Dois deles enforcados. Mas o caso do pai foi resolvido.”

“É definitivamente estranho.”

“Enquanto esperamos pela perícia e pelo médico legista”, disse Ava, “entrarei em contato com a família de Sean em Portland e encontrarei a família de Lindsay”.

“Vou entrar em contato com os amigos de Sean e Lindsay aqui na cidade e investigar um pouco o antigo enforcamento.”

“Tenha em mente que não é para isso que estamos aqui”, ressaltou Ava.

“É verdade, mas como a filha da primeira vítima desempenha um papel neste caso, quero eliminar qualquer envolvimento da parte dela.”

“Ela está envolvida”, afirmou Ava. “Ela encontrou os corpos.”

"Você sabe o que eu quis dizer. Você já fez check-in no nosso hotel? Nenhum deles havia parado desde que chegaram a Bartonville. Eles pularam com os dois pés.

"Não. Entrarei em contato com eles para que não revelem nossas reservas.”

"OK. Deixe-me saber o que você descobriu sobre as famílias. Zander desligou a ligação e saiu para a chuva.



Emily tentou ver suas tias através dos olhos de Zander.

Sem dúvida ele notou que as três mulheres usavam o mesmo tom de verde limão. Foi difícil perder. Dory usava um cardigã grosso e verde porque sempre tinha medo de sentir frio, e a ponta do sempre presente lenço facial saía de seu punho. A jaqueta justa com zíper de Thea era para corredores. Um que garantisse que ela seria vista enquanto caminhava na beira da estrada. A blusa verde da Vina era simplesmente prática, assim como a própria Vina.

As três mulheres eram tão diferentes umas das outras quanto poderiam ser, mas não havia nada que gostassem mais do que combinar suas roupas quase todos os dias. “Isso mostra às pessoas que estamos unidos”, Thea disse a Emily uma vez. “Quando conversamos com o conselho municipal, eles sabem que estamos falando sério.”

Emily não achou que as cores correspondentes fossem necessárias. Todos na cidade sabiam que as irmãs Barton formavam um trio formidável.

Emily e Zander estavam sentados à velha mesa da sala de jantar formal, esperando pelas tias, que haviam desenterrado um serviço de chá formal que devia ser mais antigo que a mansão. Dory ficou emocionada quando Zander concordou em tomar chá. Emily observou-o com o canto do olho, convencida de que ele bebia café, mas satisfeita por querer fazer suas tias felizes. Dory puxou Emily de lado por um momento e, com uma piscadela e um sussurro, disse a ela que Zander poderia guardar os sapatos debaixo da cama dela a qualquer momento.

Emily não conseguiu pensar em uma resposta.

Ela sabia que as tias estavam tentando animá-la e distraí-la de pensar naquela manhã. Seus esforços foram apreciados e até trabalhados um pouco.

As três mulheres de cabelos grisalhos entravam e saíam alegremente da sala de jantar, preparando o chá formal, embora estivesse mais perto da hora do jantar.

Zander se inclinou para Emily. “Por que você não está vestindo verde?” ele sussurrou.

Ela bufou. “Isso é coisa deles. Eles fazem isso desde a adolescência.”

“Verde limão todos os dias?” Seus olhos estavam arregalados.

“Não. Cores correspondentes. Eles discutem isso antes de dormir todas as noites. Eu diria que eles combinam oitenta por cento das vezes. Eles se

divertem muito com isso. Acredite em mim, eles estão satisfeitos por você tê-los conhecido em um dia coordenado.”

"Huh." Zander recostou-se em sua cadeira. “Eles são encantadores.”

“Essa é apenas uma de suas habilidades Jedi.”

“Quais são os outros?”

As três mulheres entraram com as mãos ocupadas antes que ela pudesse responder.

“É tão bom ter uma companhia inesperada, mesmo que seja por causa de uma tragédia horrível”, disse Thea enquanto servia o chá de Zander, seu batom vermelho brilhante contrastando com o verde limão. “Mas terei que passar uma hora extra na esteira para combater todos esses biscoitos.”

“Sinto muito pelas circunstâncias, mas os biscoitos parecem bons”, Zander disse a ela, olhando a grande variedade de doces. “Vou ter que ir para a esteira também.”

Sua tia sorriu. “Posso dizer que você não precisa. Você é um homem que cuida de si mesmo. Você já experimentou Saúde...”

“Théa!” Emily e suas outras tias falaram ao mesmo tempo.

Thea piscou. "O que?"

“Não compre nada que ela tente vender para você”, disse Dory a Zander com seriedade, colocando a mão em sua manga. “Eles são todos bobagens e fraudes.”

“Eles não são,” Thea bufou. “Tenho tido excelentes resultados em tudo que vendo. Eu não apoiaria um produto se não acreditasse nele.” Ela se moveu para servir o chá de Vina, mas evitou contato visual com aquela irmã. Ela abraçou com entusiasmo todos os produtos vendidos em casa; ela era uma vendedora nata. Emily tinha uma gaveta cheia de leggings com estampas malucas que ela nunca usava e um balcão do banheiro cheio de produtos caros para a pele que não deixavam sua pele melhor do que os itens que ela comprava na Walgreens.

Foi difícil dizer não para Thea.

O apetite de Emily desapareceu quando ela olhou para suas tias sorridentes ao redor da mesa. Por vários minutos ela esqueceu que havia descoberto seus amigos assassinados, mas a realidade retornou abruptamente. Ela olhou para sua xícara de chá. Lindsay nunca mais tomaria outro chai latte. Emily nunca entraria na sala de descanso do

restaurante e seria saudada pela rica fragrância do vício diário de Lindsay em bebidas.

Ela encheu os pulmões e expirou lentamente.

Olhando para a direita, ela pegou Zander olhando para ela, com a testa franzida em preocupação, e a estranheza da situação a alcançou.

Um agente do FBI está tomando chá conosco.

“Tias,” Emily começou. As três mulheres imediatamente lhe deram atenção. “Tive dois pneus furados hoje.” As três mulheres começaram a conversar ao mesmo tempo e Emily ergueu as mãos para acalmá-las. “Esta não é a primeira vez. É evidente que meu veículo foi alvejado quando estacionei atrás do restaurante. Nenhum outro funcionário teve problemas. Vina, Zander me contou que você encontrou um guaxinim morto na varanda hoje.

"Eu fiz."

Thea e Dory encheram Vina de perguntas, que ela ignorou.

“É o terceiro animal nas últimas seis ou oito semanas”, admitiu Vina.

Zander falou, olhando de Dory para Thea. “Algum de vocês já passou por algum tipo de incidente de assédio?”

As duas mulheres trocaram um olhar e depois balançaram a cabeça. “Não que eu consiga pensar”, disse Dory. “E Madison? Alguém perguntou a ela?”

“Não”, disse Emily, sacudindo-se mentalmente. Ela tinha esquecido de mencionar os pneus para a irmã. “Vou perguntar quando ela chegar em casa esta noite. Eu sei que o carro dela está bem.

Dory olhou para Zander. “Achei que você estava na cidade para resolver aqueles assassinatos horríveis, não para se preocupar com alguns pneus furados.”

"Eu sou. Eu estava entrevistando Emily quando notaram os pneus. Foi então que me perguntei se o veículo dela e a sua casa foram alvo da mesma pessoa. Terminarei a entrevista de Emily quando terminarmos aqui.”

Thea apoiou o cotovelo na mesa, apoiou o queixo na mão e estudou Zander atentamente. “Qual é o próximo passo para você? Você tem alguma pista sobre os assassinatos? Precisamos trancar nossas portas à noite?”

“Espero que você tranque as portas todas as noites”, murmurou Zander.

“Fazemos isso quando pensamos nisso”, anunciou Dory.

“Não interrompa,” Thea ordenou. Dory revirou os olhos e enxugou o nariz com o lenço de papel. “Ouvi dizer que o socorrista estragou a cena. Alguns desses jovens deputados são tão espertos quanto um sanduíche de purê de batata — continuou Thea, com seus olhos azuis desafiadores. “Isso é verdade? As pessoas na cidade estão dizendo que foi um negócio de drogas que deu errado. Muito ruim.

“Não”, disse Vina. “Ouvi dizer que foi uma disputa doméstica.”

“Ouvi dizer que era alguém passando pela cidade.” Dory limpou o nariz novamente.

Emily mordeu o lábio. Zander deu toda a atenção a cada mulher enquanto ela falava, mas uma pitada de desespero espreitava em seus olhos. Sua família era muito para levar de uma vez. Ele estava se divertindo com Madison ainda no trabalho.

“Tias! Deixe-o em paz. Você sabe que ele não pode falar sobre um caso ativo.”

As três mulheres pareciam se desculpar.

“Ainda não sabemos muito”, disse Zander às mulheres castigadas. “Você ouvirá quando o fizermos.”

A insatisfação encheu seus rostos.

“Eu sei que pode parecer estranho perguntar, mas o que pode ajudar é se você me contar mais sobre a morte do pai de Emily.”

Emily congelou e um zumbido alto encheu seus ouvidos. Por que?

As imagens de pesadelo de seu pai enforcado retornaram e destruíram as paredes que mantinham suas emoções sob controle.

Eu não posso estar aqui.

Ela se levantou e as pernas da cadeira guincharam quando ela foi lançada para trás. “Você terá que me dar licença por um momento”, ela engasgou. Ela saiu correndo da sala e subiu as escadas, com a visão turva.

Quem lhe disse?



A culpa inundou Zander.

O que eu estava pensando? Ele não havia discutido com ela a morte do pai de Emily. O xerife e Vina conversaram com ele sobre isso, mas Emily não. Ele começou a se levantar.

“Sente-se,” Thea ordenou, com os olhos penetrantes. “Dê a ela alguns minutos. Ela vai ficar bem.

Zander sentou-se lentamente, estudando as três mulheres. Thea parecia ser a mais magra das três, mas seu tom teria parado um pelotão.

“A morte do pai dela não é um assunto confortável”, disse Dory. Ela se virou para Vina. “Meu estômago não está bem desde o café da manhã. Você tem certeza de que esses ovos não ultrapassaram a data de validade? Ela colocou a mão na barriga e franziu a testa.

“Eles estavam bem. E você também está bem”, informou Vina.

“Sinto muito”, disse Zander às três mulheres. “Eu não deveria ter tocado no assunto no meio da conversa.”

As três mulheres rejeitaram seu pedido de desculpas. “Tenho pensado na morte dele desde que você chegou aqui depois do almoço”, disse Vina. “É muito perturbador que outro homem tenha sido enforcado e Emily o tenha encontrado.”

“Emily viu. . . o pai dela?” perguntou Zander.

“Ah, não”, anunciou Thea. “Ela estava dormindo, graças a Deus. Ela e Madison.”

“E a outra irmã?”

As mulheres trocaram um olhar. “Tara ficou na casa de um amigo naquela noite”, disse Vina. “Ela tinha dezoito anos e era um pouco selvagem. De acordo com a mãe dela, Brenda, as duas discutiram naquela noite e Tara saiu furiosa.

“Emily me disse que Tara se mudou”, afirmou Zander. “Tara está fora de contato com sua família?”

Os rostos de cada uma das tias caíram. “Isso mesmo”, disse Vina. “De vez em quando discutimos a contratação de alguém para encontrá-la, mas Emily diz para deixá-la em paz. Se Tara ainda quisesse fazer parte desta família, ela entraria em contato conosco.”

“Pesquisei um pouco no Google e em algumas coisas pontocom”, admitiu Thea. “Não consigo encontrá-la.”

“Suspeito que ela mudou de nome de alguma forma.” Dory deu um tapinha no ombro de Thea. “Ela era do tipo independente, e suspeito que seja por isso que parecia tão fora de controle. Os pais dela tinham regras rígidas sobre álcool e toque de recolher, e Tara não gostava de regras.”

“A família morava aqui com você quando as meninas eram pequenas?” Zander perguntou.

"Não. Brenda e o pai tinham uma casa a alguns quilômetros daqui", disse Dory.

"Era uma casinha adorável que dava para a floresta nacional. Muito espaço onde as crianças poderiam ficar ao ar livre e explorar o dia todo", disse Thea com um suspiro e um olhar distante. "Foi horrível que tudo tenha ido para o inferno depois que o pai deles foi morto."

"O que você quer dizer?" Zander falou com cuidado, querendo ouvir a história, mas plenamente consciente de que as percepções das mulheres seriam influenciadas pelo seu relacionamento com a família. Ele fez anotações mentais cuidadosas, querendo compará-las com o arquivo oficial do caso.

Thea pegou uma migalha da frente de sua jaqueta verde. "A casa foi incendiada e eles perderam tudo naquela noite. Foi difícil para Brenda.

"Compreensível."

"Os quatro se mudaram para cá", acrescentou Vina, "para que pudéssemos ajudar com as meninas. Brenda. . ." Vina olhou para suas irmãs.

"Brenda não era uma mulher forte", afirmou Thea. "Ela teve feitiços."

Zander ficou em silêncio, imaginando qual seria o termo médico oficial para os "feitiços" de Brenda.

"Ela ficava trancada no quarto por dias, quando as meninas eram pequenas", disse Dory em voz baixa. "Depois que Lincoln morreu, ela não conseguiu mais funcionar."

Depressão?

"Ela cometeu suicídio uma semana após a morte dele", acrescentou Vina.

Zander recostou-se. "Isso é horrível."

Essas pobres meninas. Primeiro o pai e depois a mãe.

"Ela sempre recusou ajuda. Nós imploramos para que ela fosse ao médico todas as vezes, mas ela ignorou, dizendo que estava apenas cansada."

"Quem a encontrou?" Ele odiava fazer perguntas pessoais tanto quanto temia a resposta.

"Eu fiz", disse Vina. "O quarto dela. Aqui em cima. Seus olhos estavam assombrados. "Ela não ficou feliz em voltar para esta casa onde cresceu. Ela queria sua pequena casa e sua família de volta."

“Chet Carlson não apenas assassinou Lincoln”, disse Dory, com a voz tensa, “ele destruiu a casa deles e dizimou sua família”.

O revestimento queimado da casa dos Fitch passou pela mente de Zander.

Ele manteve sua expressão neutra, sem vontade de mencionar isso na frente das mulheres.

Outra coincidência?

“Sinto muito”, disse Zander às mulheres. Todo o espírito animado foi expulso da sala. Por ele. Primeiro ele chateou Emily, e agora as tias. Ele olhou para seu prato. Ele não tocou nas sobremesas elaboradas. "Eu devo ir." Ele se levantou, não permitindo que seus protestos fracos o fizessem mudar de ideia. “Diga a Emily que podemos terminar a entrevista amanhã.”

Ele gentilmente se desvencilhou da despedida e escapou para fora, mas não antes de Dory colocar um pequeno saco de biscoitos em sua mão. Ele parou na calçada, olhando para a grande casa, vendo-a sob uma luz diferente. Agora ele entendia o que estava por trás daquela propriedade desgastada e abandonada. As décadas foram difíceis para os habitantes; a casa refletia seus tempos difíceis.

A placa chamou sua atenção novamente.

“Não é a vida pacífica que você imaginou para seus herdeiros, não é, Sr. Barton?”

7

Emily sentou-se na beira da cama, furiosa consigo mesma.

Ela exagerou. Zander Wells estava fazendo seu trabalho. Ela realmente acreditava que a morte de seu pai não aconteceria quando foi ela quem encontrou um homem enforcado?

Mesmo ela não podia negar a horrível coincidência.

Mas ela não estava pronta para falar sobre isso.

Ela se levantou e andou de um lado para o outro, sabendo que não estava em posição de discutir o que havia acontecido naquela noite. Ela tinha treze anos naquela época. Ela estava dormindo e não viu nada.

Pelo menos essa foi a história que ela contou a todos.

Ela se afastou do pai, sentindo o calor do fogo esquentar suas pernas nuas. O vento forte fez seu corpo balançar e os galhos das árvores se agitarem no escuro, e o choque congelou seus membros. Um movimento à sua direita desviou sua atenção do horror diante dela. Duas pessoas correram para os abetos, suas roupas captando flashes de luz do fogo antes de desaparecerem. Por uma fração de segundo, o fogo iluminou os longos cabelos loiros do segundo corredor.

Tara.

Sirenes distantes cortavam o crepitar das chamas.

Emily estremeceu. O vento frio daquela noite penetrava em seus ossos toda vez que ela se lembrava. Ela se lembra de ter voltado para casa, tossindo por causa da fumaça e acordado Madison e sua mãe para tirá-las de casa. Os três saíram pela porta da frente e se amontoaram no jardim da frente. Ela estava petrificada demais para dizer o que viu atrás da casa.

Ela disse à polícia que estava dormindo até que a fumaça a acordou.

Tara só apareceu no meio da manhã. A polícia foi buscá-la na casa da amiga e deu a notícia.

Emily viu a irmã mais velha chorar pelo pai, esperando que ela dissesse que esteve no quintal naquela noite. Mas Tara nunca mencionou estar no local, então Emily não tocou no assunto. Ela imaginou que Tara devia ter seus motivos para o silêncio, e Emily sabia que ela também protegeria tudo o que sua irmã quisesse manter em silêncio.

A família nunca foi a mesma.

Tara e sua mãe brigaram mais e, cinco dias depois da morte de seu pai, Tara anunciou que estava se mudando para Portland para ficar com amigos. Mais gritos, mais discussões. Ela desapareceu no dia seguinte. Sem despedidas.

Emily se sentiu abandonada. Outro buraco abriu seu coração. Tara partiu antes que Emily encontrasse coragem para perguntar a ela sobre a noite em que seu pai morreu. O segredo de Tara foi deixado com ela. Foi incriminador? Isso implicaria alguém? Essa pessoa era Tara?

Para proteger a irmã, Emily também ficou em silêncio.

Brenda parecia rastejar dentro de si. Poucos dias depois, a mãe deles tirou a própria vida.

Emily estava quebrada. Os alicerces de sua família haviam desaparecido.

Emily se adiantou, assumindo a responsabilidade por sua irmã mais nova, desesperada para proteger o último membro da família que tinha.

As duas irmãs mais novas tiveram a sorte de ter três tias-avós amorosas que estavam determinadas a dar-lhes o apoio que a sua mãe já não conseguia. A mansão se tornou sua casa. Um lugar seguro.

Muitos anos depois, Emily escapou para a mansão novamente após seu casamento se desintegrar. Seu coração estava partido e sua psique desesperada por um lugar para descansar e se recuperar. A enorme casa era a rocha onde ela sempre se sentia segura.

Após as mortes, Madison nunca mais saiu da mansão. Ela passou de emprego em emprego e de homem em homem. Os últimos dois anos no restaurante foram os mais longos que ela já teve em um emprego.

Emily nunca soube o que se passava na cabeça de Madison. Sua irmã não era do tipo que compartilhava seus sentimentos. Quando criança, Madison parecia nunca parar de falar, com o nariz metido nos assuntos de todos, sempre cheia de ideias malucas. Mas ela mudou depois que seus pais morreram. Madison se encolheu, a criança sociável de repente ficou em silêncio. Agora Emily via a velha Madison apenas em seu estranho senso de estilo: os chapéus, os saltos altos, o tule, as tiaras. Mas antes das mortes, ela era chamada de mini-eu da mãe, um reflexo da personalidade e da aparência da mãe.

A mãe deles foi espontânea. Ela manteria as meninas em casa, longe da escola, para que pudessem fugir para a praia, estudar as poças de maré e se

empanturrar de caramelo de água salgada. Eles faziam festas dançantes improvisadas na sala de estar, com a mãe tocando música das Spice Girls e Chumbawamba.

Ela nos amou.

Por que ela nos deixou?

Raiva e ressentimento explodiram. Ela e as irmãs eram crianças, jovens demais para compreender o comportamento inconsistente da mãe. Mas os adultos ao seu redor sabiam que ela lutava contra a depressão maníaca e recusaram toda ajuda. Depois de múltiplas rejeições, ninguém fez mais nada. Ninguém disse a ela para consultar um médico. Ninguém interferiu.

Ela ainda estaria aqui se tivesse sido tratada?

Emily afastou a questão discutível. Sua mãe havia partido.

Emily parou na janela. Zander Wells caminhava em direção ao seu SUV. Ela assistiu, com a mente entorpecida. Ele se virou para olhar a casa e Emily tropeçou para trás, saindo da janela. Era duvidoso que ele a tivesse visto espionando-o, mas seu rosto esquentou de qualquer maneira. De uma distância segura, ela notou que ele fazia cara feia para a casa. Seus dedos ficaram gelados.

Ela não tinha dúvidas de que ele descobriria quem assassinou Lindsay e Sean. Ela viu e sentiu a determinação do Agente Especial Zander Wells. Ele era afiado. Minucioso. E parecia genuinamente preocupado com as vítimas. Ela suspeitava que ele não tinha muitos casos não resolvidos.

Mas quanto da roupa suja de sua família ficaria exposta ao longo do caminho?



Já passava da 1h da manhã quando Emily ouviu as escadas rangerem sob os pés de Madison enquanto ela subia para o segundo andar. Não havia lugar silencioso para pisar na maior parte das escadas. Emily pesquisou e experimentou durante anos. Pular cinco passos seguidos não era uma opção, não importava quanto suas pernas crescessem. O quarto dela era o mais próximo da escada e ninguém entrava ou saía sem ela saber. Havia uma estreita escada de serviço saindo da cozinha, mas era ainda mais barulhenta e facilmente ouvida nos quartos das tias.

A escada principal sempre foi a melhor escolha.

Sentindo-se como uma mãe, Emily saiu da cama e abriu a porta, observando Madison dar o último passo, instável, e segurar-se com força no

pilar do corrimão. A luz filtrada do poste iluminou sua irmã, criando uma silhueta nítida. Os sapatos de Madison estavam em uma das mãos. Ela trocou a saia de tule por jeans em algum momento.

Emily se perguntou em qual casa. "Ei."

Madison, sem sucesso, reprimiu um suspiro. "Caramba. Não faça isso", ela disse em um sussurro alto, olhando para Emily na penumbra.

Emily voltou para seu quarto, mantendo a porta aberta. Madison deu um suspiro resmungando e a seguiu. Emily fechou a porta atrás dela.

"O que?" Madison apertou os sapatos contra o peito e olhou para Emily. Um feito admirável, considerando que Emily era vários centímetros mais alta. O cheiro de tequila encheu a sala e Emily controlou seu temperamento. A irmã dela devia estar na casa de Patrick. Um bar local que ela costumava usar para escapar.

Emily desejou que Madison abrisse seu coração para ela em vez de procurar conforto com estranhos.

"Você tem que abrir a lanchonete pela manhã." Emily sabia que essa era a maneira errada de iniciar a conversa.

"Eu sei! Não pretendo me atrasar.

"Você dormiu durante turnos inteiros", afirmou Emily. "Você planejou isso?"

"Eu não preciso disso." Madison se virou para sair.

"Espere. Não é por isso..."

"Eu sei", disse Madison, olhando para ela. "É sobre Lindsay. Por que você acha que estou tão atrasado? Ela respirou fundo e estremeceu.

A empatia encheu Emily. Todos lamentaram Lindsay, mas a perda de sua amiga deve ter sido um choque mais profundo para Madison.

"Lá no Patrick's Place, estão dizendo que Sean foi enforcado", sussurrou Madison. Ela encontrou o olhar de Emily. "Isso é verdade?" A voz dela tremeu e, mesmo com pouca luz, Emily viu o terror nos olhos da irmã.

É por isso que não contei nenhum detalhe a ela.

"Sim, é verdade, mas ele foi esfaqueado primeiro. Isso pode ter sido o que realmente o matou."

"Oh Deus." Madison colocou a mão sobre os olhos, os ombros caindo. "Eu posso ver isso. Isso não vai embora."

Emily tocou seu braço. "Eu entendo. É tudo que posso ver também."

“Não é Sean que eu vejo.” O sussurro de Madison foi quase inaudível.

"Eu sei." Seu coração se partiu. Emily faria qualquer coisa para tirar a visão da cabeça de sua irmã.

E a dela.

As irmãs raramente falavam sobre a morte dos pais. Era um assunto tabu em sua casa. Era melhor varrê-lo para debaixo do tapete para que pudessem fingir que nada tinha acontecido. Porque insistir nisso tomaria conta de suas mentes e corações, mantendo todo o resto de fora.

“Eu gostaria que mamãe estivesse aqui.” Emily se esforçou para ouvir as palavras abafadas de Madison. “Ou Tara.”

O rosto de Tara surgiu na mente de Emily. Eternamente dezoito anos.

Ela tem quase quarenta anos agora.

A antiga sensação de abandono abriu uma porta na mente de Emily e ela não disse nada.

Madison baixou a mão e seus olhos brilharam no escuro. “Você não se importa, não é? Você não sente falta deles”, ela sibilou.

"Isso não é justo-"

“Você mal diz uma palavra sobre qualquer um deles. Nossa irmã está por aí em algum lugar e você não quer falar comigo sobre ela.

Verdade.

“Eu procurei por ela”, disse Madison. “Você muda de assunto toda vez que falo sobre ela.”

“Ela sabe onde nos encontrar. Nunca saímos desta cidade. Se ela quisesse fazer parte desta família, ela estaria aqui. Não vou perder meu tempo procurando alguém que não queira nos ver.”

Ela pronunciou deliberadamente a última frase, querendo chocar Madison e fazê-la ficar em silêncio.

Emily fechou os lábios. Ela disse o suficiente.

Mas as chamas ainda saíam dos olhos de Madison. Emily sabia como acalmá-los.

“Lembra quando papai nos colocava no carro e simplesmente saía para um fim de semana prolongado?” Emily disse suavemente. “Só nós quatro para que mamãe pudesse ter algum tempo livre para as crianças. Nunca sabíamos para onde íamos, mas papai fazia amigos em todos os lugares. As sequoias. Pendleton. Portland. Aquele lugar de animais selvagens no sul do Oregon. . .”

“Safari pela Vida Selvagem”, acrescentou Madison melancolicamente. “Toquei a língua de uma girafa. Papai não deveria abaixar a janela do carro, mas ele o fez.”

“Os animais vieram direto para o carro.”

“Ursos e tigres. Elefantes.”

Um bom dia.

O silêncio encheu a sala enquanto eles estavam presos em suas próprias memórias.

— Foi por isso que você ficou acordado até depois da uma? Madison perguntou. “Para me dizer para não me atrasar para o trabalho?”

Para ver se você chegou em casa em segurança depois de um dia horrível.

"Algo parecido."

"Eu não vou dormir esta noite." Madison cambaleou. Ela se virou e colocou a mão na maçaneta.

"Que faz de nós dois." A mente de Emily estava disparada desde o momento em que ela se deitou. Não mostrou nenhum sinal de desaceleração. A postura geralmente perfeita de sua irmã tocou o peito de Emily. “Sinto muito, Madison. Eu sei o quão próximo você era de Lindsay.”

Sua irmã fez uma pausa. “Talvez não estivéssemos tão próximos quanto eu pensava”, ela disse suavemente. Ela abriu a porta e foi embora, com uma das mãos na parede para manter o equilíbrio.

Emily ouviu seus passos. A porta de Madison abriu e fechou.

O que isso significa?

“O boletim meteorológico diz que uma forte tempestade está chegando em breve”, comentou Ava ao se encontrar com Zander no estacionamento da lanchonete na manhã seguinte. Zander não ficou surpreso. O vento quase bateu a porta do SUV no carro ao lado dele quando ele saiu. Não estava chovendo, mas o ar estava pesado com uma umidade fria e salgada.

A manhã estava cinzenta e deprimente novamente. Miserável. Mas uma dúzia de veículos estava estacionado no estacionamento do Barton Diner. Ele os julgou como veículos locais. Caminhões pesados e pequenos sedãs antigos que foram desgastados pelo vento e pelo sal. Zander estava faminto por comida e calor. O restaurante em cabana de madeira emitia uma vibração acolhedora e uma promessa de bom café e comida farta. Não há dúvida de que os habitantes locais vieram pelas mesmas razões.

Lá dentro, ele automaticamente procurou por Emily, mas não a viu, e a decepção explodiu brevemente. O restaurante estava meio cheio e o cheiro de bacon fez seu estômago roncar, voltando a se concentrar na comida. Madison se aproximou com uma cafeteira na mão. Seu jeans preto era feito com mais buracos do que tecido, e a blusa de cetim rosa choque machucava seus olhos. “Sente-se em qualquer lugar e já estarei com você.” Ela entregou-lhes dois cardápios e saiu andando com saltos altos vermelhos.

Pelo canto do olho, ele viu as sobranceiras de Ava se erguerem. Eles pegaram o estande mais próximo, perto de uma janela, e abriram seus cardápios. O olhar de Ava seguiu Madison. “Essa não pode ser a irmã da nossa testemunha.”

“Isso é.”

“Ela não se parece em nada com ela.” Ava estudou a garçonete. “Mas eu gosto do cabelo dela. E confiança.”

Zander se virou para olhar. Ele não tinha notado o cabelo de Madison, mas agora viu que estava em um coque complexo e bagunçado na nuca. Ela serviu café, retirou os pratos e entregou um pedido sem perder o passo.

“Ela tem o controle do chão,” Ava continuou. “Não sinto falta de nada.”

“Você serviu mesas?”

“Faculdade. E um pouco depois. Não é um trabalho fácil.”

Observando Madison trabalhar com eficiência, ele se perguntou como seria o relacionamento dela com Emily. Ele aprendeu um pouco sobre Tara

e Emily na mansão ontem, mas não sobre Madison.

Ele precisava se concentrar nos assassinatos, não nas três irmãs. “Você conversou com os parentes de Sean Fitch ontem?” ele perguntou a Ava.

“O xerife ainda não havia entrado em contato com sua família, então solicitei que um agente do escritório de Portland os visitasse e os informasse pessoalmente. Ele deu-lhes meu número e disse-lhes para ligarem quando estivessem prontos para conversar. Seu pai me ligou em poucas horas. Como você pode imaginar, eles estão magoados e confusos.”

Madison apareceu na mesa deles. “Café?”

“Por favor,” Zander e Ava responderam em uníssono. Madison virou as xícaras de café sobre a mesa e serviu.

“Você sabe o que quer?”

Zander pediu uma omelete de clara de ovo e Ava pediu torrada francesa de maçã com acompanhamento de ovos. Ele olhou para o cardápio e viu que o dela vinha com chantilly e calda de caramelo.

Ele imediatamente se arrependeu de seu pedido.

Madison não escreveu nada, mas sorriu ao pegar os cardápios.

“Isso não é café da manhã”, disse Zander depois que ela saiu. “Você pediu sobremesa.”

“É por isso que adicionei os ovos. Qualquer lugar pode fazer uma omelete. Julgo um restaurante pela torrada francesa. Existem centenas de maneiras de fazer isso e gosto de ver se os lugares são preguiçosos ou únicos.”

“Acho que você está esperando muito de um restaurante rural.”

“Veremos.” Seu sorriso era presunçoso.

“O que o pai de Sean tem a dizer?” Zander os conduziu de volta ao caso.

O sorriso de Ava desapareceu. “Ele estava em choque, é claro. A mãe de Sean não estava pronta para conversar, mas o pai queria respostas.”

“O que você não tinha.”

“A família está duplamente chocada com a possibilidade de se tratar de um crime de ódio. Na verdade, o pai dele acredita plenamente que sim, não porque Sean lhe disse que havia problemas, mas por causa da cena.”

“Ele sabe como seu filho foi encontrado?”

“Ele faz.” Ava baixou o olhar para o café e envolveu a caneca com as mãos como se estivessem frias. “Nunca tive um caso como este”, disse ela

suavemente.

“Nem eu”, admitiu Zander.

“O pai disse que disse a Sean para não se casar com Lindsay.”

"Cristo. Porque ela era branca?"

Ava assentiu. “Ele gostava de Lindsay. Ele sabia que eles estavam apaixonados, mas não queria que seu filho lidasse com o estresse adicional que pode advir de um casamento mestiço. Ele disse que a vida já é difícil o suficiente.

Zander praguejou baixinho.

Ambos ficaram em silêncio por um longo segundo.

“Ele não sabia quem poderia machucar seu filho”, continuou Ava. “Declarou que Sean sempre foi um cara tranquilo e com muitos amigos. Ele não tinha notícias de Sean há várias semanas, mas disse que isso era normal. Quero falar com ele cara a cara em algum momento. Ele me deu alguns nomes de amigos de Sean e tentarei contatá-los hoje.”

“E a família de Lindsay?”

Ava olhou pela janela, a frustração formando uma linha entre suas sobrancelhas. “Não consigo encontrar muita coisa. A mãe dela morreu há alguns anos e ela se divorciou do pai de Lindsay quando Lindsay era criança. Ela nunca se casou novamente. Nenhuma outra criança. Estou tentando encontrar o pai, mas ele tem sido esquivo.”

"Amigos?"

Ela fez uma careta. “Terei que usar seu antigo histórico de trabalho e entrar em contato com seus empregadores anteriores para encontrar qualquer informação pessoal. O pai de Sean não ajudou muito. Ele disse que ela tinha alguns amigos presentes no casamento, mas nenhuma família.

“Talvez o pai dela tenha falecido.”

“O pai de Sean tinha a impressão de que eles estavam afastados de alguma forma, mas não tinha certeza de que ele estava vivo. Afirma que Sean disse que não gostava de falar sobre sua família. Parece que ela não manteve contato com ninguém. Não sei se encontraremos uma pista sobre o passado dela.”

Zander olhou para Madison, que estava enchendo copos de água e conversando com uma mesa cheia de homens com botas de trabalho pesadas e casacos. “Emily Mills diz que Madison era a melhor amiga de Lindsay.”

"Bom saber. Vou colocá-la no topo da minha lista. Tenho certeza de que ela pode me dizer com quem mais Lindsay conviveu. E as autópsias? Você teve notícias do médico legista?"

"Dr. Rutledge me ligou às seis da manhã.

Os olhos de Ava se arregalaram. "Deixe-me adivinhar. Ele já estava no trabalho.

"Sim. Queria me informar que ele planejava realizar as duas autópsias esta manhã. Zander suspirou. "Acho que respondi de forma coerente."

"E é muito cedo para esperar notícias do laboratório criminal estadual."

"Definitivamente. Eu pedi processamento prioritário no laptop de Sean que foi enviado para nosso laboratório de informática forense em Portland."

"Todo mundo quer prioridade", comentou Ava.

"Verdadeiro. E o grande suspiro do gerente quando pedi isso não me deu muita esperança."

Ambos tomaram um gole de café. As evidências forenses levaram tempo. A TV ensinou ao público que a perícia forense poderia resolver um crime em uma hora, mas na maioria das vezes isso levava meses. Zander sabia que poderia usar o laboratório do FBI no leste se precisasse que uma determinada evidência fosse tratada rapidamente, mas preferia usá-lo seletivamente em vez de inundá-lo com cada fragmento de evidência de uma cena. À medida que a investigação prosseguia, ele definia quais evidências tinham precedência.

Madison apareceu com o pedido e pousou os pratos com eficiência. O sorriso de Ava se alargou enquanto ela estudava sua torrada francesa. A omelete enorme de Zander estava recheada com pimentões e cebolas salteados, e um molho de queijo parmesão escorria pelas laterais.

"Você precisa de mais alguma coisa?" Madison perguntou.

"Parece perfeito", disse Ava. Ela já deu uma mordida fofa no garfo, indo em direção à boca. Sua expressão feliz após a mordida lembrou a Zander por que ele já esteve meio apaixonado por ela. Ele contou a ela seus sentimentos no outono passado, durante sua bebedeira depressiva de álcool, uma vez por ano, mas isso não afetou sua amizade ou relacionamento de trabalho. O fato de seu noivo ser um cara legal e um amigo próximo facilitou o caminho depois que Zander se recuperou do constrangimento agudo de compartilhar seus segredos mais profundos em seu momento mais baixo.

"Bom?" ele perguntou.

"Incrível. Não sei o que cobre isso, mas a crocância frita é perfeita. Com uma piscadela, ela cortou uma fatia ao meio e transferiu para o prato dele.

Ele provou sua omelete e um sabor inesperado explodiu em sua boca. Ele deu três mordidas rápidas, não mais se arrependendo da escolha.

“Como está seu quarto?” Ava perguntou entre garfadas.

Ele bufou e ela sorriu em compreensão.

Seu quarto de hotel era simples e não era atualizado desde a década de 1980.

Ele não se importou; ele poderia dormir em qualquer lugar. Mas ele não se importou com o cheiro terroso da umidade. Ela permeava o carpete e as cortinas. A roupa de cama e as toalhas estavam limpas, mas esta manhã suas roupas pareciam moles por causa do ar úmido.

Os dois tomaram o café da manhã rapidamente e estavam tomando café quando Zander viu Emily sair da cozinha. Ela usava uma jaqueta, então ele presumiu que ela tivesse acabado de chegar. Ela parou para conversar com uma mesa de quatro mulheres, cada uma com um bebê ou criança pequena no colo. Algum tipo de grupo de mães, ele supôs. Ela admirou cada bebê e depois deu um tapinha no ombro de uma mãe. A garotinha sorridente da mulher o fez respirar fundo e se concentrar em seu café.

Ele olhou para cima para pegar Ava olhando para ele, seu olhar deliberadamente vazio. Ela sabiamente não disse nada.

"Bom dia." Emily parou na mesa deles. “Como foi seu café da manhã?”

“Incrível”, afirmou Ava ao mesmo tempo que Zander respondeu: “Ótimo”.

“Fico feliz em ouvir isso.”

“Emily, gostaria de falar com Madison”, Ava disse a ela. “Quando ela sai do trabalho?”

Emily franziu a testa. "Pelo que?"

A relutância dela chamou a atenção de Zander. Irmã superprotetora?

“Eu bati em uma barreira com os parentes mais próximos de Lindsay. Eu esperava que ela pudesse ajudar.

"Oh." Emily olhou por cima do ombro para a irmã. Madison tinha quatro pratos de café da manhã equilibrados nos braços enquanto caminhava até o final do restaurante. “Assim que a correria do café da manhã terminar, ela terá tempo.”

O telefone de Zander tocou e Emily se afastou. O nome do xerife Greer estava na tela.

“Poços”, respondeu Zander.

“Greer aqui. Recebi uma ligação de um gerente de bar dizendo que Sean Fitch brigou num bar na noite anterior à sua morte.

"Onde?" O coração de Zander acelerou.

“Lugar de Patrick. Mergulho local.”

“Eles abrem tão cedo? Quem é o gerente?”

“Eles não estão abertos, mas Paul Parish é o gerente e está lá agora. Ele nos deixará entrar.

O aborrecimento desapareceu brevemente ao pensar no xerife observando enquanto Zander conduzia uma entrevista. Ou talvez esperasse que Zander o observasse entrevistar o gerente.

“Estarei aí em alguns minutos”, disse Zander antes de desligar. “Sean Fitch supostamente brigou em um bar na noite anterior”, ele disse a Ava.

Seus olhos se arregalaram. "Interessante."

“O xerife disse que me encontrará no bar.”

Ela torceu o nariz. "Aproveitar. Falarei com Madison assim que este lugar ficar um pouco mais vazio.

Ele saiu da cabine e vestiu o casaco. “Check-in mais tarde?”

"Absolutamente."

Nenhum veículo do xerife estava presente em Patrick's Place.

Por dois segundos, Zander considerou esperar pelo xerife Greer e então saiu do veículo. Patrick's Place ficava à beira-mar. Na verdade, a maior parte do edifício projetava-se sobre o oceano, equilibrado sobre uma rede de estacas e vigas pesadas. O prédio baixo e térreo não tinha janelas na frente, e Zander esperava que houvesse janelas voltadas para o mar para aproveitar a vista.

Podia ser um imóvel de primeira linha, mas o estacionamento era de cascalho com vidros quebrados espalhados. As ondas giravam em torno das estacas conforme ele se aproximava, deixando uma espuma branca e suja grudada na madeira. Deveria ser um bar bonito em um local ideal. Em vez disso, parecia cansado e esgotado. O prédio rangeu quando as ondas recuaram, e Zander se perguntou se ele estava colocando sua vida em risco ao entrar nele. A luz neon laranja acima da porta formava o nome de maneira descuidada, parecendo ler PATRICK'S LACE.

Não é um bom nome para um bar de mergulho.

A porta da frente se abriu e um cara de trinta anos, com uma barba espessa e um chapéu cinza saiu, olhando diretamente para Zander. "Você, agente Wells?"

"Eu sou. Paulo?"

"Sim."

Eles apertaram as mãos. "Paul Parish em Patrick's Place", disse Zander com um sorriso. "Isso é alguma aliteração."

Paul piscou para ele. "Uh . . . sim."

Ele não entende.

"Não existe mais Patrick", disse Paul, ainda olhando Zander com confusão. "Ele morreu há cerca de cinco anos."

"Quem é o dono do bar agora?" Zander pediu para afastar a conversa de seu comentário de aliteração.

"Eu faço."

"O xerife me disse que você é o gerente."

"Eu também sou isso. Eu era empresário quando Patrick ainda estava por perto, então as pessoas estão acostumadas a me chamar assim."

"Então, o que aconteceu na quinta à noite?"

Paul mexeu os pés e olhou para a estrada além de Zander. “Provavelmente deveria esperar pelo xerife, já que se trata de.... . . um assassinato. Não posso acreditar que Sean se foi.”

Zander estudou o desconforto no rosto de Paul. “Que tal você me mostrar seu bar enquanto esperamos. Este é um ótimo local.”

O rosto do proprietário se iluminou. "Pode fazer." Ele puxou a pesada maçaneta de madeira da porta, e a porta gemeu ao se abrir. Zander entrou e foi saudado pelos odores de cerveja velha e gordura de fritadeira. O interior estava bem iluminado; cada risco no piso sujo e arranhões nas mesas eram visíveis. Sem dúvida a iluminação foi desligada à noite. O verdadeiro bar com prateleiras de bebidas alcoólicas e bancos estava espalhado na parte de trás do prédio.

Não havia janelas.

Mesas quadradas regulares ocupavam a maior parte do chão, as cadeiras de cabeça para baixo sobre as mesas, deixando o chão disponível para esfregar. Um canto do bar estava vazio. Uma bola de discoteca imóvel estava pendurada acima da clareira e uma jukebox estava próxima.

“Belo lugar”, disse Zander. “Negócios bons?”

“O inverno é lento. O verão é melhor.

“Recebe muitos turistas durante o verão?”

"Alguns. O Jiggy Bar na mesma rua ganha mais. Tem janelas e acho que os turistas gostam de poder ver o interior de um novo lugar antes de entrar.”

“Então você deveria colocar algumas janelas. Janelas na parte traseira também. É uma pena perder a vista para o mar.”

Paul encolheu os ombros com um ombro só. "Talvez algum dia."

Zander se perguntou se seu desinteresse era por causa do custo ou se ele não se importava com mudanças.

A porta da frente se abriu e o xerife Greer apareceu. Pelo canto do olho, Zander viu o alívio no rosto de Paul.

Estou tão desconfortável para conversar?

“Ei, Paulo. Bom te ver. Você também, Agente Wells. Greer acenou com a cabeça para Zander enquanto ele tirava o chapéu. "Desculpe estou atrasado. Você pode recapitular o que abordou até agora? Ele olhou de Zander para Paul.

“Nada ainda”, disse Paul.

A satisfação cruzou o rosto de Greer. "Bom. Explique-nos isso.

“Bem, eu estava atendendo em um bar, geralmente faço isso nas noites de quinta-feira. Provavelmente havia vinte pessoas lá dentro. Um jogo de basquete estava passando na TV. Paul apontou para uma pequena tela atrás do bar. “Sean chegou por volta... ah, provavelmente eram oito ou mais.”

“Você tem câmeras?” Zander perguntou, examinando o teto e os cantos.

"Não. Pelo que?"

Zander olhou para ele. “Em caso de crimes. Lutas. Roubos.

Paul acenou com a mão. “Não vale o investimento para mim. Nunca fomos assaltados — a não ser que você conte a vez em que quatro punks universitários decidiram se servir de meia dúzia de garrafas de vodca. Meus clientes os impediram de sair”, disse ele com um floreio.

“Eu me lembro disso”, concordou Greer. “Dois tinham identidades falsas. Foi um prazer entrar em contato com seus pais.”

“Então, de volta ao Sean. Oito horas. Quinta-feira.” Zander redirecionou as reminiscências.

Paul passou a mão pela barba. “Sean estava sentado bem ali.” Ele apontou para uma banquetta no centro do bar. “Sua bebida habitual é Coors Light.”

“Ele vem muito?” Zander perguntou.

"Na verdade. Talvez uma vez por semana.

Isso parecia frequente para Zander, mas talvez não para o dono de um bar.

“Lindsay alguma vez veio com ele?” ele perguntou.

“Não. Não a vi aqui.

"Você sabe quem ela é?"

"Eu faço. A vi pela cidade e no restaurante.

Zander notou que Paul se referia a Sean e Lindsay no presente. Provavelmente era mais confortável para ele. Suas mortes ainda não haviam sido percebidas. “Presumo que Sean fale com você se estiver sentado no bar?” Zander perguntou, mencionando o casal no mesmo tempo verbal. “Do que ele está falando?”

Paulo franziu a testa. "Não sei. Basquetebol? Às vezes ele conta histórias engraçadas sobre as crianças da escola. Mas ele nunca diz seus nomes — acrescentou rapidamente. “Só me conta sobre a merda que eles fazem.”

“Com quem ele sai quando está aqui?”

O proprietário cruzou os braços. “Achei que você queria saber o que aconteceu na quinta-feira.”

“Eu faço. Também estou tentando obter uma imagem melhor da vítima.”

“Essas são perguntas bastante padronizadas”, acrescentou Greer.

Zander gostou do apoio, já que até agora o xerife permaneceu em silêncio.

Paul torceu a boca enquanto se concentrava. “Sean não destaca ninguém. Ele apenas conversa com quem está mais próximo.”

“Como estava Sean na quinta-feira? Falante? Ele estava assistindo ao jogo?”

“Ele não falou muito na quinta-feira. Acho que ele assistiu principalmente ao jogo, mas já estava aqui há uma hora antes que os irmãos Osburne o atacassem.

Zander falou com o xerife. “Irmãos Osburne?”

O Xerife Greer fez uma careta. “Encrenqueiros. Não são as lâmpadas mais brilhantes da caixa. Já lidei com eles pelo menos meia dúzia de vezes por dirigir alcoolizado, brigas e excesso de velocidade. Eles geralmente são suaves, a menos que estejam bebendo.”

Paul estava concordando com as palavras do xerife. “Tive que interrompê-los ou pedir que saíssem algumas vezes. Kyle é um bêbado desagradável. Um dos meus bartenders teve muitos problemas com ele.

“E o outro irmão?” perguntou Zander.

“Billy”, disse Greer. “Segue o exemplo de seu irmão. Ambos grandões, mas Kyle provavelmente tem trinta quilos a mais que Billy.

“Os dois juntos não criam um cérebro inteiro”, acrescentou Paul.

O xerife Greer bufou. “Você acertou.”

“OK.” Zander tinha uma boa imagem dos homens. “Quem abordou quem?”

“Bem, eu não vi quando tudo começou. Ouvi o estrondo e me virei. Sean estava no chão e seu banco foi derrubado, com Billy balançando e chutando ele, então acho que ele se aproximou de Sean.”

“O que você fez?”

“Peguei meu bastão.” Ele deu a volta no bar e puxou um bastão escondido de uma prateleira baixa. “Gritei para eles terminarem, mas eu estava deste lado do bar e eles me ignoraram. Bem, Billy me ignorou. Sean

havia se levantado, mas estava focado em evitar os punhos e as botas de Billy.”

“O que Kyle estava fazendo?”

“Segurando a multidão”, disse Paul, apoiando o taco no ombro. “Algumas pessoas tentaram se envolver, mas poucas enfrentarão Kyle ou Billy quando estão chateados. Contornei o bar e bati meu bastão em alguns quadris para abrir caminho. Quando passei pela multidão, apontei meu bastão para Kyle e disse-lhe para tirar Billy de cima de Sean. Ambos já estavam de volta ao chão. Kyle me deu um sorriso de merda, agarrou a camisa do irmão e puxou-o de cima de Sean. Eu ordenei que eles saíssem e eles foram embora.

“Você não chamou a polícia?” Zander perguntou.

Paul olhou para o xerife Greer. “Eles têm coisas melhores para fazer do que brigar. Acabou e Sean conseguiu ficar de pé. Dei-lhe uma cerveja por conta da casa, peguei seu banquinho e ele voltou a assistir ao jogo. Foi resolvido.”

“Sean não se machucou?”

“Ah, ele estava sofrendo. Preparei um saco de gelo para seu lábio e notei que ele se movia com rigidez quando finalmente saiu.

Zander fez uma anotação mental para perguntar ao médico legista sobre escoriações e hematomas.

“Alguém perguntou a ele como tudo começou?”

“Não sei. Eu não. Ninguém fica surpreso quando os irmãos Osburne agem”.

“Você acha que a raça de Sean teve alguma coisa a ver com isso?”

Paulo fez uma careta. “Não sei. Não ouvi o que foi dito entre eles. Seu rosto clareou. “Mas eu lhe disse que um dos meus bartenders sempre tem problemas com os Osburnes – ele é mexicano. Eles dão a ele uma merda sobre isso.

Dois caras fortes. Possivelmente racista.

Os irmãos Osburne estavam verificando algumas coisas.

“Você percebeu quando Sean saiu?”

Paulo pensou muito. “Ele saiu logo após o jogo. Lembro que ele ficou desapontado com quem ganhou. Ele jogou algum dinheiro na cerveja e saiu. Não acredito que ele nunca mais voltará”, disse Paul com voz atordoada.

“Você pode nos dar alguns nomes de outras pessoas que testemunharam a luta?” sugeriu Zander.

Paulo hesitou.

“Não precisamos dizer que foi você quem nos deu os nomes. Havia muitas pessoas lá que poderiam ter identificado outras pessoas.”

O rosto de Paul clareou e ele recitou três nomes, que o xerife anotou.

Verificar a que horas o jogo terminou seria bastante fácil. Pelo menos Zander sabia que Sean ainda estava vivo naquele momento. Ele falou com o xerife. “Podemos visitar os Osburnes?”

“Vou mostrar onde eles moram”, disse Greer enquanto se virava para a porta.

“Ei, xerife”, disse Paul. “Você vai fazer um clube do livro amanhã?”

Zander ficou boquiaberto com Paul. Clube do Livro?

Greer fez uma pausa. “Sua esposa está fazendo molho de nacho?” o xerife perguntou esperançoso.

"Sim."

“Ainda não li o livro.”

“Você deveria começar. É bom sobre uma conspiração real para matar George Washington, mas você sabe que não importa se você leu o livro. Apenas apareça.

"Eu estarei lá." O xerife continuou em direção à porta.

Zander o seguiu silenciosamente, lembrando-se de nunca fazer suposições.

10

Emily estacionou na clareira silenciosa e torceu para que os fantasmas se afastassem.

A pilha de entulho ficava menor a cada ano à medida que se decompunha – chuva, sol e o tempo quebrando os componentes. Pequenos grãos foram levados pelo vento. Samambaias e gramíneas selvagens brotaram. Na sua morte, a velha casa deu vida a pequenos vislumbres da natureza.

Depois do incêndio, a casa de sua infância foi derrubada, mas ninguém levou nada embora. Ela se perguntou que tipo de produtos químicos haviam penetrado no solo. Quais elementos não-biodegradáveis ainda estariam presentes daqui a cem anos.

Ninguém se importou.

Ao sair do carro – com pneus novos – ela calculou que já se passaram quatro anos desde que visitou o local onde seu pai morreu e sua casa foi totalmente queimada.

Ainda doeu.

Boas lembranças surgiram. Esconde-esconde com suas irmãs. O dia em que o pai dela colocou um balanço. Dias preguiçosos de verão fazendo “casas” na grama alta. Mordidas de insetos. Hera venenosa que coçava e a fazia chorar. A mãe amarrara luvas em suas mãos e Emily as rasgara com os dentes, desesperada para coçar.

Nem todas as boas lembranças.

Mas as lembranças da hera venenosa eram melhores do que a noite em que seu pai foi assassinado.

Luzes de polícia piscando. Sirenes de bombeiros. Suas mangueiras e água.

Madison agarrou-se à mãe, com o rosto enterrado no casaco da mãe. As chamas iluminaram o rosto da mãe enquanto ela observava o fogo crescer e a casa começar a desabar. Choque. Temer. Isso não estava acontecendo. Isso tinha que ser um sonho. Emily se agarrou firmemente ao braço da mãe. Sua mãe não disse nada, olhando estupidamente para as chamas, e o olhar de Emily procurou ao redor. Os bombeiros correram e gritaram. A polícia fez o mesmo.

Um policial se aproximou, com o rosto sombrio. E Emily sabia que eles tinham encontrado o pai dela.

Não foi um sonho.

Os pneus rangeram quando um veículo se aproximou atrás dela. Emily se virou e seu coração afundou.

Brett.

O SUV do Departamento de Polícia de Astoria estacionou e ela viu que seu ex-marido não estava de uniforme. Era sábado. Seu dia de folga. Depois de cinco anos, ela ainda se lembrava da agenda dele. Aborrecimento a atingiu. Por que seu cérebro reteve minúcias da vida do ex-marido?

Como ele sabe que estou aqui?

Ele não tinha motivo para estar nesta propriedade. Isso significava que ele a seguiu.

A raiva fervia sob sua pele. Mas ela não demonstrou nenhuma emoção.

Um hábito. Um hábito protetor perto de Brett.

Sua porta bateu e ele caminhou até ela, olhando com indiferença para o monte de escombros e as árvores ao redor. Sua casualidade estava planejada; ele não fez nada indiferentemente. Especialmente quando ela estava envolvida.

“Ei”, ele disse. Mais indiferença.

Como se não fosse estranho que eles tivessem se cruzado a um quilômetro e meio da cidade, na orla da floresta.

Onde ninguém foi.

"Ei."

“Vi você passar por mim na cidade. Acenei, mas você não me viu. Ele parou a um metro de distância dela, os olhos castanhos fixos nos dela.

Seu estômago revirou. Certa vez, ela derreteu quando aqueles olhos se voltaram para ela. Ela ansiava que ele a notasse e, quando finalmente o fez, ela acreditou que seu mundo era perfeito. Agora significava que ele a estava analisando, procurando nuances, procurando subtextos em cada movimento que ela fazia e em cada palavra que dizia. Estudando-a como um inseto ao microscópio.

Ela ficou muito quieta.

"Você tem razão. Eu não vi você."

“Eu vi para onde você se virou e sabia que só poderia haver um destino.” A preocupação brilhou em seu rosto. “Não me diga que você vem

muito aqui.”

"Eu não."

Ao mesmo tempo, ele era tudo o que ela pensava que queria. Força. Maturidade. Amor. Ele era seis anos mais velho que ela e ela o adorava desde os dez anos. Quando ela tinha dezoito anos, ele finalmente olhou em sua direção e gostou do que viu. Ele se tornou a base de sua vida.

E então o governante de sua vida.

Eles se casaram dois anos depois e tudo começou com pequenas coisas. Perguntas sobre onde ela esteve. Querendo respostas imediatas para cada texto. Avisos sobre seus amigos homens: os caras só têm uma coisa em mente. Pedindo a ela para ficar com ele em vez de comparecer à noite normal das garotas.

Ela fez o que ele pediu, lisonjeada por ele desejar toda a sua atenção, resultado de seu profundo amor por ela.

Mas então os pedidos lentamente apertaram seu pescoço.

Por que ele não deveria ter a senha do e-mail dela? O que ela estava escondendo?

Por que ela conversou com amigos homens? Ele não foi suficiente?

Por que ele não podia acompanhá-la quando ela saía com as amigas? Eles também eram seus amigos.

Quando ela recusava alguma coisa, ele questionava e a envolvia calmamente por horas, tentando convencê-la a ver o seu lado. Ele a amava, ele a tratava como uma rainha. Por que ela não deveria fazer algumas pequenas coisas para ajudá-lo a se sentir mais seguro no relacionamento?

Tornou-se mais fácil fazer o que ele pedia para evitar conversas emocionalmente desgastantes e de horas de duração. Com o tempo, ela aprendeu a pisar em ovos perto dele, tentando mantê-lo feliz e contente.

O escrutínio constante aumentou seus níveis de estresse e a desgastou. Ela percebeu que não poderia mais viver sob o mesmo teto que ele e pediu o divórcio.

Ele estava inseguro. Não era responsabilidade dela cuidar disso.

Ele foi até a pilha de entulho e chutou uma velha telha. “Eu odeio este lugar”, disse ele. “Não gosto do que isso representa. Sua vida virou de cabeça para baixo naquele dia.”

"Sim." Como se eu não estivesse totalmente ciente. Um gosto ácido de raiva encheu sua boca.

Ele olhou para ela, seus olhos escuros. "Eu me preocupo com você."

Ela controlou seu arrepio. "Estou bem. Gosto do silêncio daqui."

"Você consegue encontrar tranquilidade em um lugar onde seu pai foi assassinado e sua casa incendiada?"

Idiota. Ele disse isso deliberadamente, querendo torcer a faca em seu coração sob o pretexto de preocupação.

"É verdade." Mantenha as respostas curtas.

"Toda a sua vida seguiu um novo caminho. Sua irmã foi embora e então sua mãe morreu."

Ele afundou a faca até o cabo.

Ela contou silenciosamente enquanto inspirava e expirava, controlando a respiração, mantendo a calma.

"Presumo que você ainda não tenha ouvido falar de Tara." Ele se virou para casa enquanto falava.

"Não. Você procurou por ela?"

Na delegacia, Brett teve acesso a ferramentas de busca que o cidadão comum não tinha. Mas durante o casamento, ela nunca pediu que ele olhasse. Eles raramente falavam sobre Tara.

Ele e Tara namoraram por vários meses durante o último ano dela, terminando apenas algumas semanas antes de seu pai ser assassinado.

"Não, nunca procurei por ela", disse ele. "Não é da minha conta. Ela terminou comigo, lembra? E ela sempre falava em sair dessa cidade de merda. Ela estava de olho em coisas maiores, então não estou surpreso que ela tenha nos deixado para trás." Ele encolheu os ombros.

Emily não acreditava nisso. Brett não gostou que Tara tivesse saído sem olhar para ele. Sua insegurança o impediu de entender como isso poderia acontecer com ele.

Ela suspeitava que ele a procurou e falhou.

Mas seu ego não lhe permitiu admitir isso.

"Madison pesquisou extensivamente", afirmou Emily, observando-o. Ela aprendeu a lê-lo com a mesma atenção que ele a lia. Durante os últimos meses de casamento, eles circulavam hesitantemente um ao outro, cada um constantemente adivinhando o que o outro estava pensando, a comunicação verbal no banheiro. Toda a confiança se foi.

"Oh. Bom para ela. Mas nada?"

Ele é muito casual. Ele quer saber.

Ele ainda a quer depois de todos esses anos?

Emily sempre ficava em segundo lugar. Segunda irmã. Segunda chance.

No fundo, ela sabia que ele não a amava o suficiente – ela era apenas mais uma mulher apaixonada para reforçar sua insegurança – mas escolheu ignorar isso. Em vez disso, ela esperava ingenuamente substituir Tara no coração de Brett.

Mais tarde ela percebeu que ele não tinha Tara em seu coração; ele simplesmente não conseguia aceitar que ela o tivesse largado. Virou uma obsessão.

“Madison não a encontrou. Ela acha que Tara mudou de nome.”

Ele assentiu. "Faz sentido." Ele se virou para ela, seu olhar sondando. “Quer tomar uma xícara de café?”

Ela enrijeceu. Nada seria mais desconfortável. “Não, preciso voltar para o restaurante.”

"OK. Eu vou te seguir.

Como diabos você vai. "Vá em frente. Vou passar mais alguns minutos aqui. Lembranças, você sabe — ela disse, procurando um motivo para fazê-lo ir embora.

Ele a estudou por um momento.

Ele ainda era atraente. Seu cérebro reconheceu isso mesmo que seu coração gritasse para ela fugir.

"Emily . . . não éramos tão ruins juntos, não é? Ele parecia apreensivo, mas curioso.

Ela não conseguia falar. O tempo apagou tudo o que ela lhe explicou?

A insegurança dele a transformou na sombra da mulher independente que ela era. Demorou mais de um ano para ela recuperar a confiança.

“Já se passaram cinco anos, Brett. Não vou recomeçar esta discussão. Dissemos tudo o que precisava ser dito.”

Ele franziu a testa. "Eu sei mas-"

"Sem desculpas. Por que perder tempo examinando algo que já acabou há muito tempo?

“Mas quando estamos juntos, como agora, parece...”

"Errado. Parece muito, muito errado.” Ela olhou, seus olhos implorando para que ele parasse.

Os cantos dos lábios dele caíram e as sobrancelhas se juntaram, enviando um leve pânico pela espinha dela. Emily conhecia os sinais. Ele

estava se preparando para argumentar até que ela simplesmente cedeu, exausta.

Mas eles não eram mais casados.

“Vá para casa, Brett.” Ela se virou e ergueu a mão em despedida, esperando que ele entendesse a dica. Sem esperar para descobrir, ela se dirigiu até a linha das árvores, passando pelo que costumava ser o quintal da casa. Ela caminhava cegamente, sua audição sintonizada com o som da porta do carro.

O alívio a inundou quando a porta finalmente abriu e fechou. Um momento depois o motor ligou.

Obrigado, Deus.

Ela não falava com ele há meses. O que diabos o levou a tentar uma possível reconciliação hoje? Perda de memória de curto prazo?

Ocasionalmente ela o via dirigindo pela cidade – ele ainda morava em Bartonville. Ela odiava sentir o coração apertar toda vez que via um SUV da polícia de Astoria, e virou a cabeça para ver se era ele.

A separação deles foi feia.

Ela parou bruscamente e Brett desapareceu de seus pensamentos enquanto olhava para o pequeno tronco da árvore.

Anos atrás, depois que Chet Carlson foi preso pelo assassinato de seu pai, alguém derrubou a árvore. Ela nunca soube quem. Ela nunca perguntou e ninguém tocou no assunto. A destruição parecia justificada e sem dúvida foi um momento de cura para alguém. Há muito ela suspeitava que uma de suas tias-avós havia cortado a árvore.

Mas ver o toco era sempre um choque.

Ela passou pelo toco e caminhou até os abetos. O vento soprava em seus galhos, fazendo as árvores colossais balançarem suavemente. O chão estava encharcado. Semanas de chuva contínua transformaram toda aquela ponta do estado num local encharcado. Ela parou e apoiou a mão num tronco, sentindo as vibrações na casca enquanto ela balançava. Por hábito, ela examinou o chão ao redor das árvores, procurando por rachaduras, sinais de que o vento havia soltado a raiz de uma das árvores gigantes. Era raro que uma das árvores caísse, mas uma forte tempestade de vento após semanas de chuva poderia causar um desastre.

Ela tinha visto casas destruídas pelas imensas árvores. Sua mãe sempre se preocupou com a queda de abetos quando moravam na casinha. Ela

costumava caminhar pela floresta, procurando rachaduras depois de fortes chuvas e ventos.

Firs não era o fim da casa.

Sua garganta ficou grossa e ela não conseguia engolir. As lágrimas ameaçaram e ela as deixou rolar. Ninguém estava aqui para vê-la. Sem olhares indiscretos ou perguntas incisivas para responder. Ela se apoiou em um abeto e se permitiu sentir. Sinta a dor, a perda e a raiva pela destruição de sua família. Ele irrompeu, inundando-a, e ela se curvou pela cintura, envolvendo os braços em volta do abdômen. Ela perdeu o pai e a casa, depois Tara e depois a mãe. Um efeito dominó que começou com a morte violenta do pai.

Quinze segundos depois, a avalanche de emoções passou, deixando-a esgotada, com suor nas têmporas e com falta de ar. Uma dor de cabeça ameaçava a base de seu crânio e suas pernas pareciam gravetos fracos. Esta não foi a primeira vez que ela desmoronou neste lugar.

Foi uma das razões pelas quais ela ficou longe.

Ela estremeceu e olhou em volta, avistando o toco entre os abetos.

O resto da floresta desapareceu enquanto ela olhava para a mancha entre a vegetação selvagem.

Algo aconteceu aqui, dizia o toco.

Algo mortal. Algo definitivo. Algo irrevogável.

Chet Carlson foi condenada à prisão perpétua pelo assassinato de seu pai, e a punição foi um pequeno curativo em seu coração ferido. Ajudou. Mas não sarou.

Não havia ninguém para punir pelo suicídio de sua mãe. Emily culpava Chet Carlson, mas sabia que sua mãe e os adultos que afirmavam amá-la também compartilhavam um pouco da culpa. A passagem do tempo aplicou uma tentativa de proteção em torno de sua dor. Às vezes, a proteção se mantinha firme; outras vezes, deixava a dor penetrar.

Neste momento a dor se infiltrou, inflamada pela visão dos patéticos restos da casa.

E a memória ressurgente da traição de Tara.

Um telefonema de Seth Rutledge, o médico legista, atrasou os planos de Zander de visitar os irmãos Osburne.

Rutledge pegou Zander no estacionamento do Patrick's Place. Ele disse ter resultados preliminares das autópsias de Sean e Lindsay Fitch. Zander juntou-se ao xerife Greer em seu SUV municipal, espremendo-se sob o computador e o monitor que se projetavam na metade do banco do passageiro – um aborrecimento típico na frente de um veículo policial – e colocou o telefone no viva-voz.

“Vá em frente, Seth. O xerife Greer também está aqui.”

"Bom Dia galera." A voz do Dr. Rutledge encheu o veículo.

“Não me diga que você já terminou”, disse Greer.

“Começo cedo”, respondeu o Dr. Rutledge. “Uma autópsia típica leva cerca de duas horas. Às vezes mais, às vezes menos.”

“Acredito que você tenha sido extremamente meticuloso com este casal”, disse o xerife.

“Sou minucioso com cada corpo.”

Zander mordeu o interior da bochecha com a resposta incisiva de Seth. “Acabamos de descobrir que Sean brigou em um bar na noite em que foi morto, ou na noite anterior à morte, dependendo da hora da morte”, disse ele a Seth. “O barman presenciou chutes na barriga e alguns golpes no rosto. Presumo que você encontrou evidências de apoio?”

"Definitivamente. E isso responde a uma pergunta minha”, respondeu o Dr. Rutledge. “No começo eu presumi que as escoriações e arranhões de Sean eram devido à briga com seus agressores. Então recebi os resultados preliminares do sangue.

Zander e o xerife trocaram um olhar.

“Tanto Sean quanto Lindsay tinham grandes doses de GHB em seus sistemas. Duvido que ele estivesse consciente o suficiente para lutar contra os seus agressores. Faz sentido se ele sofreu os ferimentos em uma luta anterior.”

“O que é GHB?” perguntou Zander.

“O tipo que encontrei nos Fitches é basicamente Ecstasy caseiro. Há uma euforia e depois um estrondo, fazendo as pessoas dormirem pesadamente – ou morrerem. O produto caseiro pode variar em potência,

especialmente quando os fabricantes ficam desleixados. É totalmente perigoso.”

“Putá merda”, murmurou o xerife.

Zander ficou atordoado. O casal tomou a droga sozinho? Ou foram drogados para facilitar o ataque? “Os técnicos forenses disseram que encontraram drogas na casa?” ele perguntou ao xerife. Greer balançou a cabeça lentamente, seu semblante sombrio.

“Notificaremos a perícia para observar isso nas evidências que eles tiraram da casa”, disse Zander ao Dr. “O que eles estariam procurando, doutor? Comprimidos? Líquido?”

“A julgar pelo conteúdo estomacal e pelos níveis da droga no sangue, ela foi ingerida na forma líquida. Portanto, tome cuidado especial com copos, garrafas ou canecas usados. Verifique os líquidos na geladeira. É incolor e insípido.”

O xerife rabiscou uma nota. “Precisamos voltar pela casa. Eu sei que o conteúdo da geladeira não foi levado para exame. O mesmo acontece com a louça suja.

“Sean bebeu no bar”, disse Zander calmamente.

“Isso não explica o fato de Lindsay ter sido drogada”, disse o xerife, ainda escrevendo em seu caderno. “Mas vamos ter isso em mente se nada acontecer na casa deles.”

“Poderia ter sido injetado?” Zander perguntou, imaginando se algo poderia ter sido administrado durante a briga de Sean no bar.

“Não encontrei nenhum local de injeção”, respondeu o Dr. Rutledge. “Mas Sean tinha escoriações nos nós dos dedos, mandíbula e maçã do rosto, e hematomas profundos no abdômen e nas costas. Consistente com lutar e ser chutado.”

“Algum outro ferimento?” Zander perguntou.

“Não atual. Ele tinha uma ruptura antiga no rádio e estava a caminho de uma doença cardíaca.

“Ele tinha apenas vinte e sete anos”, disse o xerife, com choque na voz.

“Sim. Vejo isso em pessoas mais jovens o tempo todo. E também seu coração não batia mais quando o enforcaram. Livor estava presente em suas extremidades inferiores. Ele foi enforcado logo após ser morto.”

“Eles enforcaram um homem morto”, disse Zander lentamente. Os assassinos tinham uma agenda.

"Eles fizeram. Talvez eles pensassem que ele ainda estava vivo, mas uma das facadas cortou sua aorta de maneira limpa. Ele sangrou rapidamente. Esta foi a causa da morte dele." O médico fez uma pausa. "Dezenove facadas. Vinte e um em Lindsay."

A cabeça de Zander girou. Alguém estava com raiva. Muito bravo.

"E Zander." A voz do Dr. Rutledge baixou. "Lindsay estava grávida. Eu diria cerca de dois meses." O tom do médico foi cuidadoso.

A visão de Zander se estreitou, focada nos carros que passavam em alta velocidade na estrada além do estacionamento. Ele sentiu o olhar curioso do xerife apontado em sua direção. "Isso é horrível." Sua voz era uniforme e monótona, enquanto ele tentava ignorar o zumbido repentino em seus ouvidos.

"Acha que ela sabia?" murmurou o xerife.

"Na minha experiência, a maioria das mulheres sabe", disse o Dr. Rutledge. "Mas algumas entram em trabalho de parto sem saber que estão grávidas. Achei que eram histórias inventadas até que aconteceu com a filha de um amigo meu." Maravilha encheu sua voz. "Eles lutaram para comprar fraldas e uma cadeirinha. Ninguém sabia."

Zander fechou brevemente os olhos. Por que algumas pessoas tiveram filhos enquanto outras agonizaram e sofreram para criar uma família?

"Ela tinha ferimentos defensivos, doutor?" perguntou Greer.

"Ela teve dois cortes nos antebraços. Com a quantidade de GHB no seu sistema, suspeito que esta foi uma fraca tentativa de defesa. Livor mortis é consistente com a posição em que ela foi encontrada, de lado. Ela não se comoveu.

Ao contrário de Sean.

Sean tinha sido o alvo? Zander se perguntou. Ou ambos? A gravidez foi um fator?

Não saber o motivo o incomodava.

"Hora da morte, doutor?" ele perguntou.

"Eu estimo entre meia-noite e três da manhã."

"Ambos?"

"Sim."

"Mais alguma coisa que possa nos ajudar no momento?"

"Por enquanto não. Você receberá meu relatório esta noite. . . bem, exceto pelos resultados toxicológicos estendidos. Solicitei testes adicionais

e às vezes demora um pouco.”

"Boa decisão. Eu gostaria de saber se eles tinham mais alguma coisa em seus sistemas.”

Zander desligou e ficou em silêncio por um momento. O xerife respeitou o silêncio. Zander suspeitava que seu cérebro também estava funcionando a todo vapor. O Dr. Rutledge lhes deu muito para processar.

“Queremos ir para a casa dos Osburne imediatamente?” Zander perguntou.

As mãos do xerife Greer se apertaram e torceram no volante. “Talvez primeiro precisemos ver se alguma impressão digital de Osburne apareceu na casa dos Fitch. Pelo que entendi, os irmãos não teriam visitado Sean e Lindsay socialmente.”

Zander entendeu. Uma visita pode dar uma dica. A presença das impressões digitais dos irmãos dentro da casa provavelmente indicaria que eles estiveram lá no ataque. “Vamos passar e ver se há alguém em casa. Você sabe o que eles dirigem?”

“Um velho táxi Ford King e um Durango.”

Zander ficou devidamente impressionado com a pronta resposta. Mas o xerife sabia que os Osburne haviam brigado com Sean antes da visita ao bar. Ele pode ter verificado.

“Xerife”, perguntou Zander, “quantos crimes baseados em raça você vê todos os anos por aqui?”

Greer esfregou a nuca enquanto pensava. “Não sei. Você nunca sabe se a raça foi o que deu início a algo. E, honestamente, noventa e nove por cento da população daqui é branca. Esse outro um por cento é latino.”

“Algum incidente racial relatado envolvendo os irmãos?”

“Vou ter que olhar. Pelo que eu sei, eles brigam com todo mundo.” Ele balançou sua cabeça. “Cada vez que me cruzo com eles, eles estão trabalhando em algum lugar novo. Ou não está funcionando.”

Zander não ficou surpreso. Toda a costa do Oregon estava ligeiramente isolada. Uma cordilheira baixa separava as cidades do resto do estado e havia poucos empregos extras disponíveis. O desemprego era alto. Esta não era a costa da Califórnia, com clima quente e corpos perfeitos. Viver na costa do Oregon exigia dedicação e um casaco grosso.

Greer ligou a ignição. “A casa dos Osburne não fica muito longe daqui.”

"Eu vou seguir."



O Ford Explorer do xerife parou abruptamente no acostamento da estrada estreita e parou bruscamente. Zander respirou fundo quando pisou no freio e parou atrás dele.

Zander estava distraído, estudando as casas ao longo da rodovia de duas pistas. Talvez fosse o clima sombrio, mas as propriedades espalhadas entre as árvores altas e os arbustos o haviam deprimido. Muitos continham veículos quebrados, balanços enferrujados e celeiros com buracos gigantes nos telhados.

Greer saiu do veículo e Zander fez o mesmo. Pelo que ele podia ver, eles não estavam perto de uma casa ou de uma garagem. Havia apenas árvores.

O rosto do xerife estava sombrio quando ele caminhou em sua direção, e os cabelos da nuca de Zander se arrepiaram.

"O que aconteceu?" Zander perguntou, seu estômago embrulhando.

"Acabei de receber uma ligação. Um dos meus agentes suicidou-se esta manhã, por isso preciso de ir lá primeiro. Os Osburnes terão que esperar."

"O que?" O choque percorreu os nervos de Zander.

Greer cruzou os braços e desviou o olhar. "Foi Copeland", disse ele com lábios brancos.

Zander imediatamente colocou o nome. "Seu vice de ontem de manhã. Aquele que derrubou o corpo de Sean."

"Ele está morto. Meus rapazes dizem que ele usou a arma de serviço.

Zander não conseguia falar. Isso está relacionado aos assassinatos de Fitch?

"Eu preciso ir." O xerife virou-se, com os ombros caídos.

"Eu vou contigo."

Greer olhou para trás. "Obrigado, mas isso não é necessário."

"Ontem seu vice foi o primeiro policial na cena do crime que estou investigando e hoje ele está morto?" Zander sustentou o olhar do xerife. "Estou chegando."

Greer ficou olhando. Ele parecia ter envelhecido dez anos desde que conversaram no pub. "Como quiser", ele murmurou.

Ele sabe que tenho razão.

Zander voltou para seu veículo e imediatamente ligou para Ava.

Minutos depois, Zander estacionou novamente atrás do xerife. A casa dos Copeland ficava em um pequeno bairro residencial cheio de casas térreas pré-fabricadas em pequenos terrenos com grama verde. A rua estava lotada de veículos policiais. Condado de Clatsop, Astoria, cidade de Seaside e até um veículo de patrulha estadual. Os policiais formaram pequenos grupos em frente à casa e os vizinhos pressionaram a fita de advertência, tirando fotos.

O SUV de Ava chamou sua atenção. Ela estava ao telefone, andando ao lado dele. Ela ainda estava no centro de Bartonville, então chegou antes deles e, como Ava entrevistou Copeland ontem, ela sabia onde ele morava. Ela desligou quando Zander e Greer se aproximaram, seus olhos azuis sombrios.

“Eu atualizei o chefe”, ela disse a eles. “E me disseram que o médico legista entrou nesta casa há alguns momentos.”

“Copeland era um garoto tão jovem”, murmurou Greer.

"Ele era jovem. Você acha que os assassinatos chegaram até ele? Ava perguntou. Seu tom indicava que ela achava isso duvidoso.

"Como ele parecia quando você falou com ele ontem?" Zander perguntou a ela.

“Ele ficou abalado e definitivamente chateado, mas tive a sensação de que ele queria que fosse feita justiça ao casal.” Seus olhos se estreitaram. “Não vi um policial não querer viver por causa do que passou.” Ela gesticulou para Greer. "Mas você o conhecia melhor."

“Nunca vi ou ouvi falar de quaisquer tendências suicidas da parte dele”, disse o xerife. “Mas vamos primeiro conhecer os fatos.”

Greer examinou os grupos de policiais que esperavam. Todos eles pararam de conversar e estavam de frente para ele. Uma dor palpável irradiava deles enquanto esperavam que o xerife fizesse alguma coisa, qualquer coisa.

Zander sabia que o xerife não poderia fazer nada para aliviar a dor.

“Quero dois policiais para manter os civis afastados da fita”, ordenou Greer ao grupo mais próximo. “Diga a eles para guardarem seus telefones. Tenha algum respeito. Ele passou por baixo da fita e seguiu pela curta caminhada. Zander e Ava o seguiram. Os três assinaram um diário que um deputado segurava na porta da frente.

Os olhos do delegado estavam vermelhos e inchados, mas ele permaneceu ereto enquanto eles anotavam seus nomes. O xerife tirou o chapéu e pousou brevemente a mão no ombro do delegado. Ele deu um aperto rápido e assentiu, mas não falou.

A gratidão brilhou nos olhos do deputado.

Os três passaram pela porta da frente e Zander endireitou os ombros para encarar outra cena de morte.

O corpo estava na sala imediatamente à direita deles. Nate Copeland estava sentado em uma poltrona reclinável, com os pés apoiados no apoio elevado. A cadeira estava tão reclinada que estava quase plana. Copeland poderia estar tirando uma soneca, exceto pelo sangue que cobria sua cabeça e pescoço. Um jovem hispânico curvado sobre o corpo, fazendo algo sob a camisa levantada de Copeland. Ele olhou para o trio.

“Ei, xerife.”

“Dr. Ruiz”, disse Greer. “Este é o Agente Especial Wells e o Agente Especial—”

“McLane”, disse o jovem médico legista, olhando para Ava. “Nos conhecemos há um tempo. Ou agora é o Agente Especial Callahan?”

“Ainda não”, respondeu Ava. “O casamento é neste verão.” Ela olhou para Zander. “Dr. Ruiz cuidou do meu banco de dados em um caso na costa no outono passado.

Corpo morto.

O médico legista endireitou-se enquanto retirava um termômetro da fenda que tinha feito no fígado de Copeland. Ele verificou a leitura e depois dobrou suavemente o braço do corpo para frente e para trás na altura do cotovelo. “Sem rigor”, afirmou enquanto movia também os dedos do oficial. “A temperatura corporal está apenas alguns graus abaixo do normal. Qual é a temperatura aqui?”

Zander foi até o termostato na parede da sala. “Setenta.”

O Dr. Ruiz inclinou a cabeça enquanto estudava o corpo. “Ele está morto há cerca de duas ou três horas.”

O xerife exalou alto. “Meio da manhã. Não muito, então. Ele se virou e apontou para um policial perto da porta. “Comece uma campanha na vizinhança. Veja se alguém ouviu alguma coisa. O homem assentiu e saiu, contornando um técnico da cena do crime com uma câmera.

Greer acenou para ela entrar. “Você chegou aqui rápido.”

“Ouvir que é um dos nossos acende um fogo em todos”, disse ela. Ela franziu a testa para o médico legista, claramente infeliz por ele estar trabalhando na cena do crime.

“Tirei minhas próprias fotos antes de tocar o corpo”, disse o Dr. Ruiz a ela. “Vou levá-los para você e sairei do seu caminho em um minuto.”

Ruiz voltou-se para Copeland quando o técnico começou a circular pela sala, tirando fotos sem parar. O médico legista apontou uma lanterna para a boca de Copeland. “Entrada ferida através do palato duro.” Ele gentilmente apalpou o crânio. “Ferida de saída de bom tamanho.”

Com base no sangue e na massa cerebral espalhados na cadeira e na parede, Zander já havia presumido isso. A arma de Copeland estava em seu colo, com a mão ao lado do corpo. Zander olhou atentamente para a arma e para a posição das mãos e dos braços de Copeland. Ele não viu nada que indicasse que Copeland não tivesse atirado em si mesmo.

Mas ele estava mantendo a mente aberta.

Alguém está mexendo nesta investigação?

Dr. Ruiz olhou para Greer. “Vamos verificar as mãos dele em busca de GSR.”

“É claro que ele terá resíduos de bala nas mãos”, apontou Greer. “Ele manuseia armas todos os dias. Pelo que sei, ele levou sua arma para o estande ontem.”

“A contagem de partículas do resíduo nos dirá”, disse Ruiz. “Será muito alto se ele disparar a arma aqui mesmo.” O médico tirou as luvas e colocou-as perto da arma. “Presumo que estarei trabalhando nisso?” Ele olhou para Greer. “Ou você está enviando para Portland como as mortes de ontem?”

O xerife Greer olhou para Zander e Ava.

“Sem ofensa, doutor”, disse Ava, “mas como Seth Rutledge já viu dois corpos deste caso, acho que ele deveria ver este.”

“Você acha que está relacionado a ontem?” Ruiz perguntou.

“Não podemos descartar isso”, respondeu Zander. Ele olhou para a sala de estar, notando que os móveis e a decoração pareciam ter algumas décadas. “Você sabe se Copeland morava aqui sozinho?” ele perguntou ao xerife.

“Ontem ele me disse que morava com os pais”, respondeu Ava. “Ele também disse que eles estiveram no México por várias semanas.”

“Quem o encontrou?”

“Um dos outros policiais, Daigle, iria buscá-lo esta manhã”, disse o xerife Greer. “Eles tinham planos de ir para Short Sands. Uma praia ao sul daqui”, esclareceu. “Daigle ligou depois que o encontrou.”

"Ele ainda está por aí?"

“Eu o vi na frente.” O xerife foi até a porta e olhou para fora. “Daigle! Aqui dentro”, ele gritou. “Por favor,” ele acrescentou quase como uma reflexão tardia.

O deputado que apareceu usava jeans largos e um casaco pesado. Seu rosto redondo estava manchado e seus olhos inchados. Ele deliberadamente manteve o olhar no xerife, evitando a visão do corpo.

Zander sentia por ele. Daigle mal parecia ter saído do ensino médio. A mesma coisa que ele observou sobre Copeland ontem. Para ele, todos os deputados pareciam muito jovens e ele se perguntava se estaria simplesmente envelhecendo.

Ele não se sentia velho. Quarenta não era velho.

Exceto, talvez, aos olhos dos jovens de vinte e poucos anos.

Ava franziu a testa para o policial, duas linhas se formaram entre suas sobrancelhas, e Zander se perguntou se ela estava tendo os mesmos pensamentos.

O deputado apertou a mão de Zander e Ava quando Greer o apresentou. Educado. Extremamente educado. Muitas vezes, o que Zander tinha visto de recém-formados na academia de polícia do estado, antes de terem muita experiência.

“Quando você falou pela última vez com Copeland?” Ava perguntou.

“Ontem à noite, senhora”, disse Daigle enquanto limpava o nariz na manga. “Combinamos que eu iria dirigir e buscá-lo por volta do meio-dia.”

“Ele parecia interessado na viagem?” perguntou Zander.

"Sim senhor. Nós dois estávamos ansiosos para sair da cidade durante a tarde.

“Está frio, úmido e ventando”, apontou Ava. “Por que você iria à praia?”

O xerife bufou levemente enquanto Daigle respondia com seriedade. “Se esperássemos o tempo perfeito por aqui, nunca sairíamos de casa. Estamos acostumados com isso. O Shorty’s tem algumas áreas protegidas onde você pode acender uma fogueira e ficar protegido do vento.”

"O que você faz aí?" Parecia miserável para Zander, protegido ou não.

Daigle encolheu os ombros, olhando para os pés.

Bebida. Fumar maconha.

Zander trocou um olhar com Ava, cujos lábios se contraíram. Ele se perguntou se Daigle havia escolhido a sorte para ser o motorista.

“Nate precisava ir embora depois da manhã de merda de ontem”, explicou Daigle.

“Como você entrou em casa?” Zander perguntou.

“A porta estava destrancada. Toquei a campainha e ninguém atendeu. Eu pude ver... vê-lo pela janela, então abri a porta.”

“Copeland já disse alguma coisa no passado que fez você se preocupar com ele?” Zander continuou.

“Não senhor. Eu entendo o que você está perguntando. Nunca sonhei que isso aconteceria em um milhão de anos. Eu diria que sou seu amigo mais próximo e nunca imaginei que isso aconteceria. Se ele teve depressão, ele nunca me contou sobre isso.”

“Muitas pessoas não discutem isso”, disse Ava calmamente. “Mesmo com seus amigos mais próximos ou familiares. Vamos verificar se há alguns antidepressivos.”

“Não acredito que ele fez isso sabendo que seria eu quem o encontraria”, murmurou Daigle. “Idiota.” Ele enxugou um olho.

Os olhos de Ava eram gentis. “Talvez ele confiasse em você.”

“Ainda é uma merda. Nunca vou tirar isso da minha cabeça.” Ele olhou brevemente para o corpo e estremeceu.

O xerife ergueu uma sobrelanceira para Zander e Ava. Eles assentiram. “Você pode ir, filho”, disse ele ao deputado. “Conversamos depois.”

Daigle saiu sem dizer uma palavra.

“Alguém contactou os pais de Copeland?” Zander perguntou.

“Deixei uma mensagem vaga para eles me ligarem. Nada ainda”, respondeu Greer. “Vamos dar uma olhada rápida.”

Os três se separaram. Zander foi para o único banheiro, onde verificou o armário de remédios e embaixo da pia. Ele encontrou recipientes de medicamentos, mas os nomes neles eram John e Helen Copeland. Exceto por uma prescrição de pressão arterial, ele não estava familiarizado com os nomes dos medicamentos.

“Nada nos quartos”, afirmou o xerife enquanto caminhava pelo corredor.

“Nenhum medicamento na cozinha”, disse Ava dos fundos da casa. “Mas venha dar uma olhada nisso.”

Zander e Greer juntaram-se a ela na cozinha, onde ela ficou em frente à geladeira aberta. “Vê isso?” Ela apontou para um pacote de seis cervejas Miller Lite na prateleira de cima. “Está bem ao lado de um recipiente fechado de pasta de rancho.” Ela apontou para o balcão, onde três sacos de batatas fritas estavam ao lado de um pequeno refrigerador. “Parece que ele pretendia ir a algum lugar hoje.”

“Gosto de sair com um amigo na praia.” Greer praguejou baixinho.

Zander abriu o armário embaixo da pia e tirou o lixo. Ele vasculhou cuidadosamente os itens superiores com as mãos enluvadas e encontrou o que procurava. Um recibo de cerveja, batatas fritas, molho e um saco de gelo. “Tem um novo saco de gelo no freezer?”

Ava verificou. “Sim.”

Os três trocaram um longo olhar.

“A propósito, os recipientes de receitas que encontrei têm nomes diferentes”, disse Zander. “John e Helen Copeland?”

“Esses são os pais dele.” O xerife estava sombrio. “Conheço os dois há mais de vinte anos. Contar a eles será uma das coisas mais difíceis que já fiz.” Seu rosto cedeu.

“Nós podemos...” Ava começou.

Greer ergueu a mão para detê-la. “Vou falar com os pais dele. É melhor vir de alguém que eles conhecem.” Ele fez uma pausa. “Não que haja uma boa maneira de transmitir esta notícia.”

Zander se aproximou dos outros e baixou a voz. “Há uma boa possibilidade de que isso não seja suicídio.”

As emoções lutaram no rosto do xerife e ele esfregou a têmpora. “Estou tentando manter a mente aberta, mas não gosto do que você está insinuando. Eu conheço esta comunidade.”

“Este crime pode ter vindo de fora da sua comunidade”, disse Zander.

“Mas por que?” A voz de Greer falhou.

“Se soubéssemos disso, teríamos nossos assassinos”, respondeu Ava. “Seja local ou não, há algo de podre nesta pequena cidade.”

“E não acho que acabou”, disse Zander lentamente. Ele não tinha base para a declaração; era seu instinto falando.

A expressão nos olhos de Ava lhe disse que ela concordava.

A maçaneta da porta do salão Anita Haircut estava nas mãos de Emily quando alguém atrás dela chamou seu nome. Ela se virou e cerrou os dentes ao ver quem havia falado.

Lean Windfield.

Leann era repórter do jornal online do condado e gostava de cutucar e importunar a família de Emily. Leann usou seu trabalho para escrever vários artigos sobre os Bartons, enquadrando-os como peças históricas e ao mesmo tempo enfatizando que a família Barton sempre foi egocêntrica e sedenta de dinheiro. Ela apresentou a história de tal forma que suas opiniões pareciam baseadas em fatos. O problema era que Leann havia escolhido a dedo os fatos, deixando de lado tudo de bom que os Barton haviam realizado.

Leann estava na turma do ensino médio de Emily, mas elas não tinham o mesmo círculo de amigos. Eles poderiam ter se ignorado durante todos os quatro anos, mas por uma razão que Emily nunca entendeu, Leann havia apontado Madison para assédio.

Mesmo no ensino médio, Madison continuou quieta e reservada. Para os alunos que se esforçavam para cumprir o status quo, ela era considerada uma esquisitice. Eles não a entendiam, então implicaram com ela. Foi como quando uma matilha de lobos ataca um lobo branco puro por sua diferença. Garotas malvadas corriam em bandos, e Leann era a principal valentona, apoiada por seu grupo de seguidores.

Madison os ignorou; eles nunca a tocaram fisicamente. Ela encolheu os ombros quando Emily tentou falar com ela sobre isso, e o coração de Emily se partiu com o tratamento dispensado ao irmão mais novo. Mas as meninas malvadas espalhavam histórias, passavam de aluno para aluno, e muitos gostavam de repetir as palavras para Emily para ver sua reação.

Leann não tinha nada a resolver com Madison. E a falta de resposta de Madison deveria ter tirado a alegria do assédio de Leann, mas Emily respondeu. O medo das consequências não impediu Emily quando ela tinha uma irmã mais nova para proteger.

O estopim de seu temperamento era longo. Ela raramente reagia com raiva. Mas a faísca percorreu todo o seu pavio quando se tratava de Leann assediando Madison.

Madison era responsabilidade de Emily.

Emily caminhou pelo corredor da escola, com o olhar fixo no rabo de cavalo loiro em meio a outros quatro rabos de cavalo de tons diferentes. A total preocupação de Emily confundiu os armários, as portas e os alunos pelos quais ela passou. Ela tinha um objetivo. “Leann!”

Os pôneis viraram-se como um só.

Emily parou quase cara a cara com Leann. Ambos eram populares, tiravam boas notas e tinham grandes círculos de amigos. O equilíbrio de poder era igual. Emily sentiu, em vez de ver, outros alunos pararem e olharem, seus sussurros eram um ruído branco em seus ouvidos.

“Por que você espalhou aquele boato sobre Madison?” Emily sibilou. “Eu rastreei até você começar na festa de Bryan Sprig. Você sabe que não é verdade.

Leann olhou para seus pôneis em busca de apoio. “Eu acho que é verdade. Sua irmã é estranha.

“Ela é uma aluna nota A.”

Lean encolheu os ombros. “Muitos psicopatas são inteligentes.” Um sorriso lento cruzou seu rosto. “Sabe, dizem que pode resultar de um acontecimento trágico na infância. O cérebro dela provavelmente quebrou logo depois do da sua mãe.

Emily não conseguia falar quando o pônei chefe se virou e levou seu rebanho embora.

Um dilúvio de emoções atingiu Emily, fazendo o suor começar a brotar em suas axilas, o sorriso falso de Leann enchendo sua mente. Eles bateram de frente várias vezes desde o ensino médio. Tudo isso instigado por Leann.

Ela não valia o tempo de Emily.

Emily voltou-se para a porta do Anita Haircut. Ignorá-la.

“Ouvi dizer que você encontrou dois cadáveres ontem.”

Ela enrijeceu. “Vá embora, Leann.”

“Estou tentando obter alguns fatos para o meu artigo.”

“Então fale com a polícia.”

“Eu tenho. Uma declaração sua seria útil.

Emily olhou para ela. “Você nunca disse uma palavra gentil sobre minha família pessoalmente ou no jornal.”

“Eu apenas relato fatos, Emily. Esse é o meu trabalho. Ontem despertou algumas lembranças ruins para você? Simpatia falsa brilhou em seus olhos.

“Deve ter sido horrível ver algo assim. . . tão semelhante à morte do seu pai.

Cada célula do corpo de Emily gritava para que ela entrasse no salão para colocar espaço entre ela e a sanguessuga. Mas ela não o fez. Sinos de alerta soaram em seu cérebro enquanto ela girava lentamente. Ela não estava com raiva, mas ansiava por satisfação.

E pensar antes de falar não era seu forte.

“Como esse trabalho de reportagem está tratando você? Ouvi dizer que eles cortaram os salários de todo mundo novamente.”

“Diga-me o que aconteceu ontem. O público merece saber.” Ignorando o comentário de Emily e todos os negócios agora, Leann tocou na tela do telefone e Emily presumiu que ela tivesse ligado um gravador.

"Não tenho nada a dizer."

“Ouvi dizer que seus pneus foram furados mais tarde naquele dia.”

“E daí?”

“Parece estranho acontecer tão pouco depois de você descobrir dois assassinatos.”

“Eu também queimei meus dedos no trabalho”, disse Emily em tom suave. “Você acha isso estranho logo depois dos assassinatos?”

Leann tocou na tela novamente e colocou o telefone na bolsa, olhando de soslaio para Emily. “Sarcasmo não é apropriado. Duas pessoas estão mortas. Pelo que entendi, o FBI está na cidade para ajudar na investigação.

Emily não disse nada, pensando em Zander Wells. Ela não precisava contar a Leann sobre o agente. Demorou menos de um dia para ela perceber que Zander era muito bom em seu trabalho. E quando suas tias invadiram, isso não o intimidou. Outra vantagem aos olhos de Emily.

“Se você não quiser conversar, tenho certeza que uma de suas tias o fará.” Leann se aproximou, com falsa curiosidade em seus olhos. “Eu me pergunto como eles se sentem em relação ao segundo enforcamento na história de Bartonville.”

Emily terminou a conversa. E Lean. “Se você perseguir minhas tias com uma única pergunta, ligarei para seu chefe.”

Emily girou de volta para a porta e a abriu, a campainha na maçaneta interna tocou alto. Lá dentro, três mulheres olhavam para ela, com a boca ligeiramente aberta. Eles pairaram na janela, de onde puderam apreciar a alteração. A porta se fechou atrás de Emily, e ela gemeu silenciosamente ao encontrar seus olhos.

Anita foi a primeira a se recuperar, voltando para a cadeira do salão enquanto falava. “Vejo que aquela repórter arrogante está com você na mira novamente.” Ela acenou com a tesoura para que seu cliente de capa de náilon preta se sentasse novamente. “Fique longe dela, Emily. Certa vez, ela quis uma entrevista sobre a loja, mas descobriu que estava procurando informações sobre um de meus clientes. Eu não faço fofoca”, disse ela com firmeza enquanto penteava e cortava a cabeça molhada de seu cliente, que assentiu em afirmação.

Emily discordou de sua alegação de fofoca.

“Aquela garota está preocupada com sua família há anos”, disse Anita, fazendo contato visual com Emily pelo espelho. “O que ela quer dessa vez?”

“Apenas o de sempre.” A menos que Emily quisesse que suas palavras fossem espalhadas pela cidade, ela sabia que deveria guardá-las para si mesma no salão. Ela respirou fundo e franziu a testa enquanto estudava os rostos, lembrando por que tinha vindo. “Achei que minha tia Dory tinha um compromisso agora.”

“Ela cancelou. Não estou me sentindo bem, coitado.”

Apenas o de sempre.

Um dia, Dory reconheceria que raramente esteve doente em sua vida – exceto naquela vez em que teve uma intoxicação alimentar. Se sua tia hipocondríaca colocasse a energia que ela queimava se preocupando com sua saúde em outra coisa, ela poderia mudar o mundo.

“Obrigado, Anitta. Vou pegá-la em casa. Emily saiu para o ar fresco, grata por ver que Leann havia ido embora. Restos de irritação vibravam sob sua pele.

Por que deixo Leann chegar até mim?

Desde a manhã de ontem, Emily estava desequilibrada, envolvida em um turbilhão de lembranças dolorosas, antigas e recentes. Ela se sentia tão sombria quanto o clima costeiro. Cinza. Instável. Frio.

Abandonado.

Tara e seus pais agora assombravam seus pensamentos de uma forma que não faziam há anos. Ela passou por quase trinta e seis horas de eventos angustiantes. Emily pressionou os dedos sobre os olhos, tentando apagar as imagens de seu pai que continuavam atacando seu cérebro.

Sua vida havia tomado um rumo difícil desde a noite em que ele morreu. Ela sonhava em deixar a cidade para fazer faculdade, casar com o homem perfeito, ter 2,5 filhos e desfrutar de uma carreira maravilhosa. Em vez disso, sua vida girava em torno de questões financeiras. Problemas familiares. Problemas com ex-marido. Questões de Madison.

Talvez ela devesse ter escapado, como Tara.

Ela sabe que nossa mãe cometeu suicídio?

Sua mãe estaria viva se Tara tivesse ficado e contado o que tinha visto?



Zander queria mandar o xerife para casa. A tensão dos últimos dois dias transpareceu no rosto de Greer e seus movimentos diminuíram consideravelmente. Em vez disso, os dois estavam finalmente a caminho da casa dos irmãos Osburne. O xerife poderia oferecer informações valiosas sobre a entrevista, e os irmãos poderiam estar mais abertos a um rosto familiar – mesmo que o xerife os tivesse prendido algumas vezes – do que a um agente do FBI desconhecido.

Eles deixaram Ava para trás na casa dos Copeland para ficar de olho na equipe da cena do crime. Os pais de Copeland ligaram para o xerife quando ele e Zander se preparavam para partir. Ver o rosto de Greer enquanto lia o nome na tela do telefone deixou Zander grato por notificar os pais não ser seu trabalho. O xerife entrou no quintal para dar a notícia.

Seus olhos e nariz estavam vermelhos quando ele voltou.

O veículo do xerife fez uma curva fechada saindo da rodovia. Se não estivesse seguindo alguém, Zander nunca teria avistado a entrada. Uma fila de caixas de correio em ruínas era o único indicador de que as casas estavam em algum lugar no caminho rochoso. A água espirrou no chassi enquanto seu veículo saltava em poças profundas. Ele passou por uma placa desbotada: DESCANSO DO ROAMER. Mais à frente, ele avistou várias casas pré-fabricadas dispostas em fileiras irregulares.

Uma casa turquesa brilhante fez com que ele se perguntasse se o proprietário teria conseguido um bom preço pela pintura ou se, possivelmente, a catarata teria suavizado a verdadeira intensidade da sombra.

Talvez eles simplesmente gostassem da cor.

As outras casas eram marrons e cinzas, misturando-se à paisagem dominada pela neblina. Era como se uma nuvem tivesse se aninhado no

vale com o pequeno parque de casas pré-fabricadas. Zander examinou os altos abetos que cercavam as casas, perguntando-se que peculiaridade da natureza concentrava a forte neblina na área.

O xerife estacionou e Zander parou ao lado dele. Saindo do veículo, Greer apontou para a casa turquesa, indicando o alvo. “Acredite ou não, eles são garotos tranquilos”, disse o xerife. “Não é muito rápido para reagir. Não espero nenhum problema.

A menos que eles tenham bebido.

“Não precisamos de reforços?” Zander perguntou.

“Estamos apenas conversando. Eles vão ficar bem.

Zander verificou o outro lado da casa e depois recuou para o caminho de cascalho enquanto o xerife dava alguns passos até uma pequena varanda de madeira ao longo de uma lateral da casa. “Não vejo outra porta”, disse Zander calmamente.

“Não. Eles construíram um acréscimo que eliminou a outra saída.”

“Isso não pode estar de acordo com o código.”

“Não é.” Greer olhou para Zander e encolheu os ombros. “Eles estão cientes. Não há muito mais que eu possa fazer.

O xerife tirou a lanterna do cinto de utilidades, deu um passo para o lado da porta e bateu com ela na moldura de madeira.

“Billy? Kyle? Você em casa? É o xerife Greer. Tenho algumas perguntas sobre a briga de bar daquela noite.

Zander observou as janelas e viu cortinas agitadas na mais próxima. Ele abriu o zíper da jaqueta, mas deixou a arma no coldre, assim como o xerife, esperando que Greer estivesse certo sobre a melhor maneira de abordar os irmãos.

A porta se abriu. Um homem de cerca de quarenta anos vestindo jeans desbotados saiu. Uma camisa de flanela vermelha com as mangas arregaçadas revelava partes de diversas tatuagens. Seu cabelo era um pouco longo demais, mas ele estava barbeado. Ele cambaleou, o ar de um lutador pairando ao seu redor. Ele avistou Zander e lançou um olhar duro, demarcando seu território.

Divertido, Zander manteve o olhar relaxado e indiferente.

“Seu irmão está em casa, Kyle?” perguntou Greer.

“Ele está trabalhando.”

“Onde ele está trabalhando atualmente?”

“Loja de peças de automóveis.”

“Em Warrenton?”

"Sim. Estou lá há três meses.

Zander pegou seu telefone e enviou uma mensagem para Ava, solicitando que um dos policiais da cena de Copeland fosse até a loja de peças de automóveis para manter Billy Osburne à vista e segui-lo caso Billy saísse da loja. Ava respondeu com um sinal de positivo.

"Bom para ele. E você?"

“Ainda procurando.” A atitude defensiva aumentou em seu tom.

“Algo vai acontecer”, disse o xerife. "Você conhece a briga de bar de que estou falando no Patrick's na noite de anteontem, certo?"

"Sim." Kyle enfiou as mãos nos bolsos. “Todo mundo foi embora. Nada demais.”

“Foi Billy, certo? Você assistiu e depois o puxou?”

"Isso mesmo. Não foram mais de quinze segundos. O cara voltou a beber cerveja no bar antes de sairmos.”

“Isso é o que Paul nos disse também.”

Kyle observou Zander novamente, olhando-o da cabeça aos pés. "Quem é ele?"

“Ele é de Portland. Nos ajudando com um caso. Você conhece bem Sean Fitch? Greer perguntou, atraindo a atenção de Kyle de volta.

“Não o conheço de jeito nenhum. Nunca falei com ele, mas já o vi por aí. Não há muitos negros na cidade. Ele se destaca, sabe? Kyle sorriu, aparentemente acreditando que era divertido.

“E quanto a Billy? Quão bem ele conhece Sean?”

Kyle olhou para Zander. “Você teria que perguntar a Billy.”

“Ele o conhecia bem o suficiente para começar uma briga”, disse Greer casualmente.

“Sean começou,” Kyle afirmou com firmeza.

Zander observou a linguagem corporal do homem. Kyle estava tenso, passando das mãos nos bolsos para cruzar os braços sobre o peito e depois voltar. Zander estudou os nós dos dedos e as mãos, procurando por hematomas ou escoriações. Ele não viu nenhum. O contato visual de Kyle com o xerife era muito bom, mas ele era frequentemente distraído por Zander e ficava olhando em sua direção.

Nenhum de seus movimentos era incomum para um homem interrogado pela polícia. Culpado ou não.

Kyle não disse uma palavra sobre a morte de Sean.

Ele sabe?

“Por que Sean deu um soco em Billy?” perguntou o xerife. “Ele chateado com alguma coisa?”

Kyle esfregou o queixo. “Ele e Billy têm um assunto em andamento. Você precisará conversar com Billy sobre isso.” Seu olhar se estreitou no xerife e seu tom endureceu. “O que Sean está dizendo? Foi Billy quem começou? Isso é um monte de besteira.”

Zander congelou, examinando cada pista sutil no tom, rosto e linguagem corporal de Kyle.

Se Kyle estava mentindo, ele era muito bom.

O xerife não vacilou. “Não sei. Falaremos com Billy a seguir. A que horas ele terminou o trabalho?”

“Ele sai às cinco.”

Só mais uma hora ou mais.

“Por que você não me avisa sobre o que é essa coisa entre Billy e Sean?”

Kyle torceu os lábios para o lado, concentrando-se nos pés enquanto considerava. Ele finalmente olhou para cima. “Você não ouviu isso de mim.”

Greer assentiu.

Zander ficou tenso, transferindo seu peso para a planta dos pés, querendo se aproximar para captar a revelação. Kyle olhou disfarçadamente para a esquerda e para a direita, com os olhos brilhando, e baixou a voz.

“Billy estava transando com a esposa de Sean, Lindsay.”

13

“Você acredita que Kyle não sabe que Sean foi assassinado naquela noite?” O rosto do xerife Greer estava perturbado. Ele fez a pergunta a Zander enquanto eles estavam no estacionamento atrás do departamento do xerife em Warrenton. Eles deixaram a casa dos Osburne sem mencionar as mortes e ainda estavam chocados com a revelação de Kyle sobre Billy e Lindsay.

Zander vacilou, sem saber qual notícia era mais importante para o caso deles: que Kyle não sabia que Sean e Lindsay estavam mortos, ou que Billy possivelmente tinha algo acontecendo com Lindsay.

“Você pensaria que Kyle pelo menos já teria ouvido algumas fofocas agora”, respondeu Zander. “Mas devo dizer que não tive a sensação de que Kyle estava mentindo. Ele me pareceu sincero. Mas certamente Billy já ouviu falar dos assassinatos no trabalho. Acho estranho que ele não tenha contado a Kyle.

“A loja de peças de automóveis fica aqui em Warrenton, no entanto. Pode ser que a notícia ainda não tenha se espalhado tão longe de Bartonville.

“Dois assassinatos? Até apareceu no noticiário ontem à noite.

“Você acha que esses dois irmãos assistem ao noticiário?”

Ele tinha razão.

“Se Kyle não estiver trabalhando, ele também pode estar fora de questão”, disse Greer.

“Tenho dificuldade em acreditar que, numa comunidade tão pequena, algumas pessoas não tenham ouvido falar.”

O xerife abriu as mãos, indicando as colinas vazias ao redor. “Muito espaço entre algumas das casas. Você ficaria surpreso com quantas pessoas por aí não falam com outro humano por uma semana ou mais. É muito possível.” Ele esfregou os olhos. “Droga. Por alguns minutos, esqueci da morte de Copeland. Que dia fodido.

“Precisamos que o Dr. Rutledge verifique a paternidade do bebê de Lindsay,” Zander murmurou.

“Que diferença fará quem é o pai?” Greer disse amargamente. “Tanto a mãe quanto o bebê estão mortos.”

Morto. Mãe. Bebê.

Zander lutou para esconder o tremor que abruptamente percorreu seus membros. “Você sabe tão bem quanto eu que isso pode indicar motivação. Ou pelo menos parte da motivação”, disse ele. “Deveríamos descobrir de qualquer maneira. Vou mandar um e-mail para ele.

“Precisaremos de uma amostra de Billy.”

“Vamos primeiro ver se é do Sean.” Zander respirou fundo. Este caso estava ficando mais distorcido a cada minuto. “Kyle ou Billy estiveram no sistema prisional?”

O xerife tirou o chapéu e passou a mão pelos cabelos. “Lembro-me de Kyle indo embora um pouco. Acusação de agressão, eu acho. Quero dizer que ele estava em Salem, no presídio estadual. Acho que Billy só foi detido na prisão do condado, mas posso verificar novamente. Ele recolocou o chapéu e deu um puxão firme na aba. “Vamos entrar e dar uma olhada. Preciso entrar em contato com a unidade de cena do crime na casa de Copeland também.

Zander seguiu o xerife até a porta dos fundos do departamento. “Você deu uma boa olhada nas tatuagens de Kyle?” ele perguntou. Linhas claras, pretas e curvas queimaram na memória de Zander. Mas a parte superior da tatuagem havia desaparecido sob a manga de Kyle.

Greer franziu a testa. “Não prestei atenção, eu acho.” Seu rosto clareou. “Temos fotos de suas tatuagens em arquivo durante suas prisões. Eu os encontrarei. Começamos a gravar tatuagens há cerca de cinco anos. Às vezes, a Unidade de Gangues do Departamento de Polícia de Portland quer ver uma tatuagem em alguém que prendemos. Eles rastreiam tatuagens de gangues.”

“Eu gostaria de ver o resto da tatuagem em seu antebraço direito. Foi escondido na manga dele.

"O que você acha que é isso?"

“Pode ser um indicador de como Kyle se sente em relação às outras raças.”

“Era o mesmo símbolo que estava na testa de Sean?”

"Não."

Greer desanimou um pouco. “Não estou atualizado sobre essa merda. Me pergunto quantas outras coisas estou alheio. Ele abriu a porta dos fundos e conduziu Zander por um corredor iluminado por lâmpadas

fluorescentes. Ele destrancou uma porta com seu nome e fez sinal para Zander entrar.

Zander sentou-se. O xerife foi para trás de sua mesa, despertou o computador e virou a tela para que Zander pudesse assistir. Enquanto esperava o xerife encontrar os arquivos, Zander enviou um rápido e-mail sobre o bebê de Lindsay ao médico legista. Havia duas mensagens de voz de Ava e ele leu as transcrições em seu telefone. A primeira dizia que o delegado do condado ainda estava observando Billy e de olho em seu veículo enquanto o homem trabalhava dentro da loja. O segundo perguntou se ele sabia de uma reunião comunitária esta noite para tratar dos assassinatos de Fitch.

Primeiro ouvi falar disso.

Ele se perguntou se a notícia da morte de Nate Copeland havia se espalhado. Ele tinha dúvidas de que fosse suicídio, mas o público ainda não sabia disso.

Eles não deveriam saber disso ainda.

Zander estava prestes a mencionar a reunião comunitária ao xerife quando a foto de Kyle Osburne apareceu na tela do computador. Faça várias fotos de Kyle. O xerife estava certo ao dizer que Kyle havia sido preso várias vezes. Greer clicou, rolou e murmurou baixinho até encontrar o que queria. "Sim. Kyle esteve na prisão estadual por oito meses. Saí há dois anos. Ele clicou mais um pouco. "Aqui estão as imagens que eu procurava."

Ele abriu um arquivo com treze fotografias. Zander se inclinou em direção à tela. As fotos foram tiradas em momentos diferentes. A progressão mostrou que Kyle havia adquirido ativamente mais tinta. Ele tinha uma águia na parte superior das costas e um tigre na panturrilha. A foto mais recente mostrou que o tigre tinha sido aprimorado com cores quando comparado a um tigre mais antigo, onde era apenas um contorno. O braço direito de Kyle tinha uma faixa tribal em volta do bíceps, e Zander olhou para ela, imaginando se era simplesmente decorativo ou se tinha um significado mais profundo. O xerife rolou a página para baixo e uma foto do antebraço direito de Kyle apareceu. A tatuagem era um escudo simples com duas letras dentro.

O gelo tocou os pulmões de Zander.

"É esse que você queria ver?" o xerife perguntou.

"Sim. Role de volta para o braço direito com a faixa tribal no bíceps, por favor."

O xerife obedeceu e Zander anotou a data. "Agora, de volta à visão do antebraço." Ele verificou a data, lembrando-se de que Kyle estivera no sistema prisional dois anos antes.

A tatuagem no antebraço foi adicionada após sua pena de prisão.

Zander recostou-se na cadeira. Ele estava certo, mas não se sentia vitorioso.

"Bem?" Greer estava impaciente.

"O E e K no escudo representam Membros Europeus," Zander disse lentamente. "Já me deparei com isso em um caso antes. É uma gangue de supremacia branca que se originou no sistema prisional de Oregon há cerca de vinte anos e se espalhou pelas ruas."

"Nunca ouvi falar disso."

"É real. Nas ruas o que importa é mais as drogas, mas o racismo é o princípio principal. Você disse que Billy e Kyle foram presos por drogas?"

"Ambos fazem."

"Você tem fotos de tatuagens para Billy?"

Greer assentiu e começou a procurar. Um momento depois ele abriu um arquivo para Billy. Nas fotos, Billy tinha apenas uma tatuagem. Um leão rugindo em seu deltóide direito.

Zander ficou estranhamente desapontado.

"Essa foto tem quatro anos. Ele poderia ter mais agora", afirmou Greer.

"Precisamos conversar com Billy Osburne." Zander verificou a hora. "Você quer conhecê-lo fora do trabalho? Tenho certeza de que Kyle o informou que fizemos uma visita.

"Definitivamente precisamos fazer isso."

"Ava deixou uma mensagem de voz perguntando se eu tinha ouvido falar da reunião comunitária desta noite sobre os assassinatos de Fitch", Zander disse a ele.

O xerife se mexeu na cadeira enquanto seu olhar voava para cima. "O que? Essa noite? Veremos sobre isso. Quem diabos... ah, posso adivinhar quem organizou isso. Ele olhou furioso para Zander. "Uma das tias de Emily Mills."

"Por que você pensa isso?"

“Porque eles têm os dedos enrugados em todas as painéis de Bartonville.”

Zander olhou para as mãos desgastadas do xerife. Ele devia se sentir no direito de usar esse descritor, já que também tinha dedos enrugados.

“Onde eles realizariam a reunião?”

“Provavelmente o salão da igreja metodista. É o maior lugar da cidade – todo grupo o aluga para suas festas. Realiza mais reuniões de pecadores do que de santos.” O xerife levantou-se. “Vamos encontrar Billy primeiro.”

Madison enfiou o nariz na gola felpuda do casaco grosso e enfiou as mãos frias nos bolsos. Ela estava invadindo a propriedade, mas os supervisores da doca não se importariam se a avistassem. O banco deserto dos funcionários atrás dos armazéns no cais era duro e frio, mas um dos melhores lugares para assistir ao pôr do sol.

Meia hora atrás, ela notou que o céu a oeste havia clareado, prometendo mostrar o primeiro pôr do sol visível em semanas, então ela se dirigiu para as docas. Ela enfiou um velho boné de beisebol dos Goonies na cabeça, determinada a ignorar o ar gelado.

O céu começou a mudar e ela suspirou, observando os azuis e rosas se moverem enquanto o oceano se transformava em um prateado vítreo, refletindo as cores do céu. O vento havia parado e a água estava calma.

Ela quase conseguia esquecer que Lindsay estava morta.

Seus olhos se fecharam e o sorriso caloroso da amiga tomou conta de seus pensamentos.

Aquele agente do FBI — McLane — foi gentil e diplomático com suas perguntas naquela manhã, e Madison respeitou o olhar penetrante em seus olhos. A mulher estava determinada a descobrir quem matou Lindsay e Sean. Madison respondeu às suas perguntas da melhor maneira que pôde, deixando as lágrimas escorrerem.

As lágrimas eram um bom escudo. Eles esconderam seus olhos de expor seus pensamentos e deram-lhe tempo para considerar cada questão. Eles também fizeram outras pessoas agirem com cuidado, não querendo piorar a crise de choro.

Foi uma ferramenta eficaz para a entrevista de McLane.

Madison não tinha nada a esconder do agente, mas não permitia que as pessoas espiassem seu cérebro e explorassem o que a motivava. As perguntas e respostas eram sobre Lindsay, mas ela sabia que o agente estava estudando e formando opiniões sobre Madison enquanto conversavam.

Ela era uma boa atriz. Hábil em desviar e mascarar.

Manter as pessoas afastadas era sua especialidade.

McLane perguntou quando Madison viu Lindsay pela última vez. Uma pergunta fácil. Eles trabalharam juntos no dia anterior. Lindsay foi a garçonete solitária de abertura, o suficiente para o público do café da manhã

fora de temporada. Madison veio almoçar e as duas superaram facilmente a leve correria.

As perguntas do agente sobre a atitude e o estado de espírito recentes de Lindsay foram mais difíceis de responder. Madison pensou no passado, percebendo que ultimamente ela mal passava tempo com Lindsay fora do trabalho. Isso foi incomum. Mas Lindsay havia quebrado seus planos algumas vezes – encontrando-se para tomar uma bebida ou indo fazer compras em Astoria. Até uma viagem para Portland.

Lindsay estava quieta. Menos risadas, menos alegria. Menos textos.

Madison não tinha visto até McLane perguntar.

“Ela mencionou algum problema com o marido?” O agente especial McLane perguntou a ela. “Ela estava preocupada com alguma coisa em casa?”

Madison não tinha respostas. Mas, pensando bem, ela sabia inconscientemente que algo estava errado. Outra coisa estava ocupando o tempo de Lindsay e deprimindo-a.

Ela tinha sido uma amiga horrível por não perceber isso?

Lindsay e Sean estavam tendo problemas?

Ela respirou fundo o ar salgado, saboreando o céu ocidental à medida que ficava mais rosado e intenso. O sol estava quase se pondo — talvez mais cinco minutos. O celular dela ficou no bolso. As cores nunca poderiam ser capturadas. Em vez disso, ela simplesmente aproveitava cada pôr do sol, confiante de que sempre haveria outro para ver.

Não há mais pôr do sol para Lindsay.

Seus olhos queimaram.

Por que Lindsay? Por que Sean? E por que ele foi enforcado?

A última pergunta perturbou-a profundamente devido à semelhança com a morte do pai. Mas ela se recusou a permitir que outros vissem a profundidade de seus sentimentos.

Madison gostava de paredes. Barreiras protetoras em torno de seus pensamentos e medos.

As paredes mantinham seu coração seguro.

Se ela não sentisse nada por ninguém, então ela não poderia se machucar se eles fossem levados embora.

Lindsay havia escapado de suas barreiras habituais. Madison achava que conhecer a jovem garçonne extrovertida seria seguro. Agora Lindsay

havia sido removida à força da vida de Madison, deixando suas entranhas em pedaços.

Ela não podia deixar ninguém entrar novamente.

Ela levantou as pernas, apoiou os saltos das botas no banco e passou os braços em volta das pernas, aproveitando o show. As cores do céu agora se espalhavam para leste, onde se encontravam com as nuvens cinza-escuras do dia. Ondas suaves ondulavam nas cores refletidas pelo oceano.

Chamas amarelas e laranja pairavam perto do sol enquanto ele parecia tocar a água. Ela apoiou o queixo nos joelhos, desejando que o sol diminuísse.

Chamas. Madison acordou quando a janela de seu quarto brilhou com luz e ela piscou com o brilho estranho. A cama de Emily estava vazia e padrões tremeluziam pela cama e subiam pelas paredes do quarto. Madison ficou de pé, equilibrando-se nos pés da cama para olhar pela janela. O medo a congelou no lugar, seus dedos agarrando o parapeito da janela. Os arbustos perto da casa estavam em chamas. Em meio à fumaça e às chamas, ela avistou Emily de camisola, mas estava de costas para a casa, olhando para a floresta. Sua irmã deu vários passos, pegou algo na grama e apertou-o contra o peito, seu perfil agora claro para Madison. Emily olhou para o outro lado do quintal e Madison seguiu seu olhar.

Sua mãe correu entre os abetos no outro extremo do quintal, a luz do fogo refletindo em seus longos cabelos loiros. De repente, as chamas explodiram abaixo da janela de Madison, quase atingindo o telhado. Madison perdeu o equilíbrio e caiu de costas no colchão, perdendo o fôlego. E então Emily entrou, puxando seu braço. "Acordar! Fogo! Temos que sair de casa!"

O céu ao redor do sol poente adquiriu o tom alaranjado das brasas.

Madison odiava fogo com paixão.

Emily expulsou Madison de casa e foi procurar a mãe. Tara estava na casa de uma amiga. Os três se abraçaram, observando a casa pegar fogo.

Mais tarde, ela soube como seu pai havia morrido e o coração de seu filho se partiu ao meio, esmagado pela perda e pela crueldade.

E alguns dias depois, Tara foi embora, e Madison se culpou, convencida de que ela a havia afastado com sua curiosidade fraterna.

Sua mãe poderia muito bem ter desaparecido naquele dia fatídico. Ela se tornou uma casca frágil, um sussurro da mulher que ela tinha sido, uma

sombra de si mesma.

Então ela também se foi.

Um terceiro golpe em sua psique de dez anos.

Madison afastou o dilúvio de velhas emoções ocultas que ameaçavam enquanto ela se sentava à beira do oceano.

Ela aprendeu que nunca deveria compartilhar seu coração com outra pessoa. As pessoas foram embora. Pessoas morreram. Isso machuca. Era melhor não se apegar.

As tias faziam o possível para preencher os vazios familiares em torno de Madison, e ela as amava por isso. Mas a presença deles não era a mesma.

“É você, Madison?”

Madison baixou as pernas e virou-se para encarar a mulher, com os cotovelos e os pés prontos para atacar. Ela reconheceu instantaneamente a voz, mas não conseguiu evitar sua reação.

A velha de casaco longo e acolchoado tropeçou para trás. “Sinto muito, sinto muito, não queria assustar você. Não gosto de assustar as pessoas.” Ela cobriu o rosto com as mãos.

A coluna de Madison relaxou e seus batimentos cardíacos diminuíram. “Está tudo bem, Alice. Fiquei simplesmente assustado.

Foi outro solitário de Bartonville.

Por cima do cachecol grosso de tricô, Alice Penn deu um sorriso cheio de dentes — mais como uma careta que mostrava os dentes sem projetar calor. Alice era inofensiva.

Alice vagava por Bartonville desde que Madison se lembrava, morando em uma casinha perto da fábrica abandonada de processamento de frutos do mar. Corria o boato de que seu amante havia morrido num acidente de barco de pesca e que ela caminhava pelas docas desde então, esperando que ele voltasse. Madison sabia que a história era falsa. Ela conversava frequentemente com Alice, e mesmo que Alice não estivesse mentalmente lá, ela tinha plena consciência de que ele estava morto.

A mente da mulher saltou e saltou entre décadas. Às vezes ela acreditava que estava no ensino médio e que seus pais ainda moravam. Outras vezes, ela acreditava que estava atrasada para o trabalho de limpeza em um hotel que havia fechado há uma década. Alguns dias ela sabia o

nome de Madison; outros dias, Alice chamava-lhe um nome de alguma sombra do seu passado.

Perto de Alice, Madison não se sentia obrigada a se esconder.

Ela poderia ser ela mesma.

A forma curvada e arrastada de Alice era uma visão familiar nas ruas de Bartonville e nas cidades vizinhas. Alice caminhava todos os dias, independentemente do tempo, e muitas vezes acabava no banco que Madison adorava. Às vezes, Alice conversava o tempo todo em que estavam sentados; outras vezes ela ficava em silêncio.

A família de Alice havia partido, mas o povo de Bartonville cuidava dela. Madison trouxe as sobras de comida do restaurante, e Leo, o cozinheiro do restaurante, certificou-se de que sua casa estava estável e segura.

Esta noite parecia ser uma noite silenciosa em vez de faladora. Alice sentou-se em silêncio na extremidade do banco, com o máximo de espaço possível entre ela e Madison. Alice resmungou sobre estar atrasada e perder a melhor parte do pôr do sol, mas seus olhos se fixaram nas lascas vibrantes de seus restos, mal piscando. Vários minutos depois a luz quase desapareceu, deixando um céu lilás escuro que ficava cada vez mais escuro.

Alice suspirou e ficou de pé. "Um bom dia. Um dia muito bom hoje. Espero que seu dia tenha sido tão abençoado quanto o meu, Madison."

Ela tinha a voz de uma jovem.

"Não foi tão ruim", respondeu Madison.

Alice inclinou a cabeça, seus olhos quase invisíveis na penumbra. "Não ouço alegria em suas palavras, Madison. Como você pode observar os céus superando cada pôr do sol do passado e dizer que seu dia não foi tão ruim?"

Porque meu amigo mais próximo foi assassinado. E acho que posso tê-la decepcionado antes de ela morrer. Por que Lindsay não me contou o que estava acontecendo com ela?

Por que não perguntei?

"Você tem razão. Foi fantástico."

"Bom. Bom. Bom. Isso é melhor. Agora. É melhor irmos ambos. Não quero me atrasar para a reunião na igreja." Ela se firmou com uma mão nas costas do banco.

Madison ficou de pé, pronta para agarrar Alice caso ela caísse. "O que está acontecendo na igreja esta noite?"

Como um cachorrinho curioso, Alice inclinou a cabeça novamente. Desta vez o olhar dela colidiu solidamente com o de Madison. “Ora, há uma reunião sobre os assassinatos, é claro. Temos um assassino em nossa cidade.

"Ele se foi?" Zander estava furioso.

O policial não olhou nos olhos dele ou do xerife Greer.

Billy Osburne havia desaparecido no vento. Sua caminhonete ainda estava no estacionamento, vigiada atentamente por um policial, mas quando entraram na loja descobriram que Billy havia saído quinze minutos antes. O outro funcionário de peças de automóveis ficou perplexo com o interesse deles em Billy e também surpreso que seu caminhão ainda estivesse no estacionamento.

"Billy não parecia preocupado com nada", disse o funcionário. "Ele perguntou se eu poderia cobrir o resto da noite, já que as coisas estavam lentas." Ele encolheu os ombros. "Então ele foi embora. Presumo que ele pediu carona. O que você acha que há de errado com a caminhonete dele?"

Zander não lhe contou que Billy estava sob vigilância.

O delegado encarregado de Billy desanimou. "Eu o vi pela vitrine da loja não faz muito tempo. Eu não conseguia vê-lo o tempo todo, a menos que fosse à loja. Achei que seria bom, desde que tivesse a caminhonete dele à vista.

Greer simplesmente olhou para seu vice, fazendo o homem murchar ainda mais.

Zander quase podia ouvir o sermão que devia estar passando pela cabeça de Greer.

"Já que você é tão bom em vigiar a caminhonete dele", o xerife finalmente disse, "você pode continuar vigiando pelo resto do seu turno depois de dar a descrição dele. Quero que todos fiquem de olho em Billy Osburne."

"E se eu for necessário em outro lugar?" — perguntou o deputado, concentrado nos sapatos.

"Se não houver mais ninguém disponível, então vá, caramba. Os cidadãos vêm antes de um caminhão vazio." Greer balançou a cabeça e se virou para sair, gesticulando para Zander segui-lo.

"De volta à casa de Kyle", afirmou Zander.

"Sim. Duvido que Billy esteja lá, mas quero colocar o temor de Deus em Kyle."

O xerife mostrou-se um homem de poucas palavras e lembrou a Zander um pai que conseguia colocar os filhos na linha dando-lhes “o olhar”. Ao retornarem aos seus veículos, ele se perguntou exatamente como Greer incutiria o temor de Deus em Kyle.



“Você ligou para ele,” Zander afirmou a Kyle enquanto eles estavam na varanda novamente.

Não houve arrependimento no rosto de Kyle. Ele ficou parado calmamente na porta, apoiando-se casualmente no batente, tentando evitar o olhar mortal do xerife. Zander entendeu. Até ele ficou um pouco nervoso com o fogo nos olhos de Greer. A temperatura deles queimaria a pele.

“Claro que sim. Você não disse para não fazer isso. Você já esperava que eu ligasse para ele, mas não mandei ele sumir. Essa foi a ideia dele. Eu disse a ele que ele não estava em apuros por causa da luta.”

“Então por que ele fugiu?” Greer perguntou. “Ele não levou a caminhonete, então presumo que ligou para alguém para buscá-lo. Não há lugar para andar a pé por lá.”

“Ele não gosta muito de você, xerife.” Kyle encolheu os ombros, finalmente ousando olhar rapidamente para Greer. “Até eu fiquei nervoso ao ver você na minha porta, mesmo tendo ficado longe de problemas. Não posso evitar.”

“Para quem ele ligaria?” Zander não se importou com a tentativa de Kyle de colocar neles a culpa pelo desaparecimento de Billy. Ele ficou surpreso que o homem tivesse sugerido isso sob o olhar quente do xerife.

Kyle franziu o rosto pensando. “Você me pegou lá. Ele realmente não tem amigos.”

Greer bufou.

“Talvez outro cara que trabalha na loja?” Kyle acrescentou apressadamente.

O aborrecimento atingiu Zander quando ele percebeu que talvez tivessem que voltar à loja de peças de automóveis para conseguir alguns nomes. Para frente e para trás, para frente e para trás.

Ridículo.

“Que tal uma namorada?” ele perguntou.

A expressão de Kyle clareou. “Isso é possível. Eu não diria namorada, mas sei que ele ficou no início desta semana. Não voltei para casa por duas

noites. Não sei nada sobre ela — acrescentou, adiantando-se a Zander na próxima pergunta.

“Uma conexão e Lindsay Fitch?” Zander perguntou.

Kyle sorriu. “Já existe o suficiente?”

“Sem nome?” Greer fez uma careta.

"Nada". Eu não dou a mínima para onde ele enfia. Ele apertou os lábios e olhou rapidamente para Greer, como se estivesse preocupado em ser repreendido por xingar.

Zander acreditou nele. Frustrado, ele apontou para a metade inferior da tatuagem de Kyle, abaixo da manga. “Onde você conseguiu a tatuagem dos Membros Europeus?”

Kyle se afastou do batente da porta e puxou a manga, com uma carranca nos olhos e na boca. “O que isso importa para você?”

"Estou curioso. Conceda-me." Zander encontrou seu olhar.

Greer mexeu os pés e enfiou os polegares no cinto de segurança, e Kyle considerou cuidadosamente a expressão dura do xerife. O silêncio se estendeu entre os três.

“Eu estava com eles na prisão”, Kyle finalmente disse, erguendo o queixo. “Você tem que escolher um lado, a menos que queira levar um chute na bunda todos os dias.”

Zander observou as bordas suaves e a cor nítida da tatuagem. “Isso não é tatuagem de prisão. Um profissional fez isso.”

Os ombros de Kyle se contraíram. “É meio difícil afastar as pessoas quando você sai. Eles têm expectativas.”

“Eles queriam que você negociasse por eles?” perguntou Greer em um tom que parecia o do pai de Zander quando ele estava em apuros.

“Ninguém me diz o que fazer.” O desafio brilhou.

“Billy tem a mesma tatuagem?” Zander o observou. Kyle estava lutando para ficar parado. Suas mãos foram para os bolsos de trás e para fora novamente, e então ele tentou retomar sua postura casual e desleixada contra a moldura e falhou, parecendo uma tábua encostada na parede.

"Não."

Zander olhou para o xerife e ergueu uma sobrancelha. Feito?

Greer examinou Kyle, fazendo-o se contorcer novamente. “Avise-me se tiver notícias de Billy. Imediatamente. Diga a ele que temos perguntas.

“Eu já disse isso a ele,” Kyle murmurou. Ele entrou e fechou a porta.

Greer e Zander trocaram um olhar e seguiram em direção aos seus veículos.

“Você tem um bom temor a Deus”, comentou Zander. “Ele estava começando a parecer um tweaker.”

“Eu tive filhos.”

Os lábios de Zander se curvaram ligeiramente. “Nenhuma ligação ou e-mail na cena de Copeland?”

O xerife checkou seu telefone e tocou na tela, lendo seu e-mail enquanto paravam em seu veículo. "Nada." Ele enfiou o telefone no bolso e olhou para a casa dos Osburne. “Não consigo tirar o rosto de Nate Copeland da cabeça.”

Ele não foi o único.

“Estou lutando com a ideia de que possa ser um assassinato”, disse Greer lentamente. “Quem deixa alguém atirar na boca deles? Nate não teve nenhum ferimento defensivo. Nenhum sinal de luta.”

“Nenhuma entrada forçada”, acrescentou Zander.

“Isso não me incomoda muito. Poucas pessoas trancam as portas aqui. Ele poderia ter saído para comprar alguma coisa naquela manhã e deixado a porta destrancada.

“Talvez a autópsia revele que ele estava incapacitado de alguma forma. Um golpe na cabeça que se escondeu sob os cabelos ou foi disfarçado pelo ferimento de saída. Talvez ele estivesse drogado.

Greer olhou de soslaio para ele. “Como o casal Fitch.”

Zander fez uma careta. “Dependendo do resultado da autópsia, deveríamos solicitar testes nos alimentos e bebidas da casa dele.”

"Merda." O xerife ergueu as mãos e afastou-se vários passos. "O que está acontecendo?"

“Estamos avançando”, destacou Zander, surpreso com a visível frustração de Greer. Ele começou a acreditar que o homem quieto era parte andróide. “Vamos pegar o relatório da autópsia primeiro.”

"Eu sei." O xerife beliscou a ponta do nariz e exalou pesadamente. “Como diabos eu de repente consegui três pessoas mortas no meu condado?”

Zander não disse nada. Greer não precisava de seu incentivo. Ele estava desabafando, algo que Zander entendia muito bem.

“Acho que deveria passar por aquela reunião na igreja”, disse o xerife. “Meu ajudante de caminhão pode perguntar na loja de peças de automóveis os nomes dos funcionários e descobrir sobre uma possível namorada – ou quem quer que seja – e nos fornecer as informações.”

“Nós dois iremos a essa reunião.”



Madison levou Alice até a igreja metodista e discutiu consigo mesma se deveria ou não comparecer à reunião. Ela não queria ouvir detalhes da morte de Lindsay e enfrentar perguntas intrometidas de intrometidos. Mas ela queria saber como estava indo a investigação. Sua necessidade de respostas superou todo o resto, então ela estacionou, renunciou para comparecer e evitar o máximo de pessoas possível.

Alice agradeceu pela carona e saiu correndo do carro antes que Madison desligasse o motor. Surpresa com sua velocidade, Madison observou até Alice desaparecer dentro da igreja.

O estacionamento estava quase cheio. O medo tirou as pessoas da toca. Ela bateu a porta do carro e caminhou em direção ao prédio, imaginando como sua comunidade discutiria com calma dois assassinatos. Ela usava o boné dos Goonies puxado para baixo no rosto e mantinha a gola do casaco alta, preferindo não ser notada.

“Ei, Madison.”

Conhecendo aquela voz, ela se virou e encarou o homem alto. Tanta coisa para ficar fora do radar. “Tio Rod. Estou um pouco surpreso em ver você aqui.

“Um duplo assassinato nos limites da cidade? Pode apostar que estou curioso. O irmão de sua mãe era o único parente do sexo masculino na vida de Madison desde a morte de seu pai. Embora morasse nos arredores de Bartonville, raramente se misturava com a população da cidade. Madison o apreciava. Ele era uma das poucas pessoas que não a olhava com simpatia, perguntando-se por que ela se mantinha reservada. Ele simplesmente a aceitou como ela era.

Ele a seguiu escada acima da igreja e colocou a mão em seu ombro, e ela se virou e encontrou preocupação enchendo seu rosto. “Aqui estou preocupado com o fato de você e sua irmã perderem um funcionário próximo, mas Lindsay foi mais para você do que isso, não foi?” Seus olhos estudaram os dela.

Madison engoliu em seco, tentada a ignorar a questão pessoal. Mas este era o tio dela; ela poderia falar com ele. "Sim. Lindsay era minha melhor amiga." Não que ela tivesse muitos amigos.

"Sinto muito, querido." Ele a puxou para um grande abraço e ela apoiou a cabeça em seu ombro. Ele cheirava a chuva e café. Aromas reconfortantes. Por um longo segundo, ela acreditou que tudo ficaria bem.

Nada nunca mais estará certo.

Ele a soltou e deu um tapinha nas costas dela enquanto abria a porta para ela. "Você vai superar isso. Você já fez isso antes.

Antes.

Uma nova dor irradiava de seu coração até os dedos dos pés, fazendo-a tropeçar enquanto as emoções da morte de seus pais a emboscavam. Ele a pegou pelo cotovelo e eles entraram no lotado saguão da igreja, onde as pessoas tentavam passar pela próxima porta estreita para entrar no santuário. Ela levantou a aba do boné e procurou por Alice, mas não a viu. Uma vez dentro da grande sala, ela sentou-se ao lado de Rod, encostada em uma parede lateral, já que restavam poucos assentos nos bancos duros.

A igreja tinha quase cinquenta anos e cheirava a madeira empoeirada e cera de vela. As quatro janelas de cada lado do santuário pareciam vitrais personalizados, mas Madison sabia que as belas janelas originais haviam sido substituídas por imitações feitas em fábrica. O efeito não foi exatamente o mesmo. Quando um vitral quebrado na mansão Barton precisou ser substituído, suas tias travaram um debate acirrado sobre seu destino. Eventualmente, uma janela personalizada foi encomendada, em vez da opção mais barata. Dory e Thea reclamaram disso durante meses, mas Vina manteve sua decisão.

Perto do pequeno pódio na frente do santuário, sua tia Vina conversava com um homem alto e careca. Vestindo uma jaqueta rosa choque, Vina olhou carrancuda para Harlan Trapp, o prefeito de Bartonville, com as mãos nos quadris. Considerando que Vina e Harlan sempre brigavam por questões da cidade, Madison não desejava ouvir a discussão atual deles – ou a palestra de Vina. Nada fazia Madison sair de cena mais rápido do que confrontos e discussões. Ela examinou a plateia, sabendo que a discussão da noite poderia ficar acalorada, e preparou sua rota de fuga.

Ao lado dela, Rod cruzou os braços sobre o peito, olhando também para Vina e Harlan. Madison se confortou com sua grande presença.

Talvez eu consiga aguentar isso.

Ela devia isso a Lindsay.

Mais duas jaquetas rosa choque chamaram sua atenção e ela avistou Dory e Thea na plateia. Thea conversava animadamente com duas mulheres no banco atrás delas, e Dory conversava com Simon Rhoads. Madison torceu o nariz. Simon estava atrás de Dory há anos. Ele era agradável, mas sempre tinha cheiro de remédio, como se tivesse espalhado Vick VapoRub em vários lugares. Dory afirmou que não sentiu cheiro de nada, mas suas irmãs concordaram com Madison.

Madison sabia que Dory nunca sairia da mansão e as irmãs nunca permitiriam que Simon Rhoads se mudasse. Dory afirmou que passou um tempo com ele para oferecer ajuda com sua artrite e colesterol alto. Nada deixou Dory mais feliz do que discutir sintomas médicos. As tias brincaram que Dory estava roubando o berço porque Simon estava na casa dos sessenta.

Outros rostos familiares saltaram da multidão. Isaac e Leo do trabalho. Leo disse algo para Isaac, e ele imediatamente se endireitou da posição caída.

Encostada na parede oposta estava Leann Windfield, enviando mensagens em seu celular. Madison olhou, silenciosamente desejando que a mulher a olhasse nos olhos. Leann a assediou na escola e Madison nunca se esqueceu de como ela foi cruel.

Leann não ergueu os olhos.

Madison continuou a estudar o público. Ela finalmente avistou Alice, com o capuz ainda levantado, sentada na ponta do banco da frente. O espaço ao lado dela era um dos únicos lugares vagos que restavam. Magoada por muitas pessoas terem evitado Alice, Madison considerou sentar-se, mas não oferecia acesso à sua rota de fuga.

Várias fileiras atrás de Alice estava Brett Steele, ex-marido de Emily.

Deixar aquela bunda foi a coisa mais inteligente que Emily já fez.

Ele tentou controlar Emily, esperando que ela prestasse contas de cada minuto do seu dia.

E ele parecia pensar que a terceira irmã Mills deveria ser sua próxima conquista.

Quão doentio é trabalhar com todas as irmãs de uma família?

Brett a atacou várias vezes em bares e ela o derrubou. Ele parecia encarar isso como um desafio, então foi ao restaurante e tentou conversar com Madison. Ela deixou claro que ele estava perdendo tempo, mas ele desconsiderou esse fato, convencido de que poderia se conectar com ela.

Desinformado.

Como se sentisse o olhar de Madison em seu pescoço, Brett se virou e olhou diretamente para ela. Seus olhos foram para o boné dela e ele deu um meio sorriso, dizendo que ela havia falhado em seu desejo de ser ignorada. Ela desviou o foco, agitada por ele tê-la pegado.

Ele consideraria o contato visual deles como um motivo para continuar sua busca.

O movimento chamou sua atenção. Emily entrou e se posicionou contra a parede dos fundos, com uma expressão teimosa no rosto, claramente não querendo estar na reunião. Uma mulher de cabelos escuros a seguiu e agora estava ao lado dela, inclinando-se para sussurrar algo no ouvido de Emily.

Agente Especial Ava McLane.

Madison se perguntou se o agente teria encorajado Emily a vir.

"Pessoas? Podemos acalmar isso? A voz de Harlan Trapp ecoou no alto-falante. Vina desceu e sentou-se ao lado de Alice e trocou algumas palavras, aquecendo o coração de Madison. O burburinho das conversas cessou e a sala ficou em silêncio.

"Isso é melhor." A tristeza inundou o rosto redondo de Harlan. "Sei que todo mundo já ouviu falar dos horríveis assassinatos de Lindsay e Sean Fitch, e tenho certeza de que você tem muitas perguntas."

"Achei que fosse um assassinato seguido de suicídio", gritou uma voz feminina no meio da multidão.

Harlan esfregou a nuca. "Bem agora . . . Acho que disseram isso no início, mas pela última vez ouvi dizer que foi um duplo homicídio, certo? Ele olhou para a sala. "Onde está o xerife?"

Murmúrios silenciosos se espalharam enquanto as pessoas olhavam para a direita e para a esquerda, procurando o xerife.

"Ele está trabalhando", anunciou um homem de camisa xadrez encostado na parede em frente a Madison. Ela não sabia o nome dele, mas o reconheceu como deputado municipal.

"Qual é o sentido desta reunião se ele não está aqui para nos dar informações precisas?" perguntou uma voz feminina indignada.

“Achei que ele viria”, disse Harlan em tom levemente de pânico. “Quem deveria contar ao xerife sobre a reunião?” Ninguém respondeu enquanto ele vasculhava freneticamente a multidão.

"Bem, droga." Seu semblante cedeu.

Madison suspirou. Organização não era o forte de Harlan.

“Não acho que precisamos do xerife aqui para nos lembrar de trancar as portas e cuidar dos vizinhos”, disse Vina com voz forte para alcançar todos os ouvidos. “Cabe a nós ajudar a nossa comunidade a permanecer segura, e fazemos isso mantendo os olhos abertos.”

Um homem falou lá de trás. “E o que faremos se virmos o assassino?”

"Você sabe como ele é?" atirou de volta outro homem, com sarcasmo pesado em seu tom.

"Sim. Ele é um skinhead.

As opiniões surgiram em reação à descrição, criando um barulho que ecoou pelo santuário.

Harlan passou a mão pela cabeça calva. "OK! Todos se acalmem! Sua voz tremeu ligeiramente. “Josh, esse tipo de comentário não ajuda. Não julgamos as pessoas pela aparência por aqui.”

"Besteira." Leann Windfield falou claramente, ainda encostada na parede. “Foi exatamente a aparência que causou a morte de Sean Fitch. Se você não consegue ver isso, você é parte do problema.”

A boca de Madison caiu aberta. A cor da pele dele o matou?

Dezenas de vozes surgiram com raiva e Harlan lutou para assumir o controle da sala. Uma mulher no centro levantou-se e um silêncio finalmente tomou conta da multidão. Madison a reconheceu como uma professora aposentada. “Não temos racismo nesta cidade”, anunciou ela. “Vivi aqui toda a minha vida e nunca vi nada que sequer sugerisse isso.”

Madison queria concordar com a cabeça, mas algo arrepiou seu subconsciente. A declaração de Leann estava ecoando em seu cérebro, despertando uma vaga lembrança de declarações semelhantes.

Ela não conseguia juntar tudo.

“Só porque você nunca experimentou isso, não significa que não exista”, disse Leann a ela. “Dê uma olhada nesta sala. É noventa e nove por cento branco. Não admira que você sinta que isso não existe.” Leann olhou para Harlan. “Se o assassinato de Sean não tem motivação racial, por que o FBI está aqui trabalhando com o xerife neste caso?”

A sala ficou em silêncio enquanto todos os olhos se voltaram para Harlan.

“O FBI?” O suor brilhava nas têmporas de Harlan, sua voz alta.

Alguns gemidos e murmúrios soaram. Seu tio bufou e uma pequena risada irrompeu de sua garganta. Madison fechou brevemente os olhos. Controle-se, Harlan. Ver o prefeito se debater foi doloroso.

Harlan olhou ao redor da sala. “Alguém mais ouviu dizer que o FBI está aqui?”

Várias pessoas assentiram.

Madison olhou para o agente McLane. Ela vai falar? Os lábios da agente se apertaram enquanto ela avaliava a multidão. McLane perguntou se ela tinha ouvido falar de ameaças dirigidas a Sean ou Lindsay. Ela não especificou que as ameaças poderiam ter sido motivadas pela raça.

“Você está tentando transformar esse assassinato em uma questão social, quando não é”, anunciou um homem de cabelos brancos que Madison não reconheceu. “Também nunca vi nenhum racismo nesta cidade. O que temos é um assassino psicopata à solta, e vou dormir com Betsy na minha mesa de cabeceira até que o peguem. Betsy abrirá um buraco em qualquer um que tentar invadir minha casa.”

Várias cabeças concordaram com a cabeça.

Harlan fez uma careta.

“Você sabia que Oregon foi o único estado que começou apenas com brancos?” A voz do agente McLane era baixa, mas clara, e percorria a sala. “A constituição estadual original excluía todos os não-brancos de viver aqui.” Cabeças giraram em sua direção e olhares questionadores foram trocados enquanto as pessoas tentavam identificá-la.

“Isso foi há mais de cento e cinquenta anos”, respondeu alguém.

“Foi,” concordou Ava. “E há apenas alguns anos, panfletos de recrutamento foram espalhados no sul do Oregon pedindo às pessoas que se juntassem a uma organização que descendia diretamente do KKK. Seu nome é diferente agora; seu propósito não é.”

“Os panfletos são liberdade de expressão”, argumentou um homem a poucos metros de Ava. “Isso está protegido.”

“Você está certo, eles estão”, concordou Ava. “Não estou desafiando o direito de distribuir panfletos. A década de 1920 foi uma década muito ativa

para o KKK no Oregon, mas a maioria dos residentes concordaria que ele fracassou. Ninguém vê um capuz branco por aqui há décadas, certo?”

Acenos de cabeça responderam a ela.

“O que quero dizer é que o ódio nunca morre”, continuou Ava. “Ele pode ficar adormecido e parecer desaparecer quando na verdade está se escondendo e evoluindo, passando de geração em geração. Você sabia que a KKK estava muito ativa em Portland ainda na década de 1980? Alguém até chamou Portland de capital skinhead dos EUA naquela época. Não podemos dizer que o racismo não existe porque nunca nos tocou pessoalmente. Está aqui e pode ser mortal.”

O agente sabia claramente do que ela estava falando e o apresentou com tato, mas as carrancas em vários rostos indicavam que eles não gostavam de um sermão de alguém de fora. Muitas pessoas nos bancos estudaram o agente confusas. Olhares curiosos para os vizinhos foram recebidos com encolher de ombros. Ninguém sabia quem ela era.

“Ah, obrigado. . . Perder . . . ?” Harlan perguntou.

“Agente Especial McLane,” ela disse solenemente. “Faço parte da presença do FBI para verificar se os assassinatos de Fitch são ou não um crime de ódio.”

A sala explodiu novamente.

Madison piscou. Ela presumiu que o FBI estava presente simplesmente porque o xerife precisava de ajuda para investigar as duas mortes. Esta foi a primeira menção de um crime de ódio.

Eu sou denso?

"Que diabos?" Seu tio balançou a cabeça, carrancudo.

A compreensão fez sua cabeça girar. Sean e Lindsay podem ter sido mortos por causa da cor da pele de Sean. A presença do FBI indicou que a teoria de Leann Windfield poderia estar certa.

Uma memória há muito esquecida cutucou o cérebro de Madison novamente, querendo sair.

“É verdade que Nate Copeland também foi assassinado esta manhã?” alguém gritou. “Ele foi assassinado porque foi o primeiro policial a ver a cena do crime de Fitch? Ele não é negro.”

O choque atingiu Madison e ela viu Leann se endireitar, surpresa no rosto.

Alguém mais foi morto?

“Putá merda,” seu tio disse baixinho. “Outro assassinato?”

Todos os olhares se voltaram para o Agente McLane. Ela não disse nada, mas ergueu a mão até que as conversas altas parassem. “Não posso comentar a morte do delegado Copeland, mas o xerife do condado de Clatsop tem total apoio do FBI em sua investigação.”

Em outras palavras, eles estão prestando atenção porque está relacionado aos assassinatos de Fitch.

O agente McLane colocou a mão no ombro de Emily e falou rapidamente com ela. O olhar de Madison fixou-se no rosto da irmã. Emily estava completamente pálida, com os olhos arregalados, claramente alarmada com a notícia da morte de Copeland.

A razão do medo de Emily atingiu Madison e seu coração disparou.

Emily também estava lá.

Copeland viu algo na cena do crime que o matou?

“Quem é o cara com o xerife?” Rod murmurou ao lado dela.

O xerife Greer passou pela porta do santuário com o agente Zander Wells logo atrás dele. Greer ergueu a mão em saudação aos habitantes da cidade enquanto Wells rapidamente observava a multidão, seu olhar passando de um rosto para outro. Ele parou quando seus olhos pousaram em Emily, três metros à sua direita.

Alívio e algo mais passaram por seu rosto, e uma onda percorreu os instintos femininos de Madison.

O agente se sente atraído por Emily.

Ela deixou de lado a observação para refletir mais tarde.

Emily e o agente McLane não tinham visto os dois homens entrar. O xerife Greer contornou os bancos em direção à frente da sala, parando para apertar uma mão ocasional ou dar um tapa nas costas de alguém. Ava finalmente percebeu ele e imediatamente se virou para verificar a porta. Ao avistar o Agente Wells, ela fez um gesto para que ele se juntasse a eles.

Ele sentou-se do outro lado de Emily e juntou-se à conversa.

Essa é uma conversa que eu gostaria de ouvir.

Ela observou sua irmã ouvir atentamente os agentes. Ela está chateada e tentando não demonstrar.

Madison foi subitamente inundada pela imagem de um punhado de moedas estranhas. O fascínio e a curiosidade que ela sentia por eles quando criança giravam em sua mente. Ela os sentiu em suas mãos, as superfícies

frias e redondas, e se perguntou o que havia desencadeado aquela lembrança.

Quais moedas?

“Alguma atualização sobre a morte de Nate Copeland?” Ava perguntou suavemente enquanto Zander se juntava a eles no santuário lotado.

Surpreso por ela ter perguntado na frente de Emily Mills, Zander simplesmente balançou a cabeça. “Sabemos mais amanhã.”

“Tipo, se ele foi assassinado ou não?” A pergunta de Emily foi feita com sua franqueza habitual, mas Zander notou sua palidez. Suas pupilas estavam dilatadas sob a luz brilhante da igreja, e suas mãos estavam firmemente entrelaçadas – até a ponta dos nós dos dedos brancos.

Ava chamou sua atenção. “A autópsia nos dará respostas”, disse ela, com a voz baixa e mais baixa do que o normal.

“Você precisa dizer aos outros policiais que estavam na casa dos Fitch para tomarem cuidado?” Emily perguntou. Ela não olhou para nenhum deles, seu foco estava voltado para frente. Ainda sincera, mas sem o espírito habitual.

Zander trocou outro olhar com Ava. “Não estamos nesse ponto.”

"Eu vejo."

“Posso ter a atenção de todos?” O xerife Greer chegou ao microfone. Um homem careca e suado saiu correndo do pódio, com alívio aparente em seu rosto.

Outro homem levantou-se perto da frente do santuário. “O que está acontecendo, xerife? Como é que ninguém está nos dando respostas? Muitas cabeças assentiram.

“Acabei de chegar”, disse Greer. “Posso falar antes que você me acuse de não falar?”

O questionador cruzou os braços sobre o peito. “Estamos ouvindo.”

"Obrigado." O xerife pigarreou. “Eu sei que todos vocês estão preocupados com a morte dos Fitch.”

“Com certeza!” veio um grito.

"Fique quieto!"

“Deixe o homem falar!”

“O que nos preocupa é a nossa segurança”, disse o primeiro homem. “Todos odiamos o que aconteceu, mas a reação natural é nos preocuparmos com as nossas próprias famílias. Estamos seguros?”

O ar ficou parado enquanto o público esperava pela resposta do xerife.

Zander não invejava Greer.

O xerife estudou o público, muitos dos quais se inclinavam para a frente em antecipação, na esperança de ouvi-lo dizer que estava tudo bem.

Greer respirou fundo. “Não vou fingir que tudo vai ficar bem. Não sabemos quem matou os Fitch e não sabemos por quê.” Seu rosto suavizou-se. “Não posso ficar aqui e dizer honestamente que nada mais vai acontecer. Não posso prever o futuro.”

O breve silêncio atordoado foi interrompido por vozes. Quase todas as vozes. Algumas pessoas se levantaram e passaram pelos outros nos bancos, com as mãos dos filhos cerradas nas suas. Vários passaram por Zander, medo e raiva em seus olhos, pedaços de suas conversas chegando aos seus ouvidos.

“... indo para a casa da vovó em Portland.”

“...da minha arma segura esta noite.”

“—os cães ficam malucos se ouvem alguém lá fora.”

Ao lado dele, Emily ficava tensa quando as pessoas passavam, muitas delas parando para dar um tapinha em sua mão ou dizer uma palavra breve sobre Lindsay.

"Pessoas!" O xerife sabia que havia perdido a multidão. "Mais alguma pergunta?" Ele foi ignorado enquanto mais pessoas se levantavam e saíam. Alguns se reuniram no pódio, enchendo Greer de perguntas. Outros se reuniam em pequenos grupos, com as cabeças unidas enquanto falavam, ocasionalmente lançando olhares desconfiados para ele, Ava ou o xerife.

"Porra." Ava foi sucinta. “Isso não resultou em nada, exceto irritar a todos.”

“O que você espera quando lhes dizem que podem ser a próxima vítima de assassinato?” retrucou Emily.

“Não foi isso que...”

“Eu sei que não foi isso que o xerife disse”, afirmou Emily. “Mas foi isso que eles ouviram.”

Zander não podia contestar a lógica de Emily. A cor dela era melhor. A raiva substituiu a ansiedade anterior.

Ele gostava mais dela assim.

Ela se virou para ele. “Quando você terá um motivo?” Seus olhos azuis escuros o sondaram, esperando uma resposta.

"Não sei." Ele não podia mentir.

“Você não descobriu nada.”

“Eu não diria isso.”

“Estou em perigo porque estava lá ao mesmo tempo que Nate Copeland?”

Zander sustentou o olhar dela. “Não podemos descartar isso ainda.”

Ela praguejou baixinho. “O que agora?”



Madison entrou silenciosamente pela porta da frente da mansão e fechou-a lentamente, com a maçaneta firme em suas mãos, tentando ficar o mais silenciosa possível. Suas tias estavam em casa depois da reunião na igreja, e Madison não queria ouvir uma discussão em que elas repetissem cada palavra. O carro de Emily não estava estacionado em sua vaga habitual, na frente, o que era bom para Madison. Ela não acreditava que a irmã a tivesse visto na reunião; Emily estava focada nos agentes do FBI.

Emily provavelmente se pergunta por que não compareci.

Sua irmã estava sempre olhando por cima do ombro de Madison, verificando como ela estava, sendo uma mãe galinha. Isso a fez se sentir como uma adolescente com uma acompanhante.

A escada rangeu enquanto ela subia levemente os degraus, mantendo um ouvido aberto para suas tias. Ela passou pela porta aberta do quarto de Emily. E então parou. As moedas de suas memórias anteriores reapareceram em sua mente e a levaram para dentro do quarto de Emily.

Foi aqui que eu os vi?

Não poderia ser. A memória parecia muito, muito antiga.

Ela ligou o interruptor da luz e estudou as coisas da irmã. Madison havia vasculhado as coisas de Emily no passado simplesmente por curiosidade e porque teve a oportunidade. Ela presumiu que sua irmã havia feito o mesmo com os pertences de Madison. As três irmãs — e depois as duas — reviravam constantemente as coisas uma da outra desde que Madison conseguia se lembrar.

Todas as irmãs bisbilhotaram. Certo?

Madison deslizou de bruços, a madeira fria contra seus joelhos nus. O espaço debaixo da cama de Tara era apertado, e Madison manteve o rosto encostado no chão para ficar abaixada o suficiente sem bater a cabeça. A cama de Tara estava empurrada para o canto mais afastado do quarto, e Madison avistou uma grande caixa embaixo, naquele canto. Ela queria

saber o que havia nele. Ela empurrou sapatos, jogos e caixas menores para fora do caminho. Ela já havia vasculhado aquelas caixinhas e não encontrou nada de interessante. Mas aquela caixa grande por si só era como um farol para o seu cérebro de nove anos.

Emily dividia um quarto com Madison, mas aos dezessete anos Tara já tinha o seu próprio. O ciúme correu solto no coração de Madison. Tara tem que fazer tudo. Encontros, filmes, condução. Ela conseguiu trabalhar na lanchonete e ganhar dinheiro para comprar todas as roupas que quisesse.

Madison mal podia esperar para ser adolescente.

Seus dedos alcançaram a caixa de papelão, cuja superfície marrom era áspera ao toque. Era alto demais para abrir debaixo da cama. Ela recuou por onde veio, deslizando com uma mão agarrando desajeitadamente um canto da caixa. Era pesado e continuava escorregando de suas mãos. Excitação enrolada em seu peito.

O que seria?

Ela saiu debaixo da cama. A poeira do chão deixou padrões estranhos e claros em sua camiseta azul-marinho, e ela sentiu o gosto na língua. Ajoelhando-se, ela abriu as abas da caixa. E exalou em decepção.

Livros. A caixa estava cheia de livros. Ela cavou até o fundo, em busca de um tesouro escondido. Nada além de livros. Ela pegou um, franzindo o nariz para o homem e a mulher abraçados na capa. Abrindo-o, ela notou que alguém havia usado uma caneta para sublinhar frases.

Mamãe ficaria furiosa se Tara tivesse marcado nos livros.

“Madison!” Tara estava na porta, a fúria brilhando em seus olhos.

Colocando o livro de volta na caixa, Madison sentiu seu estômago revirar e revirar, pronta para vomitar.

Madison tremeu, sentindo a mesma náusea culpada enquanto revistava o quarto de Emily. Mas de alguma forma a náusea era diferente. Agora mais arrependimento e desgraça a afetaram, já que ela era adulta, mas cometia os pecados de uma criança.

Desta vez eu sei o que estou procurando.

Essa desculpa não acalmou seu estômago como ela esperava.

Ela escutou, ainda ouvindo apenas os murmúrios distantes de suas tias. O quarto de Emily era uma imagem espelhada do dela. Todos os cômodos da mansão tinham tetos altos e cada quarto tinha uma ou duas amplas janelas salientes. Todo mundo reclamava dos armários estupidamente

minúsculos, mas ninguém fazia nada a respeito. As pessoas possuíam menos roupas quando a mansão foi construída. Remodelar os quartos para que tivessem armários espaçosos que refletissem os excessos dos dias atuais custaria uma fortuna que eles não tinham.

O quarto de Emily tinha uma cama queen-size, uma cômoda, duas mesas de cabeceira, um armário minúsculo e uma escrivaninha. Qualquer uma delas poderia esconder o que Madison estava procurando.

Por que acho que vou encontrá-los aqui?

A sensação de segurar os discos de metal frio arrepiou seus nervos. Ela nunca encontrou nada parecido com as moedas em suas buscas anteriores no quarto de Emily. Ela considerou começar debaixo da cama e depois escolheu o armário. Agarrando um banquinho, ela abriu a porta. O armário estava abarrotado. Ela subiu no banquinho e examinou a prateleira acima das roupas. Uma dúzia de caixas de sapatos. A maior parte deles, Madison sabia, continha sapatos. Ela não teve paciência para procurar cada um novamente. Descendo, ela fechou a porta e recolocou o banco, sentindo vontade de sair antes que Emily voltasse para casa.

Talvez ela não fosse mais a bisbilhoteira horrível que acreditava ser.

Decidindo sair logo, ela abriu uma gaveta na mesa de cabeceira mais próxima e recuperou o fôlego.

Não moedas. Um relógio de bolso.

Ela o pegou com admiração, o relógio familiar aos seus dedos. Ela reconheceu seu peso, sua superfície polida e seu pequeno fecho.

Este é do papai.

Ela pressionou a haste e ela se abriu. O olhar dela parou nas iniciais dele dentro da portinha. Os ponteiros mostravam uma hora incorreta. Levando-o ao ouvido, ela não ouviu nada. Ela fechou os olhos e o viu.

Ele estava sentado na varanda dos fundos da casa deles, sorrindo enquanto gritava para ela e Emily vencerem Tara no cabo de guerra improvisado que haviam começado com a mangueira. Estava quente. Ela usava o maiô turquesa – aquele com o unicórnio. Tara e Emily usavam ternos laranja combinando. A mãe deles tentou comprar um terceiro para Madison, mas ela odiava laranja e se apaixonou pelo unicórnio.

A água fez a mangueira esfriar em suas mãos. Ele jorrou perto de Emily, fazendo a grama esmagar entre os dedos dos pés. Na contagem alta do pai, ela e Emily puxaram com toda a força, rindo de alegria quando a irmã mais

velha tropeçou e caiu de cara na grama. Num piscar de olhos ele estava ao lado de Tara, levantando-a e exclamando ao ver o sangue jorrando de seu nariz. Escorria pelo traje laranja, deixando rastros escuros e tortuosos. Hipnotizada, Madison observou enquanto eles cresciam. O pai dela enfiou a mão nos bolsos e tirou o relógio e um lenço de papel. Ele deixou cair o relógio na grama molhada e pressionou o lenço no nariz de Tara.

Madison olhou para o relógio em sua mão, lembrando-se de como ficou chocada por ele ter deixado seu precioso relógio cair no chão, arriscando danos causados pela água e quebra. Para ela, mostrara o quanto ele amava Tara — todos eles — colocar em perigo seu bem mais precioso. Uma onda de perda e amor a atingiu, e ela se apoiou na mesa de cabeceira, com lágrimas turvando sua visão.

Ela havia perdido muito.

Respirando fundo, ela esperou que seus olhos clareassem e empurrou as emoções para trás de uma porta trancada em seu cérebro, onde elas pertenciam.

O relógio foi um presente do avô de seu pai, que tinha as mesmas iniciais. Seu pai permitiu que as meninas o examinassem sempre que pedissem, desde que ele permanecesse por perto. Era precioso para ele e as irmãs encaravam-no com admiração. Abaixo das iniciais gravadas em uma caligrafia sofisticada havia uma frase em uma língua estrangeira. Latim talvez? Ela se lembrou de seu pai lhes dizendo que isso significava cuidar dos outros.

A porta da mala fechou-se com um estalido e Madison apertou a antiguidade, com a mente a mil.

Estava sempre no bolso do pai. Ele guardava as chaves e alguns trocados em um bolso da frente e o relógio de bolso no outro.

Depois que ele morreu, o relógio de bolso não foi encontrado em lugar nenhum. A mãe dela ficou furiosa, convencida de que o assassino havia levado o relógio, ou possivelmente um dos investigadores. Quando a polícia sugeriu que o objeto estava perdido no incêndio da casa — já que todos os seus pertences haviam sido queimados —, sua mãe rejeitou a teoria. O pai dela havia trabalhado até tarde naquela noite e ainda estava de calça jeans quando foi morto; o relógio estaria em seu bolso.

Como? Como o relógio foi parar aqui?

Uma das tias ficou com ele e deu para Emily? Sem contar a Madison?

A mãe dela observou que a carteira do pai ainda estava no bolso. Por que alguém pegaria um relógio velho e deixaria a carteira de couro com trinta e dois dólares?

Ninguém respondeu e o relógio foi esquecido, provavelmente para nunca mais ser visto.

Há quanto tempo Emily tem isso?

Ao ouvir a porta da frente abrir e fechar, Madison colocou o relógio no bolso e saiu correndo do quarto. Ela correu silenciosamente para seu próprio quarto, onde ouviu Emily subir as escadas. O interruptor de luz do quarto de Emily clicou e Madison prendeu a respiração, torcendo para ter deixado tudo como Emily deixara. Madison arrancou o boné dos Goonies, passou a mão pelos cabelos e tirou o casaco. Depois de um longo momento, ela voltou para o quarto de Emily.

Sua irmã estava sentada à escrivaninha, folheando uma pilha de papéis.

“Ei, Em.”

Emily não se virou e continuou organizando seus papéis. “Olá, Madison. Você sabia que houve uma reunião na igreja esta noite sobre os assassinatos de Fitch?”

O tom casual de sua irmã era como unhas num quadro-negro.

“Eu estava lá”, Madison respondeu no mesmo tom.

Isso fez Emily se virar, estreitando os olhos e franzindo levemente o rosto. “Eu não vi você.”

“Eu estava ao lado do tio Rod. Eu vi você lá atrás com os dois agentes do FBI.”

“Eu também não notei Rod. Encontrei o Agente McLane no estacionamento.” O olhar de Emily caiu para o chão. “Agente Wells apareceu mais tarde.”

Madison inclinou a cabeça diante da mudança sutil no tom de sua irmã ao mencionar o agente Wells.

Ela também está atraída por ele.

Sua boca se contraiu enquanto ela estudava Emily. Quanto tempo levariam para perceberem que era mútuo? Madison não estava com ciúmes; A agente Wells era atraente, mas não fazia o tipo dela; ele se manteve contido por trás de seu exterior frio.

A atração mútua da agente e de sua irmã era um ponto discutível. Qualquer profissional saberia que não deveria se envolver com uma

testemunha em uma investigação de assassinato.

“A coisa ficou muito quente lá dentro”, disse Madison, só para manter a conversa. “Parece que ninguém sabe o que está acontecendo.”

“Não se passaram dois dias desde que eles morreram,” Emily retrucou enquanto olhava para sua irmã. “Esta é a vida real, não a TV. Assassinatos não são resolvidos em um episódio.”

Madison levantou o queixo. “Estou bem ciente de há quanto tempo Lindsay está morta.” As palavras foram ditas para irritar sua irmã, mas perfuraram seu próprio coração. Sua respiração ficou presa com a dor aguda e ela desviou o olhar.

Ela sentiu o olhar perspicaz de Emily sobre ela e lutou para controlar seu luto.

“É como perder outra irmã”, disse Emily.

Irmã . . .

“Tara não está morta.” Madison se recusou a acreditar. A raiva a encorajou. Ela tirou o cabelo do ombro e encontrou o olhar de Emily. “Por que ninguém se importa ou fala sobre Tara? Por que deixamos que ela nos expulsasse da vida dela?”

O rosto de sua irmã ficou em branco. “Sua vida, sua decisão. Se ela não quer nada conosco, que assim seja.

Madison olhou feio. “Não acredito que você ainda está com tanto frio.”

“Eu simplesmente disse o que todo mundo está pensando.”

“É da nossa irmã que estamos falando. Você não se importa?”

“Tara foi embora; ela tinha esse direito. Algo a fez decidir colocar muito espaço entre nós e ela mesma, e até que ela queira falar sobre isso, não é da nossa conta.

“Mas o que diabos faria com que ela nunca entrasse em contato com nenhum de nós? Você nunca se perguntou?”

“Não.” Emily virou-se para seus papéis. “Deixa pra lá, Madison.”

Madison olhou para ela de volta. Esta não era a Emily que ela conhecia. Emily soltou aranhas ao ar livre em vez de matá-las. Ela deixou os idosos falarem alto por uma hora no restaurante, sem interromper uma única vez. Ela foi franca, mas Emily provou repetidamente que era um ser humano atencioso. Exceto quando se tratava de Tara.

“O que Tara fez com você?” Madison sussurrou enquanto os pelos de seus braços se arrepiavam. Algo não estava sendo dito.

“Vá para a cama, Madison.”

“Você não é um maldito posto sem sentimentos. Por que ninguém vai falar sobre isso? Por que sou a única pessoa que se preocupa em procurar nossa irmã?”

Emily não disse nada.

De repente, tonta, Madison deu meio passo para trás, entendendo que segredos estavam sendo guardados e que era possível que mentiras tivessem sido contadas sobre Tara por décadas. Ela tocou a protuberância do relógio em seu bolso. Mais mentiras.

O que está acontecendo?

Madison bebeu uma bebida energética no café da manhã enquanto cuidava rapidamente da bagunça na cozinha da mansão e ficava de olho no tempo. Ela precisava sair em cinco minutos para chegar ao restaurante às seis e meia. Suas tias haviam deixado pratos no balcão do que parecia ser torta de maçã e sorvete de baunilha. A sobremesa devia ser necessária depois da reunião da noite anterior.

"Bom Dia, querida. Já tem café? Dory bocejou. Seu cabelo branco estava preso de lado na cabeça, e chinelos incompatíveis apareciam por baixo do roupão de chenille desbotado. Thea e Vina usavam o mesmo manto.

"Vou começar para você." Madison pegou a jarra e colocou-a sob a torneira. "Eu não faço café nas manhãs em que trabalho. Eu pego o meu no restaurante.

"Oh. Acho que Thea faz isso nesses dias. Está sempre pronto quando eu desço." Dory olhou para o relógio do micro-ondas. "Meu Deus. Não percebi que era tão cedo." Ela esfregou o traseiro. "Minha ciática me incomodou a noite toda. Nada do que tomo parece tocar a dor. Está bom há meses, então não sei por que de repente está piorando.

Madison sabia tudo sobre os problemas de ciática de Dory. O médico garantiu a Madison que sua tia-avó tinha a coluna saudável de uma garota de quinze anos e sugeriu que a dor na parte inferior era causada por outra coisa. Madison mediu os grãos de café no filtro. "Talvez tenha explodido naqueles bancos duros ontem à noite. Eles sempre me deixam dolorido.

A boca de sua tia se abriu em um grande O. "Aposto que você está certo. Foi impossível ficar confortável durante aquela reunião. Thea ameaçou sentar em outro lugar se eu não ficasse quieto. Você é uma garota inteligente. Ela riu e deu um tapinha no braço de Madison. "Você parece muito bem hoje."

Dory sempre a elogiava quando Madison usava o macacão esvoaçante de pernas largas. Parecia seda leve contra sua pele, e ela sabia que poucas pessoas conseguiriam tirar as grossas listras verticais pretas e brancas do jeito que ela conseguia. Emily odiou o macacão. O que pode ter sido parte do motivo pelo qual Madison o colocou naquela manhã. Um pônei alto

penteados para trás junto com maquiagem nude - exceto seu batom vermelho favorito - bombeiro - completaram seu look do jour.

"Emily está acordada?" Dóri perguntou.

"Não. Ela só trabalha mais tarde.

Madison fechou a cafeteira e apertou o botão INICIAR, perguntando-se se Dory sabia alguma coisa sobre o relógio de bolso do pai. Por exemplo, como diabos algo que estava desaparecido há cerca de vinte anos apareceu de repente na gaveta de Emily.

"Dóri. . . você se lembra daquele relógio de bolso que papai sempre carregava consigo?"

"Claro." Ela inclinou a cabeça, simpatia nos olhos. "Você tem pensado em seu pai?"

"Às vezes. Lembro-me de como mamãe ficou chateada com o desaparecimento."

Uma expressão melancólica cruzou o rosto de sua tia. "Ela ficou arrasada, coitada. Acho que foi a única coisa que ela realmente sentiu falta do seu pai. Teria sido uma boa lembrança.

"Nunca apareceu?"

A confusão enrugou a pele macia da testa de Dory. "Não que eu saiba. Acho que me lembraria disso.

A conversa não revelou as informações que Madison queria.

"Foi horrível o que foi feito com seu pai, deixando vocês, meninas, sem nada. Mesmo ele não merecia isso.

Até ele?

"Você acha?" Madison perguntou casualmente, observando o café começar a escorrer para a cafeteira.

"Oh sim. Mesmo sendo o tipo de homem que ele era, esse tipo de crueldade não deveria acontecer com ninguém."

Calafrios levantaram os pelos dos antebraços de Madison. Ninguém jamais havia falado de seu pai nesses termos.

"O que as pessoas disseram?"

Dory bocejou novamente. "O café está quase pronto?"

"Mal começou. Espere alguns minutos. Você ia me contar o que as pessoas diziam sobre o papai.

"Ah voce sabe. Apenas fale. Não significou nada. Ela olhou ansiosamente para a cafeteira.

Dory nunca fez café?

“Eu sei que as pessoas costumavam espalhar boatos.” Madison não sabia de nada disso, mas esperava que isso alimentasse o momento de conversa que Dory havia começado.

“Oh sim. As pessoas são cruéis. Sua pobre mãe. Todos nós imploramos para que ela não se casasse com ele.”

A cabeça de Madison girou. De novo. Ela nunca tinha ouvido tal conversa.

“Pobre mãe. Como ela lidou com isso?”

Dory acenou com a mão desdenhosa. “Como se ela cuidasse de tudo. Ela fez o que diabos ela quis. Veja o que isso deu a ela.

Dory está bêbada? Madison inclinou-se sutilmente na direção da tia e cheirou o ar. Nada.

“Sinto muito, querido. Foi muito injusto com vocês, filhos. Acima de tudo, Tara.

O que foi injusto?

Madison não queria que Dory parasse, mas sabia que a conversa estava pisando em gelo fino. Ou Madison ouviria algo que não queria ouvir, ou Dory perderia a linha de pensamento e o momento terminaria. “Por que você acha que foi o pior para Tara?”

“Bem, ela era mais velha. As pessoas a viam e tratavam como adulta.” Ela balançou a cabeça tristemente. “Ela ainda era uma criança. Foi tão errado.

“Estava errado.” Madison não tinha ideia do que ela acabara de concordar.

“Foi o dinheiro, você sabe. Tudo sempre foi sobre o dinheiro.” Dory suspirou. “Mas isso já havia desaparecido há anos. Ninguém sabia. Ainda hoje eles ainda acreditam que somos ricos.” Ela abriu um armário e franziu a testa. “Oh, minhas vacas. Sobrou algum Pop-Tarts? Os de canela ficam perfeitos com café.”

Madison estava perdida e ela suspeitava que Dory também. Ela abriu automaticamente o armário ao lado e entregou a Dory a caixa de Pop-Tarts. “As pessoas gostam de fofocar sobre o dinheiro dos Barton?” Madison já sabia que isso era verdade. Ela ouviu as fofocas durante toda a sua vida.

“Entre outras coisas, mas era sobre seu pai que eles mais gostavam de fofocar.”

Ela queria gritar de frustração com a divagação. Dory lutou com o pacote de papel alumínio brilhante. Madison pegou, abriu e entregou-lhe um doce. “Eles estavam errados sobre ele.”

"Oh não. Os rumores estavam certos. Dory mordeu uma ponta do Pop-Tart gelado e fechou os olhos, satisfeita. “Ele se casou com sua mãe porque pensou que éramos ricos. Até o dia em que morreu, ele pensava que ainda estávamos escondendo dinheiro dele e ficou ressentido com isso.”

A energia de Madison foi drenada de seus membros rapidamente. Seu pai era amoroso e divertido, não como essa pessoa que Dory estava descrevendo. Dory está dizendo a verdade? Algumas conversas com ela foram assim. Um monte de memórias espalhadas e amarradas em nós.

Uma memória veio à tona.

Madison, de seis anos, não conseguia desviar o olhar da linda boneca na vitrine de vidro. Ela, Emily e o pai tinham parado na venda de garagem de um vizinho. Enquanto seu pai examinava as ferramentas, ela olhou para a boneca, ignorando os livros e vídeos que Emily tentava mostrar a ela.

“São apenas um quarto de cada”, disse Emily. “Papai não terá problemas com isso.” Ela percebeu o fascínio de Madison. “Ahh. Ela é linda.” Emily deu a volta na mesa para verificar o fundo da vitrine. “Setenta e cinco dólares!”

Madison sabia que isso era ruim.

“Esse é um item de colecionador”, disse o proprietário ao se aproximar. “Não é um brinquedo. Mas você gosta, não é? ele perguntou a Madison.

Madison só conseguiu assentir.

“Bem, vamos trazer seu pai aqui.” O proprietário avistou seu pai. “Ei, Lincoln. Sua garotinha encontrou algo de que gosta.

O pai dela se aproximou, segurando um martelo e viu, com um sorriso largo para as meninas. Madison cruzou os dedos. Ele olhou para a parte de trás da vitrine e seu sorriso desapareceu. Ele olhou para o proprietário. “Isso é uma piada?”

"Não. Na verdade, ela vale mais do que isso.

“Desculpe, querido”, disse o pai. “Encontre um novo livro, ok?”

A decepção a esmagou.

“Ah, vamos lá, Lincoln. Todo mundo sabe que você tem dinheiro do Barton.

Madison tropeçou para trás diante da fúria instantânea nos olhos de seu pai quando ele se virou para o proprietário. Emily viu e agarrou a mão de Madison, puxando-a para a garagem. Ela havia deixado os livros e vídeos. “Vamos esperar aqui”, disse Emily com uma voz alegre.

Algo estava errado.

Seu pai saiu segundos depois, sem ferramentas na mão, com o sorriso de volta. “Nada hoje, hein?” Ele pegou a outra mão de Madison e os três caminharam até o carro dele.

Ela deve ter imaginado a raiva nos olhos dele.

Madison olhou para a cafeteira.

Será que Emily a estava protegendo da raiva do pai?

“Acho que há o suficiente para uma xícara.” Dory olhou avidamente para a panela.

“Só se você gosta do seu café super forte e amargo.”

“Nesse caso, vou esperar. Mas, por favor, se apresse.

Ela está falando comigo ou com a maconha?

“Os rumores eram de que papai se casou com mamãe por dinheiro?” Madison tentou colocar sua tia de volta nos trilhos.

“Isso e aquelas coisas horríveis.”

“Que coisas horríveis?” A voz de Madison falhou.

“Aquelas pessoas.” A voz de Dory baixou. “Essas pessoas horríveis.”

“Chet Carlson era uma dessas pessoas?” O ódio de Madison pelo assassino de seu pai queimou novamente em suas entranhas.

“Claro que não.” Dory foi inflexível.

“Quem então?” Ela forçou as palavras. Por que Dory defenderia Chet Carlson? O homem estava na prisão pela morte de seu pai.

“Eles foram embora. A maioria não era daqui, para começar.

“Isso é bom.” Madison não sabia mais o que dizer. A conversa a confundiu completamente enquanto ela analisava cada palavra que saía da boca de sua tia-avó de vários ângulos.

“Isso é.” Ela apertou o braço de Madison e sorriu. “Um dia desses, Tara estará de volta.”

“Por que você acha que Tara não voltou?” Madison se perguntou se deveria acordar Dory cedo com mais frequência. Sim, a conversa dela era um fluxo disperso de assuntos, mas Tara e seu pai foram mencionados mais vezes esta manhã do que em todo o ano passado.

É a medicação dela? Madison não tinha certeza de quantas drogas sua tia tomava. Ela confiou totalmente no farmacêutico para notificá-la se Dory tivesse recebido medicamentos que ela não deveria tomar ao mesmo tempo. Dory consultou dezenas de médicos, mas felizmente só havia uma farmácia na cidade. O farmacêutico conhecia bem Dory e suas doenças, reais e imaginárias. Madison certificou-se de que o farmacêutico também tivesse uma lista dos medicamentos “naturais” que Dory usava.

“Bem, você sabe como Tara pode ser. Mais teimoso do que você e Emily somados. Ela partiu nossos corações quando partiu.”

Madison estava bem ciente do desaparecimento de sua irmã. Ela levou anos para se convencer de que Tara não tinha ido embora porque Madison era uma super bisbilhoteira que não conseguia ficar fora do quarto de Tara.

“Ela estará de volta um dia desses. Quando ela estiver pronta. Dory apontou enfaticamente para a panela. “Vou pegar uma xícara agora.”

Madison serviu o café e verificou a hora. Ela chegaria atrasada se não fosse agora.

Leo pode cuidar do jantar se eu chegar um pouco atrasado.

Essa conversa era extraordinária demais para ser abandonada.

“Dory”, ela perguntou cuidadosamente, “você sabe por que Tara foi embora logo após a morte do papai?”

Sua tia havia se sentado à mesa da cozinha e alternava pedaços de Pop-Tart com goles de café. “Eu não, querido”, ela disse entre mordidas. “Provavelmente muita pressão. Foi um momento difícil para todos nós.”

“Não parece insensível para você? Quero dizer . . . ela nem ligou quando mamãe morreu.

“Ela não ligou, ligou? Tara tem que conviver com essa culpa. Sua pobre mãe.

Dory havia se referido à mãe de Madison como “pobre” muitas vezes, e a raiva provocou as palavras seguintes de Madison. “Você sabe que mamãe era maníaco-depressiva, mas fala sobre ela como se ela estivesse constantemente infeliz. Lembro-me dela rindo, nos levando para fazer caminhadas e nadando no rio. Ela pode ter passado por momentos difíceis, mas estava feliz.”

Dory piscou confusa. “Não estou dizendo que ela não estava. Ela foi uma mãe maravilhosa para vocês, meninas, na maior parte do tempo, mas

suportou muitas coisas do seu pai. Ele era mais velho que ela, você sabe. Ela era como uma criança no relacionamento deles.”

Dory verificou o corredor atrás dela antes de se inclinar na direção de Madison. “Ele a seduziu antes de se casarem”, ela sussurrou como uma conspiradora.

Muitas imagens de sua mãe e seu pai compartilhando abraços apaixonados passaram pelas memórias de Madison. Ela tinha certeza de que não tinha sido uma atração unilateral.

“Ele era muito possessivo com aquele relógio de bolso”, disse Dory à sua xícara de café.

O retrocesso da conversa assustou Madison.

É assim que é estar dentro da cabeça de Dory?

“Eu não sabia o que era aquele relógio até que Vina me explicou.” A cabeça branca balançou solenemente para frente e para trás. “Ela ficou feliz por ter desaparecido.”

“Era apenas um relógio.” Certo?

Dory a fixou com um olhar de professora que penetrou profundamente no cérebro de Madison. “Era uma ligação com o passado dele. O avô dele era assim e ele passou para o neto. Não precisávamos desse tipo por aqui”, ela disse.

Madison não tinha palavras.

A pena encheu as feições de sua tia. “O ódio e a raiva, Brenda. Ele está alimentando isso com essas reuniões e não dá ouvidos à argumentação de nenhum de nós. Nada de bom pode vir disso.”

Ela pensa que eu sou mãe.

Dory olhou novamente para o relógio. “Você vai se atrasar. Isso não é justo com Leo.”

Madison pegou sua bolsa e se abaixou para beijar sua tia na bochecha. Ela ficou ali, cheia de perguntas, mas sem saber como colocá-las em palavras. “Amo você, Dory.”

Ela saiu correndo pela porta para a escuridão fria, puxando o capuz para se proteger da chuva leve. Uma vez no carro, ela tirou o relógio de bolso da bolsa e o abriu, não vendo nada além das iniciais e da frase estrangeira. Virando-o, ela examinou atentamente a parte de trás e depois a frente novamente, em busca de saliências ou rachaduras. Nada. Enfiando uma

unha em uma ranhura lateral, ela tentou separar o lado do relógio. Não mudou.

Foi um relógio. Nada mais.

Ela olhou as palavras estrangeiras, lembrando-se de que aceitara a tradução do pai como verdade. Pegando o telefone, ela digitou as palavras no Google. Não Silba Sed Anthar.

“Não para si mesmo, mas para os outros”, ela leu em voz alta.

Isso parece altruísta e gentil.

Ela rolou ainda mais, examinando os resultados.

Isso não pode estar certo.

Com o coração na garganta, ela abriu página após página, encontrando múltiplas confirmações.

A frase de som adorável era um slogan comum da KKK.

Zander estava trabalhando no gabinete do xerife do condado de Clatsop há uma hora quando Ava apareceu. Ela entrou com um olhar furioso e uma cafeteira com duas xícaras. “Por que você não me disse que estava começando de madrugada?”

“Não vi sentido em acordar você.” Ele acordou às 4h, incapaz de voltar a dormir. Depois de fazer todo o trabalho que pôde em seu laptop, ele foi ao escritório do xerife e solicitou o registro do assassinato de Lincoln Mills, o pai de Emily. Ele também não ligou para Ava porque não queria explicar por que estava olhando para um caso antigo resolvido quando havia três mortes não resolvidas.

Ele estava curioso para saber o que motivava Emily Mills. Compreender o que aconteceu com seu pai poderia lhe dar algumas dicas sobre o que a tornava tão intrigante para ele. Além da óbvia atração física.

Ava entregou-lhe um dos cafés e ele quase o deixou cair, o calor extremo irradiando pela xícara. “Cuidadoso. Você precisa fortalecer suas mãos”, ela brincou. “Talvez faça outra coisa além de tocar no teclado.” Ela tirou uma embalagem de café do bolso e passou para ele com um sorriso.

“Engraçado.”

“Aposto que alguém estaria disposto a levá-lo para extrair madeira ou pescar. Isso ajudaria.

Ele tirou a tampa e o vapor jorrou. “Não, obrigado. Estou feliz com meu teclado. Por que isso está tão quente?”

“Não sei.” Ela inclinou a cabeça para ver o que ele estava lendo. “Lincoln Mills?” A carranca que ele esperava apareceu em seu rosto. “Por que você é-”

“Olhar para um caso resolvido quando temos trabalho a fazer”, concluiu ele, incapaz de manter o contato visual examinador dela.

“Exatamente.”

“Você sabe por quê”, ele se esquivou. “O pai da nossa testemunha foi enforcado. Concordamos que era grande demais para ser uma coincidência.” Ele arriscou olhar para ela, mas seus olhos azuis ainda estavam fixos. Em sua alma culpada.

“Uh-huh. Sim. É por isso”, disse ela.

“É um caso fascinante”, acrescentou ele, agarrando-se a qualquer coisa. E estou curioso sobre uma de suas filhas.

“Você pode me contar sobre isso mais tarde. Temos trabalho a fazer.” Ela colocou a bolsa lotada do laptop em uma cadeira e pegou o computador.

Zander fechou o fichário grosso e o colocou de lado. “Liguei para o Dr. Rutledge esta manhã.”

“Você não se importou em acordá-lo?” Ela se concentrou em seu computador.

Zander entendeu que pagaria por não ligar para ela. “Ele nos disse ontem que começa cedo. Pedi-lhe que adiasse a autópsia de Nate Copeland.

Sua cabeça se ergueu. “Por que?”

“Eu quero estar lá. Achei que pelo menos um de nós deveria ter observado as autópsias de Fitch, mas fomos enterrados no caso. Copeland era a aplicação da lei. . .”

Ava entendeu imediatamente. “Nós dois iremos.”

Eles compartilhavam um vínculo com o jovem deputado. Todas as autoridades o fizeram. Por mais desconfortável que fosse testemunhar uma autópsia, estar presente demonstrava respeito. Destacou o seu compromisso em encontrar as respostas por trás da morte do homem.

“Mas e Billy Osburne?” Ava fez uma careta. “Esta manhã eu queria descobrir onde ele está escondido.”

“O xerife cuidará disso”, disse Zander. “Ele sabe melhor do que nós quais pedras procurar primeiro. Acho que a autópsia é importante. Rutledge fez radiografias e fotos em Copeland e enviou suas roupas para o laboratório. Ele vai adiar o resto até chegarmos lá. Também podemos perguntar ao Dr. Rutledge mais sobre os Fitches — acrescentou Zander. “Estive revisando onde estamos. Não temos nenhuma pista atual sobre Billy Osburne. Nenhum dos funcionários da loja de autopeças sabia com quem ele andava. Greer colocou um delegado na casa dos Osburne para ver se ele comparece, e tenho relógios em seus cartões de crédito e em seu celular.

“Não há nada da perícia na cena de Copeland”, acrescentou Ava. “A perícia verificou os copos e bebidas da Fitch em busca da presença de GHB. Eles não encontraram nenhum. Eles estão verificando a comida em seguida.

“Rutledge disse que provavelmente estava em líquido.”

“Provavelmente é a palavra-chave aqui.”

“Se não for encontrado”, disse Zander lentamente, “isso significa que alguém saiu com o método de entrega”.

“Possivelmente alguém que eles conheciam—”

“Alguém em quem eles confiavam para compartilhar uma bebida”, finalizou Zander. “Merda. Posso ver esse cenário funcionando com Copeland também.”

“Não sabemos se ele ainda tinha GHB em seu organismo.”

O instinto de Zander lhe dizia que o relatório toxicológico mostraria que sim.

“Agora.” Ava pigarreou e virou o laptop para que ele pudesse ver a tela. “Ontem recebi um mandado para os registros do celular de Emily Mills.” Ela apontou seu olhar para seu computador.

O café esfriou na boca de Zander. Ela não havia contado a ele sobre o pedido.

“Por que você simplesmente não pediu para ver o telefone dela?” ele perguntou, sabendo que a sugestão era fraca no momento em que a disse.

Ela olhou para cima, uma leve condescendência brilhando em seus olhos.

“Eu sei eu sei. O que você encontrou? O ácido do café agitou-se no estômago de Zander. Ele depositou muita confiança em sua testemunha principal?”

“Faltam vinte minutos.”

Ele não conseguia falar.

“Os registros telefônicos de Emily mostram que ela recebeu uma ligação às 6h47 do restaurante. Seria o cozinheiro dela ligando para dizer que não conseguiu falar com Lindsay. Ava apontou para a entrada com sua caneta. “Ela disse que saiu imediatamente para o jantar. Quando conversei com Madison ontem, ela me disse que ouviu o telefone de Emily tocar e disse que saiu em poucos minutos.

“Ela já deve ter se levantado e vestido,” Zander disse entorpecido. “Parece razoável.”

“Eu penso que sim. Os registros mostram uma ligação para a casa de Lindsay às 6h50 que durou dois segundos.

“Ela deve ter alcançado a caixa postal e desligado.”

“E ela ligou logo antes de sair ou ligou enquanto dirigia. De qualquer forma, dirigiu da mansão Barton até a casa de Lindsay. Levei oito minutos no

meio do dia. A essa hora da manhã imagino que as estradas estejam ainda mais silenciosas.”

“Eles estão sempre quietos aqui”, disse Zander.

“Há outra breve ligação para o telefone de Lindsay às 7h02. Suas anotações de entrevista diziam que ela bateu e tentou ligar novamente. Foi quando ela ouviu o telefone tocando lá dentro e tentou abrir a porta, descobrindo que estava aberta.”

Zander se lembrava exatamente da descrição de Emily.

“De acordo com o 911, a ligação de Emily chegou às 7h29.”

"Jesus." O gelo inundou suas veias. “O que ela fez durante todo esse tempo? Entendo que possa levar alguns minutos para encontrar Lindsay e depois Sean. Mas esperar vinte minutos antes de ligar? Ele passou a mão pelo cabelo. “Eu não entendo.”

Os lábios de Ava estavam tensos, seu rosto sombrio. "Que faz de nós dois. Ela não fez nenhuma outra ligação durante esse período.

“Preciso entrevistá-la novamente.”

“Precisamos entrevistá-la novamente.”

A ênfase dela o fez parar. "Por que você diz isso assim?"

Ela suspirou e lançou-lhe um olhar que o lembrou de sua mãe quando ela estava decepcionada com ele. "Você é legal demais."

"Legal? Eu não sou legal. Estamos trabalhando em um caso de assassinato.

“Você é legal perto dela.” Ava ergueu ambas as sobrancelhas e sustentou seu olhar.

Ele percebeu. "Você acha que estou atraído por ela."

“Eu sei que você está. Ela é uma mulher muito atraente e sei exatamente como você é nesse cenário. Seus lábios se curvaram em um sorriso irônico.

Ava reconheceria isso.

Ele esfregou a testa, analisando tudo o que disse ou fez na presença de Emily. “Eu não acho que a tratei de forma diferente do que, digamos. . . sua irmã ou tias.

“Basta estar mais atento. OK?” O tom de Ava dizia que ela havia encerrado o assunto. “Quando devemos falar com Emily sobre isso? Ela poderia ter uma explicação razoável – talvez ela tenha passado algum tempo vomitando nos arbustos. . . ou . . . Não sei.”

“O que ela poderia ter feito dentro de casa por vinte minutos?” Zander ficou perplexo.

“Ou lá fora.”

“Os corpos não pareciam movidos. Copeland admitiu que foi ele quem derrubou Sean. Não saberíamos se alguma coisa tivesse sido alterada.”

“Eles tiraram as impressões digitais dela para verificar as que foram encontradas dentro”, disse Ava. “Talvez eles apareçam em algum lugar.”

“Vou enviar um e-mail para a perícia e dizer que queremos os locais onde as impressões digitais dela aparecem o mais rápido possível”, disse Zander, abrindo seu laptop. A agitação em seu estômago havia diminuído, mas agora ele se sentia entorpecido e determinado a chegar ao fundo dos movimentos de Emily.

Ela está envolvida de alguma forma?

Por mais que tentasse, não conseguia vê-la participando de um assassinato. Mas Emily pode ter feito algo para comprometer a cena, propositalmente ou não.

“Você está no modo Android agora”, comentou Ava.

Ele olhou para cima. “Android?”

“Todos negócios.”

“Decida como você quer que eu aja.” Ele se concentrou novamente em seu e-mail. O escrutínio de Ava o estava deixando mal-humorado.

“Podemos discutir isso a caminho do consultório médico legista em Portland.”

“Mal posso esperar”, ele reclamou, arriscando um olhar para ela.

Ela estava sorrindo, seus olhos cheios de humor, e por um breve segundo, ele se arrependeu do que havia perdido porque guardou seus sentimentos para si mesmo no passado.

Os arrependimentos ocorreram cada vez menos, mas ele ficaria mais feliz quando desaparecessem completamente. Franzindo a testa, ele enviou seu e-mail, sabendo que Ava estava certa ao dizer que Emily havia notado sua atenção. Mas não era hora para sentimentos. Ela era uma testemunha e ele tinha um ou dois assassinos para capturar.

“Para onde Isaac desapareceu?” Madison perguntou a Leo enquanto ele virava batatas fritas na frigideira.

“Não sei. Ele esteve aqui há um minuto.

“O que você acha de realizar um memorial para Lindsay e Sean?” ela perguntou.

O homem rude franziu a testa. “Isso não é algo que suas famílias farão?” As batatas desfiadas chiaram quando ele as apertou com a espátula.

“Não sei, mas se o fizerem, duvido que seja aqui em Bartonville. Eles provavelmente realizarão algo em suas cidades natais. Sinto que precisamos de algo também.”

“Faz sentido. Os memoriais são para os vivos, não para os mortos”, afirmou Leo com um olhar astuto.

Ele a leu perfeitamente, entendendo que ela precisava de um encerramento. Muitas pessoas na cidade poderiam usar o mesmo. Eles estavam em silêncio, caminhando em luto, procurando um lugar para aliviar sua dor.

Isaac apareceu e foi em direção ao almoxarifado com uma caixa de enormes latas de molho de tomate. Ao passar, Madison tocou seu braço e ele se encolheu, quase deixando cair a caixa.

“Desculpe, Isaque.”

O medo brilhou em seus olhos arregalados quando ele parou e se virou para ela.

Ele parece com medo de mim. Por que?

“Querida sua opinião sobre um serviço memorial para os Fitch”, disse ela, forçando um pequeno sorriso para deixá-lo à vontade. Seu breve terror a abalou.

Isaac olhou dela para Leo. “Sim. Essa é uma boa ideia.” Ele continuou virando a esquina até a área de armazenamento. Isaac sempre foi arisco, mas melhorou muito nos últimos seis meses. Doeu-lhe vê-lo novamente parecendo um cachorrinho que levou um chute.

Leo encolheu os ombros quando ela lhe lançou um olhar interrogativo. “As pessoas processam as coisas de maneiras diferentes. Tenho certeza de que é sobre Lindsay. Não leve isso para o lado pessoal.

Ela não fez isso.

Leo pediu a Emily que desse um emprego a Isaac há um ano, alegando que ele era um sobrinho de outro estado que precisava de um novo começo, e Emily o contratou imediatamente. Várias semanas depois, Leo confessou que encontrou Isaac escondido em um galpão de sua propriedade e mentiu sobre a história do sobrinho. Os hematomas, queimaduras e cicatrizes nas costas do menino impediram Leo de mandá-lo para casa. Leo havia feito algumas investigações algumas horas ao sul, na cidade natal de Isaac, Lincoln City. Ele contou às irmãs que descobriu que o pai de Isaac era bêbado e que duas de suas antigas namoradas haviam apresentado queixa contra ele por agressão. Ele esteve dentro e fora da prisão a maior parte de sua vida.

Isaac simplesmente saiu de casa em vez de ir à polícia.

Emily havia prometido que Isaac teria um emprego pelo tempo que quisesse.

Três meses depois de trabalhar para Isaac, Madison o encontrou lendo um artigo no tablet de Leo na sala de descanso. Quando ela perguntou o que havia de tão interessante, ele respondeu: “Nada”, fechou o navegador e saiu. Madison sentou-se em sua cadeira, abriu o navegador e clicou na primeira página do histórico. Sua pele arrepiou-se ao ler sobre um ataque em Lincoln City. Um morador de quarenta anos foi atacado com um taco de beisebol do lado de fora de um bar. Ele sofreu um grave traumatismo cranioencefálico e dois tornozelos esmagados. Madison não reconheceu o nome, mas a polícia estava procurando o agressor que capturou brevemente pela câmera. Uma imagem granulada acompanhava a história.

O homem da foto usava o casaco de Leo. Ele também usava chapéu, então sua careca estava coberta, mas Madison conhecia o casaco. Dois anos atrás, ela costurou botões novos depois de perceber que ele havia perdido mais da metade deles. Desde então, ele o usou quase todos os dias. Não havia nada identificável no casaco para mais ninguém; centenas de homens na costa usavam casacos de lona bege semelhantes.

Eu poderia estar errado.

Ela fechou a história, apagou a história e ficou pensando por um longo momento. O sobrenome da vítima não era Smith como o de Isaac.

Smith. Poderia haver um nome mais comum?

Girando na cadeira, ela verificou os cabides dos funcionários. Leo usava uma jaqueta jeans com forro de lã naquela manhã.

Ela nunca mais viu o casaco de lona, mas acompanhou a história. A vítima nunca andava sem mancar fortemente e nenhuma pista foi encontrada sobre seu agressor.

Madison não fez perguntas e exerceu mais paciência e simpatia com o adolescente.

Mas esta manhã, o comportamento inconstante de Isaac foi outra estranheza que desequilibrou seu dia. As estranhas divagações de Dory foram as primeiras, e o slogan do relógio de bolso batia consistentemente em seu cérebro enquanto ela trabalhava, fazendo com que ela bagunçasse os pedidos e quase derramasse café. Duas vezes. Geralmente o turno dela funcionava como uma máquina bem lubrificada. Hoje suas engrenagens mentais estavam travando e travando.

O relógio e as palavras de Dory sugaram sua concentração.

Por que papai teria um relógio com esse slogan? Talvez ele não soubesse o que as palavras significavam. . . afinal, era de seu avô.

Mas Dory disse: “Mesmo sendo o tipo de homem que ele era”.

Havia algo que não sabíamos?

Os pensamentos guerreavam em seu cérebro. Ela tinha lembranças de seu amoroso pai. Mas se ela pensasse muito, também havia vislumbres de raiva. Vislumbres que ela afastou, sem querer lembrar.

“Droga!” seu pai rugiu do banco do motorista. Madison e Emily ficaram em silêncio no banco de trás e esticaram o pescoço para ver o que havia feito o pai gritar e bater no volante.

“Maldita vadia.” Ele abriu a porta e caminhou até um carro que acabara de estacionar.

“Acho que papai estava esperando por esse lugar”, disse Emily.

“Por que ele simplesmente não encontra outro?” perguntou Madison. Ela podia ver espaços vazios algumas fileiras adiante.

Ela engasgou quando o viu chutar o pneu traseiro do outro carro. Colocando as duas mãos no vidro, ela aproximou o rosto para ver. A outra motorista levantava freneticamente a janela, os olhos arregalados e aterrorizados no rosto negro.

O estômago de Madison se apertou.

A quem posso perguntar sobre os comentários de Dory sobre mamãe e papai? E sobre Tara?

Ela não queria ir para a casa de suas outras tias-avós. Conversas anteriores provaram que as tias seguiam um roteiro quando se tratava de discutir seus pais. Dory havia saído do roteiro e Madison tinha certeza de que suas outras tias não aprovavam. Ela tinha que pensar em outra pessoa que esteve por perto durante os primeiros anos de seus pais. E estaria disposto a conversar.

Lembrando-se de que havia entrado na cozinha para pegar mais manteiga para um cliente, ela colocou uma bola generosa em um prato minúsculo e correu de volta para o chão. O cliente não disse nada enquanto Madison o colocava perto das panquecas.

De nada.

Ela suspirou e verificou a frente do restaurante em busca de novos clientes. Um único homem esperou, de costas para ela. Ela pegou um cardápio para ele, sentindo a tensão subir por sua espinha. Ele se virou quando ela se aproximou.

Brett Steele.

Ela jogou o cardápio na mesa da recepcionista e encontrou o olhar dele. "Por quê você está aqui?"

"Para comer, é claro."

"Emily ainda não chegou."

"Eu não vim vê-la." Ele olhou incisivamente para o cardápio que ela havia deixado de lado. "Posso conseguir uma mesa?"

Ela relutantemente o pegou e o levou até a mesa mais próxima.

"Você está bem hoje, Madison", disse ele enquanto entrava. "Estou gostando do batom."

Uma vontade de limpá-lo a consumiu e ela escondeu um tremor.

"Café?" ela perguntou em vez disso.

"Sim. E uma pequena pilha com bacon. Ele sorriu.

Pelo canto do olho, ela viu Emily passar pela porta da cozinha, claramente indo para seu escritório. A súbita mudança de atenção de Brett indicou que ele também a tinha visto. Madison revirou os olhos diante do lampejo de desejo dele.

Supere ela.

O comentário dele sobre o batom dela coagulou em seu cérebro. O homem tinha problemas quando se tratava das irmãs Mills. Todos os três.

“Vou pegar seu café em um minuto.” Madison saiu correndo em busca de Emily, pegando-a enquanto ela destrancava o escritório. “Você pode observar o chão? Depois do café da manhã acalmou e tenho um compromisso.

“Sério, Madison? Por que você agendaria isso durante seu horário de trabalho?”

“Acabei de fazer isso esta manhã. Tenho um dente que latejava metade da noite. Eles disseram que poderiam me colocar agora.

“Oh.” O olhar de Emily se aguçou. “Sim, eu cuido disso.” Ela torceu o nariz. “Eu vi Brett lá fora?”

“Sim. Ele quer o de sempre, mas ainda não fiz o pedido. E fique de olho na mesa oito. Eles são necessitados. Madison puxou a alça do avental sobre a cabeça, amassou o tecido em uma bola e passou por Emily até o escritório para pegar sua bolsa. “Tenho que ir.” Ela saiu correndo pelo corredor.

“Espero que seu dente esteja melhor”, Emily gritou atrás dela.

Madison já havia esquecido a mentira. “Obrigado.”

Ela pensou em alguém que responderia às suas perguntas.



Madison bateu na janela, avistando Anita em uma mesa dentro de seu salão de beleza. A porta da frente estava trancada porque a loja demoraria vinte minutos para abrir. Anita acenou para ela e foi em direção à porta.

Anita foi a escolha de Madison para respostas por vários motivos.

Primeiro, ela morou em Bartonville a vida toda e conhecia todas as pessoas da família de Madison, inclusive seus pais. Anita era alguns anos mais velha que a mãe de Madison, Brenda.

Em segundo lugar, a loja Anita Haircut era uma mina de ouro de fofocas – ou fossa, dependendo das preferências pessoais.

Terceiro, Madison sabia que Anita e suas tias brigavam continuamente ao longo dos anos. Anita não tinha medo de enfrentar as tias. Eles ainda eram amigos, mas isso não significava que Anita seguisse sua linha como algumas pessoas na cidade. Ela falou livremente.

Anita sorriu ao abrir a porta. “Madison, que bom ver você.” Ela a conduziu para dentro. A loja cheirava a spray de cabelo e esmalte de unha. Anita havia reformado dois anos antes, e o salão de beleza da infância de Madison havia desaparecido. Chega de cadeiras de vinil rosa ou piso xadrez

em preto e branco. Agora era “calmante e moderno”, com suas linhas simples de balcões de quartzo, suculentas e shiplap caiados nas paredes.

Mas o cheiro era o mesmo. O perfume das promessas e expectativas dos produtos de beleza.

Anita estava na casa dos sessenta anos e incrivelmente magra. Ela sempre usava preto da cabeça aos pés e seu penteado não mudava há várias décadas, mas ela era perpetuamente chique. Ela dominou o segredo de parecer atemporal através de estilos clássicos. Seu cabelo platinado estava cortado na altura do queixo, mas tinha uma sustentação perfeita na raiz e um cacho sutil em uma das têmporas.

Ela havia abandonado os cigarros anos atrás, mas ainda tinha um leve som áspero de fumante. Todos passavam por sua loja – até mesmo os adolescentes que buscavam os cortes mais recentes, pois Anita estava por dentro das tendências atuais. Mas ela ainda lavava e arrumava para seus clientes mais antigos. Com um movimento de pulso, ela gesticulou para que Madison se sentasse em uma das cadeiras dos estilistas enquanto Anita se acomodava em outra e se virava para encará-la, com uma curiosidade gentil em seus olhos.

Como ela sabe que preciso sentar para esta conversa?

“O que está acontecendo com você, criança?”

Todo mundo era “criança” ou “querida” para Anita. Até os homens.

Quando Madison decidiu visitar a loja, suas perguntas estavam claras em sua mente. Agora eles eram uma confusão de elementos ridículos. A dúvida amarrou sua língua.

Anita percebeu sua hesitação. “Deixe-me pegar um cappuccino para você.” Anita pulou da cadeira e mexeu na enorme máquina de café expresso profissional. Ela serviu café expresso e cappuccino a seus clientes antes que alguém ouvisse falar da Starbucks.

“Anitta. . . o que as pessoas nesta cidade pensam da minha família? A pergunta era vaga, mas era um começo.

A dona da loja não tirou os olhos de sua tarefa. “Os Barton ou os Millses?”

Madison franziu a testa. As pessoas distinguem entre os dois? “Bartons.”

O espumador de leite tornou a conversa impossível por um longo momento. “Os Bartons são a base e a espinha dorsal de Bartonville”, ela

finalmente respondeu.

“Isso soa como uma declaração da câmara de comércio.” Oco e ensaiado.

“Tenho certeza de que está em algum panfleto em algum lugar.” Anita acrescentou o leite ao expresso e levou a xícara para Madison. “Hoje em dia, quando as pessoas dizem o nome Barton, estão se referindo às suas tias-avós ou ao seu tataravô. Seu tio Rod mudou-se para longe o suficiente para que as pessoas geralmente esqueçam que ele é da linha direta de George Barton.

"Emily e eu não."

"Como deveria ser. Vocês duas são ‘as garotas Mills’. E Tara também, é claro.

“O que eles dizem sobre Tara?”

Anita inclinou a cabeça enquanto sustentava o olhar de Madison e lhe entregava a xícara. “Você quer dizer agora ou quando ela saiu? E por que você está perguntando?”

“Ambos os períodos de tempo.” Madison não sabia como responder à segunda pergunta. “Eu ouvi algumas coisas.”

“Hum.” Anita voltou para sua cadeira e passou uma perna sobre a outra, toda a atenção voltada para Madison. “Tenho certeza de que foi tudo besteira, mas muitas pessoas pensaram que ela foi embora porque estava grávida.”

“Eu já ouvi isso.”

“Outros disseram que suas tias a expulsaram. Eles eram bastante autocráticos naquela época. Todos os três.”

“Eles amadureceram, mas tia Vina ainda vai enfrentar qualquer um.”

Tomando um gole de cappuccino, Madison duvidou da sabedoria de sua decisão de fazer perguntas. Os velhos rumores doem. “Dory fez algumas declarações estranhas esta manhã.”

"Eu vejo."

“Ela ficava insinuando que minha mãe estava infeliz e que as pessoas sentiam pena dela.”

“Quantos anos você tinha quando ela morreu? Nove?”

"Dez. Eu sabia que ela ficaria cansada e às vezes ficaria na cama. Só quando me tornei adulto é que descobri que ela era maníaco-depressiva.”

“A visão de uma criança é muito diferente da de um adulto. E sua mãe era tão amorosa e carinhosa, eu sei que ela derramou muito amor por vocês, meninas. Todos nós vimos isso.

“O que mais você viu?”

“Uma esposa triste e confusa.”

Um leve choque percorreu os dedos de Madison, fazendo sua xícara tremer. Como Dory sugeriu. Anita falou com cuidado, sua expressão calma, seus olhos penetrantes, observando a reação de Madison. Havia um tom de verdade em suas palavras.

“Então eles tiveram problemas de casamento. Todo mundo faz.”

“Nenhum casamento é perfeito, e seu pai amava profundamente vocês, meninas. Era inconfundível.”

“As pessoas disseram que papai se casou com mamãe por causa do dinheiro dela?”

“Sim.”

“Mas os Bartons não eram ricos. Vina diz que o negócio madeireiro despencou e alguns maus investimentos destruíram quase tudo na década de 1980.

“Isso é o que eu também entendo, mas as pessoas acreditam no que querem. Eles veem sua casa e o restaurante e fazem suposições.” Ela fez uma pausa. “Se você ainda quer ouvir rumores antigos, havia um que dizia que a morte de seu pai foi uma mensagem para os Barton por terem deixado as famílias trabalhadoras em apuros quando a fábrica fechou.”

“Isso não faz sentido algum.”

“Concordo. Não acho que as pessoas dêem muita importância a isso. Muitos ainda pensam que você está escondendo dinheiro.”

“Isso é ridículo. A mansão está nos prejudicando com sua manutenção, e o restaurante vai bem, mas não está nos deixando ricos. É assim que sobrevivemos.”

Anitta encolheu os ombros. “Isso é o que eu digo às pessoas. Mas você sabe como são os rumores.

“Papai era um garimpeiro. O que mais foi dito sobre ele? Os músculos de Madison ficaram tensos enquanto ela se preparava para a resposta. Eu sei que ele amava minha mãe; Eu vi isso muitas vezes.

O dono da loja suspirou e olhou pela janela. “Ele era um bom menino. Achava-o engraçado e não tinha escrúpulos em contar piadas feias. Ele era

racista.”

A sala ficou em silêncio, a frase do relógio soando no cérebro de Madison, e o rosto assustado da motorista brilhou novamente. “Por causa de como ele foi criado.”

Não foi uma pergunta, mas Anita assentiu.

“Ele não nos ensinou a ser assim.”

“Duvido que sua mãe tivesse tolerado isso.”

“Mas ele tinha amigos que pensavam da mesma forma?” Ela se lembrou das palavras de Dory sobre pessoas horríveis, mas ela disse que elas já haviam desaparecido.

“As pessoas sempre procuram outras pessoas como elas.”

Madison não ficou satisfeita com essa resposta. “Ele andava com outros racistas, é o que você está dizendo.”

Anita deu um meio sorriso sem entusiasmo. “Bingo.”

A palavra abriu o coração de Madison. Ela piscou rapidamente.

O arrependimento coloriu a expressão de Anita, e ela se inclinou para frente para colocar a mão no joelho de Madison. “Ele amava você e você tem todo o direito de retribuir o amor dele. Há algo de bom em todos, e ele mostrou a vocês, meninas, tudo o que havia de positivo nele. Foram os estrangeiros – e alguns familiares – que viram o resto. Para a maioria das pessoas, o que você vê é o que você obtém.” Ela se concentrou fortemente nos olhos de Madison. “Mas outros se apresentam de maneiras que não refletem seu verdadeiro eu. É como proteção para suas almas ternas.”

Ela me vê.

Suas defesas entraram em ação, suas mãos apertaram a xícara e a decepção brilhou nos olhos de Anita.

“O que as pessoas disseram depois que ele foi assassinado?”

Anita desviou o olhar, com a boca apertada. “Ninguém queria que ele fosse assassinado. Eles só queriam que ele levasse suas opiniões racistas e supremacistas brancas para outro lugar.”

“Quem o matou?” ela sussurrou.

Anita começou. “Ora, Chet Carlson, é claro.” Suas sobrancelhas se juntaram enquanto ela estudava Madison. “Essa é uma pergunta estranha.”

“Chet Carlson nem o conhecia.” O cérebro de Madison girava em um milhão de direções. “Ele não era daqui. Ele não sabia nada sobre o que a

cidade sentia em relação ao meu pai. E ele teve todo o trabalho para enforcá-lo?

“A jaqueta ensanguentada do seu pai foi encontrada no quarto de hotel dele. Ele foi condenado com base nas evidências.

"Claro que ele estava." Madison fechou os olhos, vendo sua mãe correndo na floresta e Emily parada no quintal de sua casa, olhando para longe enquanto a fumaça entrava na casa.

O que Emily viu naquela noite? Por que ela não contou a ninguém que tinha saído?

“Agora, Madison”, veio o tom de sermão, “você está deixando que essas novas informações afetem tudo o que você já soube sobre seu pai. Não importa. Nada sobre o seu tempo com ele mudou.

Quem Emily, de treze anos, gostaria de proteger?

Madison abriu os olhos, o olhar pesado com o peso de seu novo conhecimento. "Tudo mudou. Ele era horrível.

“Isso não muda o fato de ele ser seu pai e valorizar vocês, meninas. Você ainda é a mesma pessoa que entrou pela minha porta há cinco minutos. Ele também.

Madison não estava ouvindo. Emily deve ter um motivo para guardar um segredo por tanto tempo.

Ela provavelmente fez isso pela mesma razão que Madison não contou a ninguém que viu Emily lá fora naquela noite ou sua mãe na floresta.

O motivo era protegê-los.

O amor por minha mãe e irmã me manteve quieto todos esses anos.

Por quem Emily ficaria quieta?

Zander colocou o protetor facial transparente e examinou sua parceira em seu escudo. Os olhos de Ava enrugaram nos cantos, indicando que ela estava sorrindo por trás da máscara azul sobre a boca.

“Essa é uma boa aparência para você, Zander.”

Ele olhou para seu vestido e botas, sentindo-se um pouco claustrofóbico com o equipamento de proteção. Parte dele queria arrancá-los e ir para o corredor tomar ar fresco.

Ar mais fresco, ele se corrigiu. Assim que entraram no prédio do médico legista, encontraram seu cheiro único. Não era como o cheiro de hospital ou de funerária – ambos os quais ele já havia experimentado muitas vezes.

Era uma combinação de limpador profissional, carne refrigerada e um toque subjacente de decomposição. Seu nariz já estava acostumado, notando que o odor não o incomodava como no início. Ele aprendeu cedo neste trabalho que poderia lidar com a maioria dos odores – morte, excremento, podridão – se resistisse nos primeiros dez minutos ou mais. Ele também sabia que deveria tomar banho o mais rápido possível e imediatamente jogar todas as peças de roupa na lavanderia. Hoje ele havia deixado o casaco no carro, não querendo que ele absorvesse qualquer odor.

Ele e Ava estavam na sala de autópsia. Havia quatro mesas de aço inoxidável, cada uma com uma pia em uma das extremidades. Uma grande mangueira e um bocal estavam pendurados sobre cada mesa, junto com luzes fortes e uma balança. Dois assistentes percorreram a suíte, arrumando os instrumentos e organizando as coisas para o examinador.

Na mesa mais próxima, o cadáver de Nate Copeland esperava silenciosamente pelo Dr.

Zander se sentia como um voyeur; ele não queria ver o morto, mas era seu dever. O médico legista já havia feito a incisão em Y do peito até a virilha, mas não havia removido as costelas. Ava ficou inquieta e levantou o escudo para enxugar os olhos. Normalmente ela não tinha problemas com autópsias, mas avisou Zander que esta seria difícil para ela, visto que ela havia conversado com o homem no dia anterior. Na casa dos Copeland ela se manteve firme, mas aqui os detalhes explícitos do fim horrível do jovem foram expostos sob as luzes fortes.

Um contraste gritante com o jovem policial muito vivo que ela entrevistou (na verdade, ela questionou e se sentiu culpada) sobre a cena do crime de Fitch.

Zander disse a ela para não sentir pena de fazer seu trabalho.

“Eu me convenci de que a pessoa que ele era se foi. Este corpo é uma concha vazia”, sussurrou Ava. “Mas então eu vejo isso.” Ela apontou para uma tatuagem no deltóide de Copeland. “De repente, ele é muito humano de novo.”

Zander entendeu. A tatuagem representava algo eterno que Copeland escolheu levar consigo. Simbolizava uma decisão, um amor, uma permanência.

A tatuagem permaneceu, mas a pessoa havia sumido.

A pele de Copeland estava pálida, mas ao longo das bordas da parte inferior das costas e das pernas, um tom escuro e machucado indicava que ele havia morrido com o rosto para cima. O sangue seguiu a gravidade depois que o coração parou, e o livor mortis estava nos lugares certos para um homem inclinado para trás em uma poltrona reclinável. A cor escura também cobriria seu traseiro.

A porta da suíte se abriu e o Dr. Seth Rutledge entrou, enfiando os braços em um vestido. Um assistente amarrou as cordas nas costas enquanto apertava as mãos de Zander e Ava.

“É bom ver vocês dois. Já faz um tempo... eu sei, eu sei... isso é uma coisa boa, na sua opinião. Seth se concentrou em Ava. “Victoria disse que você vai se casar em uma vinícola neste verão?”

"Sim." Sua voz tremeu um pouco e ela não expandiu as descrições do casamento como costumava fazer quando questionada sobre seus planos.

Seth fez uma pausa, mas percebeu que não ouviria mais nada. Simpatia encheu seus olhos. "Isso parece ótimo."

“Você e Victoria estão na lista.” Ela parecia mais forte.

“É melhor que estejamos.” Ele calçou um par de luvas. "Vamos começar." Ele mudou para o modo de trabalho quando se aproximou da mesa.

Zander viu algo novo. “Não me lembro de ter visto essa placa antes.” Ele apontou para uma placa grande e elegante no alto de uma parede.

ESTE É O LUGAR ONDE A MORTE SE DELICIA EM AJUDAR OS
VIVOS.

Um pouco mórbido. Delícias como verbo da morte pareciam errados, mas Zander percebeu que era humor do médico legista.

"Sim. Victoria me deu isso no Natal.

Zander trocou um olhar com Ava, cujos olhos estavam enrugados novamente, concordando que também era um presente estranho, mas a esposa de Seth era sua antropóloga forense. Os dois trabalharam em profissões sombrias.

"Vocês dois são uma combinação perfeita, Seth," Ava disse a ele.

Os olhos de Seth brilharam acima da máscara. "Concordo. Bem, eu já tinha feito algumas coisas antes de você ligar esta manhã para me pedir para esperar. O exame externo terminou e você pode ver que parei depois da incisão em Y, mas mandei fluidos para a toxicologia e fiz radiografias."

"Quais fluidos?" perguntou Ava.

"Sangue, bile, urina e humor vítreo."

Zander ficou feliz por não ter assistido Seth enfiar uma agulha no olho de Copeland para extrair o fluido. "Você pode obter resultados toxicológicos rápidos?"

"Podemos fazer os testes básicos, já que os executamos aqui. Qualquer coisa fora da norma, eu envio para outro laboratório."

"Qual é a norma?"

"Álcool, maconha, opiáceos, barbitúricos, psicoestimulantes. Também testamos arsênico e metais pesados." Ele fez uma pausa. "Descobrimos que Nate tinha o mesmo GHB que os Fitches."

Zander e Ava se entreolharam. "Portanto, esta investigação tomou um novo rumo", disse Zander.

"Há mais do que isso", disse Seth. "O teste GSR na mão dele deu um resultado muito alto. Bem mais de uma contagem de duas mil partículas. Ele definitivamente disparou a arma, mas era um padrão estranho. Parte de sua mão praticamente não tinha GSR, como se algo a estivesse cobrindo – como outra mão."

Não é suicídio.

Zander ficou satisfeito ao saber que o jovem deputado não havia tirado a própria vida, mas o fato de ter sido assassinado não era uma melhoria.

"Não sei se um é melhor que o outro", murmurou Ava, ecoando os pensamentos de Zander.

“Parece que a mesma pessoa que assassinou os Fitches pode ter assassinado Nate.”

“Talvez”, repetiu Ava. “Mesmo com esta nova evidência, não é definitivo. Precisamos nos lembrar disso.”

Zander concordou. “Mais alguma coisa do exame externo?”

“Sem escoriações ou ferimentos”, continuou o médico. “Livor mortis corresponde às fotos que vi de sua posição quando foi encontrado na poltrona reclinável. Ele tem uma tatuagem de estilo tribal no deltóide e outra na panturrilha. Algumas cicatrizes. As radiografias não indicam nenhum osso quebrado, o que descobri ser incomum em homens. Geralmente algo foi quebrado.”

“As mulheres são melhores em ver as consequências”, murmurou Ava. “Mesmo quando crianças. Vocês, homens, fazem coisas estúpidas e arriscadas.”

Zander não podia argumentar contra isso.

Seth retirou as abas de pele e músculos da incisão em Y, expondo a caixa torácica. Ele pegou a grande tesoura de poda de seu assistente e começou a cortar as costelas bem abaixo das abas. Os primeiros sons abalaram Zander; eles sempre fizeram. Mas no quarto corte, ele estava acostumado aos estalos altos. Quando Seth terminou, levantou a metade frontal da caixa torácica.

Ava respirou fundo.

"Você está bem?" ele sussurrou.

“O melhor que posso ser.”

Em seguida, Seth removeu sistematicamente cada órgão, examinou-o, pesou-o, abriu-o em fatias para exame mais aprofundado e cortou amostras para teste e preservação. Um gravador estava pendurado acima da cabeça de Seth para registrar suas observações, mas um assistente também fazia anotações.

Zander observou atentamente enquanto Seth abria o estômago. “Eu posso sentir cheiro de álcool. Cheira a cerveja”, disse o examinador. “Não há sólidos aqui, mas há algum fluido. Suspeito que a maior parte já tenha passado para o intestino delgado.”

“Dr. Ruiz calculou a hora da morte no meio da manhã”, disse Ava.

“Esta não é a primeira pessoa que abro que toma cerveja no café da manhã. É mais comum do que você pensa.”

Mesmo com uma máscara cobrindo-o, Zander viu Ava torcer o nariz. “Uma mimosa no café da manhã, eu entendo, mas não cerveja”, disse ela.

“Por que não? Quem decidiu que champanhe era aceitável pela manhã, mas não cerveja? Seth encolheu os ombros enquanto colocava a barriga na balança. “Ambos são álcool. Ganhei uma perspectiva diferente sobre muitas coisas neste trabalho.”

“Você toma cerveja no café da manhã?” Ava perguntou ao examinador.

“Não. Parece nojento.

Ava bufou. “Portanto, há uma boa chance de o GHB estar na cerveja.”

“Vou testar os fluidos do estômago dele”, disse Seth.

“Não creio que nenhuma garrafa de cerveja aberta tenha sido encontrada no local de Copeland”, disse Ava. “Vou verificar com a equipe.”

Zander queria que a autópsia terminasse, pronto para dar continuidade ao que acabaram de descobrir.

O médico rapidamente examinou o restante dos órgãos e voltou sua atenção para a cabeça. Ele se inclinou e apalpou o crânio com mãos gentis. Zander se perguntou como ele havia cortado uma calota craniana sob o couro cabeludo quando uma grande parte do crânio estava faltando. A principal preocupação era a apresentação para uma exibição de caixão aberto.

“Os pais dele concordaram com um funeral com caixão fechado,” Seth disse suavemente. “Mas farei o que puder para sua visualização pessoal. Não deveria ser tão ruim com um travesseiro fundo.”

Zander interveio para olhar mais de perto. Normalmente, o médico legista corta o couro cabeludo na parte de trás da cabeça, de orelha a orelha, e depois puxa o couro cabeludo para a frente, sobre o rosto, deixando-o preso à testa. Em seguida, eles cortariam um grande pedaço do crânio para ter acesso e remover o cérebro. Depois de remover o cérebro, o examinador recolocaria a calota craniana como uma peça de quebra-cabeça e retornaria o couro cabeludo à sua posição anterior, costurando-o sob o cabelo, tornando-o aceitável para um caixão aberto.

O problema com Copeland foi o dano causado pelo ferimento de saída nas costas. O crânio poderia se quebrar em vários pedaços enquanto o Dr. Rutledge trabalhava e nunca parecer muito bom para a visualização final de seus pais.

“Vamos ver como fica o osso e descobrir a partir daí”, disse Seth para si mesmo. Seu assistente levantou a cabeça e Seth usou o bisturi para fazer um corte na parte de trás da cabeça e depois moveu o couro cabeludo para frente. Os dedos enluvados de Seth apareciam através do buraco no couro cabeludo deixado pela bala.

Uma vez exposta, o dano da bala ao crânio ficou brutalmente claro. “Grande,” Seth disse baixinho.

“Ele carregava um G 21”, Zander disse a ele. “Uma bala .45.”

O impacto da bala criou um padrão em estrela de rachaduras que se afastava do grande ferimento de saída. “Se eu cortar a calota um pouco mais abaixo do normal, posso evitar cruzar as fissuras e acredito que a calota craniana ficará inteira.” Seth assentiu com firmeza, confiante em sua decisão, e pegou a serra Stryker.

A serra não era muito maior do que a broca de Zander em casa, mas o som do Stryker lembrou-lhe a broca de um dentista cortando seu dente e reverberando em sua cabeça. Ele se afastou quando uma nuvem de pó fino de osso floresceu.

Cerveja. Zander achou isso estranho. Nate Copeland tomou cerveja no início do dia quando já planejava beber mais com o amigo? Ele estava começando cedo ou estava entretendo outra pessoa?

Ava puxou sua manga. “Você está olhando. O que você pensa sobre?” ela disse em voz alta para ser ouvida através da serra.

“Quero saber quem bebeu cerveja com Nate Copeland pela manhã.”

“Você não é o único.” Ela observou o médico passar para o outro lado da cabeça de Copeland para obter um novo ângulo. “Onde estava Billy Osburne ontem de manhã?”

“O turno dele na loja de peças de automóveis só começou ao meio-dia.”

“Então ele estava disponível. Ele é alguém com quem Nate tomaria uma cerveja? Ele tinha motivo? Ava questionou.

“Os Osburnes são cerca de dez anos mais velhos que Nate”, disse Zander. “Mas não sei se isso significa que eles não sairiam juntos. Podemos descobrir se eles se conheciam o suficiente para tomar uma cerveja matinal.

“Mas por que Nate?”

A serra parou e o silêncio foi um bálsamo para a audição de Zander. Seth levantou a calota craniana como se fosse o vidro mais delicado. De certa forma, foi. O médico conseguiu conter as rachaduras na tampa, mas

algumas peças do quebra-cabeça do crânio foram deslocadas adjacentes ao orifício de saída. Uma concentração feroz brilhou em seus olhos enquanto ele gentilmente colocava o grande pedaço de lado.

Zander prendeu a respiração por vários segundos enquanto seguia os movimentos do médico, a pergunta de Ava zumbindo em seu cérebro. “Nate deve ter visto algo que não deveria ter visto nos assassinatos de Fitch – mesmo que não estivesse ciente disso”, respondeu ele. “Ou Nate foi visto nos assassinatos. Alguém foi mais fundo na floresta atrás da casa dos Fitch? Talvez alguém estivesse observando quando Nate chegou.”

“Acho que li que a mata foi revistada um pouco. Duvido que tenham parecido muito difíceis.

Com base no trabalho desleixado que Zander tinha visto naquela manhã, ele concordou. "OK. Precisamos dar outra olhada na propriedade. O que mais?"

“Precisamos revisar os relatórios da autópsia de Fitch com Seth?” Ava perguntou. “Vi o relatório final dele na minha caixa de entrada, mas ainda não abri. Ele conversou com você sobre descobertas preliminares. Você discutiu mais alguma coisa?”

"Não. Mas ele iria verificar se Sean era o pai do bebê de Lindsay. Podemos perguntar se isso foi feito.” Zander olhou para trás enquanto Seth pesava o cérebro. “Ele está quase terminando.”

Depois que o cérebro foi examinado e as amostras removidas, todos os órgãos foram normalmente colocados em um saco plástico e devolvidos à cavidade torácica vazia. Em seguida, as costelas foram recolocadas e a incisão em Y suturada.

Seth voltou para a calota craniana e levantou-a com precisão e delicadeza. Havia dois entalhes nas bordas, serrados pelo médico para alinhar a tampa de volta ao crânio e mantê-la no lugar. Com habilidade e cautela, ele agiu e seus olhos se enrugaram de prazer.

“Isso basta”, disse ele com satisfação ao assistente, que acompanhou o processo com preocupação. Os dois esticaram com eficiência o couro cabeludo sobre o boné. "Você pegou daqui?" Seth perguntou. Ela assentiu e pegou uma agulha curva para costurar o couro cabeludo novamente.

O médico levou alguns segundos para estudar o rosto de Copeland. Com a mandíbula fechada, não havia sinal visível do buraco de bala no palato. Seth apoiou a mão enluvada no ombro do oficial e respirou fundo.

Depois de um longo momento, ele se virou para Zander e Ava e gesticulou para que o seguissem até o outro lado da sala, longe de Nate Copeland. A expressão de Seth era totalmente profissional. “Você queria saber se Sean era o pai do filho de sua esposa. Recebi os resultados do laboratório e ele é o pai.

Algo relaxou no peito de Zander. Isso não significava que Lindsay não estava tendo um caso com Billy Osburne, mas eliminou uma possível motivação menor.

“Mas Lindsay e Sean não saberiam que isso era um fato se ela estivesse dormindo com Billy Osburne”, disse Ava.

Merda. Ela está certa. A motivação não poderia ser riscada da lista.

“Precisamos encontrar Osburne”, disse Zander.

“Quero primeiro dar uma olhada na propriedade atrás da casa dos Fitch. Billy Osburne em segundo.”

Zander concordou.

Já passava da hora do almoço quando Zander e Ava retornaram ao litoral depois da visita ao consultório médico legista. Eles haviam parado em um drive-thru da Dairy Queen no caminho de volta, e o SUV ainda cheirava a batatas fritas.

Era um cheiro melhor do que no prédio do médico legista.

“Direto para a casa dos Fitch?” Zander perguntou.

“Não há tempo como o presente.”

O xerife não havia encontrado Billy Osburne e estava ficando frustrado. Mesmo ao telefone, Zander ouviu isso em sua voz.

Ele pegou a estrada estreita e sinuosa até o local de Fitch, sentindo uma sensação de déjà vu. Muita coisa aconteceu nos dois dias e meio desde a última vez que ele esteve lá. A estrada virou cascalho e as casas ficaram cada vez mais distantes umas das outras. Ele avistou a casa dos Fitch e estacionou no acostamento da estrada. Os dois estudaram em silêncio o pequeno rancho branco. Atrás da casa balançavam altos abetos, soltando agulhas e pequenos galhos.

“Ventoso,” Ava comentou.

“Eu não viveria com árvores desse tamanho perto da minha casa.”

“De jeito nenhum.” Ela se inclinou para frente e apontou para arbustos baixos a cerca de dez metros do veículo. “Olhar.”

Várias bicicletas estavam caídas de lado, parcialmente escondidas pela vegetação.

“Crianças.” O aborrecimento fez com que Zander abrisse imediatamente a porta. As crianças ficariam curiosas e bisbilhotariam a cena do crime; esse era um instinto natural naquela idade. Mas ele teria que ser o vilão e expulsá-los. Ele contou quatro bicicletas, cada uma em um estágio diferente de desgaste.

A nostalgia o envolveu. Uma bicicleta e uma profunda curiosidade levaram ele e seus amigos de infância a muitas aventuras. Eles eram destemidos, convencidos de que o seu mundo estava aberto à exploração. Quanto mais proibido o local, mais emocionante. A estação elétrica cercada atrás da escola secundária. O celeiro com telhado desabado na propriedade vizinha. A fileira de lixeiras com cheiro de podre atrás do shopping.

Três locais que angustiarão seus pais – o que os tornava poderosos ímãs para crianças.

“Pelo menos eles estão lá fora e não estão jogando videogame.”

Zander bufou. “Vou pegar algumas lanternas na parte de trás.” Ele abriu a porta traseira e pegou duas pequenas unidades de LED. Não estava escuro, mas as nuvens cinzentas lançavam uma sombra. Seria difícil ver nas sombras da floresta.

Ela pegou uma lanterna e eles contornaram o lado esquerdo da casa.

“Acha que as crianças iriam entrar?” Ava murmurou.

“Acredito que o condado tenha trancado tudo, mas posso garantir que as crianças tentaram todas as portas e janelas.”

“Garantia?”

“Eu já fui um garoto intrometido”, admitiu Zander. Ele teria ficado fascinado, alheio ao desrespeito, se isso tivesse ocorrido no bairro de sua infância.

“Eu também estava, mas não tentaria entrar em uma casa onde pessoas tivessem sido assassinadas.”

“Você pode adicionar isso à sua lista de diferenças entre os sexos.”

“Nem todos os meninos”, acrescentou ela.

“Nem todos os meninos”, ele concordou com um sorriso. Ele ergueu a mão ao ouvir vozes jovens atrás da casa.

Ava suspirou. “Besteira. Eles devem estar na árvore.”

Os dois viraram a esquina e viram três meninos que pareciam ter onze ou doze anos circulando no tronco da árvore. Um quarto estava no alto da árvore, vários galhos acima de onde Sean Fitch havia sido enforcado. O galho usado no enforcamento foi removido para processamento de provas. A fita da cena do crime ainda circulava por grande parte do quintal.

Zander lutou contra o instinto de gritar com os meninos. Eles não entendem.

“Um momento de ensino,” Ava disse calmamente. Ela levantou a voz. “Ei, crianças? Você pode sair da árvore e vir aqui por um minuto?”

Quatro rostos assustados se viraram em sua direção. “São os policiais!” Os garotos congelaram e então correram, cada um correndo em uma direção diferente. O menino na árvore derrubou o tronco mais rápido do que um urso furioso e saiu correndo, o capuz vermelho da jaqueta balançando atrás dele.

Zander deu alguns passos rápidos e parou, olhando para Ava. Suas mãos estavam nos quadris, aceitação em sua expressão.

Não fazia sentido.

“Poderíamos esperar perto das bicicletas”, sugeriu ele.

"Pelo que? Suspeito que os assustamos o suficiente para ficarem longe e duvido que ouvissem o sermão que eu estava pronto para dar."

“Como eles sabiam que éramos policiais?”

Ela lançou-lhe um olhar divertido. “Você exala lei e ordem apenas em sua postura. Mesmo se você não fosse do FBI, eles teriam dificuldade para olhar nos seus olhos.

“Ooze'? Isso é um elogio?"

"Eu penso que sim."

Zander não tinha tanta certeza. “Eles provavelmente nos viram aqui outro dia. Sem dúvida espionando à distância.”

"Possivelmente." Ava exalou, examinou a clareira do quintal e olhou para a floresta densa que começava além da fita policial. “Como você quer fazer isso?”

“Deveríamos ter mais pessoas.”

“Em um mundo perfeito. Mas somos você e eu. Ela abriu os braços, afastando-se de Zander. “Distância ponta a ponta do dedo. Começaremos por aquele grande abeto e percorreremos uma grade. Fique atento a qualquer coisa que um observador possa ter deixado para trás. . . lixo . . . pegadas.”

Eles passaram a meia hora seguinte tentando andar em linha reta enquanto contornavam troncos grossos e arbustos, varrendo cada centímetro do solo com suas luzes. A cada poucos metros, Zander olhava para cima, traçando o feixe de luz até a casca e os galhos dos abetos e tentando evitar ser atingido no olho pelas agulhas de pinheiro que caíam. As árvores gigantescas rangeram e balançaram lentamente ao vento.

“O chão está se movendo”, disse Ava.

Zander também percebeu isso. “A terra está tão molhada e saturada que o vento faz as raízes levantarem.”

Ela olhou para cima. “Se um começar a cair, provavelmente atingirá outros dez antes de desabar. Devemos ter tempo para sair do caminho.

“Eles não vão cair. As raízes não deveriam manter as árvores no lugar?”

“Você já viu as raízes de um abeto?” ela perguntou. “Eles fazem uma bola. Totalmente desproporcional ao peso e à altura do resto da árvore.”

Eles procuraram em silêncio por mais alguns minutos, movendo metodicamente as lanternas para a direita e para a esquerda e chutando as folhas para fora do caminho. Ele estava feliz por ter acendido as luzes; uma pesquisa completa teria sido impossível sem eles. Ele balançou seu feixe de luz para frente e engasgou.

"Jesus."

Ele ficou boquiaberto com a mulher mais velha à sua frente e procurou recuperar o fôlego. Ela estava a cinco metros de distância, com as mãos vazias ao lado do corpo e o sorriso feliz à mostra. Seu cérebro registrou que ela não representava nenhuma ameaça imediata, mas ele abriu lentamente o zíper de sua jaqueta pesada.

"Podemos ajuda-lo?" Ava perguntou. Ela ofegou quando Zander praguejou e se moveu para que seu quadril esquerdo ficasse em direção à mulher, a mão com a arma livre e a luz no rosto da mulher.

“Oh, não, estou apenas observando.” Sua voz jovem não combinava com os cabelos grisalhos e o rosto enrugado. Seu casaco longo era de um marrom escuro e manchado, possivelmente por nunca ter sido lavado, e suas botas de borracha estavam enlameadas.

Ele se perguntou se ela era uma sem-teto.

“O que você tem assistido?” Ava perguntou. Zander permaneceu em silêncio. Ava tinha uma voz baixa e suave incomum que poderia acalmar qualquer um - inclusive ele - mas seu coração ainda tentava sair do peito.

“Vocês dois olhando em volta. Vi aqueles meninos. A mulher franziu a testa, formando sulcos profundos entre as sobrancelhas. “Eles não deveriam estar aqui”, acrescentou ela em tom sério.

"Por que não?"

Seu queixo subiu e seus olhos brilharam. “Eles simplesmente não deveriam. Este não é um lugar para crianças.

Zander não discordou.

"Qual o seu nome? Eu sou Ava. Este é Zander.

“Alice. Eu sei quem você é.”

Ava inclinou a cabeça para o lado. “Você estava na reunião ontem à noite, não estava?”

Zander procurou a imagem instantânea das pessoas na reunião que surgiu em sua memória. Foi principalmente a parte de trás das cabeças.

"Eu era. Eu sei que você está no FBI. Você está tentando ajudar aquele jovem casal."

"Os Fitch, sim." Ava fez uma pausa. "Você sabe o que aconteceu com eles?"

"Todo mundo sabe o que aconteceu com eles."

Zander começou. Todo mundo sabe?

"Quero dizer, você sabe quem os machucou?" Ava esclareceu.

A decepção o atingiu. Alice interpretou a pergunta de Ava literalmente. Os olhos da mulher pareciam muito alertas, com inteligência em suas profundezas, mas claramente algo não estava certo nela.

Alice enfiou as mãos nos bolsos e Zander ficou tenso, hiperconsciente de sua arma nas costelas.

"Você consegue manter as mãos fora dos bolsos?" Ava perguntou. "Fico mais confortável quando posso vê-los."

A confusão brilhou no rosto de Alice, mas ela obedeceu e a coluna de Zander relaxou. "Eu não machuquei Sean ou Lindsay."

"Fico feliz em ouvir isso. Você sabe quem fez isso?"

"Não."

Valeu a tentativa.

"Você mora nas proximidades?" Zander perguntou. Alice focou nele e piscou várias vezes.

"Não. Estou apenas visitando um amigo."

"Onde seu amigo mora?"

Ela franziu a testa, virando a cabeça um pouco como se não tivesse ouvido direito. "Não sei."

Ele repetiu a pergunta em voz mais alta.

Isso lhe rendeu uma carranca. "Eu disse que não sabia."

"Podemos levar você para casa?" Ava perguntou, sua voz cheia de gentileza. Os lábios de Zander se contraíram. O noivo de Ava afirmou que ninguém poderia recusar Ava quando ela usou sua voz esfumada.

"Ainda não visitei meu amigo."

Aparentemente Alice poderia recusar.

"Que tal irmos com você para garantir que você chegue lá bem?", sugeriu Ava. "Este vento está piorando."

Zander concordou. O vento penetrou no espaço de trabalho abaixo das árvores, fazendo sua jaqueta balançar. Alice demonstrou alguma confusão e eles não podiam abandoná-la na floresta.

"Multar." Alice se virou e seguiu para o sul.

Ava ergueu uma sobrancelha para Zander, que ergueu as mãos. Poderia muito bem.

Zander tirou uma foto mental de onde eles haviam parado a busca na grade e seguiu o rastro de Alice. Ela era lenta, seus passos arrastados no chão da floresta.

Depois de alguns minutos, ele se aproximou do ouvido de Ava. "Estou preocupado que ela não saiba para onde está indo."

Alice bufou. "Eu sei para onde estou indo."

A alegria brilhou nos olhos de Ava e ela apertou os lábios. Zander decidiu manter a boca fechada. Vários metros depois, eles encontraram uma árvore caída. Ava estava certa. As raízes eram uma bola, desproporcional à grandeza e comprimento do tronco.

O guia deles passou por cima de algumas raízes da árvore caída, agarrando outra para se equilibrar. Zander avançou e pegou seu braço, ajudando-a a navegar pelo terreno acidentado. Ela agradeceu educadamente. Eles contornaram as raízes e começaram a caminhar ao longo da árvore derrubada.

Alice parou. "Aqui vamos nós."

Zander olhou ao redor. "Onde-"

"Bem aqui." Alice tirou o braço da mão de Zander e se agachou, olhando embaixo do baú. Ela afastou uma pesada camada de agulhas de pinheiro, despertando o cheiro de terra úmida e mofada. "Ela está segura aqui, você sabe."

As órbitas vazias de uma caveira ficaram boquiabertas para ele.

Zander e Ava ficaram abalados com a descoberta do crânio e vários outros ossos do “amigo” de Alice.

“Não gosto de como os restos mortais estão próximos da cena Fitch”, ele disse a ela calmamente.

“Mas eles são completamente esqueléticos – este corpo está aqui há muito tempo. Não pode ter nada a ver com os Fitch.

“Eu sei.” Mas ele não conseguia afastar a sensação de que sim. “Quero que a melhor pessoa aqui os remova. Não algum delegado do condado ou técnico local da cena do crime.

“Dr. Victoria Peres é sua pessoa”, respondeu Ava imediatamente. “Vou ligar para Seth para ver se ela está disponível.”

O médico legista concordou em enviar a antropóloga forense do estado – sua esposa.

Zander ligou para o xerife Greer para relatar os restos mortais e então esperou por ele na floresta fria com Alice e Ava.

Alice revelou-se bastante tagarela. Seu lado da conversa tendia a divagar em direções estranhas, e seus olhos tinham momentos de clareza que diminuía e fluía.

“Qual o nome dela?” Ava perguntou com um gesto em direção ao crânio.

A mulher mais velha apoiou seu peso no tronco caído, disposta a esperar agora que Zander havia explicado que eles estavam conseguindo ajuda para sua amiga. “Eu não sei”, Alice disse pensativamente. “Mas eu a chamo de Cindy.”

“Você sabe há quanto tempo ela está aqui?” perguntou Zander.

Alice franziu a testa. “Há muito tempo, eu acredito.”

Ele concordou com a afirmação de Alice de que os restos mortais eram femininos porque não tinha ideia de como saber a diferença. Quando ele olhou para o crânio, seu instinto lhe disse que era uma mulher, mas isso poderia ser influência de Alice.

“Você a conhecia antes?”

“Antes do que?”

Não posso ser vago. “Você a conheceu antes que ela fosse...” . . um esqueleto?” Ele fez uma careta ao ouvir a palavra.

"Não."

"Como você conheceu ela?"

"Eu os vi trazê-la para cá."

A adrenalina disparou através de seus músculos. "Quem a trouxe aqui?"

As mãos de Alice se agitaram e pegaram seu casaco. "Não me lembro."

Ela não encontrou mais seus olhos. Ele olhou para Ava, que fez um movimento sutil de desaceleração com as mãos.

Ele queria pressionar, mas sabia que Alice fecharia mais.

A chegada de dois deputados e do xerife Greer interrompeu a discussão. A resposta deles foi rápida – em dez minutos.

"Boa noite, Alice", disse Greer gentilmente enquanto seu olhar penetrante avistava os ossos perto da árvore. "Está ficando frio esta noite, não está?"

Alice murmurou alguma coisa e se recusou a olhar nos olhos do xerife. Ela ficou tensa quando os três policiais chegaram e se aproximaram de Ava. Zander suspeitava que ela já tivesse tido desentendimentos anteriores com o departamento do xerife.

Uma rápida conversa com Greer confirmou essa suspeita. "Ela fica confusa", Greer disse a eles enquanto eles se afastavam da cena, deixando um policial para ficar de olho em Alice. "Ela tem boas intenções, mas várias vezes ela vagou pela propriedade de outras pessoas e até olhou pelas janelas. Nós apenas a levamos de volta para casa. Ela foi avaliada, mas sempre recebemos a mesma resposta: ela é capaz de cuidar de si mesma e não representa perigo para si mesma ou para os outros."

"Ela é magra," Ava apontou.

"Ela é magra desde que me lembro", respondeu Greer. "Mas até eu a encontrei no supermercado. Ela é bastante competente. . . a maior parte do tempo."

"Então por que ela está vagando pela floresta? Ela poderia se perder.

O xerife foi enfático. "Ninguém conhece esta floresta ou o litoral como Alice. Ela tem perambulado pelos dois últimos cinquenta anos. Ele gesticulou para que um dos policiais se aproximasse e pediu-lhe que a levasse para casa. "Podemos interrogá-la amanhã", disse ele aos agentes. "Ela é mais perspicaz pela manhã."

Quando Alice saiu, Zander notou que ela parecia exausta.

“Quem são as pessoas desaparecidas na área?” Ava perguntou ao xerife, todos negócios agora. “Talvez precisemos voltar décadas. É evidente que os restos mortais estão aqui há algum tempo.

“Bem agora . . . Já ouvi falar de corpos reduzidos a esqueletos em menos de um ano”, disse o xerife, batendo no queixo, imerso em pensamentos. “Depende do ambiente e de quão expostos eles estão.” Ele inclinou a cabeça na direção do crânio. “Não parece que alguém enterrou o corpo. Poderia ter morrido naturalmente. Talvez tenha se perdido na floresta ou tido um ataque cardíaco.”

“Sim,” Ava disse impacientemente. “Qualquer uma dessas coisas poderia ter acontecido, mas eles ainda seriam dados como desaparecidos, certo?”

“Verdadeiro. Deixe-me pensar . . . Uma mulher desapareceu numa trilha ao longo dos penhascos ao sul daqui. Seu marido foi considerado culpado de seu assassinato, embora nunca tenham encontrado o corpo. Ele alegou que ela escorregou ao tirar uma foto e passou do limite. A polícia estadual cuidou disso.

Zander olhou para o crânio. “Será que o marido dela jogou o corpo dela aqui e alegou que ela caiu do penhasco em um acidente?”

“Possível”, disse Greer. “De qualquer forma, ele já está preso.”

“E quanto a Hank West?” perguntou o policial restante enquanto pendurava a fita da cena do crime e ouvia a conversa.

O rosto do xerife clareou. “Isso mesmo. Quanto tempo faz isso? Cinco anos?” Ele olhou de Zander para Ava. “O velho Hank tinha demência. Saiu de sua casa em Warrenton. Nunca o encontrei.

Todos os três voltaram sua atenção para o crânio.

“Talvez devêssemos fazer uma busca no banco de dados de pessoas desaparecidas em vez de confiar na memória”, sugeriu Ava com tato.

“Não há muitas pessoas desaparecidas por aqui”, disse Greer. “Mas isso seria mais eficiente. Vou pedir a alguém para começar. Meu delegado pode acender algumas luzes e observar a cena se você quiser jantar. Levará algumas horas para aquele antropólogo chegar de Portland.

Zander examinou a floresta escura. Estava frio, mas uma voz interior não o deixou sair. “Eu vou ficar. Posso ajudar com as luzes.

“Vou comprar comida para viagem”, Ava disse a ele. “E muito café. Será tarde da noite.

A Dra. Victoria Peres chegou duas horas depois e o antropólogo forense imediatamente assumiu o comando do local. Peres era alto, usava óculos de bibliotecário e cabelos longos e escuros. Zander tinha ouvido falar dela como a Rainha do Gelo, mas nunca tinha visto ninguém dizer isso na cara dela.

O antropólogo forense era intimidador.

Ela apertou a mão de Zander e deu-lhe uma olhada, embora eles tivessem se encontrado algumas vezes. Ava a conhecia muito bem. Enquanto trabalhavam, as mulheres trocaram conversas sobre amigos em comum e o próximo casamento de Ava.

Zander observou Peres com admiração. A médica movia-se com economia de movimentos enquanto dava ordens aos seus assistentes e montava a estação para remoção dos restos do esqueleto. Todos pularam para cumprir suas ordens. Até o vento parou depois que ela olhou para as árvores balançando. Ela tinha iluminação, lonas, baldes, peneiras e lixeiras prontas para iniciar a escavação. Enquanto esperava que seus assistentes montassem uma grade e terminassem de tirar as fotos, ela levantou a caveira.

Ele observou com fascinação. As mãos do médico eram gentis e reverentes – lembrando-lhe as mãos do marido na autópsia – enquanto ela levantava o crânio para olhar mais de perto. A mandíbula ainda estava no chão, e o estômago de Zander se revirou, abalado pela visão do maxilar fora de sua posição correta no crânio.

A Dra. Peres cantarolou baixinho enquanto estudava o crânio e o girava nas mãos, segurando-o mais perto de uma de suas luzes brilhantes, espiando dentro e depois estudando o rosto novamente. “Olá, menina bonita”, disse ela em voz baixa.

"É feminino?" Ava perguntou.

“Ah, sim, definitivamente. Jovem também.

Zander riscou Hank West, o homem desaparecido com demência, de sua lista mental. "Quão jovem?"

O médico virou a cabeça de cabeça para baixo, passou o dedo pelos dentes e depois por algumas costuras do crânio. "Adolescente. Vinte e poucos anos, no máximo.

Ela olhou para alguns dos ossos semienterrados. “Preciso examinar tudo para dar uma resposta definitiva, mas você pode aceitar isso com noventa e

cinco por cento de certeza.”

“Tenho algum tipo de moeda aqui, doutora”, disse uma das técnicas enquanto enfiava uma pequena estaca na terra. Zander se agachou ao lado dela, não surpreso por eles não terem notado os pequenos discos. Eles estavam cobertos de terra e se misturavam perfeitamente ao solo. A tecnologia cutucou alguns com uma ferramenta. “Eu não acho que eles sejam dinheiro. . . pelo menos não com dinheiro dos EUA.”

Zander concordou. Eles eram maiores que moedas, mas menores que meio dólar. O leve padrão sob a terra era irreconhecível, e ele se conteve antes de pegar um para limpá-lo. “Talvez um turista estrangeiro?” ele sugeriu ao técnico, que encolheu os ombros.

“Você não pode nos dizer há quanto tempo ela está aqui, pode?” Ava perguntou.

“Não. Vou precisar fazer alguns exames”, disse o médico. “Mas ela tem algumas obturações posteriores compostas. Sem liga. Isso me diz que ela provavelmente não é da década de 1970 ou anterior. Os dentistas passaram a fazer obturações compostas com bastante regularidade a partir da década de 1980, mas principalmente nos dentes anteriores. Essas obturações posteriores indicam que ela é de uma década mais recente ou teve um dentista à frente de seu tempo. Desculpe . . . Eu sei que isso é vago.

“Isso ajuda”, disse Zander. “Reduz a janela de quando pesquisar.”

“Ela é afro-americana.”

Zander ficou imóvel.

“Você tem certeza?” Ava perguntou com uma voz monótona.

Os lábios do médico se ergueram. “Sim.” Ela ergueu uma sobrancelha do tipo “você está me questionando” para Ava.

“Eu não quis dizer isso,” Ava começou, consternação em seus olhos.

“Vê a forma retangular de suas órbitas?” O médico traçou as bordas dos ossos em torno de onde deveriam estar os olhos. “Os caucasianos têm órbitas angulares. Asiáticos, redondos. Mas não é só isso que vejo. No topo do crânio há uma ligeira depressão onde seria plana em asiáticos e caucasianos, e a abertura nasal é larga e arredondada...”

“Confiamos no seu julgamento, Victoria”, disse Ava rapidamente.

“Como ela foi morta?” Zander interrompeu, seu coração batendo forte em seus ouvidos.

A Dra. Peres olhou para ele por cima dos óculos e fez uma demonstração deliberada de examinar o crânio. “Ela não levou um tiro na cabeça.” Ela olhou de soslaio para ele.

Ele sabia que tinha perguntado muito cedo. “Esqueça que perguntei isso”, disse ele em desculpas. “Foi injusto.” Ele encontrou os olhos de Ava. “Greer mencionou algum adolescente afro-americano desaparecido quando você foi buscar comida?”

Ela apontou. "Não. Mas você pode perguntar a ele.

Zander se virou e viu o xerife voltando ao local. O policial que levou Alice para casa estava com ele. Os dois homens estavam com a gola dos paletós levantada para se proteger do frio, e o policial limpava continuamente o nariz com um lenço de papel.

Ava apresentou o xerife ao Dr. Peres. “O médico diz que se trata de uma mulher afro-americana na adolescência ou com vinte e poucos anos”, anunciou ela. “Isso corresponde a algum registro de pessoa desaparecida?”

O xerife parecia sombrio e trocou um olhar com seu vice. "Sim. Cynthia Green.”

Cindy? “Alice a chamou de Cindy.”

A surpresa cruzou o rosto do xerife. “Bem, por que diabos Alice não nos contou que essa garota desaparecida estava aqui?”

“Porque ela é Alice”, disse o delegado.

"Verdadeiro." A resignação brilhou nos olhos de Greer.

“Desaparecido desde quando? O que aconteceu?” Ava cruzou os braços, seu tom de paciência fortemente testada.

O xerife pegou o telefone e bateu na tela. “Os pais de Cynthia Green relataram seu desaparecimento há algumas décadas.” Seus olhos iam e voltavam enquanto ele lia. “Eles são de Seattle e estavam de férias na costa do Oregon durante as férias de primavera. O filho deles, de dezenove anos, foi passear na praia ao sul daqui, perto de Gearhart, e nunca mais voltou.

“Ela desapareceu nas férias deles,” Ava repetiu, com os olhos arregalados. “Mas estamos a quilômetros de Gearhart.”

“Lembrei-me do caso quando vi o nome dela aparecer em nossa busca”, disse Greer. “Eu era deputado e todos nós passávamos muitas horas vasculhando a praia e os morros ao redor, embora a polícia estadual estivesse encarregada da investigação. Lembro que eles especularam que ela teria sido apanhada por um carro ou jogada no oceano por uma onda de

tênis. Ela tinha duas irmãs mais novas e seus pais estavam loucos. Foi de partir o coração.”

“Alice disse que viu as pessoas que trouxeram Cindy aqui”, afirmou Zander. “Nós a pressionamos para obter mais informações, mas ela desligou.”

Greer não pareceu surpreso. “Tenho que saber como lidar com Alice. Ela é nervosa. Ele balançou a cabeça com tristeza. “Não sei quão boa será a memória dela.”

“Alice disse: ‘Ela está segura aqui’ quando nos mostrou a caveira”, acrescentou Ava. “Talvez ela não tenha contado a ninguém porque estava preocupada com a segurança da menina.”

"Mesmo que ela já estivesse morta?" perguntou o Dr.

“Poderia ter feito sentido na mente de Alice”, disse Zander, lembrando-se do olhar protetor no rosto da mulher enquanto ela limpava os detritos do crânio.

“Quanto tempo você levará para remover os restos mortais?” Greer perguntou ao Dr.

“Algumas horas, talvez menos. Parece que nada foi enterrado deliberadamente. Pegaremos a maior parte hoje à noite e voltaremos amanhã para ampliar a área de busca.”

"Ampliar?" perguntou Ava.

“Sim, pequenos animais terão arrancado os ossos menores das mãos e dos pés. Frequentemente os encontramos por perto.”

“Você será capaz de dizer como ela morreu?” Greer perguntou.

Greer fez a pergunta de uma forma muito melhor do que Zander.

“Infelizmente, com restos de esqueletos, o que posso encontrar é muito limitado. Os ossos podem mostrar marcas de facadas, traumatismos contundentes, estrangulamento se o hióide estiver presente – o que não tenho muita esperança, já que é um osso minúsculo e o corpo pode estar aqui há vinte anos. Temos sorte de termos tantos ossos quanto nós.” Ela deu um breve aceno de cabeça, determinação em seu olhar. “Eu farei o meu melhor.”

A caveira em suas mãos prendeu a atenção de Zander.

Você está relacionado ao caso Fitch?

A raça de duas das vítimas e suas localidades adjacentes eram as únicas conexões.

Apenas conexões até agora. O período de tempo entre as mortes—
“Xerife, qual é a data exata do desaparecimento de Cynthia Green?” ele perguntou.

Greer verificou seu telefone e contou a ele.

Os olhos arregalados de Ava encontraram os de Zander.

Cynthia desapareceu duas semanas antes de o pai de Emily Mills ser enforcado.

Zander mal dormiu.

O rosto esquelético de Cynthia Green o assombrava enquanto ele seguia Ava até o departamento do xerife do condado na manhã seguinte, com o café na mão. Ele viu Cynthia quando fechou os olhos e quando eles estavam abertos. Ele e Ava passaram uma hora na noite passada discutindo todas as direções que precisavam investigar em seu caso cada vez maior. O crime de ódio das mortes de Fitch estava a crescer cada vez mais.

Uma garota negra desaparecida foi encontrada a algumas centenas de metros da residência dos Fitch.

Ela desapareceu duas semanas antes do pai de Emily ser enforcado.

Um enforcamento também aconteceu na casa dos Fitch.

O mesmo GHB caseiro que estava nos Fitches foi encontrado em Nate Copeland.

Os fatos estavam tênueamente conectados, como numa teia de aranha, e faltavam muitas peças.

“Isso não vai servir.” Ava colocou as mãos nos quadris enquanto considerava a mesa e as cadeiras da pequena sala. Eles pediram a Emily Mills que se encontrasse com eles naquela manhã para perguntas complementares.

“O que há de errado com isso?” Era uma sala simples que o departamento do xerife usava para entrevistas. Migalhas na mesa e embalagens de fast-food na cesta de lixo transbordando indicavam a Zander que ela era frequentemente usada para outras coisas.

“Não quero uma mesa entre nós e Emily.”

Zander fez uma careta, entendendo o que ela queria dizer. Ava insistiu em realizar esse acompanhamento na estação porque o local “parecia oficial”. Agora ela não queria uma mesa porque poderia dar aos suspeitos uma sensação de proteção, como se pudessem se esconder atrás da mesa. Ela queria que Emily se sentisse exposta.

Um pouco de ansiedade pode fazer com que as pessoas revelem comportamentos enganosos – possíveis indicadores de mentira.

Ele entregou o café para Ava, empurrou a mesa para fora do centro da sala e encostou-a na parede, e então arrumou três cadeiras uma de frente para a outra. “Como é isso?”

Ela sorriu, satisfeita, e devolveu o café.

“Nada do Dr. Peres ainda?” ele perguntou enquanto se sentava em uma cadeira e esticava as pernas.

“São apenas nove da manhã. Dê a ela uma chance de pelo menos ir trabalhar.”

“Achei que se o marido dela começasse cedo, talvez ela também.”

A antropóloga forense voltou para Portland depois da meia-noite, prometendo que seu odontologista forense tiraria imagens dentárias do crânio e as compararia com as radiografias da polícia estadual que originalmente cuidara do desaparecimento de Cynthia Green.

Um brinco de prata e uma pulseira de contas foram encontrados com algumas moedas perto dos restos mortais. Alguns pequenos botões de camisa estavam espalhados na cobertura do chão, mas não havia sapatos.

O xerife recusou-se a notificar a família até que os registros dentários fossem examinados e confirmados. “Não faz sentido aumentar as esperanças deles vinte anos depois do desaparecimento dela, quando não temos certeza”, disse ele. Todos concordaram.

Mesmo exausto, Zander mal conseguia ficar parado na sala abafada, precisando saber se haviam encontrado Cynthia Green. Perguntas borbulhando em sua cabeça o mantiveram acordado metade da noite.

Emily apareceu na porta, com curiosidade nas feições e um sorriso cauteloso nos lábios. Ela estava vestida para o frio com botas de cano alto, jeans e um casaco pesado de lã.

A alegação de Ava de que Zander gostava da testemunha tomou conta de seu cérebro, surgindo em momentos estranhos e perturbando seu foco. Agora ele se distanciou propositalmente para analisar sua reação à mulher na porta.

Ele sentiu um pequeno formigamento no estômago. Um puxão em sua direção. E ele se sentiu subitamente acordado.

Merda.

Saber que Ava estava prestes a interrogar Emily habilmente sobre sua entrevista anterior o incomodava. E não foi uma preocupação que ele não tenha sido minucioso na primeira entrevista; foi um estúpido instinto de homem das cavernas protegê-la do exame minucioso e penetrante de Ava.

Ava está certa sobre meus sentimentos.

Não é de admirar que Ava tenha ordenado que ele falasse o mínimo possível para Emily hoje.

“Estamos fazendo isso aqui para que você possa me trancar facilmente depois?” Emily brincou ao entrar na sala. Ela tirou o casaco, desembrulhou o cachecol e tirou os longos cabelos do pescoço. Sentando-se, ela olhou para Ava e Zander com expectativa, seu olhar agudo, sua postura alerta.

“Obrigada por ter vindo, Emily,” Ava respondeu com um meio sorriso. “Não acho que precisaremos de uma cela hoje.”

“Talvez eu precise de um para proteção.”

"O que?" Zander endireitou-se. “Você foi ameaçado? O que aconteceu?”

Emily ergueu as mãos. "Eu estava brincando . . . tipo de. Nada aconteceu, mas tive dificuldade em tirar a morte de Nate da cabeça e estou constantemente olhando por cima do ombro. Foi determinado se foi suicídio?

Zander não perdeu a leve nota esperançosa em seu tom.

“Não foi suicídio”, disse Ava. “A perícia nos leva a acreditar que ele foi assassinado.”

Emily ficou perfeitamente imóvel. “Como você sabe com certeza?” ela finalmente perguntou.

“Você terá que confiar em nós”, disse Ava. “Não podemos compartilhar essa informação agora.”

Emily olhou para Zander. Ele deu um breve aceno de cabeça para confirmar a declaração de Ava.

Ela está com medo. Com um bom motivo.

"O que isso significa para mim?" Emily perguntou sem rodeios. “Saber que alguém pode me querer morto está na minha cabeça há quase dois dias – não consigo tirar isso da cabeça. Agora está confirmado.” Ela agarrou o casaco com força no colo, os nós dos dedos brancos. Mas seu queixo estava erguido e seu olhar firme.

“Não sabemos o que isso significa para você”, respondeu Ava.

“Isso não ajuda em nada”, afirmou Emily.

“Isso significa ter cuidado.” Zander finalmente abriu a boca. “Observe o que está ao seu redor. Fique com outras pessoas. Não corra riscos.”

Aborrecimento brilhou. “Essa é a norma cotidiana na vida de uma mulher. E isso não ajudou Lindsay.” Sua voz falhou. “Ela foi morta em sua própria cama com o marido ao lado dela.”

Ava se inclinou, chamando a atenção de Emily. “A consciência é a sua melhor defesa. Sinto muito por essa resposta ser uma merda, mas, além de prender você até pegarmos nossos assassinos, é o melhor que posso lhe dizer. Isto não é um filme ou TV - não temos policiais extras para vigiá-lo 24 horas por dia, sete dias por semana, mas podemos pedir ao condado que passe frequentemente por sua casa e sugerir que parem no restaurante para intervalos para refeições. Mostre uma presença.

A raiva ferveu sob as palavras de Ava. Ela odiava a impotência deles tanto quanto Zander.

“Fique por aqui”, disse Zander. “Ou fique na lanchonete onde as pessoas estão presentes ou você pode ficar aqui na estação.”

“Você deveria ter me dito para trazer um livro.” Emily olhou dele para Ava, com resignação pesada em seus olhos. “Agora. Sobre o que você queria falar comigo?”

Ava tirou uma pasta fina da bolsa e abriu-a. “Quero repassar novamente o que você viu na casa dos Fitch. Estas são as anotações de Zander sobre sua entrevista naquele dia.

“Vá em frente.”

“Você disse que ligou para Lindsay três vezes antes de ir para a casa dela,” Ava começou.

“E Sean uma vez”, acrescentou Emily.

“E quando você chegou em casa, tocou a campainha e depois ligou para o telefone de Lindsay da varanda da frente porque ninguém atendeu a porta.”

“Correto. Os carros deles estavam lá, então imaginei que alguém deveria estar em casa.”

“Foi quando você abriu a porta porque ela estava destrancada.” Ava manteve sua atenção voltada para as anotações de Zander.

“A porta destrancada me surpreendeu.”

“Você entrou direto?” Ava perguntou. “Não demorou um minuto para você criar coragem para entrar?”

Emily pensou. “Demorou alguns segundos. Não gostei da ideia de entrar imediatamente, então chamei os nomes deles algumas vezes enquanto abria um pouco a porta.”

“O que aconteceu depois?”

“Quando entrei, senti cheiro de sangue.” Ela olhou para Zander, e ele manteve o rosto impassível enquanto observava e ouvia.

Até agora, a linguagem corporal e as respostas de Emily pareciam normais para ele. Sem nervosismo, sem tocar no cabelo, sem esfregar o nariz. Sem pequenos movimentos de tensão. Em seus encontros anteriores com ela, ele aprendeu que ela não se movia. Quando ela falava, ela não mudava o peso ou gesticulava com as mãos, nem tocava frequentemente o rosto ou o cabelo. Ela geralmente ficava quieta e essa conversa era consistente. Zander observou e ouviu mais ansiedade quando discutiram como ela poderia se manter segura.

“Entre e vi o rastro de sangue que ia do quarto até a cozinha e depois saía pela porta dos fundos. Eu verifiquei o quarto primeiro...”

“A luz do quarto estava acesa?” Ava interrompeu.

Emily fez uma pausa. "Era."

“Quanto tempo você ficou no quarto antes de ir para o quintal?”

“Apenas alguns momentos.” Emily fechou os olhos com força, como se pudesse fazer desaparecer suas memórias visuais. “Toquei o pescoço de Lindsay para sentir o pulso, embora soubesse que ela estava morta.” Ela soltou um suspiro e abriu os olhos. “Eu imediatamente segui o sangue, na esperança de encontrar Sean ainda vivo.”

“Você diria que esteve no quarto há menos de um minuto?”

"Facilmente."

O desconforto subiu pela espinha de Zander. Ava monitorava sistematicamente o tempo entre o telefonema de Emily na varanda da frente e sua ligação para o 911.

Onde estão os vinte minutos extras?

“O que você fez quando viu Sean?” Ava perguntou.

“Eu cheguei mais perto. Senti seu pulso em busca de pulso. Emily mudou para um tom vazio e monótono, lutando para manter suas emoções sob controle.

"Você demorou alguns minutos para criar coragem para tocá-lo?"

Emily balançou a cabeça veementemente. "Não. Eu sabia que esperar poderia significar a diferença entre a vida e a morte. Eu verifiquei imediatamente. Sem pulso.

"E então?"

“Liguei para o 911.”

“Por que você não ligou para o 911 logo depois de encontrar Lindsay?”

Emily coçou perto da têmpora. “Lembro que estava com meu telefone na mão – estava prestes a fazê-lo, mas em vez disso segui o sangue.” Ela engoliu em seco. “Ela estava morta – não havia urgência para uma ambulância. Ninguém poderia trazê-la de volta”, ela sussurrou.

“Sean também estava morto”, disse Ava com uma voz gentil. “Mas você ligou logo depois de verificar o pulso?”

"Eu fiz. Não era necessária uma ambulância, mas a polícia sim."

"De fora? Ou você voltou para casa para ligar?"

"Fora."

Ava folheou os papéis em seu colo e Zander observou Emily com o canto do olho. Seus ombros caíram e a angústia era evidente em sua boca virada para baixo.

Ele esperava por Deus que Emily tivesse uma boa explicação para as inconsistências de tempo. Ele avançou, apoiando os cotovelos nos joelhos, desejando poder esconder sua tensão atrás de uma mesa. Ava ficou em silêncio enquanto estudava os próximos papéis em seu arquivo, e o silêncio na sala ficou pesado. Longos períodos de silêncio pretendiam criar desconforto para o entrevistado, mas Zander parecia ser o único inquieto. Ele estudou Ava, notando as rugas em sua testa e o ligeiro aperto em seu lábio inferior. Ela estava frustrada.

Ava também espera uma boa explicação.

E ela alegou que as emoções de Zander estavam afetando seu trabalho.

Ava também estava torcendo por Emily.

"Emily. Tenho uma cópia dos seus registros telefônicos daquele dia. Ela entregou uma página a Emily, que a aceitou com um olhar perplexo.

“Por que você não pediu para ver meu telefone se tinha dúvidas?”

“Isso é mais oficial.”

“Você quer dizer que há chamadas que não podem ser excluídas”, Emily retrucou. Ela examinou a folha com raiva, passando o dedo pelas entradas. “Uma, duas, três ligações para Lindsay, minha ligação para Sean e mais uma para o telefone de Lindsay. Exatamente como eu te disse. Qual é o problema aqui?”

“O problema são os vinte minutos entre sua última ligação da varanda para Lindsay e a ligação para o 911.”

Emily congelou e olhou para o papel. Ela finalmente olhou para cima, com determinação em seu olhar. "Eu posso explicar."

"Por favor faça."

Zander prendeu a respiração enquanto observava uma guerra de culpa e frustração no rosto de Emily.

"Depois que encontrei Sean, sentei-me na varanda dos fundos antes de ligar – mas não percebi que tinha ficado sentado por tanto tempo." Emily esfregou um olho. "Caramba, eu devia estar realmente fora de si."

"O que você quer dizer?" perguntou Ava.

"Choque. Descrença. Confusão. Demorei um pouco para me recompor."

Ava inclinou a cabeça. "Isso não parece com você. . . Posso ver que você é sensato. Foi você quem impediu os policiais de fazerem uma bagunça ainda maior no local e relatou a marca na testa de Sean."

"Confie em mim. Depois de encontrar Lindsay e Sean, não fiquei nada sensato." Emily fechou os olhos. "Mas também fiquei abalado com outra coisa que vi."

A respiração de Zander ficou presa. "Algo mais? O que?"

"Me desculpe por não ter te contado. Eu deveria ter feito isso, mas... . ."
Ela enterrou o rosto nas mãos. "Eu não entendi. Não fazia sentido. Ainda não!"

"Emily..." Ava começou.

"Dê-me um minuto", disse ela. Seu peito se moveu enquanto ela respirava fundo várias vezes, seu olhar examinando cada canto da sala, evitando Zander e Ava. "Encontrei o relógio de bolso do meu pai no quintal da Lindsay", disse ela calmamente.

Agora eu não entendo.

Zander ergueu uma sobrancelha para Ava, que balançou levemente a cabeça. "Emily", ele perguntou. "O que encontrar aquele relógio significa para você? Não vejo o significado."

Fora isso, você não deveria ter removido possíveis evidências da cena.

"Eu não sei", ela sussurrou. Seus olhos estavam assombrados. "Ele desapareceu na noite em que ele foi morto. Ele sempre o guardou no bolso, mas desapareceu quando... . . E sua perda aumentou a tristeza de minha mãe: era um bem precioso dele."

A mente de Zander girou. "Como foi parar no quintal dos Fitches?"

Suas mãos se ergueram e caíram em seu colo, os olhos brilhando de lágrimas.

“Zander.” Ava se aproximou dele, seus olhos azuis alertando. “Ela pegou evidências de uma cena de crime.”

Ele não se importava mais com o fato de Ava querer cuidar da entrevista.

“Fiquei completamente chocada”, acrescentou Emily. “Eu pisei nele enquanto me afastava de Sean. Quando olhei para baixo, eu sabia o que era.”

"Então o que?" ele perguntou enquanto Ava franzia a testa para ele.

“Peguei e abri, convencido de que estava vendo coisas. Mas tinha as iniciais dele lá dentro. Ela soltou um suspiro. “Sentei-me nos degraus da varanda e fiquei olhando para ele. Eu não conseguia pensar. . .”

“Você ficou sentado por quase vinte minutos em uma cena de crime?” O tom vocal de Ava aumentou. Emily não deu nenhum sinal de ter notado.

“Até você dizer isso, eu não tinha ideia de que fiquei sentado por tanto tempo. Eu teria dito um ou dois minutos.” Emily apertou os olhos com os dedos. “Não faz sentido. Como-”

Ava abriu a boca, mas Zander levantou um dedo. “Emily, que cenários passaram pela sua cabeça para responder como o relógio de bolso chegou lá?”

Ela não olhava para eles. "Não sei."

“Quem poderia ter deixado isso aí?”

"Não sei!"

Frustrado, Zander recostou-se. Ava balançou a cabeça lentamente enquanto eles se entreolhavam.

Emily limpou a garganta. “Minhas tias, eu acho, minha irmã. . . o assassino do meu pai. . . — ela sussurrou, parecendo perdida.

"Madison poderia ter deixado isso?" Ava perguntou.

"Não. Eu quis dizer Tara quando disse ‘irmã’, embora eu ache que Madison poderia ter encontrado isso em algum lugar.”

“Por que você diz Tara em vez de Madison? Madison é uma boa amiga de Lindsay. Faz sentido que ela tenha deixado algo para trás na casa de Lindsay, e você disse que Tara não aparece há anos.”

"Ela estava lá." As mãos de Emily tremiam.

Zander manteve suas perguntas calmas e firmes, mas por dentro ele queria arrancar as respostas dela. “Quem estava onde?”

Este relógio pode indicar quem matou os Fitches.

Emily finalmente encontrou seu olhar. “Tara estava lá na noite em que meu pai foi morto”, ela sussurrou. “Ela contou a todos - até à polícia - que havia passado a noite na casa de um amigo. Mas eu a vi com outra pessoa logo depois do quintal, na floresta. Seus ombros caíram. “Oh Deus. Essa é a segunda coisa que escondi da polícia.”

Ele tentou trazê-la de volta ao presente. “Você acha que Tara tem algo a ver com o relógio de bolso estar na casa dos Fitch?”

“Não sei.” Emily se levantou e ergueu as mãos, andando pela pequena sala. “Eu não sei de nada! Está tudo uma bagunça!

“Onde está o relógio de bolso agora?” Ava perguntou.

“Na mansão.”

“Que tal você e eu irmos buscar?”

Zander começou a dizer que iria junto, mas um olhar de Ava o deteve.

Ainda estou sendo muito legal?

“Vou ficar aqui e falar com o xerife”, disse ele, sem saber se Greer estava no prédio. Não importava. Ele queria revisar tudo o que Emily acabara de contar e descobrir as implicações do aparecimento de um relógio que estava desaparecido há décadas.

“Vamos”, disse Ava.

Lá fora, Emily respirou fundo. Seus nervos ainda tremiam por causa da sessão, mas havia uma pequena sensação de alívio por ela ter contado a alguém que tinha visto Tara na cena do crime de seu pai. Mesmo que não fizesse sentido para os agentes do FBI, era bom desabafar.

O relógio de bolso.

Isso também tirou um peso de seus ombros e de sua consciência. Ela não sabia por que não contou à polícia sobre o relógio. Tudo o que ela sabia era que estava confusa e com medo quando o pegou no quintal dos Fitch. Do que eu estava com medo?

Com medo de sugerir que um de seus parentes esteve envolvido em um duplo homicídio?

A simples ideia de que alguém de sua família estivesse envolvido era ridícula.

Encontrar o relógio naquela manhã abriu uma porta para lembranças dolorosas que a oprimiram. De acordo com o relatório do celular de Ava, ela ficou sobrecarregada por quase vinte minutos.

“Eu dirijo”, disse Ava enquanto caminhavam pelo estacionamento do condado.

“Na verdade, eu gostaria.”

Ava torceu o nariz. “Você acha que é uma boa ideia?”

“Estou me sentindo melhor e adoraria a distração de me concentrar na estrada”, admitiu Emily. Qualquer coisa para tirar os pensamentos atuais da cabeça.

“Por mim tudo bem. Farei algumas ligações enquanto você dirige.”

Emily guiou seu Honda pela estrada estreita de duas pistas. Ava estava ao telefone, fazendo ligações e franzindo a testa para vários e-mails. O estresse anterior de Emily começou a diminuir. Mas o relógio de bolso continuava atraindo sua atenção.

“Vou levar Emily comigo”, disse o pai à mãe. “Você está doente demais para cuidar dela e não quero que ela pegue nada de Madison.”

Emily, de dez anos, escondeu-se atrás da porta, cruzando os dedos. Sua mãe estava na cama e Madison dormia profundamente ao lado dela. As bochechas de sua irmã estavam coradas e o suor grudava em seu cabelo na

testa enquanto ela segurava uma grande tigela vazia enquanto dormia. Ela vomitou duas vezes.

“Emily ficará bem aqui. Ela pode assistir TV”, sugeriu a mãe.

“Não, ela precisa sair de casa. Ela ficou presa aqui a semana toda enquanto você estava doente.

“Isso não é uma reunião para crianças.”

“Ela ficará quieta e lerá seu livro. Não estou preocupado.

Ele venceu, então Emily acompanhou o pai na longa viagem até Portland, em êxtase com o encontro individual com ele. Ele parou para tomar sorvete e contou piadas estúpidas. Eles jogaram o jogo em que um deles contava uma história por trinta segundos e então a outra pessoa pegava o fio e continuava por mais trinta segundos. Emily cronometrou os segmentos com seu relógio de bolso, orgulhosa de possuir a herança. Ambos distorceram ridiculamente a história, dando à outra pessoa as introduções mais bizarras possíveis.

A reunião foi monótona. Vinte homens estavam sentados em uma sala e ouviam um alto-falante zumbindo sem parar. Emily sentou-se no fundo e os ignorou, com a cabeça enterrada em seu livro sobre um garoto em uma escola de bruxos. Depois que tudo acabou, seu pai conversou seriamente com alguns outros homens.

Esperando que ele estivesse pronto para ir embora, Emily se aproximou e se colocou debaixo do braço dele. Ele a segurou contra seu lado, mas continuou falando. Os homens ouviram. Alguns franzindo a testa, alguns balançando a cabeça. Alguns pareciam soldados porque seus cabelos eram tão curtos que dava para ver a pele. Vários cruzaram os braços enquanto ouviam, e ela estudou suas tatuagens, fascinada pelas cores e formas. Entediada, ela pegou o relógio de bolso e brincou com a pequena porta com dobradiças, adorando a sensação do vidro liso.

Ela sentiu a mesma suavidade naquela manhã na casa dos Fitch.

Ela afastou a lembrança e ligou a música do carro, em busca de mais diversão. O oceano apareceu do lado do carro de Ava, sua água cinzenta misturando-se perfeitamente com o cinza enevoadado do céu. Num dia azul de verão, isso a deixaria sem fôlego. Hoje estava sombrio e sombrio, mas ela deixou isso prender sua atenção, ainda precisando de uma distração, qualquer distração.

“Quem corre nesta chuva?” ela murmurou em voz alta, avistando um corredor à frente no acostamento da estrada. Não havia chocolate suficiente no Oregon para tentá-la a fazer isso.

Ela ouviu a conversa telefônica de Ava com seu futuro marido. O cachorro deles trouxe um esquilo para dentro de casa e ele desapareceu imediatamente. A risada sufocada de Ava só aumentou sua frustração, a julgar pelos palavrões que saíam do telefone.

Emily lançou olhares rápidos para a direita, absorta no vislumbre da vida real do agente.

Quando começaram a passar, Emily viu o corredor parar e levantar o braço em direção ao carro dela.

Ele quer uma carona?

Um flash. Um estalo ensurdecedor. A janela de Ava quebrou e ela gritou.

Pedaços de vidro e sangue quente atingiram Emily quando ela virou o volante para a esquerda e pisou no freio. O carro girou na estrada molhada e a lateral do veículo de Emily bateu em dois enormes abetos.

Sua cabeça bateu na porta enquanto o branco enchia sua visão.

E então preto.

"Pedreiro?" Zander atendeu o celular, perguntando-se por que o noivo de Ava ligaria para ele.

"Onde está Ava?" Mason gritou em seu ouvido.

"Ela saiu há alguns minutos. O que aconteceu..."

"Ligue 911! Diga a eles que ela sofreu um acidente de carro. Eu estava ao telefone com ela quando aconteceu, mas não sei onde ela está! Ela não está me respondendo e não consigo identificar a localização do telefone dela!"

"Espere." Zander gesticulou para o xerife Greer, que se juntou a ele há um minuto. "Ligue para o 911. Houve um acidente de carro em algum lugar entre aqui e Bartonville. Emily saiu há cinco minutos. Eles não podem ter ido muito longe.

"Ouvi tiros e depois um estrondo!" Mason ofegou como se estivesse correndo.

"Tiros?" Zander repetiu. A adrenalina correu em suas veias enquanto ele olhava para Greer, que já estava ao telefone. As sobrelhas do xerife se ergueram e ele falou rapidamente ao telefone. Zander saiu correndo pela porta e correu pelo corredor.

Alguém atirou no carro deles? Eles estão feridos?

"O que está acontecendo lá fora?" Mason gritou para ele.

A porta de um carro bateu no fundo da chamada. "Estamos em um caso —"

"Eu sei disso! Quem atiraria em Ava?"

Zander abriu as portas do departamento, correndo enquanto falava. "Eu penso-"

"Estou indo em sua direção." Um motor deu partida na extremidade de Mason. "Vá procurá-la! Me ligue de volta."

A ligação terminou com um bipe em seu ouvido.

"Eu estou trabalhando nisso." Zander abriu a porta do SUV.



Passaram-se vinte minutos antes que Zander encontrasse os destroços, e ele levou seu temperamento ao limite durante o tempo perdido. Ele seguiu o que acreditava ser o caminho mais direto, mas Emily pegou uma estrada secundária usada principalmente pelos habitantes locais. Uma ligação para

o xerife Greer o colocou no caminho certo. A única coisa que o xerife soube sobre o acidente pelos socorristas foi que duas pessoas ficaram gravemente feridas. Sem mortes. Ainda.

Por favor, fique bem.

Zander prendeu a respiração quando finalmente avistou as luzes piscantes de dois caminhões de bombeiros, uma ambulância e três carros de patrulha do condado agrupados.

É mau.

Mason ligou mais duas vezes, exigindo detalhes, e furioso porque Zander estava no caminho errado. Zander transmitiu a atualização do xerife e disse a Mason que ligaria para ele quando visse Ava.

Com o coração na garganta, ele se apoiou no ombro e pulou na chuva. O Honda de Emily desceu o barranco do lado errado da estrada e parou em dois abetos. Um policial reconheceu Zander e acenou para que ele acompanhasse o acidente.

Ele não conseguia respirar.

A porta do passageiro do Honda verde estava aberta, o banco da frente vazio, a janela da porta quase apagada. O resgate e a aplicação da lei estavam trabalhando do lado do motorista. Ao se aproximar, viu que a porta do motorista estava aberta e os trabalhadores amarravam Emily em uma prancha para carregá-la encosta acima. O sangue cobriu o lado esquerdo do rosto e do cabelo.

Mas ela estava falando.

O alívio o inundou e seus joelhos fraquejaram.

Ele procurou por Ava e o pânico floresceu. Ele agarrou o deputado mais próximo. “Onde está o passageiro?”

“A caminho do hospital.”

“Qual deles?”

“Memorial da Colômbia em Astoria.”

“Qual é a condição dela?”

“Não tenho certeza. Eu não estava aqui quando ela saiu.”

Zander o soltou e se juntou à equipe de resgate para ajudar a levantar a prancha de Emily do chão. Um policial segurou desajeitadamente um guarda-chuva sobre a cabeça, evitando a maior parte da chuva.

“Ei,” ele disse quando capturou o olhar dela.

“Zander.” A mão dela estendeu a mão para ele, mas não conseguiu tocá-lo por causa das tiras da prancha. “Ava foi baleada.” Lágrimas misturadas com o sangue em seu rosto. “Não sei o quão ruim é. Ela estava inconsciente.

Um tijolo se formou na barriga de Zander e ele pegou a mão dela.

Como vou contar ao Mason?

“Alguém sabe sobre o passageiro?” Ele dirigiu sua pergunta aos outros que carregavam a prancha de Emily.

“Tiro no ombro e no pescoço. Possível ferimento na cabeça. Ela estava estável quando eles partiram.”

Um ferimento no pescoço pode ser fatal.

"O que aconteceu?" ele perguntou a Emily, que segurava sua mão com força. Segurando a prancha com a outra mão, ajudou os outros a subir a encosta.

“Alguém atirou em nós. Achei que ele era um corredor no ombro. Eu desviei e pisei no freio, mas saímos da estrada.” Ela fechou os olhos, sua voz embargada. “Eu não deveria ter puxado o volante. Isso não teria acontecido.”

“Parece que Ava ainda teria sido atingida e você poderia estar em posição de levar um tiro novamente.”

Seus olhos se abriram, mas ela não acreditou nele. "Estraguei tudo."

“Pare com isso,” ele ordenou. “Alguém atirou no seu carro. Até eu teria feito a mesma coisa.”

Os outros que seguravam a prancha murmuraram em concordância.

“Você pode descrever o atirador?” perguntou Zander.

"Na verdade. Estava a chover. Ele usava roupas escuras. Eu me perguntei por que ele não estava usando algo mais brilhante para ser visto ao longo da estrada.”

“Presumo que você não viu a arma.”

“Era uma arma, não um rifle.”

"Você está ferido em algum outro lugar?" Zander perguntou, examinando o resto dela. Ela tinha sangue na camisa e na calça jeans, mas parecia ter pingado do ferimento na cabeça. Ele tocou um leve borrifo de pontos marrom-avermelhados em sua bochecha direita. Estava seco.

Névoa do ferimento de Ava?

A bile subiu em sua garganta.

“Acho que estou bem.”

“Vamos deixar o hospital decidir isso”, disse ele com firmeza.

“Eu realmente não preciso ir—”

"Você está indo."

Sentindo-se entorpecido, ele observou enquanto a colocavam na ambulância e fechavam as portas. Emily não parecia tão mal, mas Ava ficaria bem?

Seu telefone tocou, mas ele ignorou. Ele ligaria para Mason de seu veículo a caminho do hospital.

Essa ligação seria uma merda.



Zander estava sentado em uma cadeira na sala de emergência de Emily, esperando que ela voltasse. Depois de limpar o corte na cabeça de Emily e examiná-la minuciosamente, o médico do pronto-socorro, de aparência incrivelmente jovem, mandou-a fazer uma ressonância magnética. Isso foi há quase uma hora. Ava foi diretamente para a cirurgia e não houve atualizações sobre sua condição.

No momento, nenhuma notícia era boa sobre Ava.

Seu telefonema com Mason no caminho para o hospital ocorreu conforme o esperado. O detetive da polícia de Portland ficou irado e preocupado com a condição de Ava e frustrado por não estar ao lado dela. Zander imaginou facilmente o quão rápido o detetive estava dirigindo e torceu para não sofrer um acidente.

O telefone de Zander tocou. “Este é Wells.”

“Agente Wells, este é Tim Jordon da RCFL.”

O interesse de Zander foi despertado. Ele havia enviado o laptop de Sean Fitch para o Laboratório Regional de Computação Forense em Portland. “Isso é sobre o caso Fitch?” Zander foi engenheiro de software por dez anos antes de ingressar no FBI. Ele passou algum tempo em crimes cibernéticos por causa de sua experiência, mas suas habilidades não eram nada comparadas ao que os técnicos do laboratório podiam fazer.

“É”, disse Tim. “Comecei ontem e ainda não terminei, mas meu chefe disse que você queria uma atualização o mais cedo possível.”

“Você conseguiu entrar no e-mail dele?”

“Foi aí que comecei. Ele tinha duas contas. Um para o distrito escolar e outro pessoal. Já passei por ambos.”

“Alguma coisa ameaçadora? Alguma indicação de que ele estava discutindo com alguém?”

“Não que eu tenha descoberto. Mesmo os e-mails eliminados não apontam para problemas. Seu histórico de pesquisa consiste principalmente em sites de pesquisa histórica.”

“Isso faz sentido, já que ele era professor de história.”

“Há muitos documentos bem organizados aqui. Ele parece ser bastante cuidadoso ao classificar seus arquivos e pastas. Vejo muitas coisas relacionadas à sala de aula, principalmente história americana, mas ele tem muitos outros arquivos de registros antigos que acho que não eram da escola. Parecem ser para um livro de história que ele está escrevendo. Ele tem alguns capítulos e um esboço aqui.”

Zander não ficou surpreso.

“O resto de suas pesquisas online não levanta nenhuma bandeira para mim. Amazon, Home Depot – talvez eles signifiquem algo para você.”

“Você pode me dar uma lista do histórico de navegação dele e o que ele comprou online nos últimos três meses?”

"Sem problemas."

“Ele tem um calendário?”

"Sim. Quer isso também?”

"Por favor."

"Você entendeu." Tim fez uma pausa. “Muitas fotos dele e de sua esposa. Coisas de casamento também. Parece que eles estavam muito felizes. Fotos dele com jogadores de futebol adolescentes – posso dizer que eles gostaram do treinador. O que aconteceu com esse casal é horrível.”

A observação pessoal do técnico pegou Zander desprevenido.

“A perícia computacional pode ser bastante árida”, disse Tim apressadamente, como se percebesse que havia ultrapassado um limite. “Tento me manter desapegado, mas às vezes é quase impossível. . . Este é um daqueles casos.”

"Entendo. Posso ver isso com essas mortes”, disse Zander. A investigação também fez o casal ganhar vida para ele. Ele acreditava que a pequena conexão emocional era uma coisa boa – mais motivação para pegar os idiotas que os mataram.

“Espero que você descubra quem fez isso.”

"Vamos."

“Vou enviar essas coisas para você por e-mail dentro de uma hora.”

Zander encerrou a ligação.

Ele não conseguiu analisar as informações do laptop de Sean até receber os relatórios, então voltou a se concentrar no tiroteio que causou o acidente de carro de Emily. Sua mente era uma confusão de perguntas e cenários.

A descrição de Emily das ações do atirador indicava que ele havia atirado neles deliberadamente. Mas quem tinha sido seu alvo? Emily ou Ava?

Se Emily fosse seu alvo, seria a mesma pessoa que atirara em Nate Copeland?

Se Ava fosse o alvo, seria alguém tentando interferir na investigação? Ou poderia ser alguém de uma investigação anterior dela?

Ou nenhum dos dois? Poderia ter sido aleatório.

O fato de as mulheres estarem no carro de Emily deu mais peso à teoria de que Emily era o alvo.

Mas como o atirador poderia saber que as mulheres estariam naquela estrada?

O destino deles foi decidido momentos antes de partirem. Eles foram seguidos? Depois disso, uma segunda pessoa informou ao atirador sua direção?

A estrada é uma rota dos moradores locais.

O atirador provavelmente era local.

Se Emily fosse o alvo, o que o atirador acreditava que ela sabia ou tinha visto? Algo no local do assassinato de Fitch?

Zander passou a mão pela cabeça. Foi tudo especulação; ele precisava de fatos.

E se Ava não sobreviver?

O pensamento intrusivo o levou ao limite. Ele ficou de pé e andou freneticamente, com as duas mãos nos cabelos enquanto lembranças horríveis surgiam.

Fé. Fiona.

Ele odiava hospitais. Sua esposa, Faith, passou as últimas semanas em um hospital, ficando cada vez mais doente e irreconhecível à medida que o câncer se espalhava rapidamente por seu corpo. Ela se sentiu mal por alguns meses, mas culpou a gravidez. Quando ela finalmente foi diagnosticada, o câncer estava no estágio quatro. Ela se recusou a abortar a filha de 12

semanas, Fiona, e depois recusou qualquer tratamento contra o câncer que pudesse afetar o bebê, convencida de que conseguiria sobreviver à gravidez apenas com força de vontade. Todos os médicos disseram a Zander que ela não sobreviveria.

Uma situação sem saída.

Eles estavam certos.

Oito anos atrás, Zander havia perdido as duas pessoas mais importantes de sua vida.

Estou prestes a perder outro?

Ava conhecia sua história – a vil agonia da morte de sua esposa e da filha nunca vista. Ele estava prestes a perder uma das poucas pessoas que realmente o conheciam? O abandono e a solidão o empurraram de volta para a cadeira, inundando-o, e ele abaixou a cabeça sobre as mãos, desejando que as imagens horríveis de sua esposa moribunda saíssem de sua cabeça.

Sozinho na baía com cortinas, ele desmoronou silenciosamente, quebrado pela onda de agonia e desgosto.

Isso o engolfou, a dor tão fresca e crua quanto há muito tempo. Respirando fundo e úmido, ele lutou por consolo, alívio da dor. Minutos depois, finalmente chegou, deixando-o maltratado e esgotado. Ele pegou duas toalhas de papel de um dispensador de parede, apreciando sua aspereza enquanto enxugava os olhos e o nariz.

Era por isso que ele se permitia chorar um dia por ano pela esposa. Para evitar momentos como este.

Fiona e Faith morreram em 30 de outubro, e a data agora era seu dia anual de inferno. Ele se trancava, mergulhava no álcool e revisitava fotos antigas e sonhos que nunca se realizaram. Foram vinte e quatro horas de miséria e tortura, mas saber que a data chegaria a cada ano o ajudou a manter a calma pelo resto dos dias.

Ava o testemunhou em seu nível mais baixo absoluto em 30 de outubro do ano passado.

"Oh meu Deus! O que aconteceu? É Ava?" A voz de Emily aumentou, assustando-o quando ele se virou para a abertura da cortina. Ela estava sentada em uma cadeira de rodas, com uma enfermeira atrás dela, os dois olhando para Zander com os olhos arregalados.

Claramente ele parecia uma merda.

“Ainda não ouvi nada sobre Ava”, ele forçou, enxugando os olhos novamente.

Emily visivelmente relaxou. "Você está bem?" ela sussurrou, preocupação em seu tom.

Zander olhou para a enfermeira, que o olhou como se ele fosse desmoronar. "Sim, eu te conto mais tarde." Ele moveu os lábios em um sorriso de madeira. “Qual é a palavra na sua cabeça?”

“A ressonância magnética estava boa”, Emily disse a ele. “O radiologista está aqui, então ele revisou imediatamente e, fora o corte no couro cabeludo, estou bem. Querem que eu fique vigiado pelas próximas vinte e quatro horas, mas posso fazer isso em casa. Vou precisar de pontos antes de sair.” Ela tocou cautelosamente o curativo acima da orelha enquanto a enfermeira a ajudava a sair da cadeira de rodas e a subir na mesa de exame. Emily se movia com facilidade e parecia estar confiante novamente.

“Vou dizer ao médico que você está pronto para levar os pontos”, disse a enfermeira, e entregou a Emily um tecido azul. “Quando ela terminar, você pode tirar o vestido e usar esse uniforme para casa.” Evitando com muito tato a menção direta às roupas ensanguentadas de Emily.

“Mas e quanto a Ava?” Emily perguntou. “Não vou a lugar nenhum até saber o que aconteceu.”

“Vou ver o que posso descobrir”, disse a enfermeira com um sorriso evasivo enquanto desaparecia.

“Estou surpreso que sua família não esteja aqui”, disse Zander.

“Não deixei ninguém ligar para eles. Eu sabia que estava bem. Minhas tias não precisam de estresse.

“Eles deveriam saber o que aconteceu.”

“Vou contar a eles quando chegar em casa.” Ela o estudou abertamente. “Você vai me dizer o que havia de errado quando entrei?”

Ele sustentou o olhar dela, um debate fervendo em sua mente.

Ela é apenas uma testemunha. Não preciso contar a ela sobre minha vida.

Estou me enganando? Eu quero contar a ela.

Seu desejo de se abrir com ela sobre seu passado e sua reação ao acidente dela deixaram seus sentimentos em relação a Emily Mills bem

claros para ele. Sentimentos que ele deveria guardar para si. Uma linha ética invisível estava diante dele, alertando-o para não ultrapassá-la.

Foda-se.

“Tenho um histórico com hospitais.” Ele cerrou os dentes enquanto suas memórias se acumulavam para outro ataque emocional. “Seu cheiro anti-séptico por si só pode me levar ao limite.”

Ela não disse nada, seu olhar forte, mas empático.

“Eu não quero—”

"Diga-me."

Ele disse a ela.

No final da história, ela estava segurando uma das toalhas de papel ásperas contra os olhos. “Sinto muito, Zander.” Sua respiração engatou. “Não consigo imaginar o que você passou. Lamento que isso tenha acontecido com você hoje. Você deve estar muito preocupado com Ava.

“Ela é como uma irmã.” Uma descrição superficial do que Ava representava para ele.

Vozes altas chegavam à baía, distraíndo-os. Várias pessoas estavam discutindo e Zander reconheceu a voz mais alta. Ele empurrou a cortina para o lado, olhando além do posto de enfermagem no centro da sala de emergência.

“Eu voltarei”, disse ele a Emily.

"Estarei aqui. Espero que tenha uma agulha presa no meu couro cabeludo.”

Ele atravessou a sala de emergência e entrou em um pequeno corredor onde o noivo de Ava, Mason Callahan, discutia veementemente com várias pessoas de uniforme hospitalar.

"Pedreiro!" Zander chamou sua atenção.

“Faça com que essas pessoas me contem o que está acontecendo com Ava.” Os olhos de Mason estavam lívidos e o estresse saiu dele enquanto ele apertava a aba do chapéu de cowboy. Zander nunca o tinha visto tão perto de perder a paciência.

“Ainda não há notícias”, disse Zander, presumindo que fosse verdade.

“Ela ainda está em cirurgia”, informou o médico do pronto-socorro de Emily, com os olhos estalando. A jovem também estava perto de perder a paciência. “Diremos a você quando soubermos de algo.”

"Por que demora tanto tempo?" Mason baixou o volume.

“É difícil dizer”, disse o médico. “Vou pedir para alguém levá-lo para a sala de espera cirúrgica.” Ela indicou um ordenança, que pediu a Mason que o seguisse.

“Zander?” Mason olhou para trás enquanto dava alguns passos atrás do ordenança.

“Preciso falar com a testemunha. Farei check-in em breve.

Mason assentiu e saiu, suas botas de cowboy fazendo barulho no chão de cerâmica.

Zander observou-o partir, compreendendo perfeitamente a agitação do homem. Não saber era um inferno.

Madison ouviu Emily no celular, o choque percorrendo seus nervos.

Quem atirou no carro de Emily?

“Ei, Madison? Isso foi feito? Isaac cutucou timidamente uma panqueca com a espátula de metal. “Como posso saber se o outro lado está dourado o suficiente?”

Ela afastou o telefone da boca. “Espie por baixo da borda. Não demora muito para cozinhar.

Isaac se agachou quase até o chão para ficar ao nível dos olhos da grelha e levantou a menor ponta da panqueca, com foco intenso. “Um pouco mais.” Ele se endireitou e ficou de guarda na grelha, olhando para os três bolos redondos.

“Ava acabou de sair da cirurgia”, continuou Emily. “Seu ombro e clavícula foram danificados, mas eles estão muito otimistas quanto à sua recuperação.” A voz de sua irmã baixou. “Todos pensaram que a bala havia atingido seu pescoço, mas na verdade estava incrustada no vidro da janela.”

“Você deve ter ficado apavorado.”

“Você não tem ideia.” Sua irmã exalou alto. “Não conte para as tias o que aconteceu ainda. Falarei com eles quando chegar em casa.”

“OK.”

Dory entrou na cozinha com uma jarra de café vazia na mão e alegria no rosto. Ela colocou-o na grande máquina de café e apertou a série certa de botões. Madison ficou satisfeita. Ela finalmente colou uma folha de dicas na máquina porque Dory sempre esquecia como operá-la.

“Você pode pedir ao tio Ron para encontrar algo para fazer na mansão?” Emily perguntou. “Eu me sentiria melhor sabendo que ele estava lá. Ele falou sobre consertar a grade externa. Talvez este seja um bom momento.

“Por que?” Um pequeno alarme começou no cérebro de Madison. “Por que você o quer lá?” Isaac verificou as panquecas novamente, colocou-as desajeitadamente em um prato e preparou-o. Ele ergueu uma sobrancelha para Madison, e ela fez um sinal de positivo com o polegar. Um largo sorriso encheu seu rosto.

Ela não conseguia acreditar que ele nunca tinha cozinhado uma panqueca.

Emily ficou quieta por um momento. “Há alguma preocupação de que eu esteja sendo um alvo.”

Madison lembrou-se do rosto branco de Emily na reunião comunitária. “Por causa da morte de Nate Copeland?”

“E esse tiroteio hoje. Eles podem estar errados — ela acrescentou rapidamente. “Poderia ter sido aleatório, ou talvez Ava fosse o alvo deles.”

“O que você viu na casa de Lindsay naquela manhã, Emily? Por que isso está acontecendo?” Madison sussurrou enquanto se afastava da churrasqueira e dos fogões, fora da audição de Isaac.

“Não vi nada que indicasse quem os matou.” A voz de Emily vacilou, chocando Madison. Emily era a rocha da casa – depois de Vina, é claro. Ela nunca deixou transparecer uma fraqueza. “Eles estão sendo cautelosos. Você pode falar com Ron?”

“Sim, vou ligar para ele, mas está chovendo e o vento está horrível. Duvido que ele queira consertar a grade externa.”

“Eu não me importo com o que ele trabalha. Só quero ele em casa quando nossas tias estiverem lá.

“Este é meu short stack?” Dory perguntou, pegando o prato que Isaac acabara de encher.

“Sim.” Orgulho irradiava do adolescente.

“Aquela era Dory?” Emily perguntou.

“Sim. Tenho as três tias trabalhando no chão. Estou cobrindo a grelha, mas estou dando algumas lições ao Isaac.”

“Onde está Leo?”

“Eu o mandei para casa antes mesmo de abrirmos hoje. Ele estava com dor de garganta e mal funcionava. As tias ficaram felizes em ajudar.

“São necessários os três para cobrir o seu trabalho”, afirmou Emily.

Isso foi um elogio?

“Eles estão fazendo isso bem”, disse Madison automaticamente, ainda desequilibrada pela observação de Emily. “Quando você pode ir para casa? Você precisa de uma carona?”

“Estou quase terminando e não preciso de carona. O agente Wells disse que vai me levar para casa.

“Ele deve estar aliviado porque seu parceiro está bem”, disse Madison. Ela gostava de Ava McLane — ela era o tipo de mulher que Madison queria ser.

"Você não tem ideia."

Eles encerraram a conversa e Madison enfiou o telefone no bolso do avental.

Sua irmã poderia ter morrido. Um calafrio tomou conta dela e uma antiga lembrança de terror surgiu da medula de seus ossos.

"Sua vez!" Madison gritou com Emily, de dez anos.

Madison verificou seus pais. Eles estavam sentados a vários metros de distância, em uma grande rocha que dava para o oceano. O parque era o favorito das meninas, mas foram necessárias intensas mendicâncias, tarefas e promessas para que os pais os trouxessem.

Era um dia azul na costa. O oceano refletia a cor profunda e viva do céu. Era o primeiro dia quente de primavera e as três meninas fingiram que era verão, vestindo shorts e sandálias pela primeira vez desde o outono passado. Emily havia começado uma competição de cambalhota em um pedaço de grama verde. Tara torceu o nariz para o jogo e saiu com algumas garotas do colégio. Madison tinha visto um deles mostrar um maço de cigarros.

Bruto.

Madison havia completado quatro cambalhotas sem parar, e Emily precisava superar isso. Emily levantou as mãos e se lançou na primeira cambalhota. Ao terminar a quarta, seu pé esquerdo caiu errado e ela escorregou. Torcendo-se, ela perdeu o equilíbrio e cambaleou, tentando não cair. O chão desabou aos pés de Emily e ela desapareceu.

Madison gritou e se lançou de bruços até a borda.

Eles estavam jogando a uma distância segura da borda. Era o mesmo lugar onde sempre brincavam, mas as chuvas haviam escavado parte da encosta e deixado um topo falso.

Ela viu Emily três metros abaixo, abraçando a encosta com todo o seu corpo enquanto o oceano se chocava contra rochas gigantes trinta metros abaixo.

Madison estremeceu. Seu pai desceu cuidadosamente a encosta acidentada e resgatou a filha enquanto sua esposa e Madison gritavam. Emily quase caiu para a morte.

Aquela sensação de total desamparo enquanto sua irmã se agarrava à terra voltou como um tapa na cara.

A cerca do mirante ficava dez metros atrás deles. Todos pularam a cerca para ver mais de perto, apesar dos sinais de alerta.

Seu pai tinha sido um herói.

Isso compensa suas opiniões racistas? Ele poderia ter sido os dois?

Madison saiu do passado e encontrou Isaac observando-a.

“Há algo de errado com Emily?”

Madison nunca tinha visto seus olhos castanhos tão sérios. Talvez fosse por causa da rede de cabelo que mantinha seu cabelo longe dos olhos pela primeira vez. Ele ficou emocionado quando Madison lhe ofereceu algumas aulas de culinária, fazendo-a se perguntar por que Leo nunca se incomodou. O adolescente era como um filho para ele.

“Ela sofreu um acidente de carro – ela está bem. Um pouco machucado, mas nada quebrado.” Uma ideia lhe ocorreu. “Você se importaria de passar pela mansão esta noite? Tenho algumas coisas que precisam ser feitas e pagarei seu salário normal. Vou descobrir quais são essas probabilidades mais tarde.

Seus olhos se estreitaram. "O que está errado?"

Ela hesitou. “Tem havido um foco extra na família desde que Emily encontrou Lindsay e Sean.”

“O que você quer dizer com ‘foco extra’?”

“Seria bom ter mais pessoas em casa por um tempo. Fique de olho nas coisas. Sua razão era fraca.

Isaac a estudou um pouco mais. "Sim, eu irei."

Madison forçou um sorriso. "Obrigado." Ela apontou. “Você tem outro pedido.”

A forma como o rosto dele se iluminou aqueceu-a por dentro. Ele pegou o ingresso e o estudou cuidadosamente.

A conversa com Emily passou pela sua cabeça.

No que Emily está envolvida?



Enquanto levava Emily do hospital para casa, Zander se recompôs mentalmente.

Ele estava sem parceiro. Ava ficaria no hospital por pelo menos uma ou duas noites enquanto se recuperasse. Ele apostou seu dinheiro em uma noite; assim que ela fosse coerente, ele sabia que ela argumentaria para ser libertada. Mason teria que colocar algum bom senso nela.

Zander deixou um noivo muito aliviado no hospital.

“Seu braço e ombro são mais de metal do que osso agora”, Mason disse a ele. “Ela já tinha quatro parafusos no úmero depois de levar um tiro há cerca de um ano.”

Zander lembrou.

O xerife Greer entrevistou Emily sobre o atirador e recebeu a mesma história que Zander ouviu. O xerife lhe confidenciou que não encontraram nenhum sinal de que alguém estivesse na estrada. Compreensível com a chuva torrencial, mas ninguém tinha visto outro veículo também. Ele ainda estava olhando e fazendo perguntas.

A chefe de Zander concordou em enviar-lhe outro agente, mas ela não chegaria até amanhã à noite, no mínimo. Por enquanto, Zander estava sozinho e precisava decidir o que fazer a seguir.

Alice Penn. Ele queria entrevistar Alice sobre quando ela viu o corpo de Cynthia Green jogado na floresta. Ele estava pessimista quanto aos resultados, já que Alice era volúvel e a morte havia acontecido há vinte anos. Mas os assassinatos de Fitch eram a sua prioridade. Cynthia Green — presumindo que sua identidade fosse confirmada — teria que esperar.

Billy Osburne. Ainda desaparecido. O xerife Greer assumiu a liderança na localização do homem, mas nada de concreto ainda.

O e-mail de Tim Jordon com as compras e o calendário de Sean Fitch em seu laptop chegou à caixa de entrada de Zander há uma hora. Ele os estudou enquanto esperava que Emily recebesse alta.

“Você conhece algum Simon Rhoads?” ele perguntou a Emily, quebrando o silêncio no veículo.

Ela se virou para ele, e ele continuou concentrado na estrada, olhando além dos movimentos rápidos dos limpadores de para-brisa. O interior do veículo era quente e confortável, contrastando com a crescente tempestade lá fora.

"Eu faço. Ele tem uma queda pela tia Dory.

Os lábios de Zander se curvaram. "Uma coisa?"

“Ele a pediu em casamento pelo menos uma dúzia de vezes, mas ela sempre diz não. Eles são bons amigos, mas ela não quer morar com ele. Ela gosta da mansão e de suas ‘garotas’”.

“Você é considerada uma das garotas dela?”

"Sim. Ela adora ter suas irmãs e nós duas por perto. Para ela, é uma festa do pijama sem parar. Por que você pergunta?"

Quanto posso contar a ela?

"Recebi o calendário de Sean. Ele tinha um encontro marcado com Simon dois dias antes de sua morte."

"Isso faz sentido. Simon é o historiador não oficial da cidade. Como professor de história, não estou surpreso que Sean conhecesse Simon."

"Não oficial?"

"A Câmara Municipal paga um escritório para os seus registros e atribui-lhe um pequeno orçamento. Eles não têm dinheiro para pagar um salário, mas Simon não se importa. Ele faria isso sem a localização e o orçamento. Ele está um pouco obcecado.

"Não são todos os historiadores obcecados? Descobri que Sean Fitch estava escrevendo um livro. Talvez Simon o tenha ajudado.

"Lembro que Lindsay mencionou que Sean estava escrevendo um livro."

"Onde fica o escritório de Simon?"

"Centro da cidade. Está em uma pequena casa de propriedade da cidade." Ela verificou a hora. "Precisamos nos apressar. Ele não verá ninguém depois das três horas e não há exceções."

"Vou levar você para casa primeiro e depois passar por aqui."

"Você tem um compromisso?" ela perguntou.

"Eu preciso de um?" A pergunta o surpreendeu.

"É melhor você acreditar. Simon é um defensor da rotina. Ele pode ser obcecado por seus registros, mas também é obcecado por procedimentos. Você não pode fazer nada para alterar a agenda dele, especialmente porque você é um estranho. Isso o perturba.

"Então por que você disse que precisamos nos apressar para chegar lá antes que o dia dele acabe?"

Ela sorriu. "Ele abrirá uma exceção para mim. Qualquer coisa ou pessoa que tenha a ver com tia Dory recebe tratamento especial."

Zander olhou para as bandagens que apareciam em seus cabelos longos e escuros. "Como você está se sentindo?"

Ela considerou. "À luz do que aconteceu, nada mal."

"Provavelmente os analgésicos."

“Admito que estou sentindo alguns efeitos colaterais agradáveis.” Seus olhos dançaram.

“A maioria das pessoas adormece.”

“Eu não. Eles sempre me deram alguma ajuda. O que normalmente não ajuda em qualquer lesão que eu tenha sofrido.” Ela sentiu seu curativo. “Estou bem em ir com você para a casa de Simon, se eu pegar leve e não ficar de pé por muito tempo.”

“Se eu achar que você está com dor ou desconforto, vamos embora.”

Ela bufou. “Maltar. Mas deixe-me falar. Você saberá quando for seguro falar.”

Seguro?

Enquanto subiam a passarela rachada até a porta da frente da pequena casa, Emily lembrou a Zander de deixá-la conduzir a conversa. Ela conhecia Simon Rhoads desde sempre, e ele sempre foi gentil com ela e suas irmãs, mas era definitivamente estranho e às vezes lutava com pessoas de fora em seu espaço pessoal. No geral, ele era de bom coração — e muito entusiasmado com a história local.

Ela bateu.

Sua cabeça começou a latejar e ela apertou a gravata do uniforme novamente para evitar que as calças largas caíssem em seus pés. Ela estava determinada a levar isso até o fim para Zander e os Fitches.

A porta se abriu alguns centímetros, parada por uma corrente, e um olhar de óculos espiou. "Emily!" Ele fechou a porta, desenganchou a corrente e a abriu. Seu sorriso vacilou quando ele viu Zander atrás dela.

"Oi, Simon," Emily disse rapidamente para desviar o olhar de Zander. "Preciso da sua ajuda com uma coisa. Acabou de surgir hoje, então me desculpe por não ter marcado uma consulta. Ela treinou suas feições para um olhar arrependido.

Simon era mais baixo que Emily – a maioria das pessoas era mais baixa que Emily – e sempre usava calças que iam até os tornozelos. Sua camisa listrada de colarinho tinha amarelado e ficado fina, e vários buracos haviam sido feitos no colarinho. Seu cabelo era quase grisalho, igual à barba, e ambos precisavam da atenção de um barbeiro.

Ela também sentiu que ele poderia usar a ajuda de uma mulher organizada.

Dory não ajudaria muito. Sua tia-avó não gostava de detalhes. . . mas talvez isso fizesse dela o par perfeito para Simon.

Simon olhou dela para Zander e vice-versa. "Estou sempre disponível para você, Emily." Ele lançou um olhar para Zander que enfatizou que as palavras não eram para ele.

"Eu agradeço." Ela colocou a mão no braço de Zander. "Este é Zander Wells. Ele está no FBI e está investigando os assassinatos de Sean e Lindsay."

As sobrancelhas espessas se estreitaram enquanto ele examinava Zander. "Você estava na reunião outra noite", disse ele.

"Eu era."

A atenção de Simon voltou para Emily. "Como está a sua tia?" Seu olhar estava cheio de esperança.

Ela não precisava perguntar qual. "Muito bem, obrigado. Você deveria vir jantar em breve.

Todo o seu comportamento se animou. "Fabuloso! Vou aceitar isso. Entre, entre. Ele recuou, acenando para eles entrarem. Emily exalou silenciosamente; ele aceitou a presença de Zander.

A cidade comprou a pequena casa há várias décadas, após a morte do proprietário, com a intenção de consertá-la e vendê-la com lucro. Mas o orçamento da cidade praticamente não tinha dinheiro para reparos e nenhum comprador se interessou. Durante anos, a compra mal planejada fez com que as línguas locais se agitassem. O neto da mulher falecida fazia parte do conselho municipal e convenceu o conselho a comprar a casa dela. Um dia, ele renunciou abruptamente ao cargo e mudou-se para a Flórida.

A cidade nunca comprou outro imóvel.

Simon Rhoads finalmente apareceu e se ofereceu para fazer alguns reparos básicos se o deixassem armazenar seus registros históricos ali. O conselho concordou e, eventualmente, o tesouro histórico de Simon ganhou um pequeno lugar permanente no orçamento da cidade. Agora ele estava disponível com hora marcada, dois dias por semana.

Emily sabia que esses compromissos raramente eram preenchidos.

O piso de madeira desgastado rangeu quando Emily e Zander entraram. A casa cheirava a papel e couro velhos e quebradiços. Um antigo sofá de damasco, uma mesa de centro surrada e um tapete desbotado que precisava desesperadamente de uma boa aspiração enchiam a sala de estar. Armários de arquivo cobriam todas as paredes da sala de jantar anexa, com caixas de arquivo empilhadas três vezes em cima de cada uma.

Destacando-se no escritório surrado havia um armário lindo e largo com uma dúzia de gavetas rasas. Uma polêmica na Câmara Municipal surgiu no jornal local enquanto a cidade considerava comprar o gabinete caro. Sua tia Vina havia ressaltado com firmeza que Simon Rhoads prestava um serviço valioso a Bartonville, nunca pedia nada e precisava de um lugar adequado para guardar seus mapas antigos.

Simon pegou seu gabinete.

“Vocês dois sentam no sofá. Lamento que seja um pouco irregular, mas você sabe que pego o que posso e aprecio tudo. Mendigos não podem escolher. Ele correu ao redor da mesa de centro e sentou-se em uma cadeira de madeira. "Com o que posso ajudar?" ele perguntou a Emily, inclinándose ansiosamente para frente. Simon sempre exalava energia; todas as suas tias, exceto Dory, achavam isso exaustivo.

“Gostaria que o agente Wells explicasse”, disse Emily.

O historiador piscou e assentiu com relutância, controlando seu entusiasmo.

"Senhor. Rhoads, Sean Fitch marcou um encontro com você há uma semana?

Simon inclinou a cabeça, seu olhar curioso. "Ele fez."

"O que era para?"

"Bem agora." O historiador beliscou o lábio inferior e desviou o foco para a mesa de centro. “Eu diria que isso é confidencial entre Sean e eu.”

Zander começou a responder, mas Emily tocou sua coxa. “Sean foi assassinado, você sabe,” ela disse gentilmente, desejando que Simon olhasse para ela. “O FBI está rastreando seus últimos movimentos.”

O homem se endireitou. "Você acha que eu o matei?" Um joelho começou a saltar rapidamente.

“Claro que não”, disse Emily.

Ela sentiu Zander enrijecer com a explosão de Simon, mas permaneceu quieta.

“Esperamos que você possa esclarecer o que ele estava fazendo dias antes de ser morto.” Tentando usar uma linguagem gentil, Emily sentiu como se estivesse equilibrada em uma cerca. As palavras erradas poderiam fazer com que Simon se fechasse e se recusasse a ajudar.

Ele fez uma careta, pensando muito, e então respirou fundo. “Sean e eu conversamos ao telefone várias vezes nos últimos dois meses. A sua nomeação foi a primeira vez que ele veio e foi um prazer falar com alguém que tem um profundo conhecimento de história. A maioria das pessoas está interessada apenas em pesquisar suas árvores genealógicas. Sean e eu conversamos por três horas. Muito mais tempo do que eu havia programado para ele. Ele era um homem experiente e inteligente.”

“O que Sean estava pesquisando?” Zander perguntou.

"Varias coisas. Xangai era um de seus principais interesses. Neste cantinho do estado, temos uma história sombria da prática e de outros crimes contra a população. Sean ficou fascinado. Você sabe que ele estava escrevendo um livro, certo? Simon levantou-se de um salto e correu até os arquivos da sala de jantar, atrás do sofá. "Houve tantos eventos interessantes nesta área frequentemente ignorada dos EUA que é um prazer quando alguém quer discuti-los. Fiquei mais do que feliz em mostrar a ele o que eu tinha." Ele vasculhou uma gaveta e puxou uma pasta grossa, com os olhos iluminados de alegria.

Simon ganhou vida ao falar sobre o que ele mais amava.

"Há toneladas de informações, mas estes são alguns dos itens que digitalizei para ele." Ele fez uma pausa e olhou para os dois. "A digitalização é a invenção mais maravilhosa. Muito melhor do que fazer cópias em papel." Ele cantarolou baixinho enquanto voltava para seu arquivo. "Torna minha vida muito mais fácil. E-mail. Pen drives. Digitalização sem fio. Vivemos em um mundo incrível."

"Admito que não sei muito sobre Xangai", disse Zander. "Exatamente o que vi nos filmes, o que duvido que seja exato."

"Astoria era a capital de Xangai no Oregon", disse Simon. "No final do século XIX, navios de todo o mundo chegavam ao porto de Astoria. A madeira e o salmão eram duas das nossas maiores exportações e todos estes navios precisavam de mão-de-obra. Shanghaiing foi inicialmente chamado de crimpagem. Os capitães dos navios firmavam contratos com crimps – outro nome para homens que forneceria a mão de obra por todos os meios possíveis. Os criminosos às vezes usavam álcool para enganar os homens a entrar nos barcos ou forçá-los sob a mira de uma arma. Não importava quem eram as vítimas. . . madeireiros, agricultores." Seus olhos brilharam. "Astoria tinha até uma crimper feminina. Seu marido havia se afogado e ela precisava se sustentar, então vendeu mão de obra desavisada aos capitães."

Emily e Zander olharam por cima do ombro de Simon.

O historiador aproveitou a foto de uma solene mulher mais velha cercada pela família, vestindo roupas do início do século XX. "Ela não parece uma criminosa, parece? Novas leis por volta da virada do século finalmente transformaram o xangai em crime federal, e praticamente desapareceu."

“Sobre o que mais você e Sean conversaram?” – perguntou Zander, com uma pitada de impaciência no aperto em torno de sua boca. Emily entendeu. Ela não via como os xangaieiros do século XIX poderiam ter algo a ver com os assassinatos de Fitch de hoje.

"Vamos ver . . ." Simon beliscou o lábio novamente. "Ele estava pesquisando crimes na costa norte do Oregon, portanto, informações sobre Fort Stevens, crimes contra os índios Clatsop e outras raças. . . Muitos desses crimes criaram raízes em Portland e se espalharam por aqui. Também lhe dei pesquisas sobre a fundação de famílias na cidade, pilotos de bares no Rio Columbia..."

"Nunca ouvi falar de um piloto de bar", disse Zander.

"Todos aqueles grandes navios que mencionei? Eles precisavam de um piloto local para embarcar e navegar com segurança pela passagem rasa do Rio Columbia. O local onde o rio encontra o Oceano Pacífico é uma das águas mais traiçoeiras do mundo, então eles contratariam um local experiente para guiar os navios com segurança. Pilotos locais ainda são exigidos por lei para todos os navios envolvidos no comércio exterior. Hoje em dia eles embarcam nos navios de helicóptero ou de barco, a cerca de quinze milhas da foz do rio."

"Parece perigoso", disse Zander.

"Muito perigoso. Embarcar nos navios no oceano agitado era um grande risco para os pilotos de bar no passado. Ainda pode ser.

"Sean entrou em contato com você depois da reunião?" Zander perguntou.

"Ele voltou para uma breve visita um ou dois dias depois. Eu o enviei a Harlan para obter mais informações."

"O prefeito," Emily esclareceu para Zander. "Ele tinha um ancestral que era dono de uma taverna em Astoria, um local muito ativo em Xangai. Todo mundo sabe que ele tem muitas pesquisas sobre o assunto. É um de seus hobbies."

"Harlan não é o único na cidade com um parente acusado de xangai," Simon disse com uma piscadela para Emily.

"É verdade, mas ninguém na minha família é fascinado como Harlan. Preferimos deixar que as histórias sobre nossos ancestrais infratores da lei desapareçam."

"Não não não." Simon balançou a cabeça veementemente. "Tive muitas discussões com Dory sobre isso. Você não deixa a história morrer." Ele abriu outro arquivo e seus dedos dançaram pelas abas. "Aqui está." Ele retirou uma pasta estreita. "Estou trabalhando nisso como uma surpresa para sua tia, mas acho que você deveria passar algum tempo com isso." Ele o empurrou para Emily, e ela instintivamente o pegou. A etiqueta impressa na aba dizia BARTON.

"O que é isso?" ela sussurrou.

"Seu dever de casa. Você precisa aprender a apreciar as histórias do seu passado. Fiz cópias de tudo que encontrei relacionado à família de Dory, o que inclui você. Um dia desses, vou colocá-lo em uma pasta grande e bonita como presente para ela, então não deixe que ela veja."

Emily olhou para o arquivo, atordoada. "Isso é tão atencioso."

O historiador corou. "Basta falar bem com Dory por mim."

"Eu vou."



"Lamento que Simon não tenha ajudado muito", disse Emily enquanto Zander a levava para casa. "Foi uma perda de tempo. Não consigo ver uma conexão entre a pesquisa de Sean sobre crimes centenários de Xangai e seu assassinato. O agente não parecia tão desapontado, mas Emily suspeitava que ele escondia bem.

"Foi interessante", disse Zander. "Acho que enforcamento e xangai têm uma correlação tênue – os homens não eram enforcados naquela época por abandonarem seus deveres no navio?"

"Não sei. Poderia ser. Mas o relacionamento parece ser um exagero."

"Acordado."

Ela estudou seu perfil sob a luz pálida. Ele estava preocupado, sua mente trabalhando arduamente no caso, sem dúvida. "Sinto que distraí você de sua investigação principal."

Ele olhou em sua direção surpreso. "De jeito nenhum."

"Primeiro meu acidente e agora Simon..."

"Pare aí. As filmagens de Nate Copeland exigem que eu dê uma olhada mais de perto nas suas filmagens. Sim, estou fazendo malabarismos com algumas coisas. Os Fitches. Nate Copeland. O esqueleto que encontramos – que espero que seja confirmado como Cynthia Green com registros dentários em breve. É tudo importante. Entrevistar Simon Rhoads tinha que

ser feito. Só porque não deu certo não significa que foi uma perda de tempo.”

“Mas sua mão de obra foi reduzida.”

“O xerife está ajudando e tenho outro agente vindo amanhã.” Ele parou na calçada em frente à mansão. “Alguém atirou em você. Eu não considero isso levemente. Especialmente porque você esteve presente nas mortes dos Fitch. Ele desligou o motor e encarou-a, a determinação emanando dele.

Ele quis dizer cada palavra.

Seu olhar passou por ela e ele franziu a testa. "Que é aquele?"

Virando-se, ela viu Isaac carregando uma braçada de pequenos galhos de abeto em um carrinho de mão. Um capuz cobria sua cabeça e a chuva escorria pelo seu casaco. “É Isaque. Pedi a Madison que trouxesse nosso tio aqui para ficar por aqui - uma presença masculina na casa, sabe? Mas parece que ela recrutou Isaac e deu-lhe alguns trabalhos ao ar livre. Não faz sentido pegar esses galhos até que a tempestade passe.”

“Ele é magrelo.”

Sua boca se contraiu. “Ele é mais forte do que parece.”

“Sua segurança é uma preocupação.”

“Assim como a segurança da minha irmã e das tias”, disse ela incisivamente. “Nós pegamos o que podemos conseguir. Se os policiais passarem pela casa são um impedimento, então acho que ver um homem trabalhando na casa também pode ajudar. Espero que meu tio também esteja aqui em algum lugar.”

"Verdadeiro." Ele continuou olhando além dela, seguindo os movimentos de Isaac.

Ela queria saber o que ele estava pensando. Ele muitas vezes usava uma expressão impassível perfeita, provavelmente necessária em seu ramo de trabalho. Mas no hospital, ela teve um vislumbre por trás disso. Zander Wells tinha emoções muito fortes; a atitude do agente do FBI era uma fachada.

“Obrigada por me contar sobre sua esposa e filha hoje”, ela disse suavemente, observando os olhos dele na luz fraca da noite.

Ele encontrou o olhar dela e a máscara do agente levantou um pouco. "Sinto muito por eu..."

“Eu também fui casado.”

Seu olhar se intensificou. "O que aconteceu?"

"Nada parecido com o que você passou." Ela se sentiu um pouco envergonhada por tocar no assunto. "Acabou há cinco anos. Ele era . . . controlando."

A raiva brilhou. "Ele machucou você?"

"Não. Ele nunca colocou a mão em mim." Ela deu uma risada trêmula. "Ele lentamente me derrubou por dentro. Foi emocional e mental. Suas palavras, suas ações, algumas luzes a gás. . . Eu não era mais eu mesmo. Ele é um narcisista. Tudo é sobre ele, e ele queria que tudo em mim fosse sobre ele."

"Você o mencionou no presente."

"Ele ainda está por aí." Emily bufou. "Na verdade, eu o vi ontem de manhã. Você acredita que ele teve a ousadia de pensar que poderíamos voltar a ficar juntos? O narcisista que há nele ainda não entende por que pedi o divórcio."

"Parece um príncipe."

"Ele é policial em Astoria."

"Emily." Zander se inclinou mais perto. "Ele poderia ter atirado em você?"

Ela ficou muito quieta. "Não, eu saberia que era ele." Mas seu cérebro percorreu um milhão de possibilidades.

"Ele é policial, então presumo que seja um atirador decente. Ele ainda poderia estar amargo? Se você o visse ontem, você estaria na mente dele.

Emily não conseguia falar. Seus membros estavam congelados. Brett iria. . .

"Não," ela sussurrou. "Eu teria reconhecido sua postura, sua forma. Embora eu não tenha visto um rosto, cada parte de mim diz que o homem que vi não era ele. Eu conheço Brett.

Zander não parecia convencido. Ele apertou os lábios em uma linha apertada e seu olhar se suavizou, deixando o rosto dela quente.

Ele limpou a garganta. "Este é um momento inadequado e inadequado, mas quando este caso terminar. . ."

Emily entendeu instantaneamente. "Tenho muita bagagem", ela murmurou, incapaz de desviar o olhar dele.

A maneira como ele está olhando para mim. . .

Eu poderia me perder em seus olhos.

Seu sorriso era melancólico. “Então somos dois.” Ele pegou a mão dela, segurando-a e passando o polegar pela palma dela.

Sua frequência cardíaca acelerou. Ele também sentiu isso. Ela ficou imediatamente atraída por ele, mas manteve os sentimentos afastados. Até agora.

“Uma vez cometi um erro ao guardar meus sentimentos para mim mesmo”, disse ele. “Jurei que nunca mais faria isso. Eu sei que agora não é o momento. . . mas eu tinha que dizer algo caso o tempo escapasse de mim novamente.”

“Eu entendo. E estou feliz que você disse algo. A felicidade borbulhava profundamente dentro de seu peito.

Droga, eu gostaria que esta investigação tivesse ficado para trás.

Ele se aproximou e a beijou, a sensação aquecendo-a por toda parte. Ela se derreteu no beijo, frustrada pelo console do veículo entre eles.

Muito cedo, ele se afastou e descansou a testa contra a dela, o peito subindo com respirações profundas. “Quando isso acabar.”

“Quando acabar”, ela prometeu.

Algumas horas depois, Zander estava sozinho em seu quarto de hotel trabalhando em seu laptop, mas sua mente continuava divagando.

Eu não deveria tê-la beijado.

Como se ele pudesse ter parado. Ele sentiu uma atração sutil por ela na primeira vez que a viu. Agora que ele havia expressado isso em voz alta, ele queria mais. Mas qualquer coisa entre eles teria que esperar. Ele tinha um ou dois assassinos para encontrar, e Emily estava envolvida até a cintura neste caso.

Seja um maldito profissional.

O pensamento o deixou irritado. Seu telefone e laptop tocaram e ele atendeu pelo laptop.

“Poços.”

“Boa noite, Agente Wells. Sou a Dra. Lacey Harper, do escritório do médico legista, e fiz a comparação dentária de um caso seu.

Zander imediatamente se endireitou. “O crânio é Cynthia Green?”

“Isso é.”

Ele cerrou o punho. Finalmente algo estava acontecendo em seu caminho. “Obrigado. Você não tem ideia do quanto eu aprecio isso.

“Não é um problema. É gratificante quando consigo identificar alguém definitivamente. Ajuda a responder perguntas dos familiares que ficaram para trás.”

“Você está certo sobre isso, correto?” Zander perguntou timidamente, com medo de estar insultando-a.

Ela riu. “Eu sou. Você se sentiria melhor se eu lhe mostrasse como?”

“Não estou questionando o seu trabalho”, acrescentou ele rapidamente, aliviado por ela não ter se ofendido. “Mas eu gostaria de ver como isso é feito. Os dentes são parecidos para mim.

“Você pode fazer FaceTime?”

“Sim. Mudando agora. Alguns momentos depois ele estava olhando para uma mulher loira muito atraente e com um sorriso largo. “Você trabalha com o Dr. Peres?” ele perguntou.

“Eu faço. Ela é uma amiga próxima, encontrei Ava algumas vezes e conheço muito bem o noivo dela. Fico feliz em saber que ela ficará bem.

“Eu também. O que você pode me mostrar?”

Ela mudou para a outra câmera do telefone e uma tela de computador com radiografias dentárias apareceu na frente dele. A tela tinha duas grandes películas, do tipo que mostra toda a mandíbula e a metade inferior do crânio. Eram sorrisos sombrios e esqueléticos, assustadoramente esticados para converter os objetos tridimensionais em dois. As imagens eram uma mistura de tons de cinza. Ele conseguia identificar dentes e articulações da mandíbula, mas não muito mais.

“Recebi os registros dentários de Cynthia da polícia estadual, que os coletou depois que ela desapareceu, há vinte anos. Ainda bem que eles ainda os tinham, porque o dentista cujo nome aparece nos filmes encerrou o seu consultório há mais de uma década e foi legalmente obrigado a manter registros apenas durante sete anos. Eles podem ter sido difíceis de caçar.”

Ela tocou a imagem superior. “Isto é da polícia estadual e foi tirado dezessete meses antes do desaparecimento de Cynthia. É uma cópia da imagem panorâmica original do dentista, por isso parece escura. As cópias são boas, mas não tão nítidas quanto os filmes originais. Abaixo está uma radiografia que tirei hoje do crânio. Não temos aparelho de raio X panorâmico aqui, então tirei no consultório odontológico de um amigo. Foi um pouco estranho filmar.”

Zander experimentou a máquina de raios X dentária que girava em torno de sua cabeça enquanto ele estava em uma cabine.

“Tive que me agachar enquanto segurava a caveira acima da cabeça com uma das mãos. Estou feliz por eles impedirem que seus pacientes passassem naquele momento.”

A imagem mental o fez bufar. Ele olhou de uma imagem para outra. “Eles parecem diferentes, no entanto. O de cima é mais granuloso e parece. . . uh . . . sorrir um pouco mais?”

“É o ângulo que o faz sorrir. Tentei igualar o melhor que pude, mas sempre é preciso tentativa e erro. A granulação é porque a minha é digital. O primeiro é um filme real que eles tiveram que passar por um desenvolvedor. Eles são sempre mais nítidos. A ponta do dedo parou no último dente de um lado da mandíbula e depois tocou o mesmo dente do lado oposto. "Dentes do siso. Como você pode ver, ambos têm ângulos diferentes do resto dos dentes. Eles inclinam um pouco em vez de ficarem retos para cima e para baixo.

"Certo."

“E aqui em cima.” Ela tocou os dentes correspondentes na fileira superior. “Esses dentes do siso ainda estão no alto da maxila. Você não os veria se olhasse na boca dela.

“Mas você veria os de baixo?”

“Parcialmente. A exposição parcial fica melhor no próximo conjunto de filmes. Mas o que quero dizer é que os dentes do siso estão em posições idênticas no filme antigo e no filme que tirei hoje.” Ela aproximou o telefone e alternou entre os filmes algumas vezes.

"OK." Ele acreditou na palavra dela. Eles eram bolhas para ele.

“Ela tem dezenove anos, certo? O comprimento das raízes e a posição dos dentes do siso não contradizem essa idade.”

Ela indicou o filme inferior. “Ela tem duas obturações brancas. Aqui e aqui.

Ele semicerrou os olhos. Mais tons de cinza.

"Eu não consigo decifrá-los."

Ela clicou em algo e as imagens panorâmicas desapareceram, substituídas por oito pequenos filmes retangulares. O tipo tomado frequentemente no dentista.

“Quatro filmes originais copiados em cima, e os quatro que gravei em baixo. Imagens de filme versus imagens digitais novamente, então as minhas ficarão granuladas.” Ela pegou um lápis e apontou para um dente na radiografia inferior, delineando uma pequena forma. “Você pode ver o recheio aqui?”

Ele poderia. Era mais branco que o resto do dente. Automaticamente ele verificou o filme de coordenação acima dele. A mesma forma exata apareceu naquele dente.

“É igual ao filme da polícia estadual.”

"Sim. E aqui está o outro. Seu lápis bateu no formato estranho de outro recheio, mais branco.

Ele comparou com o filme acima. “Mas não corresponde ao raio X original.”

"Correto."

"Por que não?"

“Ela colocou a obturação depois que o dentista tirou os filmes.”

“Mas você não pode saber com certeza. Isso não coloca tudo em dúvida?”

“Isso não acontece.” Ela tocou o filme da polícia estadual com um lápis e aproximou o telefone do filme. “Você provavelmente não consegue ver isso, mas ela tem uma cárie neste dente. O dentista teria obturado a cárie após diagnosticá-la nas radiografias que fez.

“Um dente virgem pode adquirir uma obturação. Mas você não pode devolver um dente ao seu estado virgem ou fazer desaparecer uma obturação – sempre haverá algo naquele dente depois de trabalhado. Pode ser uma obturação maior ou uma coroa, ou o dente pode ter sido removido.

“Há muitas outras coisas que combinam nos filmes. Níveis ósseos, formatos de raízes, seios da face. Mas as obturações e os dentes do siso confirmam isso para mim. A forma e as posições dos dentes são únicas. Você não encontrará a mesma dentição em duas pessoas.”

“E se eles usassem aparelho?”

“As posições e ângulos dos dentes serão diferentes, mas as obturações e os formatos dos dentes serão os mesmos.”

Ele refletiu sobre isso.

Lacey apareceu na tela novamente. "Confie em mim. Não consigo explicar tudo o que aprendi em quatro anos de faculdade de odontologia e dez anos de prática nesta ligação.”

Ela estava certa.

"Eu acredito em você. A falta do recheio me fez duvidar por um momento.”

"Bom. Estou feliz por tê-la identificado. A família dela está esperando há muito tempo.

“O Dr. Peres encontrou a causa da morte?”

Lacey parecia sombria. "Não. Isso é comum quando os restos mortais são completamente esqueléticos. Tenho certeza de que você receberá um relatório dela amanhã. Enviarei minhas descobertas por e-mail mais tarde esta noite.”

Zander agradeceu novamente e encerrou a ligação.

Cintia Verde. Mulher afro-americana de dezenove anos. Faltando vinte anos.

O que aconteceu com você?

Desapareceu duas semanas antes do pai de Emily ser enforcado.

Ela desapareceu da costa e apareceu a quilômetros de distância, na floresta. Como?

Isso o incomodava. Em seu curto período na costa norte do Oregon, ele aprendeu que geralmente não havia muitos crimes violentos. Dois incidentes tão próximos fizeram seus sentidos vibrarem.

Zander verificou a hora. Já era tarde, mas ele suspeitava que poderia encontrar seu contato na prisão.

Ele precisava de um favor.

Zander estudou o monitor do computador na manhã seguinte, esperando o início da entrevista em vídeo com Chet Carlson, o assassino condenado do pai de Emily, na prisão estadual.

Chet entrou na moldura e sentou-se.

Ele parecia um assassino.

Se Chet tivesse sido escalado para um filme, o público saberia que ele era o assassino no momento em que aparecesse na tela.

Ele era grande, intimidadoramente grande, com mãos que pareciam ter o dobro do tamanho das de Zander. A cabeça raspada e o cavanhaque bem aparado realçavam o estereótipo.

Chet estudou Zander em sua tela enquanto um guarda acorrentava suas mãos à barra da mesa. Seu peso estava sobre os antebraços enquanto ele se apoiava na mesa, com curiosidade no rosto.

De acordo com a pesquisa de Zander, Chet Carlson morou em vários endereços antes de ser preso em Astoria pelo assassinato de Lincoln Mills. Ele era um andarilho, nunca ficava no mesmo lugar por muito tempo, com um longo histórico de prisões por vadiagem, roubo e DUI. Ele usava carteira de motorista suspensa quando foi preso.

Zander se apresentou. "Tenho algumas perguntas sobre Lincoln Mills."

"Isso foi há muito tempo atrás."

"Era."

"Qual é o sentido de revisitá-lo agora?" Chet abriu as mãos tanto quanto as correntes permitiam, fazendo as algemas tilintarem. "Estou aqui. Lincoln está morto. Fim da história."

Zander esperava que uma voz baixa e áspera emergisse do homem grande, mas em vez disso Chet falou em tom suave. Não feminino, mas sereno e calmante, como se estivesse acomodando um animal selvagem. Ou uma criança superestimulada.

"Tudo o que li diz que você afirma que não o matou."

"Está correto."

"Mas você se declarou culpado de assassinato."

"Também correto." A indiferença passou pelo monitor de Zander.

Zander considerou o homem. "Explicar."

Chet encolheu os ombros e desviou o olhar.

“Você matou Lincoln Mills?”

Chet cutucou um entalhe no tampo da mesa. “Isso não importa agora.”

“Por que não?”

“Não tenho provas de que não fiz isso.”

“A jaqueta ensanguentada de Lincoln foi encontrada no seu quarto de motel.”

Chet não disse nada.

“Você morou em uma dúzia de cidades diferentes em cinco estados durante quatro anos antes de aterrissar em Astoria. Por que você estava em Astoria?”

“Por que você está fazendo perguntas para as quais já sabe a resposta?”

“Quero ouvir você dizer isso, para que eu possa julgar por mim mesmo.”

“Um verdadeiro juiz já cuidou disso. Quem é você para me julgar de novo?”

“Touché”, disse Zander. “Divirta-me. Você tem algum outro lugar onde precisa estar? Meu contato me disse que você raramente recebe visitas.”

O queixo de Chet ergueu-se, os olhos vazios. “Não tenho nada acontecendo agora.”

“Então . . . por que Astoria?”

Ele inclinou a cabeça e mexeu os lábios, parecendo tomar uma decisão. “O oceano.”

“E o oceano?”

“Eu queria trabalhar em um barco de pesca. Eu gosto do oceano. Já tentei em algumas cidades ao sul de lá, sem sorte.” Ele tentou cruzar os braços, flexionando os bíceps. A corrente o parou.

Zander poderia facilmente imaginá-lo puxando cordas e lançando linhas ou fazendo qualquer trabalho físico necessário em um barco de pesca comercial.

“Cheira bem.” As narinas do prisioneiro dilataram-se ligeiramente.

“Peixe não cheira bem.”

“Não. Mas o oceano sim. E gosto de estar ao ar livre.”

A prisão não é lugar para quem gosta de atividades ao ar livre.

“Não entendo por que você confessou um assassinato que agora diz não ter cometido.”

“Tenho quase certeza de que não fui eu”, esclareceu Chet.

Isso não faz sentido. "Então por que você se declarou culpado?"

Sua boca se contraiu e ele voltou a mexer no entalhe. "Quando me trouxeram, os policiais me disseram que eu tinha feito isso."

Zander franziu a testa.

"Eu acreditava, por causa do meu hábito de beber, que era impossível para mim lembrar."

"Você era alcoólatra." Zander se perguntou se esse era o caso por causa de todas as prisões relacionadas ao álcool na ficha de Chet.

"Ainda estou. Mas naquela época eu bebia até cair, bêbado. Não faça mais isso", brincou.

"Você estava bêbado demais para se lembrar de ter pendurado alguém em uma árvore." Zander lutou para acreditar.

"Sim. Mas enquanto dormia, eu conseguia me ver fazendo isso. Achei que tinha algum bloqueio subconsciente estranho sobre o enforcamento e que o que a polícia me disse era verdade."

"Você confessou porque presumiu que o matou?"

"Algo parecido. Você viu que fiz um polígrafo? Eu sabia que não poderia ser usado legalmente, mas fiz porque esperava que o teste me dissesse se eu o fizesse."

"Isso não faz sentido."

"Os resultados do polígrafo indicaram que havia algo acontecendo na minha cabeça, no nível subconsciente, então imaginei que o que os policiais me disseram era verdade. Eu tive muitos desmaios por causa da bebida antes disso - e as pessoas sempre me contaram sobre merdas que eu fiz e que não me lembrava de ter feito. Isso não parecia muito rebuscado."

Zander estava incrédulo. "Mas você nunca matou ninguém enquanto estava bêbado antes."

"Não, mas briguei bastante e bati em muita gente que não me lembro."

"O que fez você mudar de ideia e começar a dizer que era inocente?"

Chet envolveu os dedos no metal da mesa preso à corrente. Mesmo através do vídeo, Zander podia ver que os nós dos dedos eram enormes e cabelos escuros brotavam das costas de suas mãos. "Eu decidi que não fiz isso."

"Uma inversão completa."

"Não acordei um dia e decidi que era inocente. Demorou. Entrei em algumas brigas aqui - mesmo quando pensei que iria morrer em uma delas,

nunca tive o instinto ou desejo de matar a pessoa que estava brigando comigo. Nunca. Eu só queria viver.”

Zander ouviu e um arrepio lento começou na base de sua espinha.

“Lincoln e eu brigamos de bar naquela noite. Essa foi a primeira vez que conheci o cara. Lembro-me de sangrar o nariz dele — outra razão pela qual pensei que poderia tê-lo matado —, mas nada aconteceu além de eu arrancar sua jaqueta. Foi por isso que encontraram a jaqueta dele no meu quarto de hotel.”

O olhar de Chet era firme. Ele não estava tentando convencer Zander de sua inocência. Ele estava simplesmente contando a sua versão.

Droga, eu acredito nele.

“O nome Cynthia Green significa alguma coisa para você?”

Chet pensou. “Não. Deveria?”

“Ela desapareceu duas semanas antes de Lincoln Mills ser enforcado. Recentemente encontramos seus restos mortais perto de Bartonville.”

Aborrecimento enrugou suas feições. “Você sabe quantas vezes a polícia esteve aqui para perguntar se cometi outro crime simplesmente por causa do caso Lincoln Mills?”

“Bastante?”

“Sim. É ridículo. Eles vêm de todos os EUA. Fale sobre desesperado.

“Ela era uma adolescente afro-americana que desapareceu de uma praia perto de Gearhart.”

“Dizer-me como ela é não estimula minha memória porque nunca fiz uma merda assim.”

Ele parecia insultado.

“Você sabia que houve outro enforcamento em Bartonville há alguns dias?”

A surpresa no rosto de Chet pareceu genuína e depois se transformou em desprezo. “Não tinha ouvido falar. Pelo menos eles não podem me condenar por isso. Ele fez uma careta. “Quem eles enforcaram?”

“Um jovem na cidade. Professora.”

“Isso é uma merda.”

“Você não sabe nada sobre isso?”

Suas sobrancelhas se ergueram. “Seriamente? Não acabamos de cobrir isso? Vá se foder. Ele bufou, escárnio em seus olhos.

Zander considerou fazer mais perguntas sobre o enforcamento, mas as reações de Chet pareceram naturais. Ele se perguntou se o homem teria recebido visitantes recentes que pudessem ter falado sobre o enforcamento de Fitch — antes ou depois de acontecer.

Zander encerrou a sessão de vídeo e ligou novamente para seu amigo na prisão estadual, solicitando o nome de qualquer pessoa que tivesse visitado Chet Carlson nos últimos cinco anos. Ele especificou um longo período, na esperança de ter uma ideia de com quem o homem se associava. O funcionário da prisão prometeu um e-mail dentro de alguns minutos.

Ele tamborilou preguiçosamente os dedos na mesa de seu quarto de hotel, desejando uma omelete do Barton Diner. Seu estômago o deixou plenamente consciente de que ainda não havia tomado café da manhã. Ele atualizou seu e-mail pela terceira vez, localizou um da prisão estadual e clicou imediatamente.

Nos últimos cinco anos, Chet tivera uma única visita. Mas ela veio duas vezes.

Ambas as visitas ocorreram nos últimos doze meses.

Terri Yancey.

Zander olhou para o nome por um longo momento. Quem é ela para Chet Carlson?

Ela não tinha visitado o suficiente para ser uma família.

Formou-se uma suspeita e ele acessou os registros estaduais do DMV, encontrando imediatamente uma carteira de motorista para Terri Yancey. Ela tinha trinta e nove anos, era morena e morava em Beaverton, alguns quilômetros a oeste de Portland.

Ele recuperou o fôlego com a foto. Madison.

Terri Yancey parecia Madison. Emily e Madison compartilhavam semelhanças familiares, mas se Madison tivesse passado por um aplicativo de progressão de idade e tivesse cabelos escuros, ela se pareceria exatamente com Terri Yancey.

Terri. Tara.

Seria esta a Tara?

A semelhança estava lá.

Por que ela visitou Chet Carlson?

A grande questão era por que ela nunca havia contatado sua família.

Ao inserir o endereço de Terri em seu telefone, ele viu que poderia estar na porta dela em menos de duas horas.

Devo contar a Emily?



O estômago de Emily convulsionou. "Tem certeza?" ela sussurrou para Zander enquanto eles estavam na varanda da mansão.

Zander puxou uma imagem em seu telefone.

Emily agarrou o telefone, olhando para a foto. Tara olhou para ela. Ela era mais velha, seu cabelo era escuro. Mas era Tara.

"Como?" Ela forçou a palavra.

"Tive uma entrevista em vídeo com Chet Carlson esta manhã."

Seu intestino torceu e girou novamente. "Meu Deus, Zander. Algum outro choque para mim?"

Ele fez uma pausa. "Não."

Emily não tinha certeza se acreditava nele. Ela se concentrou no rosto de Tara novamente, seu coração tentando subir pela garganta.

"Depois de falar com ele, verifiquei seus registros de visitantes. Sua irmã o visitou duas vezes no ano passado.

Ela piscou com força, tentando manter o rosto de Tara em foco. "Talvez você não considere isso outro choque, mas eu considero. Por que ela fez aquilo?"

"Não sei. Pensei em perguntar a ela.

A cabeça de Emily se ergueu e seu pulso disparou. "Você vai ver Tara?"

"Ela atende por Terri agora. Terri Yancey. Ela mora em Beaverton.

Emily sentou-se em uma das pesadas cadeiras de metal na varanda. Seu cérebro estava girando; Tara estava por perto.

"Você gostaria de vir?" Ele se agachou ao lado dela, seu olhar mesmo com o dela. Preocupação substancial irradiando dele.

"Não sei." Ela não conseguiu processar seu pedido. Sua mente estava presa ao fato de que Tara morava a duas horas de distância. E nunca tinha ligado. Por que?

"Chet Carlson ainda afirma que não matou seu pai."

"Sim," ela disse friamente. "Ele diz isso há vários anos. Ele tentou explicar por que não foi ele?"

"Um pouco. Ele não tem nenhuma prova."

"O que ele disse sobre Tara?"

“Só descobri sobre Tara depois da entrevista.” Ele tinha uma expressão esperançosa nos olhos.

Ele quer que eu vá com ele.

Ela poderia pensar em coisas piores do que passar algumas horas com Zander.

Em seu coração ela estava morrendo de vontade de ver sua irmã, mas suas emoções estavam por toda parte.

Estou pronto para descobrir por que Tara nos abandonou? Ela vai falar comigo? E se ela recusar?

Ela tinha que decidir agora.

"Eu irei."

Era quase meio-dia quando Emily e Zander pararam em frente a uma linda casa.

Um pouquinho de inveja brotou no coração de Emily – uma sensação incomum – enquanto ela reprimia um suspiro. A casa de Tara ficava em um bairro próspero, onde os gramados eram perfeitamente cuidados e um veículo de luxo alemão estava estacionado em sua garagem.

Emily comparou seu Honda destruído com o Mercedes. Ela mal podia se dar ao luxo de manter o carro com pneus. Logo ela descobriria quão pouco dinheiro sua seguradora pagaria por seu carro antigo, agora destruído. Não seria bonito.

Ela sentiu Zander estudá-la.

“Não acredito que Tara mora aqui”, ela murmurou. “A mansão está caindo aos pedaços perto de nossas orelhas.”

“Você não precisa entrar.”

A surpresa a fez engasgar. “Eu vim até aqui. Pode apostar que vou entrar. Especialmente agora que vejo que Tara está morando aqui enquanto eu me esforço para cuidar de três tias idosas, da minha irmã, da mansão e do restaurante.

Emily puxou a maçaneta da porta do carro e saiu, envergonhada por ter soado amarga. Ela esperou por Zander e eles caminharam pelo caminho de tijolos até a porta da frente, onde ele tocou a campainha.

Uma jovem abriu-o e Emily recuperou o fôlego.

Ela se parece exatamente com Tara quando criança.

A menina parecia ter nove ou dez anos. Emily não tinha pensado em se perguntar se Tara tinha filhos. Ou um marido. Foi falta de visão dela.

“Podemos falar com sua mãe?” ela finalmente conseguiu perguntar.

“Moooom!” a garota gritou por cima do ombro. Seu longo cabelo loiro estava preso em uma única trança e ela usava jeans preto com joelhos rasgados.

Eu tenho uma sobrinha.

O pensamento a atingiu como um caminhão, fazendo seus pulmões paralisarem, sem oxigênio.

Atrás da menina a casa tinha pé direito alto e lambris brancos. Uma elegante escadaria curvava-se para o segundo nível. Os pisos de madeira

brilhavam.

Passos soaram.

A mulher que chegou não era Tara, mas olhou para Zander e Emily com expectativa.

“Estamos procurando Terri Yancey”, disse Zander. “Ela está em casa?”

O rosto da mulher se fechou. “Ela não está se sentindo bem.” Seus modos eram cautelosos e a suspeita pairava em seu tom. Ela tinha vinte anos para ser Tara. “Posso dar uma mensagem a ela?”

Emily e Zander trocaram um longo olhar e ele assentiu encorajadoramente. A decisão estava em suas mãos.

Eu devo?

Eu tenho uma sobrinha.

“Diga a Tara que sua irmã Emily está aqui,” ela afirmou calmamente, desafiando a batida em seu peito.

A mulher deu meio passo para trás, a mão subindo até o peito, a boca formando um O.

Ela sabe.

A garota inclinou a cabeça, estudando Emily com olhos inteligentes. “Quem?” Ela olhou para a mulher mais velha. “Quem é ela?”

Emily não disse nada, e a mulher visivelmente se recompôs. “Por que você não entra?” Com uma mão no ombro da garota, ela recuou e abriu mais a porta.

Emily percebeu a expressão surpresa de Zander. Ela encolheu os ombros para ele. Eles chegaram até aqui, ela não iria parar agora.

A mulher os conduziu até uma sala de estar formal e fez sinal para que se sentassem. “Eu vou pegá-la.” Ela desapareceu pelas portas duplas de vidro e seus passos ecoaram pela escada em arco.

A filha de Tara – Emily presumiu – ficou, com uma expressão vigilante. Ela percebeu o desconforto entre os adultos.

“Eu sou Emília. Este é Zander. Quando a garota não respondeu, Emily continuou. “E você é . . .”

“Bela.”

Tara era fã de Crepúsculo?

Emily costumava ser.

“Quantos anos você tem, Bella?” Zander perguntou.

"Por quê você está aqui?" Bella perguntou sem rodeios. "Por que a vovó está chateada?"

Zander se aproximou de Emily. "Ela é definitivamente parente de você," ele sussurrou.

"Você está sendo rude." Bella jogou a trança por cima do ombro e ergueu o queixo.

"Você está certo e sinto muito", disse Zander. "Você me lembra alguém."

"Quem?"

"Você não a conhece, mas em breve conhecerá."

Bella torceu o nariz e revirou os olhos diante da falta de resposta dele.

Emily perdeu o fôlego. O movimento era como olhar para um espelho. Ela havia se treinado para não revirar os olhos, exceto perto da família, mas franzir o nariz era um hábito muito difícil de abandonar.

Vozes femininas soaram. As pessoas desciam a escada. Bella saiu da sala, mas sua pergunta foi audível. "Mãe, quem são eles?"

Então Tara estava na porta, uma mão segurando o batente para se equilibrar, o choque abrindo sua boca. "Emily." O nome era fraco.

A aparição de Tara abalou Emily. Sua irmã agora era uma morena com cabelos na altura do queixo. Emily tinha visto o cabelo castanho na foto da licença, mas ver o cabelo escuro – e curto – pessoalmente foi um choque. Quando adolescente, Tara sempre deu muita importância ao seu longo cabelo loiro. Sua irmã agora estava magra e tinha olheiras profundas. Ela parecia nervosa, nervosa.

Essa é minha irmã.

Toda a sua confusão e perguntas evaporaram. Depois de vinte anos eles estavam na mesma sala. Nada mais importa. Emily levantou-se e correu pela sala, envolvendo a irmã nos braços, com o coração partido ao sentir os ossos logo abaixo da pele. Ela se afastou para olhar Tara nos olhos e lutou para ver através das lágrimas. Emily enxugou um olho e Tara fez o mesmo.

"Sinto muito", gritou Tara. "Sinto muito", ela repetiu sem parar.



Zander assistiu ao reencontro, feliz por Emily ter vindo com ele. Depois que as irmãs superaram as lágrimas, ambas conversaram sem parar. Madison. As tias. Bartonville.

Ele notou que Tara tinha um rosto esguio na carteira de motorista, mas pessoalmente a magreza da mulher parecia pouco saudável. Ela estava instável, mas isso poderia ser devido à montanha-russa de emoções que as mulheres estavam experimentando. Os dois finalmente foram para o sofá e continuaram a conversar sobre as frases um do outro.

“Wendy,” Tara disse para a mulher mais velha, “você pode levar Bella para o outro quarto para que possamos ter um pouco de privacidade?”

“Quero saber o que está acontecendo”, afirmou a criança com firmeza.

"Eu prometo que te conto mais tarde."

“Ela disse que é sua irmã. Você disse que não tem família.

Tara fez uma pausa e fechou os olhos brevemente. "É uma longa história. Eu vou conseguir, eu prometo.

A garota lançou olhares suspeitos para Emily e Zander, mas relutantemente saiu com Wendy. Emily observou sua partida com um olhar faminto.

A sala ficou em silêncio. As emoções de Tara e Emily haviam aumentado e diminuído, e o momento estranho se estendeu. Perguntas sem resposta se entrelaçaram entre eles. Por que Tara foi embora? Por que nenhum contato?

Eles se encararam no sofá, e Tara deu um nó nas mãos, torcendo e apertando. Emily os viu e separou as mãos cerradas.

Zander teve pena das mulheres quietas. "Quantos anos Bella tem?" ele perguntou. Uma pergunta neutra.

“Ela tem nove anos.”

“Ela se parece com você”, ele disse a Tara, percebendo que ela não usava aliança de casamento. “O pai dela ainda está por aí?”

Tara empalideceu. "Não. Ele morreu em um acidente automobilístico há cinco anos. Wendy é minha sogra e ela nos acolheu depois disso. Sua voz vacilou.

“Tara, sinto muito.” Emily tocou o braço da irmã. "Que horrível para você e Bella."

“Todos ao meu redor morrem.” A declaração foi monótona e sem vida; a mulher emocional havia desaparecido.

Zander se encolheu. "Você está bem?" ele perguntou com cautela. Ele não sabia exatamente a que se referia. . . sua saúde, suas emoções atuais, sua situação de vida, seu marido falecido.

Ela simplesmente olhou para ele e depois se virou para Emily. “O que aconteceu com sua cabeça?” Tara perguntou, olhando para a bandagem sob seu cabelo.

"Não é nada. Eu bati muito bem e eles tiveram que costurar. Estou bem."

Zander não ficou surpreso por Emily não ter entrado em detalhes. Especialmente depois que Tara acabou de dizer que todos ao seu redor morreram.

Ele decidiu questionar Tara abertamente. “Por que você visitou Chet Carlson?”

Tara empalideceu. “Foi assim que você me encontrou.” O sussurro alto e agudo.

"Por que você está se escondendo?" Emily interrompeu bruscamente. “Como você pôde passar vinte anos sem nos contatar? Sua família? Perdi três membros da minha família em uma semana naquela época!” Ela acenou com as mãos enquanto falava, escalando outro pico emocional.

O rosto de Tara se contraiu. “Não posso falar sobre isso.”

Uma teoria surgiu e Zander estudou a mulher, perguntando-se como expressar sua suspeita.

"Por que?" Emily implorou. “O que há de tão horrível que você não pode nos contar?” Ela apontou para Zander. “Ele é um agente do FBI, Tara. Ele pode ajudar com o que quer que seja.”

Zander não tinha tanta certeza disso, mas Tara estava ouvindo, os impulsos guerreando em seu rosto, a linha de suas costas tensas. Ela o olhou com cautela.

“Eu tenho uma sobrinha,” Emily disse suavemente. “Eu nunca soube – Madison nunca soube. Sentimos falta do nascimento dela, das bochechas gordinhas do bebê, da perda do primeiro dente. . .”

"Ela não é sua." Tara ficou feroz. “Essa é minha filha e faço tudo que posso para mantê-la segura. Você não deve contar a ninguém que me viu ou a ela.

Uma mamãe urso substituiu Tara no sofá.

Emily fechou a boca.

“O que você viu naquela noite, Tara?” Zander questionou.

"Nada. Eu não estava lá. Ela não perguntou em que noite.

Emily começou a falar e parou, pressionando os lábios em uma linha fina.

“Eu estava na casa de um amigo. Estávamos bebendo. Não sei nada sobre o que aconteceu com papai. Você já sabia disso. Ela olhou Emily nos olhos.

“Você não respondeu à pergunta de Zander sobre Carlson”, disse Emily.

“O que aconteceu naquela noite me assombrou por toda a minha vida. Eu queria ver o rosto daquele homem.”

“Você acredita que ele matou seu pai?” perguntou Zander.

“Claro”, ela disse rapidamente. “Mesmo que ele afirme que não foi ele.” Ela está mentindo.

“Minha vida tem sido um inferno há vinte anos”, disse Tara. “Primeiro o assassinato do papai e depois o da mamãe depois que fui embora. A única maneira de tirar isso da cabeça era com bebida. Agora tenho insônia constante e nunca consigo relaxar.”

Zander trocou um olhar penetrante com Emily.

“Tara, mamãe cometeu suicídio.” A confusão envolveu as palavras de Emily.

Tara piscou várias vezes. “Não, ela foi assassinada.”

Emily balançou a cabeça. “Onde você ouviu isso? Foi considerado suicídio desde o início.

Sua irmã ficou muito quieta, focada intensamente em Emily, e um medo hesitante surgiu em seus olhos. “Você está errado.”

“Juro. É verdade.” Emily engoliu em seco, sombras cruzando seu rosto.

A garganta de Zander se contraiu enquanto ele observava a conversa dolorosa.

“Não.” Tara levantou-se, com as mãos em punhos. “Você está mentindo. As pessoas que a mataram são as mesmas que mataram papai.”

“Não. Eu sei-”

“Quem você acredita que matou seu pai, Tara?” Zander interveio. “Um momento atrás você disse que Chet Carlson fez isso. Agora você acabou de dizer que as pessoas fizeram isso. Quem foi?”

Seu olhar frenético saltou entre Emily e Zander. “Chet Carlson fez isso. Eu quis dizer que ele matou mamãe também.

Ela está mentindo de novo.

"Eu preciso me deitar." Tara se virou para sair e Emily deu um pulo, agarrando seu braço e fazendo sua irmã encará-la.

"Eu não sei o que aconteceu com você, mas está tudo bem, Tara. Eu só quero você de volta na minha vida, não importa o que aconteça. Eu não me importo com o que você fez.

Zander ficou imóvel. Emily acredita que Tara estava envolvida.

"Vá para o inferno." Tara se livrou do aperto de Emily. "Lembre-se do que eu disse. Você não me viu ou Bella. Ela saiu da sala.



"O que ela está escondendo?" Emily perguntou.

Zander hesitou em expressar a teoria que infestava seus pensamentos desde que partiram de Beaverton. Eles estavam quase de volta à costa. "Acho que ela acredita que outra pessoa matou seu pai."

Emily ficou em silêncio.

"E ela acredita que essa mesma pessoa matou sua mãe. Esteja ela correta ou não, ela acredita que é verdade."

"Não sei até que ponto ela é confiável", disse Emily. "Senti cheiro de álcool nela e ela admitiu que tem um problema com bebida. Ela é uma pessoa muito tensa e não me lembro dela ser assim. Graças a Deus ela tem Wendy para ajudar a cuidar de Bella."

"A sogra dela me lembra um diretor. Não fiquei surpreso quando ela se recusou a nos deixar falar com Tara novamente e nos empurrou porta afora.

Ele observou Emily com sua visão periférica enquanto dirigia. Ela estava pensativa, quieta. Não é o seu jeito franco de sempre. "Você me disse que Tara estava lá na noite em que seu pai morreu, mas ela disse à polícia que não estava."

"Correto. Eu a vi lá com outra pessoa."

"Seu pai já estava enforcado quando você viu Tara?"

Seus ombros tremeram brevemente. "Sim."

"E ela repetiu sua história novamente hoje de que não estava lá." Ele fez uma pausa, tentando formular sua próxima pergunta. "É possível que sua memória esteja errada?"

Seus lábios trabalharam e ela se virou para olhar pela janela. "Já me perguntei isso um milhão de vezes ao longo de vinte anos. Parte do que me impediu de contar à polícia o que vi foi o pensamento de que estava errado e também de que não queria que Tara se metesse em problemas. Mas

mesmo que minha memória esteja errada, há algo que Tara está escondendo sobre a morte do papai.”

“Sua mãe cometeu suicídio alguns dias depois que Tara foi embora, certo?”

“Sim. Sempre me perguntei se Tara sabia que mamãe havia morrido.”

“Quem cuidou da investigação de sua mãe?” perguntou Zander.

Emily olhou para frente, com a boca franzida. “Presumo que seja o xerife do condado de Clatsop. Eles já estavam trabalhando no assassinato do papai. Eu nunca perguntei. Ela exalou. “Eu não queria perguntar”, ela acrescentou suavemente.

Zander entendeu. Desenterrar o passado foi doloroso. Ele evitou isso tanto quanto possível.

As costas de Emily enrijeceram. “Os semáforos estão apagados.” Eles tinham acabado de entrar na estrada principal que atravessa Bartonville.

“Não estou surpreso”, disse Zander enquanto observava pequenos galhos e detritos soprando pela estrada. Foi uma viagem com muito vento através da Cordilheira Costeira, mas assim que se aproximaram de Bartonville, ele notou que as copas dos abetos ondulavam freneticamente. “Pelo menos a chuva parou.” As nuvens cinzentas estavam altas, não ameaçando despejar mais água.

“Faltou energia na igreja e nos correios também”, disse Emily enquanto passavam pela cidade. “Leve-me ao restaurante em vez da mansão. Se alguém ainda tem poder, é o restaurante.”

“Por quê?”

“Nunca gastamos dinheiro com câmeras, mas há uma década a Vina investiu em um excelente sistema de backup de energia. Ela disse que as pessoas sempre precisarão comer, especialmente se não puderem cozinhar em casa. O sistema se pagou algumas vezes.”

Zander entrou no estacionamento e viu que Emily estava certa. As luzes estavam acesas na lanchonete, e o estacionamento tinha mais carros do que ele já tinha visto. “Acho que vou pegar uma xícara de café e um sanduíche para levar”, disse ele. “Espero que eles ainda tenham poder no gabinete do xerife do condado.”

“Esta oculpado. O restaurante vai precisar da minha ajuda.

“Como você está se sentindo?” Ele a examinou da cabeça aos pés.

“Muito bom. Tomei mais remédios quando saímos da casa de Tara.”

Ele estava cético, mas não discutiu.

Ele estacionou e a seguiu para dentro. A maioria dos assentos estava ocupada enquanto Thea e Vina trabalhavam no chão, correndo de mesa em mesa. Dory não estava à vista. Ele não viu muitas pessoas comendo, mas todos tomaram café e pareciam preparados para esperar a tempestade passar. O clima lá dentro era animador, a tempestade agora era um evento social.

Emily apontou para a porta da cozinha. “Vá dizer a Leo que eu disse para fazer algo para você levar. Preciso ir trabalhar.

“Fique perto de outras pessoas.”

Ela lançou-lhe um olhar vazio que foi imediatamente substituído por um de compreensão – e apreensão. Seguiu-se um aceno abrupto e ela se dirigiu para seu escritório.

Ela já esqueceu que alguém atirou nela ontem?

Zander atravessou a sala e abriu hesitantemente a porta de vaivém, sentindo-se um intruso.

Por trás da churrasqueira, Leo o avistou imediatamente. “Ei, Zander”, disse o cozinheiro careca.

“Eu deixei Emily em casa. Ela disse que você me faria algo para levar?”

“Pode apostar. Um BLT, ok?”

“Perfeito.”

Um chiado soou quando Leo colocou bacon na superfície plana. A boca de Zander ficou com água.

“Há algumas xícaras para viagem ao lado da cafeteira”, Leo disse a ele.

Zander pegou uma xícara e serviu uma xícara enorme de café. Ele estava pressionando a tampa quando Isaac tocou seu braço. Ele estremeceu, quase derramando o copo. O adolescente se aproximou tão silenciosamente quanto um gato.

“Desculpe.” Isaac olhou para os sapatos. Seu cabelo estava despenteado pelo vento e ele usava um casaco pesado. Ele cheirava a ar livre.

“Não há problema. Você acabou de vir trabalhar? Zander perguntou, imaginando o que o garoto quieto queria.

“Voltando. Já trabalhei esta manhã. Eles me ligaram de volta porque faltou energia e metade da cidade apareceu. Acontece sempre.” Ele continuou olhando para os sapatos.

Zander esperou, mas finalmente falou. “Você queria me perguntar alguma coisa?”

Isaac finalmente fez contato visual. “Você ainda está procurando por Billy Osburne?”

Cada célula do corpo de Zander entrou em alerta. “Absolutamente. Você o viu?”

“Sim. Acho que ele vai ficar com uma garota.

Zander controlou sua impaciência. “Você pode ser mais específico?”

Isaac fez uma careta. “Eu juro que o vi no carro dessa garota. Ela mora a três casas de nós. Antes de vir para o trabalho agora, fui até lá para verificar e ele estava lá fora, limpando alguns galhos da entrada de sua garagem.

“Isso é muito arrogante da parte dele.”

“É uma longa entrada de automóveis e fica bem na frente da garagem. Todas as casas estão situadas no meio das árvores, com muito espaço entre elas. Você não pode ver seus vizinhos. Eu não cheguei muito perto.”

“E se ele visse você?”

“Ele não fez isso.” Isaque estava confiante.

“Há quanto tempo foi isso?”

“Quinze minutos.”

“Aqui está o seu BLT, Zander.” Leo deslizou sobre uma caixa branca.

“Obrigado.” Zander pegou a caixa e voltou-se para Isaac. “Por que você não chamou a polícia quando o viu?”

“Estou dizendo a você.” Isaac corou e seu olhar voltou para os sapatos.

“Você não sabia que eu estaria aqui.”

O adolescente se contorceu. “Eu não queria falar com a polícia.”

Zander deixou passar. Qualquer que fosse o motivo do garoto para evitar a polícia, não importava agora. Ele colocou a caixa de sanduíche debaixo do braço, pegou o café e saiu da cozinha, ligando para o xerife com uma das mãos ao sair.

Madison encontrou Emily na sala do restaurante. Ela viu sua irmã entrar com Zander Wells e depois seguir pelo corredor lateral.

Ela observou Emily vasculhar os arquivos por um momento na porta. Uma larga faixa branca era visível na lateral da cabeça, sob o cabelo.

Ela poderia ter morrido.

Ela é o coração da nossa família incomum.

Madison nunca havia apreciado as muitas coisas que Emily fazia para manter suas vidas no caminho certo. Até agora. "Você está bem?"

Emily começou, levantando a cabeça do trabalho. "Estou bem. Não é nada."

"Não é nada. Conversei com Janet no hospital. Seu ferimento poderia ter sido muito sério."

"Você precisa informar sua amiga enfermeira sobre os regulamentos da HIPAA."

"Tenho certeza que ela sabe."

Emily bufou. "Tudo funcionando perfeitamente?"

"Sim. Vina e Thea estão fazendo companhia a todos e enchendo suas xícaras de café. Dory está chegando. Parece que três quartos da cidade não têm energia, incluindo a mansão.

"Imaginei. Parece que somos sempre os primeiros a perdê-lo."

"O que é isso?" Madison apontou para um arquivo grosso na mesa do escritório.

O rosto de Emily se iluminou. "Simon me deu isso ontem. Ele reuniu fotos e documentos relacionados aos Bartons." Ela sentou-se à mesa e abriu-a.

A curiosidade e algumas fotos brilhantes em preto e branco aproximaram Madison. A primeira foto estava rotulada como Barton Lumber Mill em letras tortas na parte inferior. Ela tocou um homem familiar na imagem. "Esse é o nosso tataravô." Ele estava com uma dúzia de outros homens, parecendo rudes e orgulhosos enquanto posavam. "Isso deve ser no início de 1900."

"Sim. Esse é George.

Madison examinou os outros homens, perguntando-se quem seriam e se alguns de seus descendentes ainda viviam em Bartonville. Caramba, talvez

alguns estivessem comendo na lanchonete naquele minuto.

“Eu nunca vi essa foto antes, e você?”

“Não”, disse Emily. “Não está entre nenhuma das fotos que vi na mansão.”

Madison folheou mais algumas fotos de registro. George Barton encostado em um abeto derrubado cujo tronco era mais largo do que alto. Um caminhão de toras com o nome Barton na porta e uma única tora enorme no trailer.

“Acabou tudo”, disse Madison baixinho, sentindo uma pequena pontada pelos negócios da família que ela nunca conheceu. No final, a fábrica cortava madeira apenas para outras empresas, pois o seu próprio fornecimento de madeira acabou. A usina foi vendida na década de 1980 e os novos proprietários a fecharam, com a intenção de usar a propriedade para outra coisa que nunca se concretizou. Agora era uma pequena cidade fantasma enferrujada de edifícios. Madison rapidamente folheou mais fotos em preto e branco, empilhando-as ordenadamente, querendo ver as coloridas mais profundamente no arquivo.

A primeira foto colorida era uma imagem formal da mansão. Emily suspirou e Madison entendeu. A mansão brilhou. Era um dia de verão e o paisagismo estava imaculado. A pintura perfeita e as grades da varanda intactas. Alguém havia colocado copos e uma grande jarra de limonada sobre uma mesa na varanda, esperando que os proprietários se sentassem e relaxassem.

Madison colocou-o virado para baixo na pilha visualizada.

“Ah!” Emily pegou a próxima foto.

Quatro jovens estavam nos degraus da mansão, com os braços entrelaçados e o riso estampado no rosto. Os vestidos simples tinham saias largas na altura dos joelhos, as cinturas eram minúsculas e as mulheres usavam luvas brancas curtas. Um feriado, talvez a Páscoa, a julgar pelos narcisos e pelas tulipas.

Estudando ansiosamente os rostos, Madison reconheceu cada uma de suas tias-avós e sua avó.

Tão jovem.

"Ela esta gravida." Emily indicou a avó deles.

Com certeza, uma das cinturas não era tão pequena. “Você acha que ela estava grávida da mamãe ou do tio Rod?”

“Isso parece o final da década de 1950. Acho que é tio Rod.

Madison aproximou a foto, procurando no rosto da avó um indício de si mesma, mas não encontrou. Sua avó morreu quando sua mãe era jovem. Madison nunca a conheceu.

“Todas meninas”, comentou Emily.

“A maldição de Barton”, Madison brincou com tristeza. Os filhos do sexo masculino eram poucos e raros em um século da linhagem Barton. Seus ancestrais normalmente tinham muitas meninas e um único menino.

“Olha o que tem no pulso da vovó.” Emily apontou. “Você se lembra daquela pulseira?”

Madison fez. “A pulseira de botão. Não sabia que era tão antigo.”

Todas as três meninas brincaram com a pulseira da foto. Era largo, feito de uma variedade diversificada de dezenas de botões de latão com alguns coloridos misturados. “A vovó deve ter dado para a mamãe. Lembra como brigamos para ver quem iria usá-lo?”

“Eu passava horas olhando cada botão.” Uma expressão sonhadora cobriu o rosto de Emily. “Eu realmente adorei.”

Madison também. Mais uma coisa perdida no incêndio.

“Todas as quatro irmãs são tão lindas”, disse Emily. “Por que só a avó se casou?”

Madison não sabia a resposta. Cada uma de suas tias-avós já havia ignorado a questão no passado. Ela passou para a próxima foto e imediatamente viu seu pai com um grande sorriso no rosto.

“Onde é isso?”

Emily estudou a foto de sete homens com seus equipamentos de pesca em frente a uma pequena taverna. “Essa não é a loja de contas agora? Mas por que esta foto está no arquivo Barton? Papai era um Mills.

“Tio Rod está nisso.” Ele estava ao lado do pai, um braço pendurado em seu pescoço.

“Eu não o reconheci.” Emily semicerrou os olhos. “Olhar . . . não é o xerife Greer? Ela riu. “E Harlan Trapp – com cabelo.”

“Simon Rhoads também.” Pareciam um grupo turbulento, pronto para causar estragos em alguns peixes.

“Acho que poderíamos usar esta foto para chantagear Harlan ou o xerife”, disse Madison. “Não creio que esta seja a imagem que eles estão

tentando projetar atualmente.” Ela examinou mais duas fotos do mesmo grupo de homens em poses musculares juvenis. “Idiotas.”

Emily deu uma cotovelada nela, lutando contra o riso. “Eles eram jovens. E provavelmente bêbado.

A foto de um casal em um mirante bem acima do oceano a fez parar. “Mamãe e papai,” ela respirou. “Eu nunca vi esse.” A mãe deles estava de perfil, olhando para o marido, felicidade no rosto enquanto ele ria para a câmera. Este era o casal amoroso que suas tias sempre descreveram para Madison e suas irmãs.

Uma esposa triste e confusa.

A frase de Anita ecoou em sua mente. Tia Dory havia dito algo semelhante há dois dias. As palavras não descreviam a mulher na foto.

Anita e Dory não me contaram a verdade?

“Esse foi o local onde quase morri. Caramba, eu era uma criança estúpida”, disse Emily.

"Sim, você estava."

“Você poderia facilmente ter ultrapassado o limite.”

O relógio de bolso do pai surgiu na mente de Madison — o tiroteio o havia apagado de sua mente. Ela olhou para Emily, o nariz próximo à foto dos pais deles, com uma expressão faminta nos olhos. Agora ou nunca.

“Em. . . Encontrei o relógio de bolso do papai no seu quarto.

Emily largou a foto e virou-se para Madison, com desânimo estampado no rosto. "Você estava no meu quarto?"

"Sim. E me desculpe, mas por que você pegou isso? Você escondeu isso todos esses anos? A expressão de sua irmã estava vazia, mas Madison sabia que a raiva fervia sob a superfície. “Mamãe procurou por aquele relógio de cima a baixo.”

"Eu sei."

Madison cruzou os braços e inclinou a cabeça, esperando.

“Eu encontrei na casa de Lindsay. . . aquela manhã.”

Seu coração tropeçou. "O que?"

“Estava no quintal. Eu pisei nele.

"Como . . .” O cérebro de Madison desligou. "Por que . . .”

"Não sei." Uma sombra passou pelos olhos de Emily. “Acredite em mim, ainda estou tão confuso quanto você agora. Eu contei aos agentes do FBI, e o agente McLane e eu estávamos dirigindo para pegá-lo quando... . .

o acidente aconteceu." Sua garganta se moveu enquanto ela engolia em seco.

"O que isso significa?" A língua de Madison gaguejou com as palavras.

"Eu gostaria de saber."

A lembrança de Emily pegando algo no quintal na noite em que seu pai foi assassinado de repente tomou conta dela. "Eu vi você lá fora naquela noite, pai... eu vi você pegar algo na grama. Quando encontrei o relógio, presumi que foi isso que você pegou.

Emily empalideceu. "Você nunca disse nada naquela época."

"Você nunca disse nada. Os investigadores acreditaram que você estava na casa. Eu vi você lá fora. Seu batimento cardíaco acelerou e uma tontura a fez sentar-se na outra cadeira do escritório.

A boca de sua irmã abriu e fechou, os olhos arregalados.

"Por que você não contou a ninguém?" Madison prendeu a respiração. "O que você está escondendo?" ela sussurrou, sua voz implorando pela verdade.

Os tendões se destacavam no pescoço de Emily, seu pulso era visível.

"Emily."

Sua irmã passou a mão pela testa e pressionou a têmpora. "E se eu estiver errado?"

"Errado sobre o quê?" Madison ficou tensa, cada músculo parecendo pedra.

Emily voltou sua atenção para a foto dos pais deles. "Errado que eu vi Tara lá fora naquela noite."

Sua cabeça girou e Madison agarrou os braços da cadeira. "Tara? Não, ela não estava lá. Ela estava na casa de uma amiga. Ela disse isso. A náusea a inundou. "Pensei ter visto mamãe no quintal se movendo entre as árvores." Madison cobriu o rosto. "O que está acontecendo?"

"Não foi a mãe", disse Emily. "Eu entendo como você pensou que era ela por causa do cabelo, mas era Tara."

"Tem certeza?"

"Eu sou positivo. Eu vi Tara. A voz de Emily estava vazia. "Na floresta, correndo."

"Por que você não contou a ninguém?"

"Por que você não contou a ninguém que me viu?" Emily revidou.

"Porque eu queria proteger você!"

“Eu estava fazendo o mesmo por Tara!”

As irmãs se entreolharam, ambas com o peito arfando, o ar no minúsculo escritório carregado de culpa e segredos.

Emily acreditava que estava protegendo Tara ao permanecer em silêncio.

“O que Tara fez?” Madison sussurrou.

“Não sei, não quero saber.”

A compreensão atingiu Madison como um martelo, roubando-lhe o fôlego. “É por isso que você nunca procurou por ela.”

“Eu não queria saber o que ela tinha feito.” Os olhos de Emily estavam úmidos. “Tinha que ser ruim – por que outro motivo ela iria embora?” Ela largou a foto enquanto uma luta se desenrolava em seu rosto.

“O que é?” O coração de Madison afundou com a expressão da irmã. “Diga-me.”

“Zander encontrou Tara esta manhã. Falei com ela há poucas horas.

A boca de Madison secou e seu núcleo virou gelo.

“Garotas?” Dory entrou no escritório, com preocupação em suas feições suaves, as mãos entrelaçadas.

“O que é isso, tia?” Emily perguntou tão calmamente como se ela e Madison estivessem discutindo o tempo. Madison ainda estava sem palavras, as revelações de Emily ricocheteando como uma Super Ball em seu crânio.

Dory franziu a testa, as linhas ao redor da boca se aprofundando. “Acredito que acabei de ver Tara.”

Emily levantou-se da cadeira. “Onde?” ela ofegou.

“Bem, acho que foi ela. Você sabe que pensei já tê-la visto algumas vezes no passado. Seu olhar era incerto.

Verdadeiro. Dory os havia orientado em algumas expedições erradas, assustando jovens confusas.

“Ela olhou diretamente para mim”, continuou Dory. “Ela era mais velha, claro, e seu cabelo era curto e castanho, mas tenho certeza de que era ela.”

A decepção tomou conta de Madison. Dory estava confusa.

“Cabelo castanho?” Emily agarrou o braço de Dory. “Tem certeza?”

“Sim. Foi mais ou menos esse tempo.” Dory levou a mão ao queixo.

“Madison. É ela.” A excitação encheu o rosto de Emily. “Ela voltou.”

"Espere." Madison lutou para alcançá-la. "Você quer dizer que é assim que o cabelo dela está agora?"

"Sim. Ela está na lanchonete, Dory?"

"Não. Eu a vi em um carro... bem, em um daqueles utilitários esportivos.

"Onde?" A impaciência tomou conta de Emily.

"Ela passou por mim enquanto eu dirigia para a cidade. Quando olhei pelo retrovisor, a vi virar na Seabound Road.

"Essa estrada só leva a um lugar", disse Emily. Ela pegou uma das fotos e segurou-a para Madison ver. "Este."

Seus pais posaram no mirante.

Zander encontrou o xerife Greer na frente da casa de Leo.

De acordo com Isaac, Billy estava escondido três casas abaixo de onde morava com Leo. Um policial havia passado de carro, mas a casa ficava muito atrás, entre as árvores altas, para ser vista da estrada.

“Quão confiante você está em seu testemunho?” Greer perguntou a Zander, segurando o chapéu contra o vento. Dois policiais se juntaram a eles, formando um grupo na entrada da garagem de Leo, fora da vista de qualquer carro que passasse.

Zander duvidava que alguém dirigisse naquela estrada. A área parecia deserta. Isaac estava certo quando o descreveu como isolado. Apenas a presença de calçadas de cascalho que desembocavam na estrada sugeria que existiam casas.

Era um bom lugar para desaparecer.

Ele pensou em como Isaac se esforçou para lhe contar a novidade. Por mais nervoso que estivesse, Zander viu certeza em seus olhos. “Ele chegou bem perto. Ele tinha certeza de que era Billy.

“A casa é alugada. O proprietário diz que uma jovem chamada Rachel Wolfe é a atual locatária.

“Isso corrobora a sugestão de Kyle Osburne de que seu irmão pode estar com uma garota.”

“Cinquenta por cento de chance de o locatário ser mulher”, destacou Greer.

“Mas uma jovem mulher?”

O xerife grunhiu. “Gostaria de saber se ele estava armado.”

“Há uma boa chance de que sim, já que é suspeito do assassinato de Nate Copeland”, disse Zander.

Os dois deputados murmuraram e arrastaram os pés, lançando olhares furiosos à menção do colega de trabalho assassinado. Os dois homens eram jovens, provavelmente na casa dos vinte anos, e Zander esperava que suas emoções não afetassem o resultado. Aquele chamado Daigle parecia familiar, e Zander percebeu que ele era o delegado que iria à praia com Nate no dia em que ele morresse.

“Ativei nossa equipe SERT”, disse o xerife. “Quero eles aqui se confirmarmos que Billy está naquela casa, mas vai demorar pelo menos

uma hora para eles chegarem. A equipe é composta por alguns dos meus representantes, alguns oficiais da Astoria e oficiais da Seaside.”

"Entendido." A impaciência inundou Zander. Chamar a equipe especializada foi a coisa certa a fazer. Eles sabiam como lidar com um possível impasse ou situação de reféns.

“Mas não quero esperar que eles descubram que a casa está vazia”, disse Greer. “Sou sempre a favor de uma batida à porta à moda antiga. Noventa e nove por cento das vezes resolve a situação.”

Zander olhou para os dois policiais com seus coletes pesados, cintos e casacos. Uma batida na porta era simples, mas poderia se tornar mortal em uma fração de segundo. Os homens pareciam confiantes, com uma pitada de adrenalina nos olhos. Zander sentiu isso sozinho. “Vou pegar meu colete.” Ele abriu o porta-malas de seu veículo, tirou o casaco e colocou o colete. Ele pegou sua jaqueta com o emblema do FBI nas costas e vestiu-a por cima do colete. A noite se aproximava e ele não queria que ninguém chegasse ao local e o confundisse com um suspeito.

“Daigle e eu bateremos na porta. Vou estacionar na garagem dele”, disse Greer. “Você e Edwards protegem as costas caso nós o expulsemos.” Greer ligou o microfone em seu ombro e transmitiu o plano de despacho.

Zander e Edwards correram pela estrada para se posicionarem atrás da casa alugada antes de Greer estacionar na garagem. Antes de chegarem à terceira entrada, eles saíram da estrada e entraram nos abetos que enchiam a maior parte do terreno. Os galhos das árvores assobiavam e balançavam acima de suas cabeças, e o ar cheirava a terra molhada, aquele odor sutil de decomposição da terra. Eles silenciosamente se apressaram entre os troncos até avistarem a porta dos fundos da casa. A porta dava para um pequeno deck de madeira com três escadas que levava a um espaço vazio atrás da casa.

“Vou para o outro lado e avisarei Greer que estamos em posição”, disse Edwards. Ele saiu correndo e Zander permaneceu em posição atrás de um abeto, com a porta à vista. Uma chuva esporádica de agulhas de pinheiro o atingiu e pequenos galhos estalaram ao pousar no telhado da casa. De alguma forma, esse pequeno trecho de casas ainda tinha energia. Ele duvidava que durasse muito.

As luzes iluminaram a casa e as árvores enquanto Greer dirigia pela entrada. Duas portas de carro bateram.

Zander esperou, alternando entre observar a porta dos fundos e a janela do seu lado da casa. Ele ouviu atentamente, desejando poder ouvir vozes na frente para indicar se a operação estava indo bem ou não. Edwards não estava visível e Zander presumiu que ele estava cobrindo as janelas do outro lado da casa, bem como a porta dos fundos.

Apenas o vento nos abetos e o tilintar no telhado eram audíveis.

A porta dos fundos se abriu e Billy Osburne deu dois passos correndo pelo deque, saltou a escada e fugiu para o bosque.

"Corredor! Temos um corredor! Zander correu atrás dele.

O terreno era acidentado e a visibilidade limitada. Seu peito pesava enquanto ele corria o mais rápido que podia sem tropeçar. Ele não tinha visto nenhuma arma na mão de Billy, mas isso não significava que ele não estivesse armado. Ele manteve Billy sob sua mira, sua camiseta branca era uma bênção na floresta escura. À frente e à sua esquerda, ele viu Edwards correndo entre os troncos das árvores. O deputado estava mais perto.

Edwards teria notificado Greer de que estava concorrendo. Eles provavelmente estão em algum lugar atrás de nós.

"Parar! Polícia!" Edwards gritou.

Billy não prestou atenção e continuou sua luta louca. Zander aumentou seu impulso, escolhendo a velocidade em vez da segurança, rezando para não cair.

Edwards gritou outro aviso.

Então Zander perdeu Billy de vista. Ele avançou, sem diminuir o ritmo. Dez metros à frente, Edwards cobriu rapidamente o terreno na direção onde Billy havia desaparecido.

O dedo do pé de Zander travou e ele caiu no chão e sentiu gosto de terra. Ele se levantou imediatamente e lutou para recuperar o tempo perdido, com o quadril e as costelas doendo onde haviam caído em uma pedra ou raiz. Ele avistou Edwards e acelerou, a respiração alta em sua cabeça.

Um borrão branco tirou Edwards da vista de Zander.

Billy.

Ele avistou Edwards deitado de costas, Billy em cima dele, os punhos acertando o rosto do policial. Edwards ofegou e gemeu, sem fazer nenhum esforço para parar os golpes.

Ele ficou sem fôlego.

Billy puxou a arma do oficial e Zander mergulhou em direção ao homem, derrubando-o de cima de Edwards. Zander caiu em cima de Billy, batendo com a barriga e caindo no chão. O ar nos pulmões de Billy escapou com um suspiro profundo, e ele lutou para tirar Zander de suas costas.

Zander agarrou seu pulso, balançou o braço para trás até ficar reto e torceu. Billy congelou.

“Putá merda! Não quebre meu braço!”

“Não se mova.” Zander manteve o joelho no centro das costas de Billy, e Edwards, que havia se recuperado, algemou o outro pulso e depois o que Zander segurava. Zander se levantou, a adrenalina ainda bombeando e respirando com dificuldade. “Você está bem?” ele perguntou a Edwards.

“Sim.” O oficial estava envergonhado. “Não perco o fôlego desde que caí de um balanço na escola primária.”

“Pior sentimento de todos.”

“Você não pode me aceitar, cara! Você tem que me deixar ir!”

“Você está brincando certo?” Zander perguntou a Billy. “Temos perguntas sobre algumas mortes na cidade que suspeito que só você pode responder.”

“Não! Não, você precisa me deixar ir. Ele vai me matar. Sua voz era frenética, sua cabeça balançando de um lado para o outro enquanto ele estava deitado no chão.

Zander fez uma exibição ao examinar a floresta. “Quem? Eduardo aqui? Ele está um pouco chateado por você ter deixado ele sem fôlego, mas não acho que ele vá te matar por causa disso.

“Ele não. Eu deveria ter ido embora!”

“Morto? Ou simplesmente foi embora?”

“Eu estarei morto se ele souber que você me pegou.” Billy enfiou a testa na terra. “Droga. Isso não pode estar acontecendo!”

Os cabelos do pescoço de Zander se arrepiaram. O homem estava assustado. Com quem ele está preocupado?

“Você está falando sobre Kyle?”

“Ah Merda. Ele vai matar Kyle primeiro se descobrir que ainda estou por perto. Billy se contorceu e puxou os pulsos.

Zander trocou um olhar com Edwards, que encolheu os ombros.

Greer e Daigle chegaram, ambos soprando forte. Greer deu um tapinha nas costas de Edwards. “Bom trabalho.”

“Ele apareceu e me abordou”, admitiu Edwards. “Perdi o fôlego e ele colocou a mão na minha arma até que Zander o derrubou.”

“A parte importante é que o temos.” Agora que Billy não estava correndo, Zander percebeu que a camiseta branca estava amarelada e suja, e que seu jeans estava imundo. E isso não foi por causa de sua rolada no chão da floresta.

“Sua namorada não tem máquina de lavar, Billy?”

“Foda-se.”

"Vamos." Greer agarrou Billy por baixo de um braço e Daigle pelo outro, e eles o colocaram de pé.

Billy olhou arregalado para Greer. “Você tem que me deixar ir, xerife”, ele implorou.

Zander começou. São lágrimas?

“Pare com isso”, respondeu Greer. “Temos uma cela linda e limpa esperando por você.”

“Ele vai matar Kyle e Rachel se souber que ainda estou aqui!”

"Espere." Zander entrou na frente de Billy. “Rachel é a mulher da casa aqui, certo? Quem vai matar ela e seu irmão?”

Ele abaixou a cabeça. “Eu não posso te contar.”

“Droga”, disse Greer. “Não tenho tempo para isso.” Ele puxou o braço de Billy.

O homem começou a tremer, com pânico nos olhos, e se debateu abruptamente, quebrando o controle de Greer. Ele deu um passo rápido e Daigle o fez tropeçar. Billy caiu de lado e se enrolou como uma bola, ainda tremendo.

Os três homens trocaram olhares curiosos.

Ele está petrificado ou nos enganando?

Zander cutucou-o com o pé. “Não podemos ajudar Kyle se você não nos contar o que está acontecendo.”

Billy gemeu e se enrolou com mais força, murmurando baixinho.

"O que?" Zander se agachou novamente. Suas pernas ainda doíam da corrida.

“Você tem que me prometer que protegerá Kyle e Rachel.”

"Prometido."

Billy respirou fundo e as palavras saíram de sua boca. “Fui pago para ajudar alguém com Sean e depois deveria sair da cidade.”

Zander se esforçou para falar com coerência. “Você ajudou alguém a matar Sean. É isso que você está dizendo? Mas não Lindsay?”

“Sim.” Billy pareceu murchar, afundando na terra.

“Quanto você recebeu para tirar a vida de alguém?” Zander cuspiu.

Billy virou o rosto para a terra. “Dois mil dólares”, ele murmurou.

Cambaleando, Zander se afastou, passando as mãos pelos cabelos. Ele está mentindo. Ele deve estar mentindo. Mas por que? “Quem foi, Billy? Quem te pagou?”

Billy não olhou para cima. “Eu sou um homem morto.”

“Eu mesmo mato você se você não me contar o que aconteceu.” O temperamento de Zander estava por um fio. Ele vendeu sua alma por dois mil dólares. “Você tem dois segundos.”

“Harlan Trapp.”

Ninguém respirava.

“Besteira”, disse Greer. “Você está acusando o prefeito de assassinato?”

Zander imaginou o homem alto e careca. Aquele que não conseguia controlar uma reunião comunitária.

Ele é nosso assassino?

Zander lutou para entender isso.

Billy se virou para olhar Greer nos olhos. “Ele é malvado. Era para ser Sean, mas Harlan derrubou Lindsay também. Ele a brutalizou.

Greer se afastou e rosnou de desgosto.

“E quanto a Nate?” perguntou Daigle. “Você atirou em Nate?”

Billy não disse nada e se encolheu ainda mais.

“Seu filho da puta!” Daigle recuou e o chutou.

Greer e Edwards agarraram Daigle e o puxaram de volta. Greer o empurrou com um empurrão forte. “Vá se acalmar. Se eu ver ou ouvir falar de você fazendo isso de novo, você estará desempregado. Daigle cambaleou em direção a um abeto, bateu nele com a mão, curvou-se e vomitou.

Os outros três homens se viraram.

“Não estou mentindo sobre Harlan”, disse Billy com a voz entrecortada do chão. “Ele é psicótico. Ele ameaçou matar Kyle se eu também não cuidasse de Nate. Ele acha que Nate nos viu na casa do Sean.

“E quanto a Emily Mills? Ele também quer Emily morta? Zander mal conseguia respirar. “Você atirou em Emily e Ava McLane ontem?”

“Ele não me disse nada sobre Emily. E não conheço a outra pessoa que você disse.

“Por que Harlan queria que Sean fosse morto?” Zander perguntou a Billy, estremeando quando Daigle vomitou novamente.

"Não sei."

“Você o ajudou a matar um homem e não sabe por quê?” disse Greer.

“Ele disse que Sean sabia sobre ele.”

"Sabia o que havia sobre ele?"

"Não sei."

Zander queria chutar o próprio Billy.

O xerife Greer insistiu que batessem novamente na porta da casa de Harlan Trapp. Zander estava hesitante. Funcionou bem com Billy, mas tentar duas vezes foi abusar da sorte.

“Ele me conhece”, afirmou Greer. “E o xerife aparecer em uma noite em que a maior parte da cidade está sem energia não o surpreenderá nem um pouco. Ele vai me deixar entrar.

“Há energia lá fora”, disse Edwards.

“Então ele ficará feliz por eu ter uma lanterna.”

Zander chamou o xerife de lado depois que um policial chegou para levar Billy Osburne para a prisão. “Billy apontou o dedo para o prefeito. Como você se sente sobre isso?”

O xerife parecia pensativo. “O que eu sinto não importa. É uma acusação séria e precisa ser acompanhada.”

“Mas você consegue vê-lo fazendo o que Billy diz?”

“Porra, não. Conheço Harlan a maior parte da minha vida. O cara mais legal que se possa imaginar. Espero descobriremos que Billy está falando merda e estou ansioso para minha próxima discussão com Billy. Esperamos que ele esteja mais inclinado a nos contar a verdade. De qualquer forma, ele admitiu ter assassinado Nate e Sean Fitch. A fúria coloriu o tom do xerife.

“Acha que o irmão dele estava envolvido?” perguntou Zander.

“Próximo na minha lista.”

Mesmo com a confiança do xerife, os quatro assumiram as mesmas posições da batida na porta da casa de Billy. A casa de Harlan Trapp não ficava rodeada de árvores. Fazia parte de um pequeno loteamento com vizinhos próximos. Felizmente, ninguém tinha quintais cercados. Zander e Edwards estavam próximos um do outro, perto da porta dos fundos de Harlan. Estava escuro como breu. Nenhuma iluminação. O pequeno bairro do prefeito parecia uma cidade perdida para os zumbis.

O xerife estacionou na garagem de Harlan e Zander esperou.

O microfone de Edwards estalou. “Ninguém está respondendo”, disse o xerife. “E o carro dele não está na garagem.”

“Batendo na porta dos fundos”, respondeu Edwards.

Zander exalou e os dois se aproximaram da porta de vidro deslizante do pátio de Harlan. Edwards bateu no vidro com a lanterna. “Senhor.

Armadilha! Você em casa? Departamento do Xerife do Condado de Clatsop.”

Um cachorro latiu a algumas casas de distância, mas nenhum barulho veio da casa. Edwards repetiu a batida e o anúncio.

“Parece que não tem ninguém aqui”, disse Zander quando finalmente olhou pela porta e deu um pequeno puxão na maçaneta. Bloqueado. Ele conseguia distinguir formas de móveis lá dentro, mas nada mais.

“Verificando as janelas”, disse o xerife pelo microfone de Edwards. “Vindo pelo lado sul, Daigle está no norte.”

Alguns momentos depois, os quatro se reuniram no quintal.

“Eu verifiquei a porta da frente”, disse Daigle. “Estava trancado.”

“O mesmo acontece com a porta dos fundos.”

“Vou voltar para a delegacia e ver se Billy fala um pouco mais”, disse o xerife. “Vocês dois divulguem o número da placa de Harlan e a descrição do veículo”, disse Greer aos seus representantes. “Se alguém descobrir, deve me avisar primeiro.”

“Vou ver se ele está no restaurante”, disse Zander. “Aquilo parece ser um ponto de encontro quando falta energia.”

“Mantenha-me atualizado”, respondeu o xerife.



Zander examinou a lanchonete, mas não viu a careca de Harlan Trapp. Ele seguiu pelo pequeno corredor até o escritório e encontrou Dory sentada em uma cadeira, folheando fotos alegremente. Reconheceu a pasta que Simon Rhoads dera a Emily. Zander gostava da mulher que ele considerava tia nº 3. Ela era um pouco distraída, mas de bom coração e gentil. Ela usava o mesmo suéter amarelo claro e grosso que ele tinha visto antes em suas irmãs.

“Boa noite, Dory, onde está Emily?”

Seu fato se iluminou quando ela o viu. “Agente Especial Zander! Que bom ver você novamente. Precisamos que você volte para a mansão para tomar chá logo... bem, assim que recuperarmos a energia. Uma vez ficamos sem energia por cinco dias. Foi horrível.” Ela ergueu uma foto. “Você pode dizer quem sou eu?”

A foto das quatro mulheres elegantes o fez sorrir. “Você é o terceiro. Você se parecia muito com Madison naquela idade.”

“Então você está dizendo que eu era gostoso?” Ela piscou.

"Definitivamente. Emily..."

"Não sei onde Emily conseguiu esse arquivo de fotos, mas ele me trouxe muitas lembranças de quando éramos jovens. Agora temos a taxa de cidadão senil", disse ela rindo.

Ele estremeceu, lembrando que Simon havia pedido especificamente a Emily para não mostrar a Dory. "Imagino que sim." Ele olhou para as fotos espalhadas pela mesa e uma delas chamou sua atenção, trazendo um sorriso. "Esse é o xerife?" Os homens na foto retratavam uma camaradagem de grupo que Zander nunca havia experimentado. Ele estimou que a maioria tinha trinta ou quase vinte anos, com varas de pesca e caixas de equipamento aos pés. O xerife foi fácil de identificar; ele estava tão magro quanto hoje.

"Oh sim. Esse é o Merrill. Você consegue adivinhar quem é este?" Ela apontou para um homem.

Considerando que ele estava na cidade há apenas cinco dias, Zander não ficou surpreso por não conseguir localizá-lo. Ele balançou sua cabeça.

Ela embaralhou as fotos. "Aqui está um melhor."

Tinha sido tirada ao mesmo tempo e com os mesmos homens, mas o rosto do homem que ela indicou estava mais claro. Ele se esforçou para identificá-lo.

"Esse é Lincoln. O pai das meninas.

Agora Zander reconheceu o homem. Ele olhou mais de perto, reconhecendo que Emily tinha os olhos dele. A mão de Lincoln chamou sua atenção e Zander ficou tenso, o gelo enchendo seus membros. Ele imediatamente verificou as mãos do resto dos homens.

"Foda-se", ele sussurrou. Ele deslizou pelas fotos sobre a mesa, encontrando outras duas que haviam sido tiradas ao mesmo tempo e comparando-as.

"Dory, quem é esse?"

Ela estudou o homem. "Ora, esse é o nosso prefeito, Harlan Trapp. Esqueci que ele tinha cabelo. Ela riu. "E há Simon – ele era atraente naquela época. Pena que ele não estava interessado em mim naquela época. Eu poderia ter dito sim.

"Quem são as outras pessoas?"

"Bem, lá está Rod Barton, ele é irmão de Brenda. Merrill Greer. Não conheço os outros."

Harlan Trapp estava ao lado do xerife Greer, a mão direita na frente da barriga, apontando para o xerife com dois dedos e o polegar. Lincoln Mills e os dois homens que Dory não conhecia estavam fazendo o mesmo gesto.

Um sinal de mão KKK.

Harlan Trapp era um supremacista branco. Junto com o pai de Emily.

Acrescentou um pouco de peso à afirmação de Billy de que Harlan havia matado Sean Fitch.

Droga. Ele desejou que Ava não estivesse fora de serviço. Zander precisava discutir isso com alguém. Agora.

Seu olhar fixou-se no xerife Greer, claramente amigo dos outros homens. Nenhum sinal de mão.

Ele fazia parte disso?

Conto a ele o que acabei de descobrir sobre o prefeito?

As fotos tinham vinte e cinco anos. Eles poderiam não significar nada.

“Dory, onde está Emily?”

“Ela e Madison estão fazendo uma tarefa neste clima absurdo. Pegando uma surpresa fabulosa para minhas irmãs.

"Madison foi com ela?"

"Sim."

Pelo menos ela havia levado a irmã.

Em quem posso confiar? Ele se sentiu mal por agora ter dúvidas sobre o xerife Greer.

O xerife avisou Harlan Trapp que íamos para a casa dele?

Vina.

A tia de Emily sabia tudo sobre todo mundo. Mas ela falaria com ele? Sem se conter? “Obrigado, Dory.”

Ele saiu do escritório e perseguiu Vina. Ela estava no chão, conversando à mesa com uma grande família. Cinco filhos. “Vina, posso falar com você na cozinha?” Ela pediu licença e o seguiu. Thea percebeu e foi junto. As duas mulheres tinham olhares curiosos enquanto ele as conduzia para um canto tranquilo e mostrava as fotos do grupo de homens. “Você consegue identificar esses homens?”

As duas mulheres exclamaram diante das fotos, afirmando que nunca as tinham visto antes. Eles confirmaram todas as identificações de Dory e, como Dory, não conseguiram nomear dois dos homens. “Acho que esses caras eram da guarda costeira”, sugeriu Thea.

"Não. Tenho quase certeza de que são amigos de Lincoln de Portland", rebateu Vina. "Eu me lembro dessa pessoa. Ele aborreceu Brenda com alguma coisa.

Thea moveu o nariz quase na direção da foto e então concordou com Vina. "Pessoal de Portland." Seu nariz enrugou quando ela disse isso.

"Sou pessoal de Portland", disse Zander, curioso para ver a aversão no tom de Thea.

"Mas você é um cara legal", disse Thea com seriedade. "Você trata bem a nossa Emily."

Ele quase tossiu.

Vina assentiu. "Nós vimos isso."

"E esses caras não eram legais?"

"Eu gostaria que Lincoln não tivesse andado com eles", acrescentou Thea. "As coisas poderiam ter sido diferentes."

"Você precisa explicar."

As mulheres se entreolharam e encolheram os ombros. "Você sabe", acrescentou Vina, como se isso respondesse a tudo.

Eles sabem o que ele era.

"Olhe aqui." Zander apontou para as mãos de Lincoln. "Vê algo estranho?"

As mulheres estudaram a foto. "Não."

"E se eu lhe dissesse que ele está fazendo um sinal de supremacia branca?"

Nenhuma das mulheres se encolheu.

Isso me diz mais do que qualquer coisa que eles disseram.

"Se for assim, então três outros estão fazendo o mesmo", disse Thea.

"Correto." Zander esperou um longo momento. "Uma vez você me disse que esta cidade tinha um ponto fraco feio, Vina. Achei que havia algum racismo, mas você sabia que esses homens estavam associados a esse tipo de ódio?"

As mulheres ficaram quietas.

Ele tomou isso como um sim. "Seu prefeito, Harlan Trapp. O que você sabe sobre ele?" Ele estudou as mulheres enquanto esperava por uma resposta. Vina era melhor em esconder seus pensamentos, sua aparência era calma e serena. Thea estava nervosa, seu olhar incapaz de se fixar em qualquer lugar.

“Havia rumores”, disse Vina finalmente. “Sempre há rumores. . . sobre todo mundo.”

“Suspeito que você saiba quais rumores ignorar e quais dar um pouco mais de crédito.”

Thea lambeu os lábios, a perna direita balançando. “Harlan participou dessas reuniões.”

“Que reuniões?”

“Em Portland. Lincoln foi até eles também. Mas ele foi criado por pais que acreditavam no mesmo. Quando ele se mudou da Carolina do Norte para cá, acho que ele se sentiu como um peixe fora d’água. Ele encontrou o que precisava com este grupo em Portland. E enquanto ele guardasse isso para si mesmo, nós o toleramos com Brenda – principalmente tivemos problemas com a maneira como ele a manipulou. Ela não se defenderia. Mas de vez em quando, seu grupo vinha para a costa e era desagradável – sem capuzes e túnicas brancas, é claro. Eles não faziam esse tipo de coisa, mas bebiam e causavam estragos na cidade, apenas desabafando como os homens fazem.

Zander mordeu a língua. Ele nunca desabafou dessa maneira. Mas aparentemente as mulheres toleraram Lincoln Mills enquanto ele manteve o seu racismo activo a portas fechadas.

Foi uma geração diferente.

“Esse grupo de Portland tinha nome?” perguntou Zander.

As mulheres consideraram. “Não que eu me lembre”, disse Thea. Vina concordou.

“Todos os homens na foto pertenciam ao grupo de Lincoln em Portland?” ele perguntou.

“Oh não. Tenho certeza de que Lincoln e Harlan estavam apenas exagerando”, disse Vina. “Provavelmente se exibindo. Eles gostavam de conversar, você sabe.

Rapazes serão rapazes.

“E o xerife Greer? Qual era a reputação dele?”

Vina inclinou a cabeça e olhou para Thea pensativa. “Merrill sempre foi quieto. Não é o homem mais inteligente, mas confiável.” Thea concordou com a cabeça.

“Então você não sabe se ele era membro deste grupo de Portland.”

“Correto.”

“Obrigado”, disse Zander. As mulheres voltaram a socializar com os convidados e Zander estudou as fotos. Estou tirando conclusões precipitadas sobre Harlan?

Ele ainda não conseguia decidir se deveria falar com o xerife.

Estou ficando preocupado com uma foto de 25 anos atrás que mostra alguns idiotas.

Ele levou as fotos para o escritório, onde Dory parecia frustrada.

“Agente Zander? As meninas estão demorando muito. Tentei ligar para eles, mas nenhum deles atende. Seu rosto suave estava marcado pela preocupação.

O acidente de carro de ontem passou pela sua cabeça. "Para onde eles foram?"

"Bem . . . é uma surpresa."

“Dory, você pode me dizer. A surpresa é para suas irmãs.” A tensão subiu por sua espinha. “Você está claramente preocupado. Não posso ajudar a menos que saiba onde eles estão.”

“Eles foram buscar Tara. Vina e Thea ficarão muito animadas!” Ela apertou as mãos, alegria no rosto.

Emily contou a eles sobre Tara?

“Madison e Emily estão dirigindo para Beaverton?”

“Claro que não, Tara está aqui.”

Dory está confusa?

“Tara está na cidade, Dory?”

“Bem, presumimos que ela veio para cá.” Dory tocou a foto de um jovem casal em uma colina acima do oceano.

Lincoln e Brenda Mills.

“Eu vi Tara virar na Seabound Road. Só há um lugar para seguir nessa estrada.” Dory pegou triunfalmente a foto dos pais. “Este parque.”

Ela viu Tara?

“É onde Madison e Emily estão? Este parque? Agora mesmo?”

Ela olhou para ele por cima dos óculos. “Eu não acabei de dizer isso?”

“E eles sabem que Tara está lá?” Ele lutou para acreditar que Tara tinha vindo para Bartonville.

“É o único lugar lógico.”

“Diga-me como chegar lá.”

Emily prendeu a respiração, sua mente girando enquanto Madison espiava por cima do volante no escuro. Por que Tara veio para a cidade quando ela declarou claramente que não queria nada com a família? Será que Dory confundiu outra pessoa com Tara de novo?

O telefone de Emily vibrou com uma mensagem.

Você quis dizer isso quando disse que me queria de volta em sua vida, não importa o que eu tivesse feito?

Os pulmões de Emily paralisaram. Ela colocou o número do celular na mão da sogra de Tara, implorando que ela o entregasse a Tara, como Wendy mostrou a porta para ela e Zander.

Aparentemente Wendy tinha ouvido.

Sim

E se alguém estiver morto por minha causa?

Não importa

Emily esperou, prendendo a respiração.

Madison lançou-lhe vários olhares. "Quem é esse?"

"É Tara."

O veículo deu um solavanco quando Madison engasgou.

"Não é o que você pensa", disse Emily rapidamente. "Comecei a te contar mais cedo que Zander a encontrou. Ele me levou para a casa dela em Beaverton hoje, e deixei meu número de telefone para ela. Não tive absolutamente nenhum contato com ela desde que ela nos deixou.

"Emily . . ." Madison parecia sem palavras.

"Ela tem uma filha, Madison. O nome dela é Bella e ela se parece exatamente com Tara."

"Oh meu Deus." Madison pisou no freio bem a tempo de evitar passar por uma placa de pare. "Por que você não me contou?" A fúria encheu a voz de sua irmã.

"Simplesmente aconteceu. Ainda estou tentando processar a visita."

Seu telefone vibrou novamente.

E se aquela pessoa que morreu por minha causa for a mamãe?

Os pulmões de Emily lutaram por ar.

"O que é? O que ela disse? Madison tentou ver a tela e o carro virou.

“Cuidado com a estrada!” Emily retrucou.

“Você não tinha o direito de esconder isso de mim!”

“Não escondi nada. Eu ia te contar assim que... . .” Ela honestamente não sabia se teria contado a Madison. “Tara não queria nada conosco hoje. Ela fez Zander e eu irmos embora. Sua voz falhou, a dor ainda fresca. “Ela estava um desastre - sua saúde mental é ruim e acho que ela é alcoólatra.” A última palavra foi um sussurro. "Ela nega que estava lá naquela noite."

Emily olhou para a última mensagem de Tara sobre a mãe deles. Como posso responder?

Nós te amamos

Sua tela ficou borrada.

Por favor volte para casa

“Mas você me disse que viu Tara lá na noite em que papai foi morto.”

"Talvez eu estivesse errado." Ela viveu com uma memória falsa todos esses anos?

"Porque ela está aqui? Por que ela não foi ao restaurante? Madison perguntou, rejeição ressoando em suas palavras.

"Não sei." O medo que ela viu no rosto de Tara estava fresco na mente de Emily.

“Porra, pergunte!”

Onde você está?

Emily esperou, os dedos estrangulando o telefone. Madison virou para a Seabound Road e a estrada subia. Seabound era um caminho tortuoso e nauseante que subia várias centenas de metros, serpenteando por uma floresta densa e terminando em um pequeno parque com o mirante onde seus pais haviam posado.

“Não consigo ver”, murmurou Madison. Seus faróis apontaram para longe da estrada quando passaram por curvas fechadas, fazendo-a dirigir em curvas cegas. "Merda!" Ela parou e Emily ergueu os olhos do telefone.

O portão do parque estava fechado, a estrada bloqueada. Dois veículos estavam estacionados do lado deles do portão. Um deles parecia o pequeno Mercedes SUV que Emily tinha visto na garagem de Tara. "Ela está aqui."

Dory estava certa.

"Mas por que?" perguntou Madison. “Por que ela viria aqui?” Ela engoliu em seco e sua voz ficou embargada. “Você disse que Tara estava uma bagunça. Ela veio aqui para se matar?”

Ela vai pular do mirante.

“Ela apenas perguntou se eu me importava com o fato de a mãe estar morta por culpa dela.” Emily abriu a porta, com o coração na garganta. “Temos que detê-la. Ligue 911.”

Não faça nada! Madison e eu estamos chegando ao mirante.

Por favor, aguarde!

Por que estou enviando mensagens de texto? Emily apertou o botão LIGAR, ignorando Madison enquanto sua irmã falava com um despachante.

Tara não atendeu o telefone.

"Vamos!" Ela e Madison se abaixaram entre as barras de metal do portão e começaram a correr, com o telefone no ouvido enquanto ela ligava para Tara novamente.

“A polícia está enviando alguém. Eu disse a eles que o portão está trancado”, Madison ofegou enquanto corriam.

“O mirante fica a quase um quilômetro daqui”, disse Emily. “É principalmente subida.” O último analgésico havia saído de seu sistema e sua cabeça latejava, suas pernas já estavam fracas. Posso fazer isso?

“Não entendo o que está acontecendo”, respirou Madison.

— Somos dois — respondeu Emily, respirando fundo. “Mas eu sei que ela está morrendo de medo de alguma coisa. Algo aconteceu depois – ou durante – a morte de papai que a fez ir embora e ficar longe todo esse tempo.” Ela ligou a lanterna do telefone e Madison fez o mesmo. Não havia nada além de árvores ao longo da estrada entre o portão e o parque, fazendo-a suspeitar que Tara não faria o que planejava antes de chegar ao mirante.

O chão subiu em direção a Emily e ela tropeçou. Seu telefone voou e suas palmas raspavam o asfalto. A agonia agitou seus nervos e explodiu em seu cérebro.

"Emily!" Madison agarrou seu braço e a colocou de pé. Ela apontou a lanterna do telefone para os olhos da irmã e Emily a afastou. “Eu esqueci do seu ferimento na cabeça. Você está bem?”

“Estou bem”, Emily ofegou, com as palmas das mãos e os joelhos ardendo. Ela fechou os olhos contra a dor enquanto a bile subia no fundo de sua garganta.

“Eu irei em frente. Você vai com calma.

"Não!" Emily tirou o braço do aperto de Madison e foi atrás do telefone, um pequeno farol de luz no acostamento da estrada. "Merda." A tela era uma teia de rachaduras sob o protetor de tela. Ela apertou o botão várias vezes. Nada aconteceu. Ela não conseguia nem desligar a lanterna.

Eu não preciso disso agora.

"Não podemos parar." Emily saiu correndo lentamente, a cabeça latejando no ritmo de seus passos.

— Você está maluca — murmurou Madison, mas não tentou impedi-la.

Eles correram em silêncio por vários minutos, Emily acreditando que cada passo seria o último.

"O relógio de bolso do papai", disse Madison finalmente. "Você conhece a citação dentro?"

"Sim." Emily não teve fôlego para dizer mais nada.

"Está associado ao KKK." Madison ficou em silêncio por três passos. "Acho que papai era membro ou pertencia a um grupo semelhante."

Emily processou suas palavras. Aquela reunião há muito tempo. . .

"Acho que posso ter sabido disso inconscientemente", Emily ofegou, "mas ignorei".

"Você sabia?"

"Mais ou menos. Eu posso ver isso em retrospectiva. Eu não tinha noção de muitas coisas quando criança. Você perguntou o que eu peguei no quintal na noite em que meu pai morreu.

"Sim."

Emily lutou para respirar para falar, a dor em seus pulmões combinando com sua cabeça. "Encontrei algumas coisas parecidas com moedas na grama naquela noite, mas não eram dinheiro. Eu já os tinha visto em uma de suas gavetas." Ela parou e apoiou as mãos nas coxas, ofegando por ar. "Eu os peguei e os escondi. Perdemos tudo no incêndio e depois pensei neles como meus. Algo dele que era só para mim e eu não queria compartilhar. Se mamãe os visse, eu sabia que ela os aceitaria de volta."

"Eu os encontrei em suas coisas há muito tempo."

Emily não ficou surpresa. "Eu os pesquisei online há alguns anos. Não são moedas, são fichas. Muitos grupos fazem fichas personalizadas – os maçons ou ramos das forças armadas. Eram de um grupo de supremacia branca em Portland, e não entendi por que ele os teria."

Madison ficou em silêncio.

— Mas guardei-os depois de saber disso — sussurrou Emily. “Eu não sabia o que pensar das moedas e do papai. Lembrei-me . . .” Memórias explodiram.

“Lembrou do quê?”

“Acho que papai me levou a algumas dessas reuniões. Eu não sabia o que eram.”

O vento nas árvores era o único som.

“Acho que todo mundo sabia, menos nós”, disse Madison suavemente. “Isso não importa agora. Vamos.” Ela pegou o braço de Emily novamente. “Estamos quase lá.”

Os estalos de dois tiros ecoaram pela floresta.

Os faróis de Zander iluminaram três veículos no portão do parque, incluindo o carro de Madison e um Mercedes que ele reconheceu da casa de Tara.

Ela está aqui.

Ele não conhecia o terceiro carro. Ele ligou para o xerife Greer.

“Greer.”

“É Wells. Você pode preparar um prato para mim? Eu estou na estrada.”

O xerife grunhiu. "Me dê um minuto."

“Billy disse mais alguma coisa?” Zander perguntou.

“Continuando com a mesma história. Mandei dois policiais buscarem o irmão dele, que, aliás, está bem e acha que Billy é um mentiroso. OK. Dê-me o prato.

Zander sacudiu o prato.

“Esse é o veículo de Harlan Trapp. Onde você está?”

Um milhão de perguntas surgiram na cabeça de Zander.

Harlan seguiu Emily?

O cadáver de Nate Copeland preencheu sua visão, rapidamente seguido por Harlan Trapp e o xerife na foto antiga de homens.

Em quem posso confiar?

À distância, dois tiros foram disparados e ele se encolheu, com a garganta seca. Emily?

"Onde você está? Quem está atirando? — rugiu o xerife.

Zander tomou uma decisão sobre confiança ao pegar seu colete tático pela segunda vez naquele dia. “Estou na Seabound Road, no portão. Está trancado. Emily e Madison estão em algum lugar lá dentro, e presumo que Harlan também esteja. Não sei quem disparou os tiros.”

“Estarei aí em dez minutos. Enviando deputados agora.

“Diga a eles que estou entrando.”

O xerife fez uma pausa. "Eu vou."

Zander olhou para o Mercedes enquanto fechava o colete.

Por que Tara está aqui?

Ele se abaixou, passou por entre as barras do portão e correu silenciosamente pela estrada, prestando muita atenção, esperando mais tiros. O vento e o cheiro do oceano ficaram mais fortes à medida que ele

percorria uma certa distância. Ele não sabia exatamente para onde estava indo, mas imaginou que saberia quando chegasse lá.

Não havia desvios ou trilhas saindo da estrada – isso ele podia ver no escuro. Ele não usou lanterna, preferindo não chamar a atenção ou atirar em si mesmo.

O estrondo de outro tiro o fez cair no chão, com o coração martelando. Um homem gritava, mas Zander não conseguia entender as palavras. Ele ficou de pé e continuou sua caminhada.



“Ela não pulou, ela se matou!” Emily engasgou quando o som dos dois tiros desapareceu.

“Talvez quem estacionou o segundo carro no portão tenha disparado o tiro – talvez sejam crianças brincando”, disse Madison em tom incerto. “Não pode ter nada a ver com ela.”

Essa explicação não foi boa o suficiente para Emily. Ela começou a correr e Madison a seguiu.

"Você pensou que eu confiaria em você?"

Emily parou quando Madison agarrou seu braço. Não havia como negar a fúria na voz masculina à frente.

"Que é aquele?" Madison sussurrou.

“Você pensou que poderia me atrair para este lugar e atirar em mim?” Seguiu-se uma gargalhada.

Emily conhecia a risada e a voz, mas não conseguia associá-las a um rosto.

"Estou procurando por você há anos, sua vadia!"

— Esse é Harlan Trapp — sussurrou Madison, cravando as unhas no braço de Emily.

"Eu não entendo." O cérebro de Emily girou.

“Ele está gritando com Tara.”

Suas palavras foram absorvidas.

Harlan procura Tara há anos. Tara estava com medo de alguém a machucar. . .

Peças se encaixaram em sua mente.

“Poderia Tara ter ido embora porque alguém ameaçou sua vida? A única coisa que vale a pena machucar alguém é se ele testemunhou. . .”

Tara correndo pela floresta na noite em que meu pai foi morto.

“Talvez ela tenha visto quem matou papai. . . Poderia ser Harlan? Os instintos de Emily lutaram contra a sua conclusão. Ela conhecia Harlan Trapp desde sempre.

“Saia, saia, saia, garotinha!”

Ele estava caçando Tara, suas palavras ecoando pela floresta. “Ela ainda deve estar viva”, Emily disse em voz baixa.

“E se escondendo”, finalizou Madison. “Devíamos fazer o mesmo antes que ele nos veja.” Ela desligou a lanterna do telefone e Emily desligou a dela, os botões da tela inutilizáveis.

Os dois saíram da estrada estreita e foram para o meio das árvores. Os olhos de Emily finalmente se ajustaram e ela pôde ver o formato nebuloso do rosto de Madison.

“Você pensou que poderia apontar uma arma para mim? Meu? Eu sou o maldito prefeito!

As mulheres rastejaram lentamente por entre as árvores, mantendo a estrada à vista e procurando por Harlan ou Tara. A estrada se alargava e dava para um pequeno estacionamento. Emily só visitou a casa duas ou três vezes desde que quase escorregou do penhasco quando era criança. Cada vez que ela ficava longe da cerca do mirante, sentia uma náusea pesada no estômago. Os grandes balanços de metal, os postes de tetherball e os escorregadores de sua infância ainda estavam presentes, os balanços balançando com o vento, as correntes das bolas de tetherball tilintando contra seus postes.

Harlan andava de um lado para o outro enquanto gritava, uma silhueta tênue contra o céu escuro.

"Você é uma prostituta!"

“Acho que ele está entre nós e Tara”, Emily sussurrou. "O que agora?"

“Espere pela polícia.”

“E se ela estiver machucada? Eu nem ouço sirenes ainda!” O estresse cresceu nos ombros de Emily.

“Talvez eles pensassem que as sirenes assustariam alguém que pudesse estar pensando em suicídio”, sussurrou Madison.

“Quem diabos sabia que duas irmãs poderiam me causar tais problemas?”

"Duas irmãs? Quem mais? Meu?" ofegou Emily.

— Você levou um tiro ontem — sibilou Madison. “Aposto que ele estava tentando limpar sua bagunça. Primeiro Nate Copeland e depois você.

“Mas por que ele mataria Sean e Lindsay?”

“Não sei, mas agora tudo que me importa é que minhas irmãs estejam na lista dele. Precisamos sair daqui.

“Eu não vou deixar Tara.”

“Não podemos ajudar!” Madison disse em voz baixa.

Uma sirene fraca finalmente soou. A ajuda estava chegando.

“Isso demorou bastante.” Mas isso não deu a Emily o alívio que ela precisava.

Harlan também ouviu e soltou uma série de palavrões. “Sua família é a podridão desta cidade! Seu pai foi o pior de todos!

“Olhar!” Uma forma negra rastejou ao longo do estacionamento, à beira-mar. Emily caiu de joelhos para ver a forma da pessoa contra o céu escuro. Ela puxou Madison para o lado dela.

Tara.

“Ela está se arrastando. Ela está machucada,” ela sussurrou enquanto observava Tara se abaixar no chão e rolar sob a cerca do mirante na beira do parque. Harlan continuou a andar e a gritar a uma dúzia de metros de onde ela tinha visto Tara desaparecer. “Ela passou por baixo da cerca.”

Madison engoliu em seco. “Existem alguns lugares para se esconder com segurança do outro lado.”

“Uma pedra solta e ela se foi.” Emily estremeceu, lembrando-se do terror de se agarrar às rochas do penhasco.

O lugar onde Emily quase perdeu a vida.

“Se recuarmos um pouco e atravessarmos a estrada, poderemos seguir a cerca do outro lado até chegarmos a Tara”, disse ela a Madison. “Ele provavelmente não nos verá.”

“Não! Há uma razão para essa cerca. Nós dois sabemos o quão instável essa crista pode ser.”

“Mas podemos tirá-la de lá. Podemos rastejar de volta.

“Espere pela polícia!”

“Mas e se ela estiver ferida?” Os movimentos arrastados de Tara não saíram dos pensamentos de Emily. “Minutos podem significar a diferença entre a vida e a morte se ela precisar de um torniquete ou algo assim.”

“Você é louco”, Madison sibilou.

"Vou."

"Droga! Multar. Vou encontrar a polícia", disse Madison. "Eles deveriam saber no que estão se metendo. Tome cuidado."

Emily correu de volta pela floresta até não conseguir ver o estacionamento e depois atravessou a estrada em direção às árvores do outro lado. Ela passou por eles até avistar a cerca. Ela estimou que faltavam quase cinquenta metros para chegar ao local da cerca onde sua irmã havia desaparecido. Com a cabeça ameaçando rachar de dor, Emily passou por baixo da cerca e começou a rastejar, a superfície traiçoeira com raízes e pedras soltas. A encosta tinha várias áreas íngremes e mortais, mas se ela ficasse perto da cerca, era bastante plana.

O suor se formou em sua espinha ao pensar em ser avistado por Harlan, mas ele estava concentrado em procurar no outro lado do parque.

Seu cabelo voava em torno de seu rosto, e a luz fraca, juntamente com o barulho das ondas lá embaixo, a fizeram cambalear.

Harlan continuou a reclamar. Seus gritos se aproximavam e depois se afastavam conforme ele mudava de direção, sua voz muitas vezes difícil de ouvir por causa do rugido do oceano.

A ansiedade e a tensão alimentaram suas palavras; a polícia tinha que estar perto. As sirenes pararam, fazendo Emily presumir que haviam chegado ao portão. Eles vão subir a estrada, certo? O parque ainda não havia sido inaugurado na primavera e ela duvidava que a polícia tivesse entrado em contato com o departamento de parques para obter uma chave.

Madison iria encontrá-los.

A área plana de Emily perto da cerca estreitou-se subitamente e ela agarrou-se ao corrimão inferior para continuar a andar. O terror a inundou e ela afastou a lembrança de ter se agarrado às pedras e às ervas daninhas, gritando por seu pai. Ela seguiu em frente, um joelho na frente do outro. A borda se alargou e ela fez uma pausa para recuperar o fôlego, com o coração batendo forte.

Continue.

Ela olhou para trás, angustiada com a curta distância que havia percorrido.

Continue.

Ela continuou a se mover, sentindo como se uma hora tivesse passado. Então ela viu Tara.

Sua irmã estava à beira-mar de uma rocha gigante, onde a terra se alargava bastante. Era a mesma pedra onde os pais posaram para a foto. O espaço entre Tara e o desembarque era estreito. Naquele local era menos provável que Harlan a visse se chegasse à cerca.

Mas não é um esconderijo perfeito.

Sua irmã estava deitada o mais próximo possível da rocha. Ela estava muito quieta. Emily chegou mais perto, "Tara", ela sussurrou.

A cabeça de Tara levantou. "Emily?" Sua voz estava fraca.

Ao chegar perto de Tara, Emily pegou sua mão. Estava molhado e pegajoso. Chocada, Emily quase o deixou cair e o odor chegou ao seu nariz. Sangue.

Na pouca luz, ela viu que as calças de Tara estavam brilhantes de sangue.

"Onde você está ferido?"

"Meu lado." A mão direita de Tara estava apertada contra ele. "Estou bem."

"Não, você não está", disse Emily. Ela tirou o casaco, ergueu a mão de Tara e pressionou-a contra o ferimento. Sua irmã engasgou, mas recolocou a mão para segurá-la.

"Eu quero que você ajude Wendy com Bella," Tara sussurrou.

"Agora não, Tara." Emily arrumou o casaco, com um aperto na garganta.

"Wendy pode fazer isso, mas eu quero você e Madison na vida de Bella."

"Pare com isso! Você não vai morrer. Emily cerrou os dentes, com medo de estar mentindo.

"Harlan ameaçou matar todos vocês, a menos que eu saísse da cidade."

"Eu imaginei," Emily sussurrou, seu coração partindo ao meio.

"Quando soube que mamãe morreu, pensei que ele estava cumprindo sua promessa. Estou apavorado desde então, olhando por cima do ombro sem parar. Quando meu marido morreu, acreditei durante meses que Harlan havia causado o acidente.

"Ah, Tara. Por que você não foi à polícia?"

"Eu não podia confiar em ninguém. Harlan me disse que havia várias pessoas envolvidas."

Quem?

“Ele nunca vai parar de me caçar”, disse Tara. “Ele me encontrou aqui porque eu disse que queria conversar. Eu trouxe uma arma... planejei matá-lo — ela sussurrou asperamente. “Eu só queria uma vida onde não ficasse petrificada todos os dias e não me preocupasse com a possibilidade de ele machucar minha filha.” As palavras de Tara ficaram cada vez mais lentas. “Eu me acovardei quando tive a chance de atirar nele primeiro. Ele atirou em mim e eu atirei de volta.” Ela riu quase silenciosamente. “Então deixei cair a porra da arma, mas consegui chegar à floresta. Ele nunca planejou conversar; ele veio aqui para me matar também.”

“Onde você deixou cair a arma?”

"Não. Você não pode fazer isso!

“Onde você deixou cair a arma?”

Tara exalou. “Perto do balanço. Você nunca vai conseguir. Ele verá você.

"Eu tenho que tentar."

“Zander!”

A voz feminina veio das árvores à sua direita e ele parou de subir a estrada. Uma luz brilhou em seus olhos. Ele levantou a mão para bloqueá-lo. “Madison?”

“Onde está a polícia?” Ela abaixou a luz.

“Eles estão vindo. Onde está Emily?”

“Ela ficou com Tara. Achemos que ela levou um tiro...”

“Por Harlan?” Zander continuou subindo a estrada, seguido por Madison.

“Sim! Como você sabia?”

“O carro dele está no portão. Acho que foi ele quem atirou em Emily ontem.

“Ele vai matar Tara se alguém não o impedir.”

“Quanto falta?”

“O estacionamento fica logo depois da próxima curva. Ele estava no outro extremo e Emily estava indo encontrar Tara no lado oceânico da cerca.

“Onde?”

“Além da cerca há um grande declive, mas há pouco espaço em alguns pontos. As pessoas não deveriam cruzar a cerca – o terreno é instável.”

Porra.

Emily e Tara estão daquele lado da cerca.

“Vá pela estrada. Diga aos policiais que estão chegando que ele está armado e que eu e mais duas mulheres estamos aqui.

“O que você vai fazer?”

“Pare ele.” Ele saiu correndo.

“Fique na floresta!” ela gritou atrás dele.



Emily rastejou pelo balanço, desejando que Tara tivesse sido mais específica sobre onde ela deixou cair a arma. Harlan agora estava procurando na floresta no final do estacionamento, xingando e gritando por Tara. Emily passou freneticamente as mãos pelas lascas de madeira, sentindo-se muito exposta e implorando silenciosamente para que a arma

aparecesse. O esconderijo de Tara não era tão ruim, mas se ele verificasse ao longo da cerca, provavelmente a localizaria.

Emily defenderia a irmã até a chegada da polícia. E para fazer isso ela precisava da arma. A poeira das lascas de madeira em decomposição atingiu seus olhos e eles lacrimejaram, piorando sua visão limitada. Ela rastejou de volta para um lugar que já havia revistado, convencida de que havia perdido a arma. Apressadamente, ela verificou novamente. Sem arma.

A dor em sua cabeça latejava. E se Harlan o pegasse?

Ela poderia estar perdendo tempo.

Uma figura saiu da floresta e ela caiu de bruços, prendendo a respiração, o olhar colado na forma. Harlan caminhou com determinação até a cerca.

Ele desistiu da floresta.

O pânico fez seu estômago revirar.

Como posso impedi-lo?

Procurando ao redor, ela avistou a corrente que batia intermitentemente contra um poste de tetherball, sem a bola. Ela verificou Harlan. Ele estava de costas para ela. Ela se levantou e correu para o poste, com as costas curvadas, rezando para que ele não se virasse.

Agarrando o poste de metal frio, ela se espreguiçou, esticando os braços, ficando na ponta dos pés e alcançando a junção da corrente e do poste, esperando que não fosse um acessório fundido. Seus dedos encontraram o fim e ela explorou cegamente o elo final. Um lado se moveu e ela o pressionou, abrindo o elo, e então o desenganchou do poste. O alívio deixou seus joelhos fracos.

Ela agarrou a corrente gelada; não era páreo para uma arma.

Mas foi alguma coisa.

Harlan alcançou a cerca e a seguiu. Ele encontraria o esconderijo de Tara em poucos segundos.

Emily correu silenciosamente para o estacionamento, com o coração na garganta.



Zander seguiu o conselho de Madison e desviou pelo acostamento da estrada em direção às árvores. Isso o atrasou. Ele mal conseguia ver onde colocar os pés e tropeçou uma dúzia de vezes. O estacionamento apareceu e ele parou, procurando por Harlan.

Ele deve ter ouvido as sirenes. Para onde ele iria?

Harlan precisava saber que estava encurralado. Dory disse a Zander que só havia uma maneira de entrar e sair do parque.

A menos que você tenha entrado no oceano.

Harlan reagiria como um animal encurralado sem nada a perder?

Ele tinha sido perigoso para começar. Agora ele pode estar pior.

Ninguém estava no estacionamento. Dory havia descrito espaços verdes com equipamentos de playground ao longo do lado arborizado do terreno e, em seguida, penhascos íngremes oceânicos do outro lado. Ele apontou para o lado do oceano, forçando a visão para distinguir a cerca que Madison mencionara.



A mente de Emily estava em branco, seu olhar fixo na silhueta de Harlan enquanto ela corria. A cadeia de frio apertava-lhe as mãos. Ela não tinha nenhum plano, apenas determinação. E medo.

Harlan parou e inclinou-se sobre a cerca, de costas para Emily.

Ele avistou Tara.

Ele disse alguma coisa, mas estava de frente para o oceano e o vento soprou suas palavras.

Emily se aproximou, seus passos acelerados foram silenciosos, e viu o formato de uma arma na mão dele.

Ele pisou na grade inferior da cerca e passou uma perna, sua arma apontada para a grande pedra que apareceu no campo de visão de Emily. A rocha de Tara.

Ele me verá quando passar a outra perna por cima da cerca.

Ela estava correndo pelo estacionamento; não havia onde se esconder.

Em vez de se virar para encará-la, Harlan sentou-se no corrimão superior, manteve a arma apontada para a rocha e, desajeitadamente, levantou a segunda perna. Ele pulou, seu foco em Tara.

Sua cautela era uma vantagem para Emily.

Ela saltou para a amurada do meio, deu um passo até o topo e se lançou nas costas de Harlan. O impacto o fez avançar, caindo de joelhos e caindo sobre o peito. Desligando os gritos dele, Emily se mexeu e colocou o peso sobre um joelho no centro das costas dele e enrolou a corrente em volta do pescoço dele. Uma vez e depois duas vezes.

Sua mão ficou presa dentro do laço em seu pescoço, permitindo algum espaço para respirar. Ele agitou o outro braço e sua arma disparou duas vezes. Os ouvidos de Emily zumbiam, mas ela ignorou os tiros, concentrando-se em juntar um pedaço de corrente em cada mão para aumentar a pressão em volta do pescoço dele. Ele se debateu, puxando a corrente em seu pescoço e tentando tirá-la de suas costas. Ela puxou, inclinando-se para trás, a corrente muito longa entre o pescoço e as mãos. Era como andar a cavalo.

O joelho dela escorregou para o lado, perdendo o ponto de pressão nas costas dele, e ele saiu de debaixo dela, uma mão ainda presa no pescoço. Apoiado nas mãos e nos joelhos, ele tentou virar-se para encará-la.

Nãooo!

Ela puxou a corrente e ele cortou e engasgou, mas balançou a arma para trás e disparou. Uma dor penetrante percorreu sua panturrilha. Ela se recostou ainda mais, praticamente de costas para manter a corrente esticada.

Tara se aproximou e, de sua posição no chão, chutou e empurrou suas pernas e quadris, gritando e efetivamente empurrando seu corpo em direção à beira do penhasco.

Ela vai enforcá-lo.

Se eu soltar, ele cairá nas rochas e no oceano abaixo. Se eu não soltar, ele será enforcado.

Fogo quente queimou em sua perna. Ela não conseguia pensar.

Um dos chutes de Tara arrancou a arma de sua mão, mas não fora do alcance. Seu pé bateu na arma novamente, fazendo-a deslizar, e então ela continuou seu ataque para empurrá-lo para fora da borda.

“Tara! Parar!”

Harlan emitiu sons horríveis e raivosos de asfixia, mas Emily manteve-se firme nas correntes.

Eu deixo ir?

Se ela o soltasse agora, ele poderia pegar sua arma.

Tara gritou e chutou com os dois pés ao mesmo tempo. Harlan se debateu para se afastar da borda, e o chão sob suas pernas desmoronou e desapareceu. A queda dele puxou Emily para frente e ela firmou os calcanhares. Ele a encarava agora, a maior parte do corpo pendurado na beirada, impedido de cair pela corrente em volta do pescoço. Sua mão solta

agarrou desesperadamente a terra, procurando um ponto de apoio. Emily não conseguia ver o terror nos olhos dele, mas sentia.

Sua perna machucada desabou e seu pé escorregou. Seu corpo caiu mais quinze centímetros.

“Tara! Agarre ele!”

Sua irmã ficou sentada imóvel, com o peito arfando, uma mão ainda presa ao lado do corpo, onde ela sangrava. Com um gemido suave, Tara deitou-se de costas, com a energia esgotada. O peso de Harlan puxou Emily para mais perto da borda, num deslizamento lento mas constante. Ela se viu agarrada ao penhasco quando criança, gritando por seu pai. O antigo terror enviou gelo em suas veias.

A visão de Emily se estreitou e a tontura a inundou. Uma poça de sangue brilhava na terra sob sua perna.

Eu tenho que deixar ir.

Desculpe.

Mãos agarraram a corrente perto da dela. Madison. “Eu o peguei”, ela disse a Emily. De repente, Zander estava lá, deitado de bruços, dispersando seu peso e alcançando a borda.

Ele puxou Harlan pelo cinto e Emily caiu para trás, com os músculos impotentes. Zander puxou Harlan para uma distância segura e desembrulhou a corrente. O homem ofegou e praguejou. Rolando Harlan de bruços, Zander prendeu seus pulsos com um zíper.

Ele finalmente se virou para Emily, com o rosto próximo ao dela. Sua boca se moveu. "Você está bem?" Ela mal ouviu suas palavras enquanto a consciência se esvaía.

"Eu não acho."

Dois dias depois

Uma faixa vermelha com crostas circundava o pescoço de Harlan.

Sentado em frente ao homem em uma pequena sala na prisão do condado, Zander não sentiu pena dele. A banda foi um lembrete flagrante da luta de Emily e Tara para viver.

Harlan Trapp envelheceu dez anos em dois dias. Fúria e raiva queimaram em Zander. Harlan deixou um caminho de morte e destruição para trás durante vinte anos. . . talvez mais. Que tipo de ego o fez concorrer a prefeito de uma cidade que ele assombrava e destruía?

“Comece com Cynthia Green”, ordenou Zander. “Ela tinha dezenove anos.”

Ele encolheu os ombros e Zander ansiava por socá-lo.

“Não sei de quem você está falando.”

“E se eu lhe dissesse que fomos levados até aquela garota por alguém que viu seu grupo deixar o corpo dela perto de uma árvore caída? Eles estavam com muito medo de se apresentar até agora.” Um trecho da verdade.

Alice Penn nunca seria uma testemunha confiável. Ela conhecia Harlan há anos e nunca disse nada. Ela ao menos sabia que era ele?

Harlan refletiu sobre isso, mordendo um lábio.

“O corpo de Cynthia Green não foi encontrado por acidente. Esta testemunha está pronta para falar depois de vinte anos.” Outro trecho.

Harlan recostou-se na cadeira, com uma decisão estampada no rosto. “Foi uma oportunidade. Havia muitos palestrantes em nosso grupo...”

“Seu grupo de supremacia branca que odeia raças em Portland.”

"Suas palavras."

“Pode apostar que são palavras minhas e também serão as palavras do seu advogado de acusação.”

“Tive um monte de caras fora no fim de semana – alguns novos iniciados – e avistamos a garota.”

“A adesão ao seu clube exclusivo exigia matar alguém?”

"Não." Ele se apoiou nos antebraços, sustentando o olhar de Zander. “Mas as pessoas estavam prontas para provar seu valor. Quem era eu para ficar no caminho deles?”

Zander fechou os olhos enquanto controlava sua raiva, um gosto amargo na boca.

“Todos participaram, menos Lincoln Mills”, disse Harlan com desgosto. “São sempre os maiores fanfarrões, certo? Eles se vangloriam e se gabam para se encaixar quando sabem que não são feitos da matéria certa. Ele falava muito e, quando chegou a hora de se tornar homem, ele falhou. Tentou nos impedir de levar a garota.

“A punição de Lincoln foi sua morte?”

Harlan desviou o olhar. “Havia rumores de que ele iria à polícia por causa da garota negra.”

“Você limpou a casa antes que isso acontecesse.”

"Algo parecido."

“Quem eram os outros homens?”

“Dei ao xerife Greer uma lista de nomes.”

“E quanto a Greer? Ele andava com alguns de vocês naquela época.”

Harlan zombou. "Seriamente? Ele não tem espinha dorsal.”

Zander discordou. Ele teve problemas com o xerife quando apareceu pela primeira vez no local dos assassinatos de Fitch, mas o xerife conquistou seu respeito. Ele realmente se importava com as pessoas que viviam em seu condado.

“Houve alguma outra vítima além de Cynthia Green?” Zander verificou atentamente a existência de pessoas desaparecidas e crimes não resolvidos na área envolvendo pessoas de cor, mas não encontrou nenhum.

Harlan desviou o olhar. “Ouvi dizer que houve alguma atividade em Portland. Eu não estava lá. Realmente não posso ajudá-lo. Tudo que ouvi foram rumores. . . sem nomes.

Certo.

“Como Sean Fitch se envolveu?”

Harlan mexeu-se na cadeira, com desconforto no rosto. “Simon Rhoads o enviou em minha direção. Disse que tinha dúvidas sobre a história da região.

Zander esperou.

Lambendo os lábios, Harlan continuou. “Ele tinha um monte de perguntas sobre Xangai por aqui. Um dos meus ancestrais administrava uma taverna famosa por isso. Junto com as informações que tinha sobre a operação do meu parente, mostrei-lhe algumas bugigangas antigas que

tinha. Alguns scrimshaw, alguns anéis e pulseiras, um diário. Ele fez uma careta. “Um relógio de bolso.”

Ah, sim.

“Ele abriu o relógio, olhou para ele e depois colocou-o de volta com as outras coisas. Ele perguntou se poderia voltar novamente se tivesse mais perguntas e eu concordei. Ele voltou dois dias depois. Ele trouxe algumas fotos históricas de Bartonville de Simon. Alguns não eram tão velhos. Ele me disse que Simon havia identificado a maioria dos homens em uma das fotos e perguntou se eu sabia o resto, já que estava em uma das fotos.

“Acho que conheço a foto da qual você está falando. Lincoln Mills e o xerife estão envolvidos nisso?”

“Sim. Eu não sabia que ainda existia. Simon guarda tudo. Eu disse que não conseguia me lembrar dos dois homens não identificados e Sean não acreditou em mim. Ele estava entusiasmado e com raiva. Ficou na minha cara. Disse que sua pesquisa lhe disse que Lincoln estava envolvido com alguns grupos nacionalistas e enfiou o relógio de bolso na minha cara como se fosse algum tipo de prova. Eu disse a ele que ele estava falando merda, mas ele estava furioso. Harlan franziu a testa. “Então ele perguntou sobre o desaparecimento de Cynthia Green.”

A surpresa atingiu Zander. “Ele descobriu que você estava envolvido nisso?”

“Não exatamente. Acho que ele estava se agarrando a qualquer coisa, mas me pegou desprevenido e minha reação o convenceu de que estava no caminho certo. Ele continuou pressionando – não calava a boca. Ele saltou para a morte de Lincoln e me perguntou se eu havia escolhido especificamente o enforcamento para defender minha opinião.”

Zander tentou imaginar o que teria sido necessário para o jovem — que todos juravam ser o cara mais legal do mundo — acusar o prefeito da cidade de assassinato. Duas vezes. O rosto morto de Sean passou pela mente de Zander e a admiração pelo professor do ensino médio aumentou.

Por que pessoas assim são punidas enquanto o lodo diante de mim ainda vive?

“Parece que Sean tinha seu número.”

“Quando ele saiu naquela noite, vi que o relógio de bolso havia sumido. O relógio tem as iniciais de Mills junto com...”

“Um ditado da Klan. Eu vi o relógio. Foi encontrado nos assassinatos de Fitch. Sean o viu em sua posse, viu você em uma foto com outros supremacistas brancos, provavelmente fez uma pequena pesquisa sobre o enforcamento de Mills e descobriu a menção de um relógio de bolso desaparecido...

“Sim, há um artigo onde Brenda Mills é citada implorando pela devolução do relógio, dizendo que seu marido sempre o carregava consigo.”

Zander gostou da expressão taciturna no rosto de Harlan ao reconhecer que suas próprias ações o haviam enganado.

“Procurei o relógio na casa dos Fitches”, disse Harlan. “Não encontrei.”

Sean devia estar com ele quando foi arrastado para fora.

“Você decidiu que Sean tinha que morrer antes de ir à polícia e sugeriu que eles investigassem você para o enforcamento de Lincoln Mills.”

Harlan ficou em silêncio.

“Como você conseguiu que Billy ajudasse você?”

“Um pouco de dinheiro ajuda muito com Billy. E uma ameaça de entregar provas de que ele estava traficando GHB.”

“Quem drogou os Fitches?”

“Billy. Ele e seu irmão negociam um pouco de GHB paralelamente. Não é difícil de fazer. Ele adicionou a uma garrafa de vinho e disse a Lindsay para compartilhar com Sean naquela noite. Ela e Billy tiveram um caso, você sabe. O olhar malicioso de Harlan revirou o estômago de Zander. “Bem, talvez não seja nada. Ela estava um pouco bêbada uma noite no bar, há algumas semanas, e ficou com ele. Depois disso, ele a chantageou, ameaçando contar ao marido sobre aquela noite. Afirma que ele tinha fotos.

“Não consigo imaginar Lindsay tendo alguma coisa a ver com um idiota como Billy, não importa o quanto ela tenha bebido.” Tanto Emily quanto Madison adoravam a mulher.

“Bem . . . Suspeito que Billy tenha colocado alguma coisa na bebida dela naquela primeira noite.

Zander não ficou chocado; As ações de Billy Osburne já não o surpreendiam. “Por que Lindsay?” ele perguntou. “Você não precisava matá-la também.”

“Ela é uma traidora racial.”

Calafrios prenderam os membros de Zander com as palavras feias. Harlan Trapp era puro ódio. A descrição do médico legista sobre o grande número de facadas em ambos os corpos ecoou em sua cabeça. Zander suspeitava que havia um alto nível de raiva envolvido.

Ele estava certo.

“Tive mais problemas com as ações dela do que com as de Sean. Ela se casou com o merda e depois o traiu com Billy. Prostituta barata.

“Presumo que ele drogou a cerveja de Nate Copeland antes de matá-lo. Nate viu você na casa dos Fitches?”

“Eu não tinha certeza. Billy e eu estávamos na floresta atrás da casa quando Emily e Nate chegaram. Ficamos até tarde tentando acender o fogo. . . Deveríamos ter saído assim que vimos Emily, mas eu queria que todas as evidências fossem destruídas.

“Você decidiu jogar pelo seguro e eliminar quaisquer possíveis testemunhas.” Zander ficou muito quieto. “Você atirou em Emily.”

Harlan coçou o braço. “Só estava tentando assustá-la.”

“Besteira. Você estava começando a entrar em pânico e ficando desleixado. Você não assusta as pessoas, você as mata. Você quase matou um agente do FBI e Emily naquele dia.

O homem simplesmente olhou para ele. Sem arrependimento.

“Quem jogou animais mortos na Mansão Barton?”

Harlan bufou. “Isso é tudo que Billy está fazendo, idiota. Ele também cortou alguns pneus. Ele guarda um rancor de longa data contra os Bartons, que remonta ao fechamento da fábrica e à perda do emprego de seu pai. Idiota. Como se aquelas três galinhas velhas tivessem alguma coisa a ver com o fechamento.

Padrões à la Harlan.

“O incêndio que você provocou na morte de Lincoln Mills poderia ter matado toda a sua família.”

Um músculo se contraiu na bochecha de Harlan.

“Por que diabos esta cidade elegeu você prefeito? Pelo que ouvi, seu nome está ligado a rumores de racismo há anos.”

Harlan parecia confuso. “Você realmente acha que as pessoas se importam? Eles eram apenas rumores. Além disso, fiz muito bem a esta cidade.

Zander não concordou. “O que você acha do fato de Chet Carlson passar vinte anos na prisão?”

“Ele não deveria ter sido tão estúpido e se confessar culpado.” Harlan franziu a testa, perplexo. “Quem admite um assassinato que não cometeu?”

Harlan Trapp passaria o resto da vida na prisão. Zander deveria se sentir exultante por Harlan não estar lutando contra as acusações, mas em vez disso ele se sentiu esgotado e vazio pela exposição ao modo como o cérebro de Harlan funcionava. Foi narcisista. Indiferente. Torcido.

Zander parou de fazer perguntas a ele.

Mas ele tinha perguntas para Tara.

Depois de sair da prisão do condado, Zander dirigiu até a mansão. O tempo melhorou, mostrando um céu sem nuvens pela primeira vez desde que Zander chegou à costa. O oceano e o céu eram de um azul rico, mas a temperatura estava fria em quarenta e cinco graus.

Tara e Emily foram tratadas e tiveram alta do hospital naquela manhã. Ambos os ferimentos à bala causaram danos musculares e sangramento intenso. Zander havia conversado com os dois várias vezes. Os médicos estavam otimistas quanto à recuperação, mas nenhuma das mulheres se recuperaria muito em breve.

Vina o deixou entrar na mansão e o conduziu para cima quando ele perguntou por Tara. Ele bateu na porta aberta de um quarto onde Tara estava sentada em uma cadeira de balanço, olhando pela janela.

Ela pulou com a batida e então estremeceu, uma mão indo para o seu lado. "Agente Wells."

"Me chame de Zander."

Seu olhar castanho olhou para ele com ceticismo, mas ela concordou. "O que posso fazer para você?"

"Eu tenho algumas perguntas."

"Você e todo mundo. Já conversei com detetives dos departamentos de polícia do condado e do estado. Eu esperava que você me desse um tempo. Uma pequena contração no canto dos lábios lhe disse que ela estava brincando.

Naquele segundo ela o lembrou de Emily. Seu sorriso e o formato de seu rosto eram como os de Madison, mas a atitude e a intensidade em seus olhos no momento eram todas de Emily.

"Eu te agradei pela outra noite?" ela perguntou. Então ela fez uma careta. "Talvez eu não devesse agradecer. Ele ainda está vivo por sua causa.

"Você não queria que ele caísse do penhasco."

"Queres apostar?" ela perguntou suavemente.

"O que aconteceu na noite em que seu pai morreu?" ele perguntou abruptamente, um pouco perturbado pela verdade que ouviu nas palavras dela.

Ela olhou de volta pela janela. "Eu não tenho certeza."

Ela está mentindo. Ele esperou.

“Estávamos chapados”, ela finalmente disse. “Eu queria acreditar que era um sonho.”

"Você e quem?"

Olhos ferozes encontraram os dele. “Meu amigo não se lembra de nada. E Harlan nunca a viu, então não sabe que ela estava lá. Eu não a coloquei nisso naquela época e não farei agora. Ela engoliu em seco. “Pelo que pude perceber, meu amigo e eu voltamos para minha casa no meio da noite. Não sei por quê. De alguma forma, ela nos levou de ida e volta, nós dois chapados como pipas.

“Você teve sorte de não ter matado ninguém.”

A culpa brilhou.

“Você não matou ninguém”, Zander disse a ela, entendendo que ela se sentia parcialmente responsável pela morte de seus pais de uma forma distorcida.

Ela não parecia convencida. “Acho que viríamos até minha casa para entrar furtivamente e pegar mais maconha no meu quarto.”

“Você guardava maconha no seu quarto?” Emily estava certa. Tara estava lá naquela noite.

“Eu era um adolescente.” Ela franziu a testa. “Com irmãs muito bisbilhoteiras, eu sabia esconder as coisas. Acho que nenhum deles já o encontrou.

“O que você viu lá fora?”

Tara respirou fundo. “Não me lembro de ter visto meu pai, mas acho que me lembro de vários homens fora de casa e de ter uma necessidade enorme de me esconder deles. Não sei por que – foi apenas uma sensação. Algo maligno pairava. Lembro-me de dizer ao meu amigo para correr e que precisávamos ir embora. Ainda posso sentir minhas mãos afastando os galhos e sentir o cheiro da fumaça.” Um olhar assombrado entrou em seus olhos. “Eu não vi fogo. Não me lembro de sair ou voltar para a casa do meu amigo. Na manhã seguinte, me convenci de que era apenas um sonho. Então a polícia veio antes que eu perguntasse ao meu amigo sobre isso. A reação dela à polícia foi de puro choque, então eu sabia que ela não se lembrava.”

“Sua mãe estava lá fora naquela noite?”

Tara franziu a testa. “Eu nunca a vi. Ouvi dizer que ela estava dormindo até Emily acordar todo mundo.

“Mas Harlan viu você naquela noite.”

"Ele fez. Eu não sabia até que ele veio até mim dois dias depois. A essa altura, eu já estava convencido de que não estava lá e tive dificuldade em acreditar na acusação dele.”

“Você tem sorte de estar vivo. Ele tem o hábito de matar as pessoas que acredita que podem causar problemas para ele.”

Seu rosto ficou vermelho e ela baixou o olhar.

Ah Merda.

“Você estava envolvida com ele,” ele disse categoricamente, seu estômago revirando com o pensamento. “Ele deve ser vinte anos mais velho que você... e você era uma criança.”

“Eu tinha dezoito anos”, ela retrucou. “As pessoas me olhavam como um adulto – especialmente os homens. Você sabe quantos homens me fizeram propostas quando eu tinha dezesseis anos? Homens casados. Homens com idade suficiente para serem meus avôs.

"Desculpe-"

"Não é sua culpa. Mas isso me fez me ver de forma diferente, sabe? Eu acreditava que eles me queriam porque eu era especial. A atenção foi boa. Depois de um tempo eu procurei. Pelo menos Harlan não era casado.

“Harlan disse que viu você na floresta na noite da morte de seu pai. Então o que?”

“Ele me disse para sair da cidade e nunca mais voltar, ou ele mataria minhas irmãs e minha mãe.” Seu olhar era firme, sua voz monótona.

Parece o Harlan que conheço.

“Você recebeu passe livre por causa do seu relacionamento.”

“Minha vida não tem sido um passe livre.” O fogo brilhou em seus olhos. “Você sabe o que é acreditar que o homem com quem você dormiu assassinou seu pai? E eu acreditei plenamente que ele matou minha mãe até que Emily me disse o contrário – ainda não entendi que ela cometeu suicídio. Naquela época, a morte dela era a prova de que ele estava falando sério. Minhas irmãs seriam seus próximos alvos. À medida que fui crescendo, sabia que meu marido e minha filha poderiam ser alvos.”

“Acho difícil acreditar que você simplesmente fez as malas e deixou Bartonville.”

Uma sobrancelha levantou-se. “Isso é exatamente o que eu fiz. Quando eu disse às pessoas que estava indo embora, ninguém pareceu muito

surpreso.” Ela forçou uma risada. “Eu tinha a reputação de ser uma criança selvagem. Uma vagabunda. Meus pais estavam perdendo o juízo comigo. As pessoas ficaram felizes em me ver partir.”

“Suas irmãs não estavam felizes. Nem suas tias.

“Não importa agora.” Sua voz falhou e a dor brilhou.

“Você vai sair de novo?”

“Não”, ela disse com firmeza. “Pela primeira vez em vinte anos, sinto que posso respirar. Não preciso mais olhar por cima do ombro ou temer que minha filha seja morta.” Ela inclinou a cabeça, admiração em seus olhos. “Você não tem ideia de como o mundo parece diferente para mim hoje. Não sei o que fazer comigo mesmo porque não estou focado em me esconder. Duas décadas de padrões de pensamento arraigados de repente não têm propósito. Por um lado me sinto livre. . . por outro, perdi o ímpeto que impulsionou todas as minhas ações durante anos.”

“Você encontrará coisas novas pelas quais se esforçar. Suas irmãs, suas tias, um novo mundo para sua filha.”

“Eu vou, mas vai demorar um pouco para me acostumar. Bella merece conhecer sua família e vice-versa, então passaremos muito tempo aqui no litoral no futuro. Eu senti falta disso. O rosto dela suavizou-se. “Não há nada como o cheiro do oceano. Evitei toda a costa desde que saí.”

“Sua família ficará feliz em ter você de volta.”

“Emily e eu conversamos e temos muito que conversar. Eu senti muita falta. Quando pensei que Harlan estava prestes a me matar naquele mirante, fiquei com raiva. Zangada por ele ter me feito perder minha mãe e meu pai e depois vinte anos com a família que me restava.”

— Emily lhe contou que se recusou a procurar você durante todo esse tempo?

“Não.” Surpresa registrada em seus olhos.

“Ela estava preocupada que você estivesse envolvido na morte de seu pai. Ela viu você lá fora naquela noite e então você saiu da cidade. Ela estava com medo de descobrir a verdade sobre o motivo pelo qual você foi embora.

Tara ficou em silêncio.

“Madison procurou por você quando ficou mais velha. Ela discutia com Emily porque ela se recusava a ajudar, mas Emily nunca contou a Madison sobre suas suspeitas sobre o seu envolvimento.

“É um fardo pesado para carregar por duas décadas”, sussurrou Tara.

“Em uma lógica distorcida, ela estava tentando proteger você.”

Tara fungou e enxugou os olhos.

“Tanto Madison quanto Emily estão muito felizes por ter você em suas vidas novamente. Bela também.”

“Elas são boas irmãs”, disse Tara. Seu olhar ficou curioso. "E você? Você estará por perto também?"

Ele piscou. “Eu trabalho em Portland.”

Ela lançou-lhe um olhar fulminante. “Estou perguntando sobre Emily. O ar estala sempre que vocês dois estão na mesma sala.”

Ele sorriu. Aparentemente Tara falou o que pensava como Emily fez. “Isso é com ela.”

"Talvez você devesse persuadi-la."

"Eu estou trabalhando nisso."

"Você vai ficar para o chá?"

“Eu não sentiria falta.”

“Contratei duas garçonetes. Acho que vão dar certo — disse Madison a Emily enquanto esperavam à mesa que as tias terminassem a surpresa que estavam fazendo na cozinha para o chá. Emily parecia quase de volta ao normal. Ela usava muletas para aliviar o peso da panturrilha machucada e o curativo em seu cabelo havia sumido. Eles raspavam parte do couro cabeludo quando costuraram o corte do acidente, mas o cabelo cobria quase todo.

Madison quase perdeu outra irmã. Duas vezes.

Pela graça de Deus, ela agora tinha os dois.

Com Emily fora de serviço nos últimos dois dias, Madison se apresentou no restaurante. Ela sabia como administrar o restaurante, mas esta foi a primeira vez que sentiu prazer com a responsabilidade.

Uma sensação estranha.

“As tias disseram que eu só deveria contratar uma – uma garota para fazer o turno de Lindsay – porque elas cobririam o chão até você voltar.” Madison sorriu enquanto revirava os olhos e Emily riu.

“Absolutamente não”, concordou Emily. “Eles podem preencher algumas horas aqui e ali, mas se fizessem isso em tempo integral, estaríamos falidos. Eles dão muita comida de graça.”

Era verdade. As tias não gostavam de cobrar das famílias todas as refeições das crianças ou receber pagamentos de amigos que sabiam que estavam com dificuldades financeiras. “É só um pouco de comida. Podemos dispensá-lo”, diziam eles, culpados, a Madison quando ela os pegava. O restaurante podia poupar comida, mas não metade das receitas do dia.

Madison relaxou em sua cadeira e percebeu que esta era a primeira vez em muito tempo que uma nuvem de tensão não pairava mais entre ela e Emily. “Você sabe, Em,” Madison começou, mas ela parou. Sua garganta se contraiu quando emoções há muito esquecidas começaram a fluir. Ela lambeu os lábios e continuou. “Fiquei morrendo de medo quando vi você lutando no limite com Harlan e Tara. Parecia a vez em que vi você escorregar quando éramos crianças. Tudo o que pude fazer naquele dia foi gritar. Eu estava indefeso.”

Emily ouviu, com toda a atenção voltada para Madison.

“Mas desta vez eu poderia fazer algo e não hesitei. Zander me disse para ir encontrar os policiais que vinham pela estrada, mas algo me disse para segui-lo. Estou feliz por ter feito isso.

“Estava a uma fração de segundo de deixá-lo cair”, admitiu Emily. “Estou feliz que você estava lá.”

As irmãs se estudaram, sem saber como lidar com a nova emoção entre as duas.

Madison respirou fundo. “Eu sempre tive tanto ciúme de você.” Madison não percebeu que tinha algo a dizer. Suas palavras vieram do nada.

“Meu?”

“Você sempre foi tão perfeito. Você cuidou de todos, especialmente de mim. Agora que ela começou, Madison não conseguiu parar a erupção. “Eu afastei todo mundo.”

Emily baixou o olhar. “Dói que você não tenha percebido como sua indiferença afetou a mim ou às tias”, disse ela suavemente. “Parecia que não valíamos a pena nos preocupar.”

Uma onda de arrependimento atingiu Madison. Ao proteger seu coração, ela machucaria as pessoas em sua vida. “Eu não queria que meu coração fosse destruído novamente”, ela sussurrou. “Primeiro papai, depois mamãe e depois Tara. Isso me rasgou por dentro. Achei que seria melhor se eu não estivesse perto de ninguém novamente. Principalmente família. Dessa forma, eu nunca sentiria que meu mundo estava sendo devastado novamente.”

Os olhos de Emily estavam úmidos. “Você era tão jovem quando eles morreram. Posso ver por que você se sentiu assim.

“Você era apenas três anos mais velho. . . mas você lidou com isso como um adulto. Eu não sabia como fazer isso.”

“Não tive escolha a não ser me levantar”, disse Emily. “Todo mundo se foi. Eu tive que proteger você.

As mulheres ficaram em silêncio por um longo momento, olhando uma para a outra.

A enormidade dos anos que ela perdeu atingiu Madison. Tara não foi a única que sacrificou sua família.

Ela odiava a ideia de ser vulnerável. Mas para recuperar o que havia perdido com as irmãs, teria que fazer exatamente isso e correr o risco.

Não tenho nada a perder. E tudo a ganhar.

Madison sorriu. “Gostei de ser o chefe da lanchonete. Você deveria me deixar fazer isso com mais frequência.

A indecisão brilhou nos olhos de Emily e Madison mordeu a língua para conter o riso. Sua irmã sempre lutou para abrir mão do controle. “Deixe-me provar isso.”

Emily hesitou. “Eu posso concordar com isso. Vamos ver como vai ser até eu me recuperar.”

“Tara disse quanto tempo ela ficaria?” Madison perguntou, mudando de assunto antes que Emily pudesse mudar de ideia.

“Mais alguns dias. Foi bom conhecer Bella. E Wendy.

“Bella ama a mansão,” Madison disse a ela. “Ela me fez mostrar cada centímetro a ela.”

“É como um castelo para uma menina. Mas a casa deles em Beaverton é muito bonita. Emily fez uma pequena careta. “Tara tem me incomodado para passar algumas semanas com eles. Ela fez isso com você?”

— Ela fez isso — Madison mentiu. “Mal posso esperar.” Tara havia feito um convite aberto para uma visita, mas Madison percebeu que Tara havia concentrado sua energia em fazer com que Emily se comprometesse.

Madison suspeitava que ela sabia por quê.

Emily olhou além de Madison, seu rosto se iluminando. Madison se virou na cadeira e viu Zander ajudando Tara a entrar na sala. Ela sorriu.

Ele é a razão pela qual Tara está se esforçando para aproximar Emily de Portland.

As tias invadiram a sala de jantar ao mesmo tempo, conversando sem parar, com as mãos ocupadas com os utensílios de chá e os pratos de biscoitos coloridos.

“Macarons!” A boca de Madison encheu de água ao ver os delicados biscoitos franceses. “Onde você os conseguiu?”

“Simon”, Dory anunciou, seu sorriso quase tão largo quanto seu rosto.

Zander ajudou Tara a se sentar em uma cadeira ao lado de Madison e depois sentou-se ao lado de Emily. Eles trocaram um olhar satisfeito e ele se aproximou para fazer uma pergunta, frustrando Madison, pois a conversa das tias a impedia de escutar.

Ela começou a lançar um olhar irritado para as tias, mas congelou ao ver os sorrisos felizes das mulheres. Tenho sorte de ter tias que conversam.

Ela olhou de Tara para Emily, seu orgulho crescendo. E duas irmãs.

Não haveria mais como manter todos à distância.
Eles valem a pena.



"Como você está se sentindo?" Zander perguntou a Emily. Seu sangue aqueceu ao som de sua voz enquanto seu olhar segurava o dela.

"Melhor a cada dia."

"Nós precisamos conversar."

Seu coração gaguejou. Ele mudou de ideia? Mas não havia arrependimento ou preocupação em seu rosto. Ele parecia mais relaxado do que ela jamais o vira, seus olhos cinzentos eram serenos e pacientes.

Meus dedos dos pés simplesmente enrolaram?

"Você está dizendo que o caso Fitch acabou?" ela perguntou, curvando os lábios, lembrando-se da promessa que ele fez a ela em seu SUV.

"Eu sou." A satisfação coloriu suas palavras.

"E agora?" A preocupação despertou. Ela havia pensado muito sobre se queria um relacionamento à distância, e a resposta lhe escapou. Dirigir de um lado para o outro por horas desgastaria ambos.

Vale a pena tentar?

Tara.

O olhar de Emily foi para sua irmã enquanto conversava com tia Thea, uma suspeita se formando. "Tara quer que eu passe algumas semanas com ela. Ou mais. Ela tem sido muito persistente sobre isso."

Zander inclinou a cabeça. "Você não diz."

"Fingir inocência não combina com você."

"Levar você para mais perto de Portland por um tempo foi ideia dela. Você conhecerá ela e Bella, e poderemos passar um tempo juntos sem que eu esteja trabalhando. Ele estudou o rosto dela. "Você fará isso?"

"Sim." Absolutamente. Ela não conseguiu conter o sorriso.

"Bom . . . e encontrei algo em que você pode estar interessado. Ele entregou-lhe uma caixa pequena e estreita. "Madison me disse o quanto isso significou para você e suas irmãs. E Simon Rhoads me ajudou a encontrá-lo. Você tem razão . . . ele fará qualquer coisa por Dory... ou por você.

Emily pegou a caixa apreensiva. "Você não precisava..."

"Não é nada."

Seu olhar estava na caixa, evitando os olhos dela. É alguma coisa.

“Eu sei que o original se perdeu no incêndio, mas este está perto”, disse ele.

Ela mal conhecia Zander Wells. Ela não sabia onde ele havia crescido, se gostava de seu bife ou que tipo de música gostava. Mas ela o conhecia. Ela conhecia seu caráter; ele tinha integridade, honra e inteligência.

Ele era um bom homem.

Ela levantou a tampa da pequena caixa branca e perdeu o fôlego. "Onde você achou isso?"

“Como eu disse, Simon fez a maior parte do trabalho. Perguntei a ele sobre isso e tornou-se uma missão para ele.” Ele se inclinou mais perto.

A pulseira de botões na caixa começou a ficar confusa. Ela o pegou, examinando cada botão. Alguém investiu muito tempo e esforço para fazer uma pulseira muito especial.

Droga, como eu amei o original.

Esta pulseira era tão parecida. Mas esse não era o aspecto importante. O importante era que Zander tivesse ouvido e se importado.

Ela piscou para afastar as lágrimas e o estudou. Uma nova vulnerabilidade brilhou em seus olhos.

Como isso aconteceu tão rápido?

“Preciso de um acompanhante para um casamento neste verão”, ele finalmente disse, sustentando o olhar dela.

“Ava?” Emily esperava ver o agente novamente.

"Você irá comigo? Ela ficaria emocionada em ver você.

"É isso que você quer?" ela perguntou, com um tom em sua pergunta, o coração na garganta.

"Absolutamente."

AGRADECIMENTOS

Obrigado a Colleen Lindsay e Anh Schlupe, que me ajudaram a pensar no esqueleto desta história, e a Charlotte Herscher, que supervisionou a adição da carne.

Meus leitores imploraram por um livro para Zander Wells desde sua primeira aparição na minha série Callahan & McLane, e estou animado por ter encontrado uma maneira de fazer isso acontecer.

Obrigado a todos os suspeitos do costume da minha equipe Montlake. Conto minhas bênçãos todos os dias por trabalhar com a editora mais inovadora do mundo.

Muito obrigado à minha parceira no crime, Melinda Leigh, que pacientemente me ouve gemer e gemer quando as palavras não vêm e sempre sugere que eu exploda alguma coisa quando minha trama emperra.

QUER SABER COMO ZANDER, MASON E AVA SE CONHECERAM? LEIA O PRIMEIRO CAPÍTULO DE DESAPARECIDO, O PRIMEIRO LIVRO DA SÉRIE CALLAHAN & MCLANE

Mason Callahan não via Josie há três meses.

A magreza de seu rosto e as reentrâncias acima das clavículas lhe disseram que ela havia perdido peso. De um jeito ruim.

O tempo não foi gentil com ela, e as feridas em suas bochechas sugeriam que a metanfetamina era provavelmente o novo amor de sua vida.

Houve um tempo em que ele lutou contra a atração pela mulher.

Ela era doce e ansiosa para agradecer, uma mulher bonita com um estilo de música country saudável.

Ela e Mason compartilhavam uma origem rural e um gosto musical semelhante que a tornava mais agradável do que seus outros informantes confidenciais.

Mas agora ela nunca mais trabalharia com ele.

Seus dedos apertaram a aba do chapéu de cowboy em sua mão e ele engoliu em seco ao ver o corpo contorcido dela no chão do banheiro de seu apartamento apertado.

A raiva turvou abruptamente sua visão. Alguém havia acertado seu crânio com um taco de beisebol. A arma do crime foi jogada no chuveiro, com sangue e cabelos grudados no bastão.

“Santa mãe de Deus”, murmurou seu parceiro, Ray Lusco.

Os dois detetives passaram vários anos respondendo a crimes brutais como parte da Unidade de Crimes Graves da Polícia do Estado de Oregon. Mas esta foi a primeira vez que ambos conheceram a vítima. O assassinato de Josie não seria o caso deles.

O sargento atribuiu-o a outra dupla de detetives, sabendo que Mason havia trabalhado com Josie diversas vezes para obter informações durante um caso de assassinato de prostituta. Os detetives Duff Morales e Steve Hunsinger foram a equipe escolhida para encontrar justiça para Josie. Mason olhava por cima dos ombros e cavalgava o tempo todo.

“Você conseguiu seu visual. Agora saia da cena do crime”, disse Morales do corredor.

Mason olhou para o homem, mas não se mexeu. Ele e Ray ainda estavam estudando a cena. Josie quebrou os dedos. Ela tentou se proteger do bastão, talvez até tentou agarrá-lo do agressor. Quando ela estava no chão do banheiro, o agressor continuou a espancá-la. Arcos de sangue subiam pelas paredes até o teto, onde a arma havia derramado sangue ao ser chicoteada para outro golpe em sua cabeça.

“Quais são os pedaços de metal verde quebrado perto da cabeça dela?” Lusco perguntou.

“Brincos. Bolas de Natal”, respondeu Morales.

Mason jurou silenciosamente. A família de Josie a esperava no Natal da próxima semana? Ela tinha família? Ele tinha visto a árvore de plástico decorada na sala dela. Alguns presentes estavam escondidos abaixo, esperando mãos ansiosas para abri-los.

Mason fechou os olhos, lembrando-se da última vez que encontrou Josie no Starbucks, a quatro quarteirões de distância. Ela pediu o maior e mais açucarado Frappuccino do cardápio e falou a mil por hora. Ela já estava usando metanfetamina? Ele presumiu que ela estava com excesso de cafeína e solitária. Até as prostitutas ficam sozinhas para conversar. Eles eram um par estranho. A prostituta alegre e o detetive cowboy.

Ele a seguiu de volta ao seu minúsculo apartamento porque ela tinha cerca de vinte anos de um cliente que participou de uma recente apreensão de drogas. Mason queria dizer a ela que as contas provavelmente não teriam impressões digitais nem ajudariam na investigação, mas ele concordou porque ela queria ajudar e parecia precisar de companhia.

Estar em sua casa foi um pouco estranho. Ele estava hiperconsciente da intimidade de simplesmente permanecer no espaço feminino dela. Ela lhe ofereceu um refrigerante, que ele recusou, mas ele aceitou a sugestão dela de pegar uma garrafa de água na geladeira para a viagem. Sua geladeira continha água, refrigerante e leite. Nada mais. O que ela comeu? Ele deveria saber então que ela estava usando drogas em vez de calorias para funcionar. Ele trocou as notas dela por algumas do próprio bolso e ofereceu-lhe sessenta dólares extras. Ela recusou educadamente, mas ele colocou o dinheiro debaixo do saleiro no balcão da cozinha e ela fingiu não notar.

Mason já tinha visto o suficiente do sangue de Josie. Ele se virou e passou por Lusco e pela outra dupla de detetives, evitando contato visual. Ele entrou em sua pequena cozinha. A cozinha era um poço fedorento de

pratos sujos e recipientes de comida para viagem. Em sua visita anterior, estava imaculado.

O saleiro ainda estava lá — parte de um conjunto de gatos prateados — mas o dinheiro havia sumido. Ele examinou a sala triste. Não era nem um quarto, parecia mais um grande armário com pia e um pequeno micro-ondas. Ele queria abrir a geladeira para ver se ela finalmente havia acrescentado comida, mas sabia que não poderia tocar em nada até que a unidade de cena do crime processasse o apartamento. A cozinha apresentava rachaduras nas bancadas devido ao tempo e ao uso intenso. Mais ou menos como Josie sempre foi. Suas rachaduras apareceram nas linhas de tensão ao redor dos olhos e da boca. Linhas que não deveriam estar presentes em uma mulher com menos de trinta anos.

Quem escapou de você, Josie?

Ela disse a Mason que nunca levava clientes para seu apartamento.

Ela manteve uma linha cuidadosa entre seu trabalho e onde morava. Ela havia quebrado sua própria regra? Ou alguém a seguiu?

“Apenas mais uma prostituta morta”, disse uma voz atrás de Mason.

Ele se virou e encontrou um policial desconhecido de Portland estudando-o com olhos penetrantes.

“Mostre um pouco de respeito”, retrucou Mason.

O oficial sorriu e Mason quis usar o bastão ensanguentado em sua cabeça.

“Ela foi pega três vezes no último mês. Duas vezes por intoxicação pública e uma vez por uma briga com outras prostitutas. Tenho dificuldade em sentir pena dela”, afirmou o policial.

Mason ficou surpreso. Isso não parecia a Josie que ele conhecia. Por que ela não o procurou se estava tendo problemas? Ele já havia suavizado pequenos problemas antes. Ela se envolveu em algo que não queria que ele soubesse?

“Vamos sair daqui”, disse Ray. O parceiro de Mason moveu-se silenciosamente até a porta da cozinha do tamanho de um armário e provavelmente testemunhou a raiva no rosto de Mason.

Mason colocou o chapéu na cabeça e passou pelo uniforme.

O oficial mal se virou para lhe dar espaço para sobreviver.

“Belo chapéu”, o oficial murmurou para as costas de Mason.

Mason o ignorou. Ele não se importava com as cutucadas ocasionais sobre seu chapéu. Ou suas botas de cowboy. Ele estava confortável com suas roupas. Chapéus de cowboy eram raros no lado oeste da cordilheira Cascade, mas quando ele voltou para sua cidade natal, Pendleton, no lado leste do estado, eles apareceram em todos os lugares.

No momento, ele estava chateado por não ter verificado Josie.

Geralmente ele ouvia dela uma vez por mês com informações que ela queria vender. Ele não ouvia um pio dela há três meses, e ela não tinha passado pela sua cabeça.

Culpa.

Ele seguiu Ray até a porta do apartamento e desceu a escada escura. Eles evitaram o elevador do antigo prédio de apartamentos. As escadas podiam cheirar a mijó, mas era melhor do que ficar preso por algumas horas em um elevador velho e barulhento. Aconteceu duas vezes com outros detetives em outros edifícios. Mason não se importou em compartilhar a experiência.

Ele empurrou a porta externa para o sol forte e respirou fundo o ar gelado. Foi uma daquelas raras semanas de inverno claro no noroeste do Pacífico, em que os residentes pegavam os óculos escuros e fingiam não precisar de casacos pesados. A pele de Mason encharcada pelo sol que se escondia atrás de nuvens de chuva cinza-escuras há meses. Ele quase tinha esquecido que o céu podia ser de um azul tão intenso.

Alguns grupos de pessoas aglomeraram-se na calçada, semicerrando os olhos por causa do sol e especulando enquanto estudavam os quatro carros da polícia estacionados em fila dupla. O bairro de Portland era formado por dezenas de prédios de apartamentos baixos e casas antigas em ruas estreitas. Era um bairro conhecido por sua população de universitários e adultos transitórios. Ninguém ficou muito tempo. Ray olhou para o relógio.

“Quase meio-dia. Quer comer alguma coisa?”

Mason murmurou que não estava com fome enquanto pegava seu celular silenciado. Ele tinha cinco ligações perdidas de sua ex-mulher. Merda. Jake.

Seu coração acelerou e ele retornou as ligações com dedos abruptamente gelados. “Algo está acontecendo com Jake”, ele disse a Ray. “Robin ligou cinco vezes na última meia hora.”

“Ele voltou da faculdade para as férias de inverno?” Ray perguntou.

“Robin o pegou no aeroporto há dois dias. Não ouvi uma palavra do garoto, exceto uma resposta à minha mensagem perguntando se ele havia pousado em segurança.” Seu filho morava com a ex-esposa, o novo marido e as filhas juntas. Mason planejou entrar em contato com seu filho neste fim de semana para ver se ele queria ir ao próximo jogo de basquete dos Trail Blazers.

Assim como ele esperava que o celular de Robin caísse na caixa postal, ela finalmente atendeu. "Pedreiro?" ela perguntou.

Quase dez anos se passaram desde o divórcio, mas ele sabia pelo tom de voz dela que ela estava apavorada.

"O que aconteceu? Jake está bem? ele latiu ao telefone.

"Jake está bem." A voz de Robin falhou. "É Henley. Ela está desaparecida.

Ela começou a soluçar.

A mente de Mason ficou em branco. Henley? Quem-

"Lucas está uma bagunça", Robin chorou.

Ah, sim. Henley era enteada de Robin. Mason não conseguia se lembrar da idade da garota. Início da adolescência? Jake raramente a mencionava, e Mason só conheceu a garota uma ou duas vezes. Ela morava com a mãe a maior parte do tempo.

"Quando ela foi vista pela última vez? Você ligou para a polícia? Há quanto tempo ela está desaparecida? Mason disparou perguntas rapidamente para seu ex.

"É claro que chamamos a polícia. Xerife do condado de Clackamas. Ela está desaparecida desde esta manhã. Ela foi para a escola, mas dizem que ela nunca conseguiu." A voz de Robin estava mais firme.

"A escola ainda não saiu de férias?"

"Hoje é o último dia."

"OK. Vou ligar para o condado de Clackamas e ver o que está acontecendo. Qual a idade dela?"

"Onze", Robin sussurrou.

Besteira. Mason fechou os olhos. "Nós a encontraremos."



Mason mudou seu peso de bota em bota enquanto esperava que Lucas Fairbanks o conduzisse para sua casa. A entrada da casa suburbana do contador era enorme, com uma pesada porta de madeira e ferro que

pertencia a um castelo. E a casa era exatamente igual às outras cinquenta casas do bairro suburbano de classe média alta. Mason nunca foi fã de Lucas, mas respeitava o homem por fazer um trabalho decente ajudando a criar Jake. Robin sempre pareceu feliz depois de se casar com o contador.

Lucas teve sucesso onde Mason falhou. Robin sabia que ia se casar com um policial quando se casou com Mason, mas não entendia como seria difícil ficar sempre em segundo lugar no trabalho. Mason tentava chegar em casa em um horário razoável todas as noites, mas era raro. O crime não funcionava das nove às cinco, e ele também não. Durante o divórcio, Robin admitiu que passou anos pensando em si mesma como mãe solteira para salvar sua sanidade. Era a única maneira de lidar mentalmente com as ausências dele. Caso contrário, ela estava sempre esperando e esperando. Na cabeça dela, fazia mais sentido nunca esperá-lo; dessa forma ela nunca ficou desapontada. Quando ele conseguiu entrar a tempo do jantar, foi uma boa surpresa.

Mason seguiu Lucas até sua sala de jantar formal e tentou não ficar boquiaberto com o lustre chamativo. A sala estava lotada de adultos. Do lado de fora, havia três carros do Departamento de Polícia de Lake Oswego, dois veículos do condado de Clackamas, um carro da polícia sem identificação e três sedãs americanos genéricos que indicavam a chegada do FBI. Mason examinou a sala em busca de rostos familiares. Ele não conhecia nenhum dos oficiais. Robin estava sentado à mesa, segurando a mão de outra mulher, que falava com dois homens de terno. Ambas as mulheres tinham uma pilha de lenços de papel bem usados à sua frente. Mason imaginou que a outra mulher fosse a mãe de Henley, Lilian.

Mason nunca tinha visto uma queda nos ombros de Lucas. Sua habitual saudação alegre foi severamente silenciada e ele parecia estar doente há semanas. “O FBI está enviando mais pessoas”, disse Lucas calmamente. “Acho que eles têm algum tipo de equipe especializada retirada de outros escritórios da Costa Oeste para responder a sequestros.”

“A equipe CARD”, respondeu Mason. “Implantação Rápida de Rapto de Crianças. Eles levam essa merda a sério. Todos nós fazemos.” Ele engoliu em seco e agradeceu aos céus novamente por não ser seu filho quem estava desaparecido.

Ele olhou para Lucas e sentiu-se imediatamente culpado. O homem estava olhando para sua ex-mulher enquanto ela soluçava no ombro de

Robin. Mason não sabia como o casamento deles havia terminado. Ele nunca perguntou e agora isso não importava. Eles tinham uma menina para encontrar.

A Polícia do Estado de Oregon ofereceria recursos, mas Mason não poderia ser um deles. Como membro da família, ele não poderia fazer parte oficial da investigação. Mas ele estabeleceu um plano para contornar essa regra. Ele já havia solicitado uma folga. E Deus proteja qualquer um que tentou dizer a ele que sua ajuda não era necessária.

“Diga-me o que aconteceu”, ele disse em voz baixa para Lucas.

Lucas olhou para as duas mulheres e depois apontou com a cabeça para Mason segui-lo pelo corredor entre a cozinha e a sala de jantar.

“Henley está hospedado conosco esta semana. Normalmente eu dou a ela uma das duas semanas de férias de inverno, mas a mãe dela me pediu para adicionar esta semana extra enquanto ela trabalhava. Henley saiu para o ponto de ônibus normalmente por volta das sete e meia desta manhã. Robin a observou sair pela porta. Algumas horas depois, a mãe dela ligou, perguntando se Henley tinha ficado em casa doente por causa da escola, porque ela estava recebendo ligações automáticas e e-mails informando que Henley não estava na escola.”

“A escola entrará em contato com você se seu filho não aparecer?” Mason perguntou.

Lucas assentiu. “Você deveria ligar em uma linha especial se seu filho perder alguma parte da escola naquele dia. Eu sei que esquecemos uma ou duas vezes do Jake quando ele ficou em casa doente, e por isso recebemos um monte de notificações. É um bom sistema.”

“Mas ainda leva algumas horas para processar.”

“Bem, eles têm que comparar o atendimento com as ligações médicas. Isso é inserido manualmente. Discrepâncias acionam ligações e e-mails.”

“O que aconteceu quando Lilian ligou para cá?”

“Robin garantiu que Henley tinha ido para a escola e imediatamente ligou para a escola para confirmar que ela estava lá. Acho que Lilian ligou para eles também. A professora de Henley disse que ela não tinha aparecido.”

“E o motorista do ônibus escolar? E as outras crianças no ônibus? Alguém conversou com os amigos de Henley? Mason recitou pergunta após pergunta.

Lucas pareceu desinflar mais. “Eles estão trabalhando em tudo isso.”

“Espere. Como Henley anda de ônibus se ela não costuma morar com você?”

“Vivemos no mesmo distrito escolar e temos os mesmos limites do ensino fundamental.”

“Eu não sabia que você morava tão perto do seu ex. Sempre foi assim?”

“Sim, Lilian tem uma casa a cerca de cinco minutos daqui. É muito conveniente para Henley. Lilian e eu nos damos muito bem.”

“Ela se casou novamente? Eles têm mais filhos?”

Lucas balançou a cabeça e seu olhar passou por cima do ombro de Mason enquanto o volume aumentava na sala de jantar. Mason se virou e viu mais pessoas se juntando ao grupo — a julgar pelos ternos monótonos, agentes do FBI.

Bom. Ninguém sabia mais sobre sequestros de crianças, e as habilidades únicas que o FBI poderia oferecer à polícia local eram valiosas. Dependendo do seu tamanho, um departamento de polícia pode lidar com um grande sequestro de crianças ao longo de uma década. O FBI lidava com eles mensalmente. Mason nunca tinha visto a equipe CARD em ação, mas tinha ouvido coisas boas.

Mason voltou-se para Lucas. “Oficialmente não posso participar de nenhuma força-tarefa que eles criem, mas posso ajudar como membro da família. Serei a voz da família para a mídia e o contato com a polícia e o FBI. Deixe-me fazer isso por vocês. Já disse ao trabalho que vou tirar uma folga. Não importa o tempo que leve para trazer Henley para casa.”

Lucas começou a recusar, e Mason colocou a mão em seu ombro, dando uma pequena sacudida no homem. “Escute-me. Sua esposa e ex-mulher vão precisar de seu apoio. Você não tem tempo para lidar com a política da situação. Eu sei como esses caras funcionam. Deixe-me cuidar disso. Tudo o que eu descobrir, passarei imediatamente para você. Robin, Lilian e você vão querer estar no centro da investigação e isso não vai ajudar.

Os olhos de Lucas pareciam sombrios. “Eles vão deixar você fazer isso?”

“Se você me apoiar. Deixe claro que você recuará um pouco e eles poderão ser mais receptivos.

O desespero espreitava no olhar de Lucas enquanto ele olhava em um dos olhos de Mason e depois no outro. “Não sei o que fazer”, ele sussurrou.

“Eu tenho que ajudar. Eu tenho que saber o que está acontecendo. Ela é minha filha, pelo amor de Deus. Não posso simplesmente recuar e não fazer nada.”

“Você não ficará ocioso. Eles vão entrevistar todos vocês. De novo e de novo. Tudo o que você puder dizer a eles ajudará, mas eles não deixarão você olhar por cima dos ombros no centro de comando. Eu farei isso e reportarei a você.”

"Centro de comando?" A voz de Lucas falhou. “Você acha que eles vão precisar...”

“Eles vão preparar algo dentro de uma hora, tenho certeza. Você precisa deixá-los fazer seu trabalho. Esse será o seu papel mais difícil.” Mason franziu a testa enquanto olhava para a multidão crescente. Ele originalmente odiava Lucas com paixão, desde que ouviu Jake falar animadamente sobre o homem pela primeira vez. Lucas era tudo que Mason não era. Ele treinou todos os esportes masculinos existentes, e Mason nunca ouviu um palavrão da boca do homem. Lucas sempre tinha um grande sorriso. Até hoje. Mason lutou contra a vontade de tirar o sorriso do rosto de Lucas nas primeiras vezes que o conheceu, acreditando que o homem estava se vangloriando. Mas descobriu-se que ele era um daqueles raros caras sempre felizes. Lucas não era um farsante. Demorou anos para Mason aceitar que o homem era real. Ele não poderia ter pedido um homem melhor para ajudar a criar seu filho.

Não significava que eles tinham que ser melhores amigos.

A culpa tomou conta dele novamente quando ele se lembrou de todo o ressentimento que tinha contra o homem. Parte de Mason estava com ciúmes por ele não ter criado o tipo de família cercada com Robin que ela teve com Lucas. Agora ele não gostaria de estar no lugar desse homem por nada.

“Onde está Jake?” Mason perguntou. Seu filho não apareceu.

“No quarto dele. Ele ficou aqui por um tempo, mas disse que não aguentava ver sua mãe desmoronar. Eu não o culpo”, disse Lucas olhando para a esposa. Ela e Lilian ainda estavam de mãos dadas, mas prestando muita atenção ao homem que falava baixinho com elas.

Uma necessidade vertiginosa de ver seu filho inundou Mason. "Eu volto já." Ele deixou Lucas para trás enquanto se dirigia para as escadas.

SOBRE O AUTOR



Foto © 2016 Rebekah Jule Photography

Kendra Elliot apareceu várias vezes na lista dos mais vendidos do Wall Street Journal e é a autora premiada das séries Bone Secrets e Callahan & McLane, bem como dos romances Mercy Kilpatrick. Kendra é três vezes vencedora do Prêmio Daphne du Maurier, finalista do Prêmio Internacional de Escritores de Suspense e finalista do Prêmio RT. Ela sempre foi uma leitora voraz, aprendendo heroínas clássicas como Nancy Drew, Trixie Belden e Laura Ingalls. Ela nasceu, foi criada e ainda mora no chuvoso noroeste do Pacífico com sua família, mas espera ansiosamente pelo dia em que poderá viver de chinelos. Visite-a em www.kendraelliot.com.

zlibrary

Your gateway to knowledge and culture. Accessible for everyone.



z-library.se

singlelogin.re

go-to-zlibrary.se

single-login.ru



[Official Telegram channel](#)



[Z-Access](#)



<https://wikipedia.org/wiki/Z-Library>